

29 (B. r. r. r.)
2 em 1
O
C. Ne pas retourner les feuilles de
C. can. vert. r. r.

MUYRAKYTĀ E OS IDOLOS SYMBOLICOS

ESTUDO DA ORIGEM ASIÁTICA DA CIVILIZAÇÃO DO AMAZONAS NOS TEMPOS
PREHISTÓRICOS

POR

J. Barboza Rodrigues

DIRECTOR DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Ex-Director do Museu Botânico do Amazonas, Cavalleiro da Antiga, Nobilíssima e
Esclarecida Ordem de S. Thiego da Espada e da Ordem Equestre da Corôa
da Italia, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil, do
Inst. Archeol. de Pernambuco, do Inst. Pharm. do Rio de
Janeiro, da Academia Cearense, da Real Soc. Anthropol. e Ethnol. de Florença, da Academia Real de
Sciencias de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da Soc. dos Naturalistas de Freiburgo da Imp. e
Real Soc. Bot. de Vienna, da Real Soc. Bot. de Edinburgo, da Soc. Bot.
de Marseille, das Soc. de Geogr. de Paris, e do Rio de Janeiro, Laureado
pelo Inst. de Sciencias phys. e nat. de Florença e pela Academia Nacional de Paris, etc.

SEGUNDA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA

1º VOLUME

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1899

MUYR

O

MUYRAKYTÄ E OS IDOLOS SYMBOLICOS

MUYRAKY

ESTUDO DA OR

F.

Ex-Director do
Esclarecida
da Ital
Ins
Janciro, da Academia
Sciencias de Lisboa
Real Soc
de Mars
pelo Inst. de Sc

428

O
MUYRAKYTĀ E OS IDOLOS SYMBOLICOS

ESTUDO DA ORIGEM ASIÁTICA DA CIVILIZAÇÃO DO AMAZONAS NOS TEMPOS
PREHISTÓRICOS

POR

J. Barboza Rodrigues

DIRECTOR DO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

Ex-Director do Museu Botânico do Amazonas, Cavalheiro da Antiga, Nobilíssima e
Esclarecida Ordem de S. Thiego da Espada e da Ordem Equestre da Coroa
da Italia, Membro do Instituto Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brazil, do
Inst. Archeol. de Pernambuco, do Inst. Pharm. do Rio de
Janeiro, da Academia Cearense, da Real Soc. Anthropol. e Ethnol. de Florença, da Academia Real de
Sciencias de Lisboa, do Inst. de Coimbra, da Soc. dos Naturalistas de Freiburg da Imp. e
Real Soc. Bot. de Vienna, da Real Soc. Bot. de Edinburgo, da Soc. Bot.
de Marseille, das Soc. de Geogr. de Paris, e do Rio de Janeiro, Laureado
pelo Inst. de Sciencias phys. e nat. de Florença e pela Academia Nacional de Paris, etc.

SEGUNDA EDIÇÃO MUITO AUGMENTADA

1º VOLUME

4285
RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1899

3478-98

1939

JFO
571
R696 m
2.ed
v.1-2

EX-MINISTRO

O deve
de ordinari
ou credor,
na primeir
augmentac

Sciencia
protecção
os obulos
que scient
nonimo d
martyr de

AO EXM. SR.

Dr. Amaro Cavalcanti

EX-MINISTRO E SECRETARIO DOS NEGOCIOS DO INTERIOR E JUSTIÇA

O dever de gratidão, infelizmente tão mal cumprido, de ordinário, que mais se não sabe si quem recebe é devedor ou credor, ordena-me que colloque vosso nome illustre na primeira pagina desta obra, ora em segunda edição, augmentada de um volume.

Sciencia e Letras vivem entre nós ao desabrigo de protecção official, quaes orphãsinhas a quem alimentam os obulos escassos da caridade dos humildes; de sorte que scientista ou letrado rara vez escapa de ser synonymo de faminto e ainda assim para significar o martyr das zoiladas de uns e da indifferença de quasi

todos. Quando, pois, um Ministro se lembra de animar e proteger um humilde cultor da Sciencia, não é admirar que elle tambem melindre sua modestia, ousando dizer ao publico o beneficio recebido e mostrando esse homem tal como o julga em consciencia — um raro patriota, cujo merito só encontra medidas em seu brilhantissimo talento e sua superior illustração.

O Autor.



Conc

A.

se lembra de animar
encia, não é admirar
estia, ousando dizer
ostrando esse homem
- um raro patriota,
m seu brilhantissimo

O Autor.

A^o

MEMORIA DOS SABIOS

Conselheiro Henrique Fischer

DIRECTOR DO MUSEU MINERALOGICO DE BADEN

E

A. de Quatrefages de Bréau

MEMBRO DO INSTITUTO DE FRANÇA

DEDICA,

O AUTOR.

Apezar de
mortalha os
difícil, mas
em que elles

Esse liv
numentos, a
as suas pag
sacrifício, ill
esclarece os

A orige
da região co
gigante, está
mento miner
o *Muyrakytá*
a população
que habitou

Guiado
procurando
empenho. C

INTRODUÇÃO

DA

PRIMEIRA EDIÇÃO

Si des recherches aussi délicates, aussi pénibles, apportent quelques résultats nouveaux, quelques considérations importantes; si nous indiquons un point de vue plus spéciale, sous le quel on puisse envisager l'étude de l'homme; si l'ensemble de ce travail, jugé utile à la science, est accueilli avec bienveillance; heureux d'avoir osé l'entreprendre, trop payé de nos efforts, nous ne regretterons ni les fatigues, ni les veilles, ni le temps qu'il nous aura coûtés.

D'Orbigny. — *L'homme Américain.*

Apezar da noite dos tempos envolver na negrura d'espessa mortalha os factos e costumes das gerações que se sumiram, difficil, mas não impossivel, é solettrarem-se as phrazes do livro em que elles estão registrados.

Esse livro não tem caracteres; porém, a escultura, os monumentos, a tradição, as lendas e as linguas illustram e enchem as suas paginas que, abertas, a ethnologia, a muito custo e com sacrificio, illumina com uma luz que, se não espanca as trevas, esclarece os mysterios de muitos seculos.

A origem de muitos povos do Brazil e principalmente os da região cortada pelos rios para os quaes o Amazonas é arteria gigante, está n'uma dessas paginas; e com um pequeno monumento mineralogico, precioso luzeiro nas mãos do archeologista, o *Muyrakytã*, procuro estudal-a e, se não vejo esclarecida toda a população dessa grande zona, apresenta-se-me clara a parte que habitou uma determinada região.

Guiado por esse amuleto emprehendi viagens e explorações, procurando cercar-me de tudo quanto podesse auxiliar o meu empenho. Consultei a historia, agarrei a tradição, abracei as

lendas, investiguei o solo, ouvi as linguas, estudei a ceramica revolvi as *inkacauas* e observei os costumes do selvicola moderno no meio em que vive e nos jogos de seus instrumentos. Foi assim que achei ligados ao muyrakytã costumes de tribus do Rio Negro, Purús, Yapurá, Içá, e outros, que representam figurativamente nas suas festas uma lenda, que secretamente occultam. As leis estabelecidas nessa lenda são guardadas e cumpridas tão fielmente como foram dictadas pelo ente que, com o correr dos seculos, tornou-se quasi mythologico, e que por isso o vulgo já lhe empresta um papel infernal.

Ninguém ainda havia tomado por guia esse amuleto archeologico quando delle me apossei e, seguindo a estrada em que elle é encontrado, com muito estudo e trabalho, fui achar a sua origem no centro da Asia.

E' elle quem illumina a civilização pre-Colombiana e nos mostra a marcha do povo que d'ahi immigrou em épocas prehistoricas.

A' medida que o estudava, maior numero de provas se me antolhavam, esclarecendo as questões e varrendo a duvida, apresentando-se-me sempre como pégadas de um estranho caminheiro. As circumstancias que o revestem o apresentam como Karayba embuido de crenças do Oriente.

A principio foram presumpções, mais tarde factos, que se accumularam, que parecem exprimir a verdade, pois que a luz que elle derrama faz com que possam ser interpretadas as paginas desse livro que occultam a historia das primeiras éras Amazonenses.

Estes factos são observados na região em que habitaram as pseudas Amazonas, e naquella em que medram os enxertos tirados dos troncos, cujas radículas, se prendem ao Mexico, á America Central, á Colombia e ao Perú e a raiz mãe ao solo dos filhos do sol e das serpentes.

As notas que pude tomar são restees de luz que, se frouxas e vacillantes vêm de um lado, firmes e claras apparecem de outro. Assim as enfeichei e, se não formam um facho que esclareça completamente o passado, servem, ao menos, para não nos deixar tactear nelle ás tontas.

Presos a
diversos pontos
lendas, e são
estadios dos

Os indic
que passam
civilisadas, a
uma lição d

A lenda
Averno, a d
rentes episod
cumpridores

Por ser
inteira, assir
tribus, tendo
modificam-se
sempre o m

Essa len

A prime
tuição de s
das mesmas
terceira dos f

O muyr
historia pelo
Commentari
sidios que fi
vendo, faça

Para m
e a cadeia
bloco da ne

(1) Em A
archeologo Bouc
phrite, comtud
thian. Diz elle
10 vol., « qu'i
rique, il y a po
« J'en ai tr
près d'Abbeville
Calcutá. »

Presos a esse *muyrakytã*, o fanal que me tem guiado para diversos pontos, acham-se varios episodios que se consideram lendas, e são estas que muito favorecem a peregrinação pelos estádios dos tempos idos.

Os indios e tapuyos me referiram, na lingua tupi, historias que passam como fabulas, que, comparadas com outras mais civilisadas, assimilam-se e dão-me uma pagina que interpretada é uma lição d'história.

A lenda principal é a de um heróe, que já fazem sahir do Averno, a do *Yurupary Yawi*. Ouvi outr'ora, aqui e alli, diferentes episodios della que, seguidos, só me referiram os sectarios cumpridores das leis que essa lenda prescreve.

Por ser longa essa historia nem todos os indios a referem inteira, assim como apparece modificada, pelo meio, entre as tribus, tendo todas comtudo o mesmo fundo. Os nomes proprios modificam-se, os episodios alteram-se, mas essa carnação cobre sempre o mesmo esqueleto.

Essa lenda divide-se em tres partes.

A primeira trata da apparição de um legislador e da instituição de suas leis e sua execução, a segunda da propagação das mesmas pelo filho de um dos companheiros do heróe e a terceira dos factos mais recentes e da modificação das mesmas leis.

O *muyrakytã* levou-me a Yurupary, e, commentando a sua historia pelos seus mysterios descobri a sua patria. Os meus *Commentarios* poderão nada valer, para alguns, mas são subsídios que ficam registrados para que outrem, melhor desenvolvendo, faça surgir a verdade nua e radiante.

Para mim, esta está occulta nas ruinas da civilisação Tolteca e a cadeia que a prende tem uma extremidade soldada nos blocs da nephrite de Yuthian, a *terra da jade* (1), enquanto

(1) Em Abbeville, a *Abbotis Gauleza*, da *Belgica secunda*, foram achados pelo archeologo Boucher de Perthes, quatro amuletos, que, apesar de não serem todos de nephrite, comtudo são da mesma escola daquelles que eram usados pelos povos da Yuthian. Diz elle, nas suas *Antiquités celtiques et antidiuicennes*, á pags. 345 do 1.º vol., « qu'il y avait de rapport entre ces pierres et celles qu'on a trouvées en Amérique, il y a peu d'années, dans des sépultures mexicaines » A pags. 112 observa: « J'en ai trois en jade verte qui sont presque semblables. L'une a été trouvée près d'Abbeville; l'autre en Italie, près de Naples; la troisième, dans l'Inde, près Calcutá, »

—
Que com-
chimo?

que a outra, quebrada, tem os seus fuzis espalhados pelo Norte da America do Sul, e pelas encostas da cordilheira dos Andes e que são descobertos entre as tribus Karaybas.

Denomino genericamente tribus Karaybas, todas aquellas que têm entre si um cunho de familia que conservam como nome KARA.

Esse cunho por toda a linha migratoria da nephrite, não só na que se estende pela America, como na que atravessa a Asia e a Europa, tem o mesmo significado, mais ou menos modificado pelo tempo e pelo meio, porém preso sempre a uma só ideia radical. Nas linguas aryanas como nas semiticas e americanas tem sempre o mesmo significado. Apesar de no corpo deste trabalho tratar desse vocabulo, devo ainda, para melhor intelligencia, occupar-me delle nesta introdução.

Sabemos que os Tartaros e os Japonezes lhe dão, tambem, a significação de *negro*, quando o empregam nas cousas inanimadas, donde vem *kára-sou*, o rio negro; *kára tapa*, o outeiro negro; *kára-tag*, o monte negro; *kára-koun*, as areias negras; *kára-hissar* o castello negro, *kuro-sivo*, a corrente negra, etc.; porém, esse *negro*, devemos frizal-o bem, é no sentido de *mão, ruim*, e referem-se ás difficuldades, á natureza das terras e das aguas, ou mesmo a factos de crueldade que nellas se praticaram.

Os montes, os rios, as areias, as correntes *negras*, têm esse appellativo, não porque sejam de *côr negra*; mas sim porque a passagem por esses logares é tão *má*, tão cheia de perigos, que corre-se riscos de vida em atravessal-as; como os peixes dos rios, de *Kara-sou* por exemplo, não se comem, porque produzem febres malignas. Os polacos, tambem fazem *Kary* masculino de *Kara* e os habitantes da Criméa dão esse nome, tambem, com o sentido de *negro*, só aos animaes; mas, daquelles que são bravos, valentes, como os cavallos.

Tanto assim é, que os Turcos, fazem esse *negro* synonymo de *cru*, *cruel*, *deshumano* ou *tyranno*, como se vê nestes exemplos:

Yazidjy, conhecido tambem por Djelalys, chefe rebelde, contemporaneo de Mehemet 3.^o, entre outras crueldades que praticou, mandou pelo seu exercito matar, nas planicies da Cezarea, 16.000 musulmanos. Pela sua tyrannia, quando morreu,

esquartejaran
ferentes log

Mustapha

as suas mel
de Vienna, :

Mehemet

gollar quare.

Iosuf, d

feitor de ser

Mezopotamia

mesmo Sulta

cadaver inse

Jorge Is

crueldades q

Poderian

que depois c

praticados p

que se lhes

Kára Yassuf

Esse ser

quistadores,

Quando hoje

Sultão é des

titulo de *Hu*

quando, entre

Estas lin

nome *Kára* d

pela linha mig

(¹) Estava n
de novembro de 1
phicis, com uma
colonial e martin
Everest, o antige

E a seguinte
No verão de
o mais alto cumo
dios chama-se-
é com esta espon
dadeiros symbolo

esquartejaram o seu cadaver e enterraram os pedaços em diferentes logares.

Mustaphâ, Vizir de Mahomet 4º, por maldade, sacrificou as suas melhores tropas, levantando vergonhosamente o cerco de Vienna, na guerra da Hungria.

Mehemet, entre muitas maldades que praticou, mandou degollar quarenta christãos.

Iosuf, depois de tirar o poder do proprio protector e benefactor de seu pae, o Sultão Aouis, tornou-se o flagello da Mezopotamia, da Caldêa e Media, acabando por fazer matar o mesmo Sultão, tendo por castigo, quando morreu, ficar o seu cadaver insepulto depois de se lhe cortar as orelhas.

Jorge Iskaki, herôe da revolução grega, depois de muitas crueldades que praticou, assassinou seu pae.

Poderíamos citar muitos outros exemplos, mas basta saber-se que depois de todos estes actos de *malvadez* deshumanamente praticados por estes *poderosos*, que tinham *negro* o coração, foi que se lhes deu o appellido de *Kâra Yazidjy*, *Kâra Mustaphâ*, *Kâra Yassuf* e *Kâra Yskaki*.

Esse sentido liga-se sempre aos poderosos, soberanos, conquistadores, e a guerreiros, sobretudo quando são barbaros. Quando hoje, na Turquia, se dá esse tratamento é porque o Sultão é despota, tyranno ou máu, como tambem se lhe dá o titulo de *Hunkiar* que corresponde, como *Kâra*, a *S. Magestade*, quando, entretanto, significa o *sanguinario*, o *que derrama sangue*.

Estas linhas eram necessáriãs para que se não fosse suppor que o nome *Kâra* dado a logares da Tartaria e d'outros paizes, cortados pela linha migratoria da nephrite, tinha uma significação diversa.(1)

(1) Estava no prelo este trabalho quando deparei, no *Jornal do Commercio* de 11 de novembro de 1898, sob a epigrapha *Chronica estrangeira, Denominações geographicas*, com uma noticia do Dr. J. Batalha Reis, extrahida da *Revista Portugueza, colonial e maritima*, que confirma tudo quanto acima digo, tratando do actual monte Everest, o antigo *Gaorisani-Kar*.

É a seguinte:

No verão de 1855, H. de Schalaguitwoit viu o cume supremo do Himalaya, o mais alto cume da terra, a cerca de 9.000 metros acima do nivel do mar. Os Indios chamam-lhe «Gaorisani Kar», que significa «o sublime», «o radiante», porque é com estas esportanhas palavras luminosas que do sentimento popular brotam os verdadeiros symbolos das cousas grandes.

A côr preta em tartaro é *Stah*, em turco *A'ssuet* ou *Aswad*, em arabe *Kah'l*, e em hebraico *Cahor*.

Tanto universalmente tem *Kára* a significação de *poderoso*, *chefe*, etc., e exprime o *primeiro*, o *mais antigo*, o que *governa*, que quasi todas as tribus da Colombia têm, como na Asia, para exprimir o numero *um*, ou o *primeiro*, o termo *kari*.

Dirão que no Kechua, do Perú, existe a palavra *kára* exprimindo *felle*, *sarna*, *trigo*; porém explicarei que a pronuncia é diferente, porque, *khara* (pelle), pronuncia-se muito gutturalmente, com aspiração gargarejada; *khara* (sarna), sendo tambem um som guttural, porém expressa com os dentes cerrados a parecer *çara*. O tratamento dado ao *senhor poderoso*, *estrangeto* é simplesmente *kára* ou *cara*, como o pronuncia o Karayba, o Turco-mano, o Magyar, o Vasconço e o Peruano, excluindo, no entanto, toda a ideia de malvadez que dá o povo do Oriente da Europa.

O *kára* no Aymára-dugo e no Childirugo, noto tambem, é o mesmo *kára*, inca, porém o seu sentido modificou-se, porque passou a significar *povo*, que tambem representa, pela collectividade, a soberania, o poder e muitas vezes a malvadez.

Habitavam o littoral da Provincia da Bahia os Tapiyas, quando ahi chegaram, do Norte, os Tupinaês, que apossando-se do terreno os expelliram para o centro. Já por largos annos gozavam a sua conquista, quando, por sua vez, foram tambem atacados por novos conquistadores, os Tupinambás, que fugindo dos Karaybas se dirigiam para o Sul. Os Tupinaês tiveram de atacar novamente os Tapiyas, para tomar-lhes o terreno do sertão, obrigando estes a se refugiarem mais para o centro, ficando os Tupinambás de posse do littoral. Algum tempo depois, um Tupinambá, á força, raptou uma donzella dos da sua tribu, o que suscitou o odio paterno e levantou a discórdia.

O pae offendido, sua familia, seus amigos e alliados, levantaram acampamento e atravessando para Itaparica formaram nova tribu que se tornou inimiga da do raptor e para distinguil-a estabeleceu uma linha além da qual ninguem passava, porque os separava dos *Karamborés*, nome que lhes foi applicado e que queria dizer os

que se fia
dimento d

Direi a

Crese

desde a m

as suas ra

talismã:—

nhecida por

Com e

Mythologia

O Japão

zindo innum

Os Japonez

variedades d

a mãe, a es

flor escarla

Soo ku

Philosophia

fere dando-l

Temos,

que apparec

mãe ás varie

O que e

indicando or

prendem á r

exotica, que

belleza,

Quando

ctriana, a Hy

(1) Os machos encontrados no Japão encontram-se no Japão. Vejam-se as descrições de *Christy Collection*. Estas formas são usadas no uso, na formação do nariz representando 75 e outras.

que se fizeram *karas*, isto é: os que tinham o mesmo procedimento dos conquistadores, o de tomarem as mulheres á força.)

Direi ainda mais:

Cresce na Tartaria e na China uma Ranunculacea que, desde a maior antiguidade, é tida como medicinal, tendo mesmo as suas raizes, que são trazidas ao pescoço, propriedades de talismã:— é a *Mou tan* (flor escarlata), scientificamente conhecida por *Paeonia officinalis* Linn.

Com esta planta Paeon, o medico dos deuses, segundo a Mythologia grega, curou a Plutão.

O Japão a importou da Tartaria e, cultivada propagou-se, produzindo innumeradas variedades, não só em flor como tambem em porte. Os Japonezes corromperam a palavra *Mou-tan*, em *Bottan*, e ás suas variedades deram diferentes nomes, designando sempre a primitiva, a mãe, a estrangeira, pelo nome de *Kára bottan* (a primitiva flor escarlata) ou *Kara yokusa* (a primeira e a mais bella).

Soo kung, que no seculo 6º publicou um tratado sobre Philosophia natural, entre os annos de 656 a 660, a ella se refere dando-lhe o nome de *kára mou-tan*.

Temos, pois, *kára* indicando a primeira flor de sua especie que appareceu no Japão, sahida do estrangeiro, que serviu de mãe ás variedades que appareceram, sendo sempre a mais bella.

O que exprime na humanidade, isto é: sempre a palavra *kára* indicando origem estranha e poder entre as raças humanas, que se prendem á nephrite, exprime no reino vegetal a primeira flor, a exotica, que entre todas de seu genero conserva o poder da belleza.

Quando passou pela Grecia o povó que atravessou a Bactriana, a Hyrcania, a Media, a Armenia, a Paphlagonia, Troya(1)

(1) Os machados de pedra achados pelo Sr. A. W. Frank Sq. na antiga Grecia na Beotia, Peloponeso, Macedonia e Attica são iguaes aos que o mesmo senhor encontrou no Japão e tambem iguaes aos antigos do Amazonas.

Vejam-se as photographias no *British museum Prehistoric ethnographical, and Christy Collection*, publicado em 1872 em Londres (1º vol. Ests. 26 e 27).

Estas formas vêm-se repetidas nas photographias que acompanham a obra. O uso, na formação das caras, nos objectos ceramicos do fazerem as sobrancelhas e o nariz representados por um T é identico. Vejam-se as figuras das estampas 35, 37, 75 e outras.

e Creta, deixou n'ella o vocabulo *kuru* ou *karu* (1) que os Eolios accetando-o, modificaram em *kyrios* e que os Doricos fizeram *karanos* e *koyranos* d'onde veio o *Tyrannos*, do grego moderno, que deu o *Tyrannus* latino e o *Tyranno* portuguez.

Kuru, filho de Savarana e de uma filha do Sol, descendente de Bharata, o *primeiro monarcha* que *avassallou* toda a terra, segundo o MAHABHARATA, a grande epopeia Sanskrita, era o *chefe* da *poderosa* familia dos *Kuravas* ou *Karavas* (2) que, derrotada pelos Pandavas, deu lugar a que subisse uma nova dynastia, emigrando os povos que se uniram na luta contra os Pandavos, protegidos por Krishna, e os seus Jadavas.

Como *kara* era termo usado por invasores e estranho para o povo em que ia ficando, tambem passou a significar o *estrangeiro*, o *conquistador*, o *destruidor*, para indicar os que vinham de fóra.

Assim os Arabes, modificando a pronuncia, para indicar o *estrangeiro* dizem *gharéb*, pronunciando o *ghain* (gh) como o *ghamma* (g) grego e mudando o gh em *qaf* (q), que sóa como o *khapa* (k) grego, empregam o mesmo termo *Qarib* ou *Qarayb*, no plural, para designar o *parente* ou os *parentes*, reservando o *kharab* para exprimir o *destruidor*. Recebendo tambem a significação de *sciencia*, *saber*, foi modificado em *gara* pelos hebraicos, que os arabes fizeram *karaa* ou *k'ra* vindo d'elle o *Koran*, conhecido por *Alcorão*, em portuguez.

Outrosim, a esse vocabulo se prendem outros da mesma origem: o *Piró* e o *Tuna*, companheiros tambem da nephrite.

Aquelle é puro Sanskrito e contracção de *Ap*, agua, e *Uru*, o verbo *ru*, ir, mover-se, significando *agua extensa*, que se *estende longe*, que *se move*, e d'ahi veio *Puru*, *Páró*, *Paru*, *Pará*, e *Peru* a significar *Rio* e *Mar*, assim como de *Ap* e *Saras*, acção de *andar*, *levantar-se*, veio *nuvens*, por *vapores d'agua*,

(1) Modificada a pronuncia, no proprio sanskrito, modificou-se tambem o sentido, tanto que *kirú* significa *artista*, o que *faz á*.

(2) *Kara-vas*, descendentes dos *karus*, dos poderosos. No Perú, diz Garcillaso de la Vega: — « le seigneur qui a plusieurs vassaux » se chama *Kuraka*.

Não devemos confundir este *karaca* com o de que Max Muller, na sua *Science ou Language*, diz que os etymologistas indianos fazem *corco* derivar, porque a radical é outra: — *korava*, fazer ruido desagradavel.

personificada
pelo adoçar
nou-se *Par*
significado

Tanto
verifiquei,
de Paró. V
ce nom sig
seaux égal

Na Ara

O *Ap*,

no Zend es
o mesmo c

Foi de

Imperio dos
conquistar
ouvido ou
para design
que elles ap
O Rev. Pa
das Indias;

chamaram t

primeira vez

verdade qua

pela costa c

tement un i

Preso o indi

signes & pa

s'appellait ?

o logar em

é, disse *Be*

dando o pri

como signific

latif, que sig

(1) *Perou*

personificados nas *Apsaras*, nymphas da cõrte de Indra, *Apuru* pelo adoçamento do *u* passou a *Aparô* e por metaplasmo tornou-se *Paru* ou *Puru*, e que os Tartaros fizeram *Parok*, com o significado de *torrente*.

Tanto assim é, que quasi todos os indios do Perú, como verifiquei, quando ahi estive, dão ás aguas correntes o nome de *Parô*. Wiener ⁽¹⁾, me justifica quando diz: «J'estime que ce nom signifie *eau en mouvement*, car ils appellent des ruisseaux également *Parô*.

Nã Araukania modificou-se em *Puri*.

O *Ap*, no Persa, como no Quichê, modificou-se em *ab*, no Zend em *áf*, no Maya em *at* e no Nahuá em *atl*, que é o mesmo dos Tartaros.

Foi deste *Párô* ou *Paru* que veio o moderno nome do Imperio dos Incas. Os hespanhóes deram a todo o paiz que conquistaram o nome de Perú, quando este nome, por mal ouvido ou já por adulterado, mesmo pelos naturaes, foi dito para designar o *rio*, a *agua corrente* em que estava o indio que elles apprehenderam e que lhes disse chamar-se *Beru* ou *Pelu*. O Rev. Padre Acosta, no cap. XIII da sua *Historia natural das Indias*; diz:—«os hespanhóes que fizeram esta descoberta chamaram todo paiz de *Piru*, do nome de um rio, onde pela primeira vez saltaram».—Garcillaso de la Vega está com a verdade quando, descrevendo a passagem dos navios hespanhóes pela costa do Peru, nos diz que um delles «*apparait fortuitement un indien, qui pêchait à l'embouchure d'une rivière*». Preso o indio e trazido para bordo, «*ils lui demandèrent & par signes & par paroles quel était ce pays la; & comment il s'appellait?*»—O indio pensando que perguntavam o que era o logar em que estava pescando, respondeu que um rio, isto é, disse *Beru*, *Pelu*. Garcillaso explica estes dous vocabulos dando o primeiro como nome proprio de indio e o segundo como significando rio, e accrescenta:—«*Car Pelu est un appellatif, que signifie Rivière*».—Entretanto *Beru* e *Pelu* são uma

(1) *Perou et Bolivie*, pag. 365.

e mesma cousa. Quem como eu tem tido a pratica de fallar com indios sabe perfeitamente que a mesma palavra ouvida por ouvidos não educados parece que cada vez que o indio falla muda de letras e pronuncia a palavra differentemente. O mesmo Inca Garcillaso termina dizendo: — «J'ajoute que le nom appellatif *Pelu* étant auparavant commun à toutes les revières em général, fût depuis fait un nom propre par les Espagnols, qui lui donnèrent particulièrement à cette revière, qu'ils appellaient *Perou*.»

A mudança do *r* para *l* é vulgar, e não é só na America que isso se dá. Tanto assim é, que a propria palavra *kara*, *kari* pronuncia-se tambem *kála*, *kále* e *káli* em diversas tribus.

O indio que disse aos hespanhóes que o rio tinha o nome de Paru pertencia á raça *platycephala*, e adorava as *pedras verdes*. Garcillaso nos diz: «qu'ils adoraient une Emeraude qui étoit presque aussi grosse qu'un œuf d'autruche».

O *Paró* com o correr dos seculos, com a mescla de outras linguas, quando chegou a Hespanha, depois de atravessar a Italia e a Gallia, estava modificado, se a modificação não foi em épocas posteriores, porque entre os Vasconços, na sua lingua, a *Euskara*, a agua é expressa por *ur*, isto é, *a que se move, a que se estende*, que não é mais do que o *ru* Sanskrito modificado por uma metathese.

Note-se que os Vasconços, uma das raças das *questiones vexatae* da ethnographia, e que têm um idioma *fort ancien*, dont *l'origine est inconnue*, ⁽¹⁾ são os que mais se orgulham da sua nobreza e se julgam com o privilegio de possuir a *nobreza universal*, por descenderem dos que na historia são conhecidos por *karistos*, avoengos, que, sahindo da Tartaria, se espalharam pelo globo, protegidos pelo *myrakytā* de nephrite.

Ainda mais, hoje, são os unicos que na propria lingua conservam, por orgulho, um distinctivo para mostrar ser a primeira, a mais distincta e a dos que pelo *trabalho do campo* se nobilitaram.

O nome *Euskara*, da sua lingua, compõe-se de *Eus* e *kara*. *Eus* ou *Us* não é mais do que um prefixo do dialecto *Osca*. E' o

(1) Augusto Brâchel, *Nouvelle Grammaire Française*, 1884, pag. 3.

Osci ou *Ops* da Italia, que que produziu e o *basque*. E *opicus* dos la exprime, po o lavrador, e

Querem vagens *monte Aidunac* se o têm. Os *monte os lavradores* antigo *osci*, o vocabulo d que:— «Des dans une pa dèrent les na

Que a li prova no ter *dates*, achado

Analogias têm sido acha apresento, ap *tierra*, como

Assim co de sua lingua grande respei pelos Russos, conhecidos po tarem hoje as tribus, a dos *Kariaelaiset* e Norte na Eur em que a cult

(1) Migne. L

Osci ou *Opsci* que os Sammitas herdaram e legaram aos Sabinos da Italia, que modificou-se depois em *osc*, *vesc*, *vasq*, *gasc* e *basq* que produziu o *osca*, o *vasco*, o *vasque*, o *vasconço*, o *gascon* e o *basque*. Este *osc* os Gregos traduziram no *opikoi* que produziu o *opicus* dos latinos, de *opus*, a mão d'obra. *Euskara* ou *Uskara* exprime, pois, a lingua do invasor valente e lavrador, de *osci* o lavrador, e *kara* o estrangeiro ou invasor.

Querem alguns que *Basque* se derive do *basac* e *hos*, selvagens montanhezes e que o nome que a si tambem dão de *Eusq* *Aidunac* se derive de *Escu*, mão, *alde* habil, e *aunac*, os que têm. Os montanhezes, os que têm mão habil, são exactamente os lavradores, trabalhadores do campo, como bem exprime o antigo *osci*, que deu o moderno *escuald*. Tanto a Iberia importou o vocabulo da Italia já em segunda mão, que Humboldt nos diz que:— «Des traces de leur langue se peuvent encore retrouver dans une partie considérable de l'Italie, ou peut-être ils précéderent les nations italiques de race aryane». (1)

Que a lingua tambem foi emigrada para Italia, temos uma prova no ter Klaproth, nas 600 palavras que vêm no *Mithridates*, achado 150, cujas raizes são sanskritas.

Analogias entre o Vasconço e alguns dialectos da America têm sido achadas e entre outras, sobre a propria palavra *opikoi* apresento, apenas no Guarany, *Akopi*, que significa *labrar la tierra*, como nos diz Montoya.

Assim como os Vasconços perpetuaram o *kara* no nome de sua lingua, assim, tambem, os Finnezes guardam-no com grande respeito, posto que, avassallados pelos Suecos e depois pelos Russos, como nome patronimico. Os Finnezes, em geral, conhecidos por *Suomalaiset*, isto é: *povo das lagunas*, por habitarem hoje as terras alagadas da Finlândia, se dividem em duas tribus, a dos *poderosos* e estranhos e a dos montanhezes, a dos *Kariaelaiset* e a dos *Haemaelaesit*. Antes de emigrarem para o Norte na Europa, em tempos mythologicos habitaram um paiz em que a cultura intellectual florescia; tanto que se prova isso

(1) Migne. *Dict. de Linguistique*, pag. 410.

com a sua Iliada, que tomou o nome desse paiz, a *Kalevala*, a morada dos Káras, que perpetua os feitos heroicos do povo de então. Esse paiz supponho ser o *Karakorum*, a morada de Gengis-khan, que fica na terra de Yuthian, proximo a *Kotan*, donde partiram os immigrantes primitivos: por isso com razão se appellidam — o povo das montanhas (*Haemaelaiset*) e o dos valentes (*Kariaelaiset*).

Sahiram de Kalevala trazendo de memoria os cantos epicos que mais tarde reunidos, e escriptos, na terra a que deram o seu nome, a Karelia, deram um poema considerado como um dos melhores.

Os Karelianos no novo dialecto que fallam, cheio de vocabulos estranhos, conservam o vocabulo primitivo e apresentam nelle uma particularidade que têm affinidade com as linguas *Karaybas* e com a *Kariny*: não têm as letras *b, d, f e g*.

Para melhor certificar-nos de que os Karelianos perpetuam esse nome, como um distinctivo de supremacia de raça, basta dizer que ainda hoje ajuntam sempre ao nome proprio o do torrão natal. Assim o individuo de nome *Mik*, nascido em *Moutka*, firma *Mik-Moutka* e para designar a nacionalidade assigna-se *Mik-Moutka Kariaelaiset*.

Em synthese, finalmente, *Kara* ⁽¹⁾, em toda a linha migratoria do *muyrakytä*, é o *invasor estrangeiro*, que *conquista* um paiz, *usurpa* terras, conservando nas mãos o seu dominio e seu *poder* supremo, sendo muitas vezes *sabio* e até *mão, cruel* e *tyrannico*, quando tem *negro* o coração, mas a quem todos obedecem e tratam por *magestade*, por *grão senhor*, por ser o *primeiro*, o *senhor* ⁽²⁾, o *sobocrano*, o *valente*, qualidades estas

(1) Até hoje o vocabulo *kara*, no Brazil, não tinha sido interpretado por nenhum autor, tanto que o meu distincto amigo Baptista Caetano, de saudosa memoria, por diversas vezes procurou interpretal-o, sempre, porém, sem resultado algum. Ainda nas *Explicações ao Dialogo de Lery*, publicadas nos *Essays de Sciencia*, á pag. 110, diz: « *Karajá* — Ficam de pé as duvidas sobre as radices *Kára* e *Kari*, que demandam ulterior estudo para se ver a significação de *Karajá*, *Karijô* e outros ». — A pag. 72 do presente trabalho dou a interpretação desses nomes. Não eram tribus tupys: o proprio Lery nos diz: « *Karajá* diversam á reliquis habent et vivendi et loquendi rationem », que confirma o meu juizo.

(2) Presumo que as *Kariny*, que conservaram o vocabulo *kara* para designar aquelle que domina, como invasor mão, o modificaram formando o verbo *ar*, em absculto *tor*, dando-lhe o significado de prender, agarrar, apanhar, assenhorear-se,

que o solva
America, co
e *destreza* n

Sobre o
o sol d'agua
tambem que
lisação, que

U, *Un* ou
as linguas o
Oxus e o S

Este U
por algum g
Zulus ou Ka
o *Umtata*, o
o *Umfolosi* e

Desse *un*
Ton, *Tonna*,
vasilha de gu

de onde veio (*ya*
agarrar, etc.

Posto que M
tem tambem, seg
occupamos. Creio
nunca o indio a pa
ceira pessoa do si
veio o *Jucá*, que o
kar, significando a
de onde veio o suba
na mão daquelles c
verbo *manó*, morre
na sua memoria P
do *Perú* da Fidel I
significado de hon
não ligou os Carie
lates, os Celtas, o
nos diz é que: « le
racino *lar*, faíre,
l'antiquité, comme
braves, les *guerri*
mepis des autres
disso, não trápido
rayhas e as tribus
e pela prova mate

que o selvagem encontrou no *branco*, depois da descoberta da America, conhecendo tambem nelle *astucia, habilidade, manha e destreza* misturada com a *lisonja*.

Sobre o *Tuna*, que produziu, entre as Nahuás, o *Tona-tiuh*, o sol d'água, a lua resplandecente, dos Tainis, tenho a observar tambem que se não é uma adulteração phonetica, pela nasalisação, que transformou *ap* em *yá, niá, nhá, uná, umá* veio do *U, Un* ou *Um* que produziu o *Tun*, que, em quasi todas as linguas da Tartaria, significa *agua* e rio como o *Gi-un*, o Oxus e o *Si-un*, o Iaxartes.

Este *Um*, penso que chegou tambem á Cafraria, levado por algum grupo de immigrantes, porque nelle vemos entre os Zulus ou Kafirs, dos Arabes *Um* significar *rio*. Assim temos ahí o *Umtata*, o *Umgasi*, o *Umtugelo*, o *Umzivumbu*, o *Umbaski*, o *Umfolosi* e o *Umaputa*, que são rios.

Desse *um* ou *un* foi, creio eu, que veio igualmente *Tun* ou *Tou, Tonna, Totne, Tonneau* e *Tonel* sempre exprimindo uma vasilha de guardar ou medir liquidos.

de onde veio (*yara, i-ava, o dono delle*), o seu dono, o senhor, o que prende, o que agarrar, etc.

Posto que Max Muller dá á radical *kar* o significado *gritar, tonar*, comtudo tam tambem, segundo Bopp, o de *matar*, que é a que se liga ao vocabulo de que nos occupamos. Creio que deste *ker* veio o verbo *Yuki*, matar, do Tupi. Não dizendo nunca o indio a palavra em absoluto, *kar*, accrescentando sempre o pronome da terceira pessoa do singular, e fizeram *oká* ou *uká* que modificou-se para o *Yuki* d'onde veio o *judá*, que os portuguezes fizeram. Devemos notar ainda que no tupi existe o verbo *kar*, significando *saber, poder, valer*, expressões estas que se ligam todos ao *kar*, matar, de onde veio o substantivo *kara*, exprimindo sempre qualidades de *poder e saber* que dão, na mão daquelles que abusam e são tyranos, para matar. Os tupis ou Karinys tinham o verbo *maná, morrer*, de onde *kaamaná*, ou *kamaná*, matar, ou caçar. O professor V. Henri, na sua memoria *Le Quichua est il une langue Aryenne?* criticando *As Roças aryanas* do Peré da Fidel Lopes, chegando á raiz *Ker* diz que no Sanscrito só existe *qari*, como significado de *homem*, e querendo lançar o ridiculo sobre o mesmo, pergunta para que não ligou os Carios, os Galibis, os Karayhas, os Guaranyas, os Carthaginezes, os Galates, os Celtas, os Gallos e os Tartaros, todos á familia Aryana. O que Fidel Lopes nos diz é que: « le sanscrit nous donne en effect la clef de ce problème ethnologique: la racine *kar*, faire, agir, nous rend parfaitement compte du radical *kar*: les Careas de l'antiquité, comme les Carnibes de l'Amérique Méridionale, s'appellent eux mêmes les *karas*, les *quarytors*, les *hommes par excellence* avec cette naïveté d'orgueil et ce mépris des autres qui caracterise toujours les peuples á demis civilisés » Apezar, porém, disso; não trepido affrontar o ridiculo, ligo aos Tartaros, os Carios, os Galibis, os Karayhas e as tribus Peruannas, porque estão todas ligadas pela mesma radical impugmada, e pela prova material de nephrite, embora não sejam aryanos pela lingua.

Não devemos, entretanto, confundil-o com o celtico *Dun*, collina ou monte, que originou *Dunes*, *Dunen*, *Dunas*, *Douns*, significando montes de areia, cabedellos, que se prende ao Anglo-saxon *Tun* que se modificou em *Town*, cidade.

Em 1880 communiquei a minha opinião ao meu finado amigo Dr. Henrique Fischer, pelo que em 9 de março de 1881 me disse elle em carta:— La dernière source à laquelle vous croyez seraient les *Caraibes* se peut-être, car les *Caraibes* semblent avoir été quazi les Phéniciens de l'Amérique ».

Coincidindo o ponto de partida dos imigrantes portadores do muyrakytã, da nephrite, com o aquartelamento do homem primitivo, não devo deixar passar aqui despercebido um ponto de contacto que encontro entre os povos Aryanos e as tribus Karaybas da America do Sul.

Posto que os Karinys não pertençam, propriamente, á mesma raça Karayba, comtudo pelo longo contacto que tiveram e pelos cruzamentos, penso que tomaram algumas tradições della, e como seja dialecto destes mais vulgar, tomo-o de preferencia, si bem que poderia fazel-o com outro Karayba.

Sabemos que todo o parentesco dos Aryanos vinha pelo patriar-chado, nada influindo nelle a mãe, que representava um papel quasi nullo.

E' justamente o que se dá nas tribus Karaybas.

Si bem que os Aryanos tivessem um vocabulo para exprimir o *Avô*, tinham o de *Patar*, o pae, isto é o chefe, que não era mais do que o *Avô*, porque o verdadeiro pae era o *ganitar*, o gerador.

Tinham o *Patarva* e o *Bharatarva*, o *irmão do pae* e o *filho do irmão do pae*, mas não tinham termo algum para indicar o ramo materno. O casamento, entretanto, fazia entrar a mulher na familia, porque o parentesco feito por essa união tinha termos para exprimir o sogro (*svassura*), a sogra (*svasru*), o genro (*gamatar*), a nora (*snusha*) o cunhado (*devar*) em relação ao homem. O parentesco vinha só pelo lado paterno. Em toda a familia a mãe (*matar*) não representava senão o papel de *dar filhos*, como a radical *mu*, procrear, o diz.

Agora os
Descende
tronco de nas
o gerador, o

Só tem te
o sobrinho (p
flanco, e o Ten

Para o rar
ficaram estes
irmã do lado n
o irmão em g

Quando a
Temerikó, a p
pae da compo
filho, a sogra,

A mãe, C
Anchieta não e
o filho.

O pae da
filhos do irmão

Não reconh
filho, tendo-se
lugar da mãe e
provir todo o m

Nasceu dah
phalia acompanh

Observo ma
avô, parece ser
milia, o *nobre*,

Será simples

Si o é, tem
lavra *Aroaky*,
me parece ser
Paiz dos Marath

Os Aroakys
bas, formavam p

Agora os Karaybas :

Descendem dos *Tamyia*, os que fazem nascer, porém o tronco de nasença é o *Arya* (Patar), pae do *Tub* (Ganitar), o gerador, o pae propriamente.

Só tem termos para indicar os parentes do pae, como tio e o sobrinho (patarva e bharatarva) que são o *Tikeyra*, o lado, flanco, e o *Tendyra*, o que está junto.

Para o ramo materno não tendo expressões proprias modificaram estes termos pela phonetica e dão para o irmão, a irmã do lado materno o termo *amô*, que quer dizer os outros, o irmão em geral.

Quando a mulher casava-se entrava para a familia como *Temerikô*, a possuida, a sustentada, trazia então o *Tatyub*, o pae da companheira, o sogro; a *Taichu*, a que adopta o filho, a sogra, e o *Tobayar*, o competidor, o cunhado.

A mãe, *Cy*, a procreadora, na phrase do Padre José de Anchieta não era mais do que *um sacco em que se guardava o filho*.

O pae da familia não conhecia como enteados senão os filhos do irmão mais velho da mulher.

Não reconhecendo o pae influencia alguma da mãe sobre o filho, tendo-se como unico gerador, toma depois do parto o lugar da mãe e só elle se resguarda, porque delle é que pôde provir todo o mal ao filho.

Nasceu dahi o *resguardo* ou a *couvade*, que com a *platycephalia* acompanha tambem a *nephrite*.

Observo mais que o *arya*, o avô, o veneravel, a *aryia*, a avó, parece ser o *arya* sanscrito, que quer dizer o de boa familia, o nobre, segundo Max Muller, e, em Zend, o *veneravel*.

Será simples homophonismo?

Si o é, temos mais uma coincidência homophonica na palavra *Aroaky*, *Aruaky*, que os inglezes escrevem *Arrowak*, que me parece ser *Ariake*, nome que tinha uma grande parte do Paiz dos Marathas, entre o Oxus e o Yaxarte.

Os Aroakys que, dizem alguns, são os avoengos dos Karaybas, formavam pela descoberta da America, o grande reino dos

Aroakyses, que occupava toda a região entre a margem norte do baixo Amazonas, até ás margens do Esequibo. Eram elles os melhores ceramistas e os que conheciam os symbolos de Yang e de Yn, chinezes. O *paiz dos Aroakys*, o *reino dos Aroakys*, não parece ser o *Airyannem vaego*, o *tronco dos Aryanos*, na America? Isto é: aquelles que mais tradições tinham da mãe patria?

Vimos o parentesco e uma residencia, vejamos agora uma de suas crenças.

Entre os mythos astronomicos, Karaybas, apparece *Rudd*, o Deus do amor, o protector dos amantes ausentes, o que protege a união contra as separações, que reside nas nuvens e é tido como guerreiro.

Não será elle *Rudrá*, o terrivel pae dos ventos, que reside, tambem, nas nuvens, que foi hermaphrodita no seu principio, mas que pelo poder de Bhrama, depois ficaram separadas os dois sexos?

Rudá, como Rudrá, reside nas nuvens, aquelle quer os amantes unidos, como intimamente unidos estiveram os sexos nestes; será isso simples analogia ou é um mytho tradicional?

Não quero com isto dizer que as tribus Karaybas e Karanys sejam Aryanas, mas o que affirmo é que os grupos que para a America emigraram em varias epochas, os que conduziram o *muyrakytá*, estiveram inteiramente unidos aos Aryanas, com elles se cruzaram ou com alguns chegaram ao Amazonas, porque é fóra de duvida que os emigrantes estavam impregnados do sangue delles, como veremos pelos commentarios que faço na segunda parte deste trabalho.

A primeira parte deste escripto despertará no leitor a lembrança de haver já lido muito do que ahi apparece e, com effeito, devo dizel-o, reuni nelle paginas que havia publicado em jornaes e revistas, augmentando-as e completando-as, introduzindo novas observações e factos de estudos posteriores, razão por que num só corpo apparecem os membros que estavam destacados.

Estas paginas, que devem ser seguidas das lendas e commentarios, que me fazem sellar o *muyrakytá* nas terras

asiaticas, s
ha longos
membros da
de 1887 a

Posto o
simples no
registro dev
samente um
minha grati

A publ
um legado

O illust
campana coroa
levar comisi
pela qual t
deixar o ca
muyrakytá e
porque da i

— « Co
raí encore l
si vivement
possível d'at
tement vous

Não po
tão eminent
trar que não
para sustent
um monumer
mais corpos
com typos d
e aprisionad
aventura, ass
no amuleto q

asiaticas, são salvas do esquecimento, em que tem estado ha longos annos, graças ao patriotismo de alguns amigos, membros da Assembléa Provincial do Amazonas, do biennio de 1887 a 1889.

Posto que não seja um trabalho perfeito e completo e simples notas enramalhadas, comtudo a publicação deste registro deve-se á sua boa vontade, pelo que cumpro gostosamente um dever dando-lhes aqui um publico testemunho de minha gratidão.

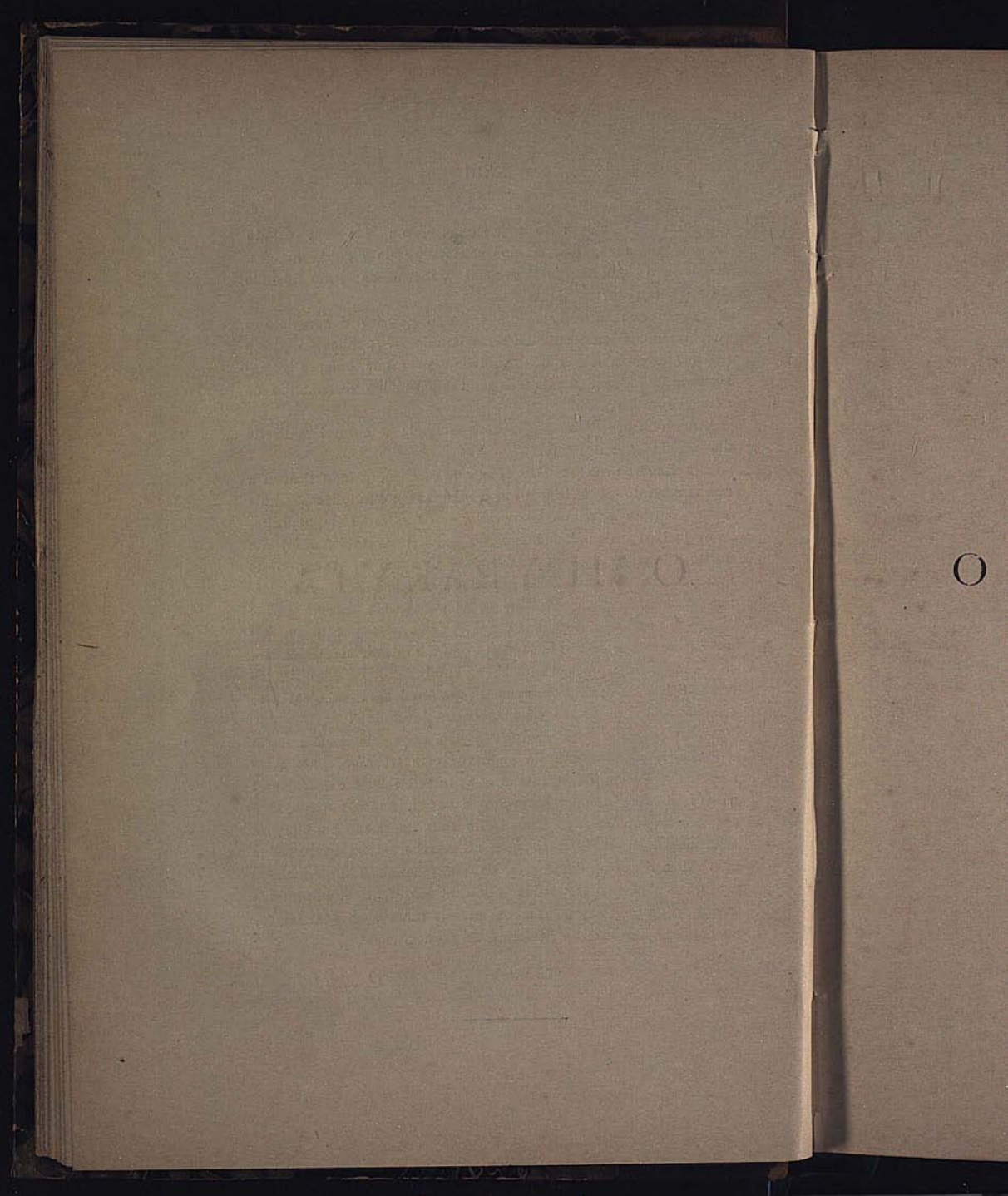
A publicação deste trabalho é ainda o cumprimento de um legado sagrado.

O illustre professor Dr. Henrique Fischer, quando desceu a campa coroado pelos louros que a sciencia lhe offertou, não poude levar comsigo a palma da victoria da questão da nephrite, pela qual tão denodadamente se bateu; antes, porém, de deixar o campo da luta arrebatado pela morte, tratando do muyrakytã e se seria elle importado ou fabricado na America, porque da importação vinha a nossa gloria, me disseem carta:

— «Comme j'ai déjà 63 ans je ne sais pas si je verrai encore les résultats définitifs, ce que j'esperais cependant si vivement, c'est á vous aussi, mon cher collegue, qu'il sera possible d'attribuer spécialement á ces études... et c'est justement vous qui pourra décider cette demande».

Não podendo corresponder á confiança de um homem tão eminente, apesento, no emtanto, este trabalho, para mostrar que não fui indifferente e que trabalho hoje e trabalharei para sustentar, com observações e factos, que o muyrakytã é um monumento asiatico deixado do solo americano por um ou mais corpos de emigrantes que, na marcha, foram engrossados com typos de raças differentes, os quaes iam sendo subjugados e aprisionados pelo troço dos valentes, Káras, que, partindo á aventura, assim conquistaram um mundo novo confiados, talvez, no amuleto que traziam pendente ao pescoço.

O Autor.



PRIMEIRA PARTE

O MUYRAKYTÄ

Leur source primitive, nous le pouvons dire hardiment, doit, à notre avis, être cherchée dans les régions de l'Asie Occidentale qui furent non seulement le berceau de la race humaine, mais encore le premier foyer des sciences et des arts.

Charancey, *Le Mythe de Yontan.*

Venho
cheologico
entre nós,
que tem h

Foi ell
fosse a da
Amazonas
de um pov
em época

N'outr
emigração
procurarei,
anteriorme
costumes r

Este, a
feito prision
ou mais ra
a California
foi o da As
tambem ta
que o Mux
ranea. Até
com uma p

I

OS KARAS, OS KARAYBAS E O MUVRAKYTĀ

Venho me occupar ainda uma vez do monumento archeologico mais raro do Brazil e ao qual não se ligava, entre nós, a menor importancia, antes que eu lhe desse a que tem hoje.

Foi elle a chave para varias descobertas que fiz, como fosse a da localidade em que habitaram as pretendidas Amazonas e foi elle ainda quem veio me provar a presença de um povo de civilisação adiantada no norte do Imperio, em época prehistorica.

N'outro escripto, tratei de mostrar que houve uma emigração Scandinava, eivada de costumes Arianos; n'este, procurarei, tratando do Muvrakytā, mostrar que, muito anteriormente, houve outra invasão de um outro povo de costumes mais adiantados.

Este, acossado pelos novos invasores, afugentou-se; foi feito prisioneiro; mesclou seus costumes, ou fundiu-se n'uma ou mais raças, que se derramaram por todo o norte, desde a California até ao Perú. Esse povo, é fóra de duvida que foi o da Asia Central, que tantos têm presumido, mas que tambem tantos têm contestado, por falta de provas; mas que o Muvrakytā sustenta como testemunha contemporanea. Até hoje, penso que, se não for ella desmentida com uma prova palpavel e mais authentica, é a unica que

nos diz a verdade. A sua natureza e a sua patria não admiltem duvida.

Elle atravessou o Oceano Pacifico, ao pescoço dos invasores; chegou ás costas da California; atravessou para o Mexico; veio á America Central e desceu ao Amazonas, protegendo os ousados emigrantes; ou, tendo passado a novos possuidores, com o seu uso, introduziu no valle do grande rio uma civilisação, que hoje só o archeologo descobre.

Parecendo difficil e impossivel a vinda dos Asiaticos para a America, por mar, não o é, porque ainda hoje vão dar á California os *juncos* chinezes. O Padre Brasseur de Bourbourg diz que, estando em 1850 na California, foi conduzido para o porto de S. Francisco um junco chinez, encontrado a 100 milhas do porto, por um navio americano. O Tenente Maury, da Marinha Americana, muito conhecido, diz tambem que, por varias vezes, marinheiros japonezes têm sido arrastados para a costa da America. Estes factos são confirmados pelo Sr. Brookes, que, segundo os seus calculos, apresenta desde 1782 a 1850, quarenta e uma embarcações japonezas que deram á costa da California, trazidas pelas correntes, com uma velocidade de 12 milhas por hora.

Adrien Longpérier nos diz que Don Sinibaldo Mas, Consul da Hespanha, no Perú, viu navios japonezes arrastados pelas correntes para as costas da America meridional, que, para voltarem, foram levados por barcos rebocadores inglezes. (1)

Se no presente seculo dão-se destes factos, por que não se dariam outr'ora?

Publicam os jornaes Newyorkinos, de 1892, uma carta do Dr. Shaw, da provincia de Shen Sec, situada nas margens do Ngan Foo (China), referente a um manuscrito do anno 117 antes de Jesus Christo, no qual se diz que foi naquelle anno descoberta a America por um navegante

(1) Congrès int. des Orient. Paris. 1873. I. pag. 380.

chinez, He-
tendo sido
a léste, em
da Californ

Tres m
coberta, ex
a America
cessaram.

A fusão
duziu essa
denominada
menos a su

Modern
cumstancia,
povo mais
se atiraram

O encon
união pacific
concentrar
aventuraram
pelo Panama
tado de uma
não é fóra

O karay
lombiano; o
tigios, porér
seus usos e c
uma união
dencia pont
Odim e de V
o prende á A

Vejamos:
Quetzalcohua

(1) Alguns q
em 920.

chinez, Hec-Li, que commandava um junco mercante e que, tendo sido arrastado por um temporal, navegara com rumo a léste, em vez de dirigir-se para oeste, indo dar na costa da California, perto da cidade de Monte-Rey.

Tres mezes permaneceram os tripolantes na terra descoberta, explorando-a e estabelecendo logo entre a China e a America uma serie de viagens mercantes, que por fim cessaram.

A fusão que se deu com povos de outra invasão produziu essa raça valente, distincta e respeitada, ulteriormente denominada dos Karaybas, que sempre conservou mais ou menos a sua independencia.

Modernamente os novos emigrantes, por qualquer circumstancia, estendendo-se para o sul e ahi encontrando um povo mais civilizado, como navegantes famosos que foram, se atiraram pelos mares e vieram á America do Sul.

O encontro, o commercio e as lutas produziram uma união pacifica por um lado e dispersaram, por outro. Uns, concentraram-se no Mexico, Guatemala, etc., outros, aventuraram-se aos mares. O élo entre os povos separados pelo Panamá participava de usos differentes, era o resultado de uma fusão; era uma terceira raça, cuja hypothese não é fóra de fundamento, como veremos.

O karayba, conhecido hoje, não é o karayba anti-colombiano; o de hontem não conhecemos, sinão pelos vestigios, porém o de hoje, já degenerado, ainda assim os seus usos e costumes mostram que, si não é o resultado de uma união asiatico-européa, tem por uma notavel coincidencia pontos de contacto na sua vida, que participam de Odim e de Vishnu, ou Budha. Um dos élos dessa cadeia que o prende á Asia é o Muyrakytâ. De ambos tratarei aqui.

Vejamos: — Em 648, (1) appareceu na America Central Quetzalcohuatl, o genio do bem, trazendo com as *pedras*

(1) Alguns querem que fosse no anno 820 da nossa Era, começando a dispersão em 920.

verdes, de jadeite e nephrite, nova civilização. Ensinou a lavar a pedra, trabalhar o ouro e a prata, em que era habil e tornou-se o fundador do Imperio dos Nahuas. Diz a tradição que algumas das pedras que trouxeram se conservam em Cholulo, o que nos confirma Humboldt. (1) Querem outros que a vinda desse emigrante para a America com seus companheiros fosse no dominio dos Olmecas e dos Xicalancas. Oitenta ou cem annos depois de terem chegado as sete tribus dos Aztecas, (2) sahidas das sete grutas, ou de Chicomoztoc e de estabelecida a monarchia dos Nahuas, esta, depois de lutas desastrosas, com os que encontraram, vencida, teve de se dispersar para o sul. De uma dellas, a dos Tlathuicas, se originaram os Karaybas, que, em pequenos grupos, entraram no Amazonas, como conquistadores, impondo leis e costumes. Foi um grupo destes que, naturalmente, se estabeleceu na ilha, entre os rios Trombetas e Yamundá, que hoje está ligada á margem e que tomou, depois de Orellana, o nome de Amazonas.

O mesmo nome, com que as outras raças o distinguem, nos mostra um povo especial. O nome Karayba, hoje corrompido no valle do Amazonas, ainda o tapuyo o emprega; mas com um significado bem característico. Karayba no Amazonas é *kariua*, que no sul fazem *kariba*, isto é: o superior, o senhor, o valente, o estrangeiro notavel, por conseguinte o branco, porque é o dominador, o escravidador do indio.

Passo a mostrar ligeiramente como entendo o Karayba, porque nos commentarios que adiante farei ás lendas amazonenses que apresento, melhor me explicarei.

O valle do Amazonas foi invadido por varias migrações vindas do Norte, umas, precolombianas e outras, mo-

(1) *Vue des Cordillères*, pag. 318.

(2) Segundo Frei Gregorio Garcia descrevem as tribus na ordem seguinte: 1º, a dos *Suchimécos* (gente das sementeiras de flores); 2º, a dos *Chalans* (gente das boccas); 3º, a dos *Tepanecas* (gente da ponte); 4º, a dos *Colhuas* ou *Collhuas* (gente das serpentes); 5º, a dos *Tlathuicas* (montanhesez ou das serras); 6º, a dos *Thas-catecos* (gente de Pan.); e em 7º o ultimo logar a dos *Chichimécos*.

dernas, tod
semente, or
se robustec
decahiram.

Do selo
primeiros i
xeram as a
por Votan
deceram o
Perú. Foran
os quaes or
deram-se pe
novas nação
culos, desde
deixando ve
mentos, ant

Foram e
esses os que
que introdu
portadores d

Esses Ka
na America
geração, per
zamentos, da
do enfraquec
duzidas pelo

Um fact
bão (Libr. I
emigrou par
que pela Hes
nuco. E' o s
l'Eubée dans
bitants; ceux
ayant laissé
plus attenti
Carie, etc., q

denas, todas galhos de um só tronco, raças de uma só semente, oriundas de um só herço, que, segundo o meio, se robusteceram ou se degeneraram, se enfranqueceram, e decahiram.

Do seio da Asia, partiram, em tempos mythologicos, os primeiros invasores da America e mais tarde os que trouxeram as artes, a industria e a lavoura, os quaes, guiados por Votan ou Quetzalcohuatl e seus descendentes, engrandeceram o Mexico, a America Central, a Nova Granada e o Perú. Foram esses os primeiros *Karas*, depois *Karaybas*, os quaes originaram os Toltecas ou Nahuas. Estes estenderam-se pelo Mexico, lutaram, dispersaram-se, formaram novas nações que se subdividiram e, pelo correr dos seculos, desde os primeiros tempos da época christã, foram deixando vestigios do seu poder e do seu saber nos monumentos, ante as ruinas dos quaes hoje o archeologo pasma.

Foram esses os introductores das Pedras Verdes; foram esses os que ensinaram a lavar a pedra; foram esses os que introduziram a civilisação; foram esses, emfim, os portadores do *Muyrakytã*.

Esses *Karas*, filhos do sol e das serpentes, espalharam na America as crenças de sua patria e, de geração em geração, perpetuaram a tradição, apesar das lutas, dos cruzamentos, das invasões, das perseguições, das dispersões e do enfraquecimento, soffrendo apenas as modificações produzidas pelo solo e pela natureza.

Um facto notavel nos refere *Lafitau*, tirado de *Strabão* (Libr. I. n. 145), que confirma que o mesmo povo que emigrou para Europa, depois passou á America; talvez o que pela Hespanha passou e saltando na Florida foi á *Panuco*. E' o seguinte: «Entre les 12 peuples qui passèrent de l'Eubée dans la Ionie d'où ils chassèrent des premiers habitants; ceux qui étaient partis du Prythanée; d'Athènes ayant laissé leurs femmes dans leurs pays où ils n'avaient plus attention de retourner, firent une éruption dans la Carie, etc., que s'en étant rendus maîtres, ils égorgerent

tous les hommes sans distinction d'âge, ne réservant que les femmes pour en faire leurs épouses. Les femmes réduites à la nécessité de périr ou de subir la loi du vainqueur, aimèrent encore mieux prendre ce dernier parti; mais outrées de désespoir, elles firent un serment entre elles *de ne manger jamais* avec leurs *maris*, etc., de ne les nommer jamais par leur nom etc., et elles firent une loi de faire *passer cet usage à leur posterité* en instruisant les enfants qui naîtraient de ces mariages, qu'elles usaient ainsi, parce que les Vainqueurs avaient egorgés leurs pères, leurs enfants.»

Note-se que as Karaybas não comem com os seus maridos; não os chamam pelos seus nomes; são suas escravas e usam uma linguagem diferente.

Assim modificaram os usos, a lingua e os costumes, perpetuando-se apenas aquillo que se prendia á sua theogonia, á crença da conservação da vida e ao maravilhoso — o Muyrakytã — que, pelas suas virtudes, dava força, saude e poder e, pela sua natureza incorruptivel, poude chegar até nós, como reliquia, não abundante, como nas primeiras éras, por faltar a importação, mas raro, tendendo a desaparecer. As lutas, occasionadas pelas novas invasões que desciam para o sul, motivaram o retalhamento de nações e delle originaram-se os Karaybas, de Colombo, isto é: os que vulgarmente são conhecidos nas duas Americas por essa denominação e foram ultimos portadores do precioso talismã, que levaram para o Amazonas, onde elle já era conhecido, pelos descendentes daquelles primitivos que tinham mais frescas tradições de Votan.

Preso á mesma arvore genealogica, cujo tronco é Nahua, comtudo o Karayba moderno, quasi nada de commum tem com o Kara primitivo. Aquelle herdou a ousadia, a coragem, o valor e a independencia, porém já não conheceu os mestres das artes, porque nasceu no tempo da decadencia, e é fructo que teve, pelas circumstancias, de germinar em terras extranhas e em meio totalmente diferente.

Atirando
inimigos q
vida, outros
os dos povos
religiosame
molestias;
inimigos na
a supremacia

Este m
ídolo, pass
virtudes m
se apresen
fortuna.

O nome
prego como
nesse sentid
resentem de

Modifica
época e o lo
kestan até a

ao Paraguay
Os cruz
mas o nom
todas as naç

Pelo Am
desceu o pr
não conhece

Ambos t
em épocas d
diferentes.

Os prim
paiz que aba
isso, se perp
isolamento e
perpetuidade
não haverem

Atirando-se aos mares e aos rios, fugindo ante povos inimigos que os guerrearam, tiveram de adoptar outra vida, outros usos e outros costumes que se fundiram com os dos povos conquistados, ficando-lhes sómente aquillo que religiosamente conduziram ao pescoço, para os livrar das molestias; que lhes assegurava a vida e os livrava de inimigos nas terras de que se apossavam, garantindo-lhes a supremacia — o *muyrakytā*.

Este mesmo, com as propriedades modificadas de idolo, passou a talismã, para, de um lado, apresentar virtudes medicinaes, de outro, garantir poder aqui e alli se apresentar, sempre como garantidor de felicidades e fortuna.

O nome *Karayba*, para mim, é generico, porque o emprego como invasor ou conquistador, por ter sido sempre nesse sentido empregado pelos povos americanos, que se resentem dos contactos asiaticos.

Modificadas as propriedades do *Muyrakytā*, segundo a época e o local, nós o vemos perpetuado, desde o *Turkestan* até ao *Amazonas*, unido ao nome *Karayba*, que foi ao *Paraguay*.

Os cruzamentos e as emigrações não foram até lá, mas o nome *Karayba*, que era temido, foi adoptado por todas as nações que fallavam o *abanheenga*.

Pelo *Amazonas* subiu o *Karayba* moderno e dos *Andes* desceu o primitivo, este deixando costumes que aquelle não conheceu.

Ambos trouxeram o *Muyrakytā* ao rei dos rios, porém em épocas diversas, acompanhado de crenças e costumes diferentes.

Os primitivos trouxeram as armas, que usaram no paiz que abandonaram e vieram, dellas fazendo uso e, por isso, se perpetuaram e os modernos as desconheciam, pelo isolamento em que ficaram, pela região não favorecer a perpetuidade dellas, por falta de material e por dellas não haverem mister.

Os primitivos foram sempre selvícolas e os últimos marítimos e ribeirinhos. Aquelles que pela subdivisão tiveram de ganhar o centro das terras ainda as usaram, para mesmo mais tarde abandonarem. Assim não conheceram os Karaybas das Antilhas a *çarabatana*, e a *estoléca* e nem tão pouco aquelles que subiram o baixo Amazonas, mas conservaram todos os que das cordilheiras desceram as serras e sahiram no Solimões. Os serranos eram galhos de semente da mesma especie e os ribeirinhos ramuscúlos atrophiados por enxertos em ramos já degenerados.

Uns eram quasi puros Nahuas e Mayas, outros, filhos bastardos de cruzamentos multiplicados.

Uns tinham a tradição de Votan e outros, a desconheciam; só os ligava um élio commum, a pedra verde, a nephrite, ou o — *muyrakytã*.

Os Nahuas (Karas) originaram varias tribus do Alto Amazonas, Perú e Nova Granada e os Karaybas modernos concentraram-se nas terras da margem sul, subindo o Tocantins, Chingú e Tapayós.

Torquemada (1) affirma que viu Nahuas com muitos idolos, com nomes de divindades, feitos de pedra verde e Brasseur de Bourbourg (2) tambem nos diz que os Quichés usaram a mesma pedra como talismã.

O emprego da *çarabatana* (sarbacane) era vulgar entre os Nahuas e o seu uso, no Amazonas, só se estende pela região do *muyrakytã*, não passando ao Baixo Amazonas, nem ao resto do Brazil.

O nome *Karayba*, antes *Kariba* ou *Kariua* (3), leva-me a outras considerações.

Será o nome *Karayba* dado pelos Tupis, que se estendiam pelas costas do Brazil ou veio com os invasores ?

(1) *Monarg.* Ind. libr., VI, cap. 42.

(2) *Hist. des nat. civ. du Mex.* I, pag. 109.

(3) *Vue des Cordillères*, t. I, pag. 236.

Penso ser
importada e

Sendo tu
verbo *kar*,
u em b pelo
Ambas as in
mas, suppon
passados. B
d'identifier
ajoute Blas
mes si terr
peupler ensu
ces immense
de Grenade

« Ce son
sous les den
ait conservé
etc. dont la
une foule de
passant soit

A palavra
gnificando o
poderoso; pe
como no tupi
trangeiro, o
branca; por
linguas tenha
o mesmo sig
estranho, be
em contacto

Fidel Lop
razão, a pala

(1) Humboldt
e si davam o nome
por um n, imprimi
o faz *cariba*.

Penso ser um nome híbrido, composto de uma radical importada e de um suffixo adicionado pelos Tupis. Vejamos:

Sendo tupi pôde ser: *Kar-ajua* — o máo que chegou — do verbo *kar*, chegar e *ajua* máo, havendo mudança do *u* em *b* pelo vicio portuguez, ou *Kararaib* — o muito habil. Ambas as interpretações hem exprimem as suas qualidades, mas, supponho que a origem vem do berço de seus antepassados. Brasseur de Bourbourg diz: « Mais ce qui achève d'identifier cette race (Nahuas) avec les Caraïbes, c'est, ajoute Blas Vallera, (1) que « toute cette génération d'hommes si terribles et si cruels étaient sortis du Mexique pour peupler ensuite celles de Panamá, Darien, ainsi que toutes ces immenses contrées qui vont d'un côté jusqu'au Royaume de Grenade et de l'autre jusqu'au de la de Sainte Marthe. »

« Ce sont les mêmes, en effet, qu'on retrouve, plus bas, sous les dénominations diverses quoique la tradition leur ait conservé généralement celles de *cara*, *cari*, *coro*, *cali*, etc. dont la première syllabe est demeurée attachée à une foule de localités où ils établirent leur séjour, soit en passant soit d'une manière permanente. »

A palavra *Kara* ou *Karu* estende-se ao Aymara, significando o *homem de longe*, o *estrangeiro*, o *viajante*, o *poderoso*; pela lingua dos Yurukarés (homens brancos) tem, como no tupi, o significado de *branco*, que quer dizer — o *estrangeiro*, o *poderoso*, — porque a raça do paiz não era branca; por conseguinte, não podendo se admittir que varias linguas tenham o mesmo vocabulo com a mesma pronuncia e o mesmo significado, claro está que tambem é um vocabulo estranho, hem recebido por todos os povos que estiveram em contacto com o que tinha essa denominação.

Fidel Lopes, nas suas *Raças Aryanas*, derivando, com razão, a palavra *Kara* da radical sanskrita *Kar*, que pelo

(1) Humboldt em uma nota das suas *Viagens* (III, pag. 359) diz que os Karaybas a si davam o nome de CARINA, que para mim é um erro de cópia. Tomou-se o *u* de *cariba* por um *n*, imprimiu-se e assim perpetuou-se. A pronuncia castelhana mudou o *u* em *b* e fez *cariba*.

tempo e pela phonetica deu origem a palavras com significados diferentes, mas que se prendem a uma só idéa, apresenta estas diferentes palavras Kechuas, com seus diferentes significados: *Kari*, bravo; *Kakari*, o guerreiro, o bravo por excellencia; *Karu*, o viajante, o estrangeiro, *K'karu*, devastar; *Karan*, chefe, o primeiro, o que está na ponta; e *Karandá*, acção guerreira, como massacre, combate, morticínio. Por isso os reis de Quito se denominavam *Karan*, como os do Pérú *Kari*.

Mais tarde, continuando a ser o *poderoso*, o *conquistador*, o *dominador*, o *inimigo forte*, passou entre os Tupis a significar tambem o *branco*, que resume as qualidades de estrangeiro, de valente, de sabido, de poderoso, de forte, etc. D'onde veio esse nome então? Penso, e convenço-me que do *kara* ou *karu* turcomano e do *ayua* ou *aib*, pelo vício portuguez, significando o *máu kara* ou o *conquistador máo*, porque mesmo outra denominação não podia ter quem se apossava da região por onde passava, tudo avassallando. Razão tenho em crer ser o *Karu* turcomano, porque entre os *Nahuas*, dos quaes descendem os Karaybas, *karu* significa *magestade*, *poder*, *sabedoria*, como em turcomano quer dizer tambem, *poder*, *sabedoria*, *fortaleza*, *excellencia*, sentido que tambem tem entre os Mundurukus. *Karu çakaiby*, da lenda destes, representa o *poder supremo*, o *sabio*, o *forte*, etc., significado que tem o *kariua* tupi.

Rochefort, (1) baseado nas tradições que encontrou, dando a origem dos Karaybas como descendendo dos Cofachilas, nos dá a verdadeira interpretação da palavra *Kara*, quando diz que significa: « *homens fortes e valentes (gens ajoutés), estrangeiros vindos subitamente e de improviso* ».

Ixtlixochell é da mesma opinião.

Posto que o nome Karayba tenha a significação que acima dei, parece-me comtudo natural, por causa do hybri-

(1) *Hist. nat. et morale des îles Antilles*, Livr. II, pag. VII.

dismo, que :
que tão not
Kalinago, q
Kalinaga, q
nos affirma
Indu Panthe
pente podero

Si não fo
gerados na
não se orgu
para tomar,
Essa reminis
que se suc
vagas migra
americano.

Karayba
adullerada o

Para min
inseparavel d
Asia até ao A

A maior
portada da A
Os descenden
perdoam o va
dações de seu
feita da tibia
os Incas que
deixam a ling
ainda com sul
Inca Manco
significa pois
supremo, o n
ponde ao Aug

(1) Garcillaso

dismo, que seja a mesma *Kaliya*, a serpente de Krishna, que tão notavel papel representa no hinduismo. O nome *Kalinago*, que a si dá o mesmo povo, é o mesmo nome *Kalinaga*, que tem tambem essa serpente monstro, como nos affirma o Barão de Humboldt e Edward Moor no seu *Indu Pantheon*. *Kalinaga* deriva-se de *Kali* e *Naga* a serpente poderosa, real.

Si não fosse a tradição do hinduismo, se não fossem gerados na Asia, os *Karas*, ascendentes dos *Karaybas*, não se orgulhariam estes de serem filhos das serpentes para tomar, como titulo de nobreza, o nome *Kalinago*. Essa reminiscencia sobrenadou sempre, sobre as vagas que se succediam umas após outras, essas grandes vagas migratorias que por seculos inundaram o solo americano.

Karayba, *kariba*, não é mais do que pela phonetica adulterada o *Kalaiua*, *Kaliua*, modificação de *kaliya*.

Para mim, é fóra de duvida, que *kara*, foi companheiro inseparavel da *Yu*, de que é feito o *Muyrakyta* desde a Asia até ao Amazonas.

A maior prova de que *Kara*, *Kári*, *Káru* foi importada da Asia tive quando no Perú estudei a questão. Os descendentes dos filhos do Sol, os *Incas*, que não perdoam o vandalismo hespanhol; que vivem das recordações de seu passado brilhante; que ainda hoje na *Quena*, feita da tibia humana, choram a liberdade d'outras éras; os *Incas* quer das *sierras*, quer da *montaña*, que não deixam a lingua patria, quando se referem aos seus reis ainda com sublime respeito e, assim se exprimem: *Kári Inca Manco Capac*, (¹) *Kári Inca Atahuallpa*. O que significa pois *Kári*? *Kári*, para elles, quer dizer: o chefe supremo, o magestático, o sabio, o estrangeiro, corresponde ao *Augustus* dos latinos e ao *Ahetpal* dos Mayas,

(¹) Garcillasso de la Vega, *Comment. Réales*, libr., cap. 11.

e quando se referem aos seus reis, como disse, é sempre com um tratamento (kari) que equivale ao que damos ás pessoas reaes, *Sua Magestade*.

Quem ouve o Inca, exprimindo-se na sua lingua, quer tenha nascido nas ruinas das serras, quer nas quebradas do Tunguraguá, pensá que a palavra é Inca, mas não o é. O kechhua tem é verdade o vocabulo *kara*, mas só póde significar *couro*, *trigo*, ou uma especie de dardos, donde vem os que têm a molestia terem o nome de *kariantos*.

O kari que se liga ao nome daquelle filho do sol que appareceu com Coya Mama Oello (a virtuosa rainha mãi) trazendo a civilisação, tem outra origem; a do mesmo que fundou uma dynastia semelhante á que deixara no torrão de seus maiores.

Manco Capac, quando chegou a Cuzco, á testa de um corpo de emigrantes, fallava um idioma desconhecido. Depois que organisou a sua monarchia dividiu as familias em nobres (Hunan aylla) e plebeos (Hurin aylla) e a unica lingua que permittiu que se fallasse na sua Côte foi a sua, quando entretanto fazia vulgarizar a lingua de Cuzco, que se tornou a geral e é hoje a denominada kechhua. Isto sei pela tradicção oral que encontrei no Perú. Essa lingua perdurou entre os grandes da Côte até a conquista hespanhola e com a quêda da monarchia dos Incas desapareceu tambem a lingua dos fidalgos. Uma meia duzia de palavras perdura até hoje e entre ellas figura a que nos prende a attenção, que é estrangeira, como o era o reformador dos costumes andinos.

Tanto havia esta lingua especial, que o Inca Garcillaso de la Vega, que sabia bem o kechhua, apesar da descendencia real, tratando de varios nomes, confessa que ignora a da Côte. Assim nos diz, tratando de *Manco Capac*: «Ce mot *Manco* était sans doute un nom propre: mais nous ne savons pas ce qu'il signifie dans la langue générale du Perou. J'ajoute à cela, que dans celle dont les *Incas* se servait en particulier, lors qu'ils parlaient entr'eux

& qui c'est
Yncas avai
laient entr'
& qu'il ne
qu'ils tenai
uma das p
que acomp
mesmo sign
soube torna
opulenta e
de aventure
d'alma cca
cuzquenha,
zada con la
grito que
Amazonas.

Karayba
emigração,
Modifica
guay, onde
niencia, e l
o santificad
de superior,
de outra raç
são de me
Citarei u
nista, o me
moria.

No rio T
um homem
sua posição
rado, gozava
a esse preto

(¹) Hist. das

(²) Ob. cit. I.

& qui c'est depuis entièrement abolie...» (1) Diz mais: «les Yncas avaient une autre Langue particulière, qu'ils parlaient entr'eux, que les autres indiens n'entendaient pas, & qu'il ne leur était pas même permis d'apprendre, parce qu'ils tenaient ce Langage pour divin». (2) O kári é, pois, uma das palavras da linguagem divina dos filhos do Sol, que acompanhou a emigração, perpetuando até hoje o mesmo significado que tinha na patria do immigrante, que soube tornar-se o chefe supremo de uma nação, que tornou opulenta e industriosa, para cahir nas mãos de um punhado de aventureiros, acompanhado todavia do grito partido d'alma *ccalta-lueqque*, que no dizer da distincta litterata cuzquenha, D. Clorinda Turner, significa «maldición lanzada con la furia del averno contra quien la provoca», grito que ainda hoje echôa dos Andes ás quebradas do Amazonas.

Karayba, finalmente, só nos recorda o facto de uma emigração, cujos chefes, *karas*, tudo avassallavam.

Modificado foi o termo Karayba por tradição ao Paraguay, onde os jesuitas lhe mudaram o sentido, por conveniencia, e lhe deram a synonymia de: *o santo, o bemdito, o santificado*. Que o sentido em que hoje se emprega é o de *superior, poderoso*, e não o de exprimir a côr branca de outra raça, tive muitas vezes, em minhas viagens, occasião de me certificar.

Citarei um só facto, que apresentei ao notavel americano, o meu amigo Dr. Baptista Caetano, de saudosa memoria.

No rio Tapayós, no sitio Sumayma, existia em 1872 um homem de cor preta, de um preto de ebano, que pela sua posição pecuniaria e pelo seu character distincto e honrado, gozava de muita consideração entre todos; pois bem: a esse *preto* todos os tapuyos o designavam por *kariua*.

(1) *Hist. des Rois du Perou*, I, pag. 97.

(2) *Ob. cit.* II, pag. 1500.

— Quem é o Cruz? (assim se chamava elle).

Respondiam, com respeito: — E' um *kariua* ».

E' pois o karaiba a reliquia da civilisação prehistorica e os élos que o prendem á Europa e á Asia, são os munds os *kjokkemmöddings*, as inscrições, as *baetylias* e o *muyrakytã*.

Na sua religião ha um poder, que, posto que *uno*, tambem é *trino*. Esse poder representa *Akambu*, que é invocado como *Creador Supremo*; *Icheiri* que é seu — *Deus bom* e *Maboya*, que é o espirito mau. Não ha ahi o *Trimurti* hindu que se estende aos Araucanos, como veremos mais longe?

Si a descendencia *karayba* não nasceu da fusão de duas ou mais raças, como explicar, no meio de monumentos scandinavos, o cunho de uma civilisação hindu, como é o *muyrakytã* ou *aliby*, o *nanacy*, ou *itapy*, do Rio Negro.

Nos Estados Unidos, no Mexico, na America Central, no Perú e no Chile esse cunho apparece: abundante, onde dominou o elemento asiatico; raro, onde appareceu pelo commercio.

Que os *karaybas* eram os que traziam ao seio do Amazonas o *takural* ainda o prova o nome que é dado pelos indios *Uaboy*s, do rio *Yamundá*. *Aliby*, como elles o denominam, não é mais do que o nome que o *karayba* tem na terra firme, de *Galiby*. Dão á cousa possuida o nome do possuidor.

Humboldt diz que os *karaybas* eram os que faziam as pedras verdes que corriam como dinheiro, vendendo-as por alto preço aos hespanhóes, quando elles não eram mais do que corretores.

Moke (1) tambem diz: « C'est également sur les bords de l'Orenoque que les indigènes conservent en guise d'amulettes, des pierres vertes taillées en forme d'animaux et de fruits, qu'ils ont reçues de leurs ancêtres et que ceux-ci

(1) *Hist. des peuples Américains*, Bruxelles, 1874.

pretendaient
Européens
dureté qu'on
être travaillé
de fer, et il
gine, les m
substance (

Nouveau M

No Hait

em grutas,
outros que
senta uma t
em quarto c
claro-azeitom
como se vê

Schomb

raybas usar
Tertre (1576
que tinham

Junto aq

linguistica, c
dernos, corre
ao Amazonas
Perú e Bolí
tribus que ap
tigos filhos d
mesmo se vê
e *Quiché*.

Do norte
a barreira ma
zonas, que nã
seu valle, pro

(1) Nome que t

(2) *Voyage d'u*

pretendiam ter d'un peuple de femmes auxquelles les Européens donnèrent le nom d'Amazones. Telle est leur dureté qu'on a peine à comprendre comment elles ont pu être travaillées par des hommes qui ne connaissaient point de fer, et il n'est pas moins difficile d'en découvrir l'origine, les mineralogistes n'ayant trouvé jusqu'ici la même substance (le jade de Saussure) dans aucune contrée du Nouveau Monde.»

No Haiti, os Karaybas, guardavam os seus *Zemés* ⁽¹⁾ em grutas, segundo nos refere Descourtilz, ⁽²⁾ e, entre outros que elle obteve, figura na Est. 1.^a, um que representa uma tartaruga tendo no casco o sol ladeado pela lua em quarto crescente e por uma estrella, feito de jade verde claro-azeitonado. Tinham tambem com a fórma de sapo, como se vê representado outro na mesma estampa.

Schomburgk, Martius, Hamy, todos dizem que os Karaybas usaram a pedra verde e Rochefort (1658) e Du Tertre (1576), que escreveram sobre as Antilhas, dizem que tinham um goslo especial para as pedras verdes.

Junto aqui um quadro por onde se vê por meio da linguística, que a influencia dos Karaybas, antigos e modernos, correndo pelo Panamá chegou aos Andes e deste ao Amazonas, isto é: atravessou Nova Granada, Venezuela, Perú e Bolivia e chegou ao Amazonas, sendo todas as tribus que apresento ramificações e cruzamentos dos antigos filhos do sol e das serpentes, sahidos da Asia. Pelo mesmo se vê tambem a influencia dos dous ramos *Maya* e *Quiché*.

Do norte espalharam-se para o sul os invasores, sendo a barreira maior que encontraram a largura do Rio Amazonas, que não podendo ser transposto na parte baixa do seu valle, procuraram fazel-o pela região das cabeceiras e

(1) Nome que tem entre elles o muyrakytã; além de *tokurat*.

(2) *Voyage d'un naturaliste*, II, pag. 19.

assim, pelo Perú, chegaram até o Madeira. Vejamos como se operou a transformação linguística.

Para termo de comparação, tomei a palavra *Agua*, ATL (¹), dos Nahuas, que originou o A, AT, HAA, dos Mayas que os Quichés fizeram HA e YÁ, e que passou aos Karaybas totalmente modificada pela pronuncia nasal em TONÉ ou TUNA modificação que tambem existia na Asia e passou á Europa.

Vimos que dous grandes grupos, por assim dizer de raças diferentes, invadiram a America do Sul, ambos, porém, filhos da mesma mãe, sendo comtudo um prehistorico e outro moderno.

O primitivo era ainda de proximos parentes dos Mayas e Nahuas, os Karas; outro bastardo, já muito distanciado e influenciado pelos annos, pelo meio e pelo cruzamento, que foi o dos Karaybas.

O primeiro desceu por terra e fixou-se; o segundo aventurou-se aos mares e aos rios, e como nomades atiraram-se á sorte; pelo que um perpetuou a lingua e outro a mesclou, modificou, adulterou e corrompeu a ponto de se formarem dialectos nos quaes quasi só perdura a palavra *agua*, que se encontra em todas as tribus, restos das dispersões, soando quasi uniformemente, porém, mais pura onde se fixaram.

Em Nova Granada, no Perú, na Bolivia e no Alto Amazonas e mesmo entre algumas tribus, que se destacaram para o Brazil encontra-se ainda a reminiscencia Nahua e Maya ou Quiché, na mesma palavra *Agua*, como se vê do quadro.

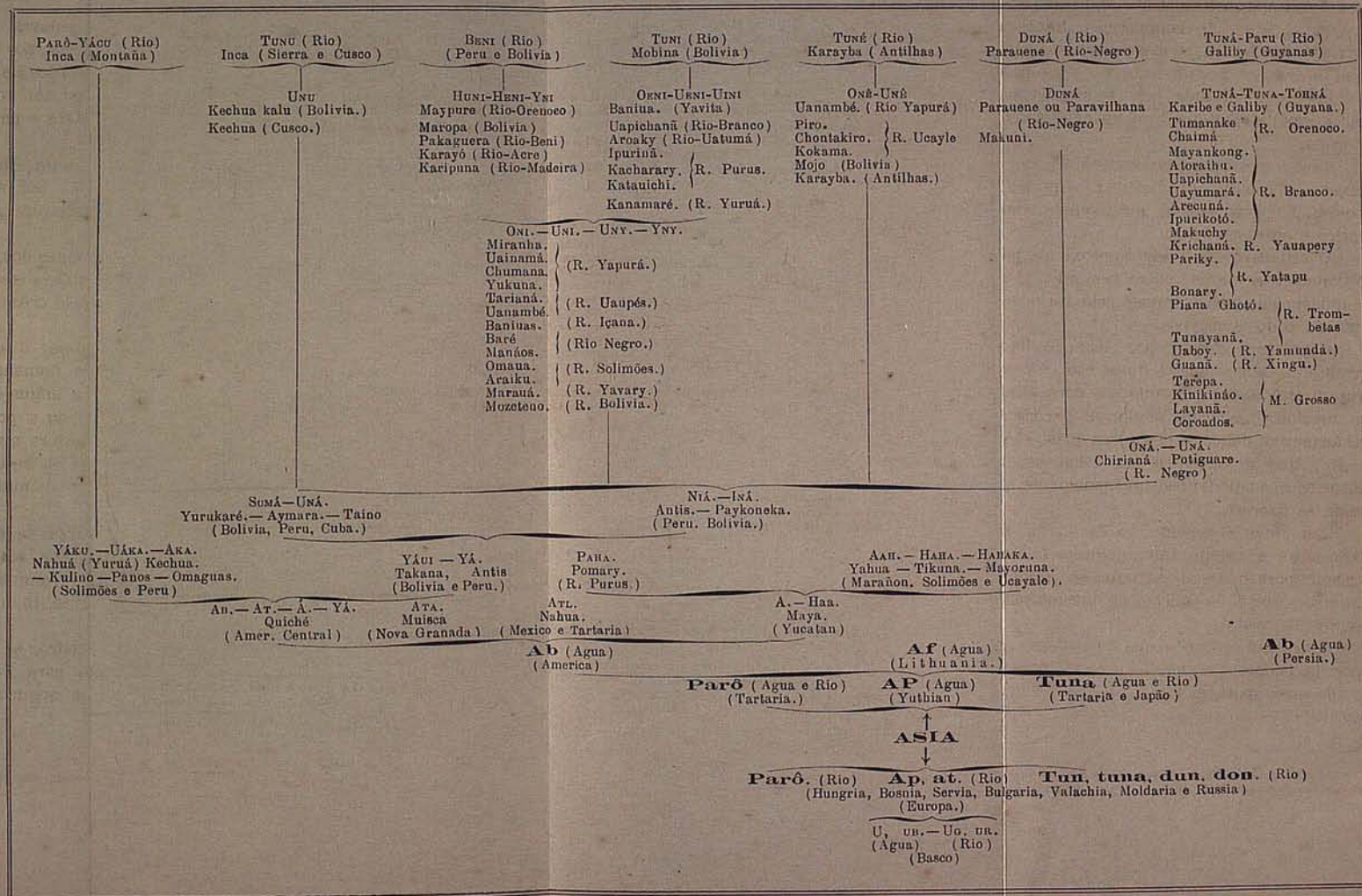
Pela demonstração que faço n'esse quadro, se vê que por apaphonia o A, nasalizando-se, passou para Á ou AN e adoçou-se para e, i e, u, o que é vulgar, segundo Bopp em todas as linguas indo-européas.

(¹) *ATL* na representação hieroglyphica do Mexico é apresentada como *tó*, elemento líquido, figura vulgar do *muyrakylá*.

QUADRO MONOPHILETICO ou arvore Genealogica das tribus que tem a tradiçao do Mnyrakytá pela qual se vê linguistica e geographicamente a marcha das emigrações

por

J. Barbosa Rodrigues



N. B.— Os vocabulos americanos são extrahidos das obras de Castelnau, D'Orbigny, Weddell, Martius e dos vocabularios originaes tomados entre os índios pelo

AUTOR.

assim, pelo Perú, chegaram até o Madeira. Vejamos como se operou a transformação linguística.

Para termo de comparação, tomei a palavra *Agua*, ATL (¹), dos Nahuas, que originou o A, AT, HAA, dos Mayas que os Quichés fizeram HA e YA, e que passou aos Karaybas totalmente modificada pela pronuncia nasal em TONÊ ou TUNA modificação que tambem existia na Asia e passou á Europa.

Vimos que dous grandes grupos, por assim dizer de raças diferentes, invadiram a America do Sul, ambos, porém, filhos da mesma mãe, sendo conjtudo um prehistorico e outro moderno.

O primitivo era ainda de proximos parentes dos Mayas e Nahuas, os Karas; outro bastardo, já muito distanciado e influenciado pelos annos, pelo meio e pelo cruzamento, que foi o dos Karaybas.

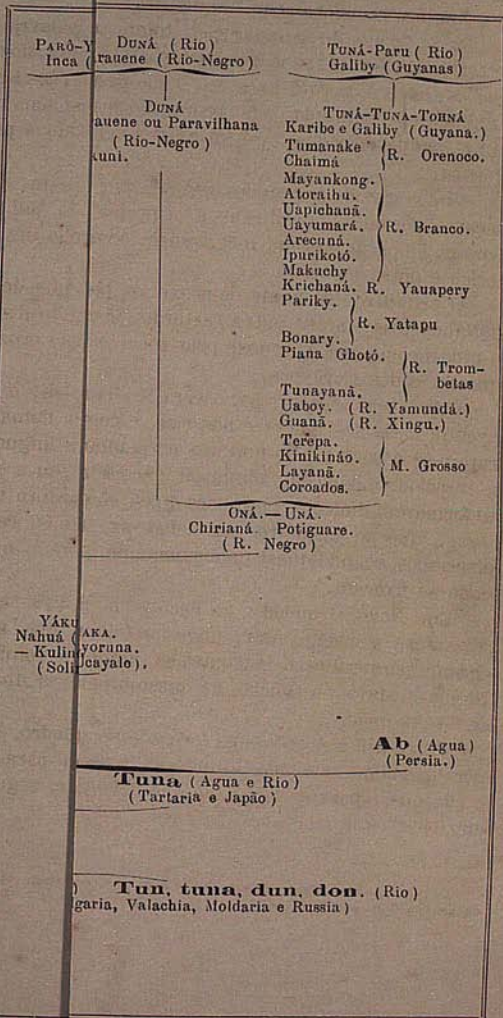
O primeiro desceu por terra e fixou-se; o segundo aventurou-se aos mares e aos rios, e como nomades aliraram-se á sorte; pelo que um perpetuou a lingua e outro a mesclou, modificou, adulterou e corrompeu a ponto de se formarem dialectos nos quaes quasi só perdura a palavra *agua*, que se encontra em todas as tribus, restos das dispersões, soando quasi uniformemente, porém, mais pura onde se fixaram.

Em Nova Granada, no Perú, na Bolivia e no Alto Amazonas e mesmo entre algumas tribus, que se destacaram para o Brazil encontra-se ainda a reminiscencia Nahuá e Maya ou Quiché, na mesma palavra *Agua*, como se vê do quadro.

Pela demonstração que faço n'esse quadro, se vê que por apaphonia o A, nasalizando-se, passou para Ā ou AN e adoçou-se para e, i e, u, o que é vulgar, segundo Bopp em todas as linguas indo-européas.

(¹) *Atl* na representação hieroglyphica do Mexico é apresentada como *rit*, elemento líquido, figura vulgar do *muyrakytā*.

QUE VÊ LINGUÍSTICA E GEOGRÁFICAMENTE A



N. les tomados entre os indios pelo

AUTOR.

As
passam
zonenses
nunciar
para nã
a palavr
mundá.
que pela
tal ou ta
para o m
gothico.
objectus
em *abjic*
por *conco*

Mr. P
e o sansk
a palavra
o que re
volume tr

Ao ou
a para *e*,
dando a p
porque o p
que em *a*,
de *inã* para

Os Kar
mens, o da
mente prom
Tun asiatic
Tuna que

no Japão, é
Do *toné*
se *uné, uni*,
mudaram p

(¹). Comptes

As vogaes e, i e u as vezes por um phenomeno passam tambem a a. A nasalisação entre as tribus Amazonenses é commum, tanto que ordinariamente se vê pronunciar *paraná* por *paraná*. A mudança pois do yá para NIÁ, INÁ, UNÁ, UMÁ, tambem é vulgar, tanto que a palavra *Yamundá*, muitos escreverem *Niamundá*, *Nhamundá*. O A, segundo Hovelacque, é uma vogal organica, que pela analyse linguistica transforma-se ás vezes em tal ou tal vogal e mostra como o *Manoé* sanscrito passou para o *menos* grego, do *meus*, *moneo* latino e ao *gamunan* gothico. No latim vemos, a mudança do a para e em *objectus* e *perfectus* por *abjacio* e *perfacio*, e para o i em *abjicio* e *perficio* e para o u em *conculco*, *insulsus* por *concalco* e *insalsus*.

Mr. Henry ⁽¹⁾ nega esta approximação entre o kechua e o sanscrito, entretanto ella existe entre o tupi, onde a palavra *Tupá* ou *tupan* significa raio, por conseguinte o que resplandece, brilha, queima e fere. No segundo volume tratarei dessa approximação detalhadamente.

Ao ouvido ás vezes torna-se imperceptivel a queda do a para e, i e u que involuntariamente a pronuncia vai mudando a ponto de soar inteiramente differente a palavra, porque o peso dessas letras é mais leve em u, e e i do que em a, sendo o i a mais leve e dahi vem a passagem de *iná* para *ini*.

Os Karaybas, que tinham tres dialectos — o dos homens, o das mulheres e o dos velhos e guerreiros — facilmente pronunciam ora *Toné*, ora *Tuná* que é o mesmo *Tun* asiatico e europeu; o Japonez tem tambem a palavra *Tuna* que dizem ser tartara, significando *agua*. *Tunani*, no Japão, é *agua recolta*, correndo em *vagas*.

Do *toné*, proprio dos Karaybas das Antilhas, originou-se *uné*, *uni*, *yni*, *eni* e *yni*, que os Galibys das Guianas mudaram para *uná*.

(1) Comptes rendus du Congr. Amer. Luxembourg, pag. 114.

Os antigos Incas tinham o *umi*, cuja origem é a mesma. Os sons finais *nã*, *ná* de *nê*, *ní*, *ny* e *nu* são adulterações da pronuncia do *y* naso-guttural, que produziu a mudança do *yá*, para *niá* e *uá*.

Ethnicamente todas as tribus acima pertenceram a uma raiz commum e as mesmas não são mais do que grupos que se destacaram e pelo tempo tomaram novos costumes, modificando tambem a lingua, que facilmente se adultera, quando não tem uma litteratura e soffre a mescla, que é commum, devido ás guerras em que sempre fazem prisioneiros, com dialectos differentes.

Na parte lexica todos esses dialectos do quadro são differentes, entretanto que pela palavra *agua* se filiam, não fallando no seu polysynthetismo que é commum tambem ás linguas semiticas.

Dos Nahuas, vem o *l* dos Karaybas, tanto que em vez de *Kara*, *kuriara*, como pronunciam os Krichanás, *paraná*, *uirary*, dizem *kala*, *kali*, *kaliata*, *palaná*, *wourali*, donde vem chamarem-se a si KALINAGO, e os Uabóys pronunciarão *Kalayá* (branco) em vez de *Karayá*.

Penso que assaz tenho mostrado que a origem do *Muyrakytã* é asiatico, trazida ao Amazonas pelos Karaybas descendentes dos Nahuas.

COMO C

Em
no rio
do mesr
nome B
missão,

Na
dos indi
ter a ex
ou amar
e nas m
stancia,
rio das
contas e
yunas, q
e Kunur
zonas.

La
payós qu

(¹) *Rel*
ris, 1745.

II

COMO CONHECI E POR QUE LIGUEI IMPORTANCIA AO MUYRAXYTĀ

Em Maio de 1872, chegando eu á cidade de Santarém, no rio Tapayós, e, informando-me das diversas localidades, do mesmo rio, desejei saber se conheciam a origem do nome *Borary* ou *Puérary*, com que era conhecida a antiga missão, hoje villa do Alter do Chão.

Na aldêa de Santarém ainda existem descendentes dos indios missionados em Puérary, que me affirmaram ter a extincta missão esse nome, devido ás contas verdes ou amarellas, que então se encontravam no Lago Verde e nas margens de um ribeirão, que por essa circumstancia, tomou esse nome, que pela lingua tupi significa *rio das contas* ou *agua das contas*. E' tradicção que essas contas eram annualmente para alli levadas pelos Tapayunas, que as iam buscar no rio Yamundá, entre os Uaboys e Kunuryrs, que as recolhiam de outros indios ou das Amazonas.

La Condamine (1) informa que: «C'est chez les Tapayós qu'on trouve aujourd'hui plus aisément que partout

(1) *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amer. méridionale*. Paris, 1745.

ailleurs, de ces pierres vertes, connues sous le nom de Pierre des Amazones, dont on ignore l'origine et qui ont été fort recherchées autrefois.»

O uso do Muyrakytã ou pedras verdes, que a tradição quer que fosse introduzido pelas Amazonas, originou sem razão o nome inglez *Amazonstone* e o allemão *Amazonsteine*, porque todos os exemplares que tenho achado nas localidades do Amazonas em que estiveram as Ika-miabas são de nephrite ou quartzo e não da rocha que tem hoje esse nome.

A informação, que obtive em Santarém, despertou-me o desejo de conhecer essas *contas*. Para isso mandei emissarios a Alter do Chão, gastei dinheiro e abusei de amizades, não sendo, felizmente, improficuas as minhas diligencias.

Do Lago Verde recebi uma. Qual não foi a minha estupefacção vendo que a rocha de que era feita (*jade*), não tinha por patria o solo brasileiro! A natureza da rocha, a fórma do objecto, o seu trabalho artistico, tudo levou-me a não abandonar as minhas pesquisas, porque via que estava com um objecto prehistorico de valor, que muita luz podia dar sobre a civilisação que elle denotava. A importancia que logo a elle liguei, levou-me a mandar encastoal-o em ouro e a trazel-o como um breloque na minha corrente de relógio. Outro, por não achar nada de mais valor no Amazonas, offereci como tributo de gratidão, á Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial.

Tendo reconhecido que a rocha de que era feito o primeiro muyrakytã que possui era a *jade* ou feldspatho laminar verde, como tambem era erroneamente conhecida por muitos autores, immediatamente o guardei como monumento archeologico e a elle preendi a idéa de uma emigração asiatica. Não fiz, é verdade, cabedal de sua composição chimica, mas ligando-lhe logo grande importancia, tratei de verificar, se porventura existiriam no solo amazonense jazidas ou mesmo blocs que fossem trazidos pelas alluviões do Amazonas, porque então perderia toda importancia.

Estud
encontrar
atirei-me,
procurava
donde tin
infructifer
lisados, t
indicassen
dos maior

Achei,
para o ma
mais me c

Dessas
payós, Tre
Urubú e a
Escama,
da Chinell
todos os l
tendidas A
estiveram
tudos se
Brazil con
peitava qu
Amazonas
critico, que
amuleto,

ligou esse
aqui lavrar
recida acc
ridade des
antes do C
ao Muyrak
para o Braz

Se não
delle tratar
de pedras

Estudando a possibilidade de uma emigração, o que encontrara nos costumes e n'outros objectos archeologicos, atirei-me, entretanto, a procurar as jazidas. Ao passo que procurava os objectos feitos, pesquisava o solo, o berço donde tinham sahido. Todas as minhas pesquisas foram infructíferas, não só não encontrei jazidas, como nem civilisados, tapuyos ou indios me deram informações que indicassem possibilidade de encontral-as e, até hoje, apezar dos maiores esforços, ainda não tive noticia alguma.

Achei, é verdade, lendas, e estas quasi sempre tendendo para o maravilhoso e para o mytho. Quanto mais procurava mais me certificava que a origem do Muyrakytã era asiatica.

Dessas pesquisas nasceram as explorações dos rios Tapayós, Trombetas, Aripekuru, Yamundá, Uatumã, Yatapú, Urubú e as serras da Taperinha, Piroka, Pikiátýba, da Esecama, Kurumu, Yacytaperé, Dedaró, Emé, Uatá-poku, da Chinella, Kunury, Sakury, de Parintins, etc. e a de todos os lugares que, se não foram habitados pelas pretendidas Amazonas, o foram por tribus que com ellas estiveram em contacto. Estas minhas pesquisas, e estudos se passaram em uma época em que ninguem no Brazil conhecia archeologicamente o Muyrakytã, ou suspeitava que no Brazil havia a jade, ou que as *Pedras das Amazonas* fossem dessa rocha. Entretanto hoje, diz um crítico, que eu só liguei importancia archeologica a esse amuleto, depois que o professor Henrique Fischer a elle ligou essa importancia. Não posso, por isso, deixar de aqui lavrar um protesto contra essa malevola e imerecida accusação com a qual se me procura tirar a prioridade destes estudos. Apresento aqui provas de que antes do Conselheiro Fischer dar importancia archeologica ao Muyrakytã, já eu o prendia a uma emigração asiatica para o Brazil. E foi essa e não outra a que sempre liguei.

Se não me merecesse attenção em escripto algum delle trataria, como não tratei do *tembetá*, tambem feito de pedras verdes e brancas.

Passo a fazer o historico pelo qual provo que ninguem antes de mim tratou archeologicamente dessa pedra, se bem que, muito depois de Humboldt, alguns autores dessem as populações americanas como oriundas da Asia; contudo nenhuma dessas opiniões foram baseadas nesse amuleto.

A primeira vez que ouvi fallar no Muyrakytã foi pouco depois da minha chegada ao Pará. Indo ao mercado, vi ao pescoço de uma velha tapuya, pendente de um collar, entre uma madeixa de cabellos, encasloada em ouro, alguns santinhos de osso e uma tromba de um scarabeo, um cylindro de uma pedra verde, que me chamou a attenção.

Perguntando o que era aquella pedra, respondeu-me que um *Muyrakytã*, para livral-a de certas molestias. Não me importei na occasião de obter o objecto e tomei nota sómente da crença. Conversando posteriormente sobre o Muyrakytã, disseram-me que era um objecto excessivamente raro que vinha de Santarém e Obidos. O mesmo me affirmaram depois em Monte Alegre, onde outr'ora tambem appareciam, quando fiz as explorações das serras do Ereré, Aruchy e Paytuna.

Como disse acima, quando cheguei a Santarém, soube que no Lago Verde se encontravam os taes Muyrakytãs e obtendo um, por intermedio do meu amigo Dr. Antonio Joaquim Gomes do Amaral, Senador do Imperio, hoje fallecido, vendo ser jade, e ligando, como disse, logo grande importancia ao objecto, comecei os meus estudos preliminares sobre elle. Estes estudos, então, eram sementes que não sabia que fructos dariam, pelo que não podia aventurar opinião definitiva; mas, apezar disso, no meu Relatorio sobre o Rio Tapayós disse á pags. 51: « Nas suas terras antigamente e ainda hoje, mas é raro, encontravam-se contas feldspatho (Muyrakytãs) pelo que muitos, em vez de Borary, querem que seja Puerary. *Destas contas usadas pelos Tapayós, depois fallarei.* » Isto escrevi quando passei em Borary, no dia 20 de junho de 1872.

Posto
depois qu
tanto que
mercio de
parte pu

Mais
em 1875,
de 1874,
comparaç
talvez, al
Brasil. »
leto com
não parec
com o h
Muyrakytã
o mais va
contacto
Europa. »

Antes
que sahiu
de 1874, o
o mesmo
sobre o M

Em 9
Gram-Par
habitou un
a das Am.

Mais t
cação dos r
disse, falla
a quem de
Pedra Ver

O artig
Novo Mund

Por toc
occupei cor

Posto que meu Relatorio fosse publicado em 1875, depois que cheguei á Côrte, comtudo foi escripto em 1872, tanto que o seu principio foi publicado no *Jornal do Commercio* de 14 de agosto do mesmo anno e logo depois da parte publicada vem o trecho que acabo de citar.

Mais tarde, no Relatorio sobre o Yamundá, publicado em 1875, mas remettido ao Governo no dia 7 de outubro de 1874, tratando do Muyrakytã disse, á pags. 51: « A comparação dos dous, julgo conveniente, porque trará, talvez, alguma luz para o estudo da raça primitiva do Brasil. » A' pag. 52 accrescentei: « Emfim, é um amuleto com todos os seus encantos. A afinidade entre ambos não parece ter sido um uso estabelecido pelo *contacto com o homem do Oriente?* O que é innegavel é que o Muyrakytã, como *objecto de archeologia monumental é o mais valioso e notavel do Brasil*... tem pontos de contacto com o da *gentilidade antiga do Oriente da Europa.* »

Antes da publicação deste Relatorio, em um artigo que sahio no *Diario do Gram-Pará* de 5 de novembro de 1874, que foi transcripto pelo *Jornal do Recife* de 23 do mesmo mez, disse: « Pelos estudos que tenho feito sobre o Muyrakytã, etc. »

Em 9 de fevereiro de 1875, pelo mesmo *Diario do Gram-Pará*, escrevi: « Na parte, pois, elevada dessa ilha habitou uma tribu, que guiada pelo *Muyrakytã*, soube ser a das Amazonas. »

Mais tarde, em 16 de março de 1875, antes da publicação dos meus Relatorios, o mesmo *Diario do Gram-Pará*, disse, fallando dos meus trabalhos: « Barbosa Rodrigues a quem devemos os *primeiros estudos* do muyrakytã, a *Pedra Verde* de La-Condamine e Buffon, etc. »

O artigo em que veio este trecho foi transcripto pelo *Novo Mundo* de 23 de junho do mesmo anno.

Por todas estas linhas se vê que desde 1872, que me occupei com a jade, dei-lhe por berço a Asia (Oriente) e

a tinha como vinda para o Brazil trazida por uma emigração, o que estudos posteriores confirmaram.

Quando nesses trechos fallava de *estudos*, se referiam elles á questão asiatica.

Vê-se que, datando de *junho de 1874* a minha exploração do Yamundá, factó communicado ao Governo em 7 de outubro do mesmo anno, e provado que nessa data eu dizia que o *muyrakytá era um objecto valioso vindo da Asia por uma emigração*, parece-me que não adoptava opinião de ninguem. Resta-me provar agora que foi posteriormente a tudo isso que chegou ao Brazil a noticia de que o professor Henrique Fischer publicara um trabalho sobre a nephrite, em que apresentava a probabilidade de ser a jade americana proveniente de uma emigração:

O notavel director do Museu de Friburgo, em Baden, o conselheiro Fischer no n. 5, pags. 36 a 38 da *Correspondens blatt der deutschen Gesellschaft fur Anthropologie Ethnologie und Urgeschichte*, de maio de 1874, publicou o seu trabalho *Bitte um Mexikanische und brasilianische rohe oder verarbeitete nephrite, etc.*, datado de 11 de março, que só me chegou ás mãos em 1879. Foi o seu primeiro trabalho sobre a nephrite, por elle mesmo certificado a pag. 305 da sua *Nephrit und jadeite*, publicada em 1875.

Para se ver que não adoptei a opinião de Fischer e que foi sempre a minha, basta transcrever aqui o que me disse elle na primeira carta que me escreveu em 1 de outubro de 1878, por onde se vê que elle então não tinha ainda opinião formada, e que foi pela nossa correspondencia que elle mais se convenceu.

Diz elle, na referida carta, maravilhado por ver que os povos da Asia e os da America tinham a mesma predilecção pela jade: «Si l'on n'y veut pas voir *le jeu du hazard* ce que n'est pas très vraisemblable on peut penser à une connaissance primaire de ce nephrite, gagnée parquelqu'un peuple et etendue plus tard par des migrations.»

Em
que o m
pelos por
Amazona
Adoptei
como tod
estão ma
Tanto
tica que
assim me
se puder
feito: mo
de civilis
com povos
Esses
fazem o p
Quand
parecido
feito por
Nesse
phia não
o profess
a fazer al
No Museu
dade, preci
tiam para
do esqueci
Tão po
creto que
separou pel
ficando ape
um novo p
Em 187
essas reliqu

(¹) Explora

Em 1878 dizia-me isso, quando eu já, em 1874, havia dito que o *muyrakytá* dava luz sobre a raça primitiva do Brazil pelos pontos de contacto que tinha havido entre os povos do Amazonas e os da Asia. De quem é pois a prioridade? Adoptei idéa alheia? Não. Alarguei apenas os meus estudos, como todos o fazem, sempre no mesmo sentido, e que hoje estão mais adiantados, posto que ainda não completos.

Tanto eu tinha apontamentos sobre a emigração asiatica que no mesmo Relatorio do Yamundá, á pag. 94, assim me exprimi: «Material tenho reunido para um dia, se puder, escrever o resultado dos estudos que tenho feito: mostrar que, apezar da barbaria, havia um estado de civilisação muito mais prospero e *fructo de contacto com povos mais adiantados do que os Incas do Perú.*»

Esses apontamentos, mais desenvolvidos, são os que fazem o presente livro.

Quando entregava-me a estes estudos não tinha apparecido trabalho algum sobre archeologia no Brazil, feito por Brasileiro.

Nesse tempo o estudo da archeologia e da ethnographia não existia entre nós, pelo menos officialmente; só o professor americano C. Hart tinha começado em 1871 a fazer algumas collecções para seu estudo particular. No Museu Nacional do Rio de Janeiro existiam, é verdade, preciosos objectos que os curiosos para ahi remetiam para serem guardados, mas tudo ahi vivia no pó do esquecimento, sem merecer estudo algum.

Tão pouco merecia a sessão archeologica, que o decreto que deu novo regulamento, em 1875, ao Museu, separou pelo art. 3º essa secção daquelle estabelecimento, ficando apenas annexa ao Museu, até que se creasse um novo para o estudo da archeologia e ethnographia.

Em 1875 (1) ainda, exclamava eu: «*Entretanto essas reliquias de outras éras vão desapparecendo com*

(1) *Explor. e Est. do Amaz. Rio Yamundá*, pags. 95.

o indifferentismo de hoje, perdendo assim a história valiosos documentos. Com que admiração não se olha para aquelles que dão importancia a essas riquezas soterradas! Caminho o archeologo, aconselhava eu, e sorria-se do indifferentismo, porque só elle reunindo os numerosos monumentos de uma civilisação extincta, que por ahí estão disseminados, pôde levantar o véo que encobre o mysterio da apparição da civilisação do homem americano...»

Felizmente a semente que Hartt e eu lançámos em terra (desculpem-me o vituperio), germinou e parece querer formar uma arvore: se fór conscienciosamente cultivada, ha de produzir bons fructos.

Informado que, a não ser em Alter do Chão, não se encontravam Muyrakytãs se não no Yamundá e na costa de Obidos, a não ser algum usado por alguma tapuya, e ahí tambem achado, quando me dirigi para Obidos, toda a minha attenção para esse ponto prestei. Com effeito dessas duas regiões, das excavações que ahí fiz e das minhas pesquisas consegui obter não só onze objectos de varias fórmas e côres, como alguns fragmentos.

A importancia, que eu cada vez mais ligava, colhendo provas de que a rocha não era indigena, o empenho que fazia para obtel-os, o dinheiro que offerecia, fez com que alguns tapuyos, que porventura possuíam-nos, os occultassem e não os mostrassem, julgando possuir um thesouro, que na realidade, archeologicamente o é. Já para elles o Muyrakytã era um talisman, tanto que com muita difficuldade, mesmo antes da minha procura, cediam, porque ligam-lhe virtudes imaginarias, perpetuadas pela tradição.

Elle cura a *colica-nephritica*, a *epilepsia*, a *esquinencia*, as *molestias do figado*, dá *leite*, e torna respeitado a quem o traz comsigo. Dahi lhe veio tambem o nome de *pedra nephritica* e *pedra de la hijada* que originou o de *jade* ⁽¹⁾. Joan Curvo Sem medo (Semedo) na sua *Polyanthea me-*

(1) A jade na China tem o nome de *yü*, na Persia de *yschen* e na Mongolia o de *Kgusch*.

dicinal,
de ta hi
rins», as
nome de
essas ped
seram-m
barriga,
sentem o

Sem
rios, com
nephritica
dencia ne

O mi
Maranhã
demia do
que exist
durecido

O gro
producto
materia p
as fórmas
e a densi
esclareceu

O Bis
que os M
dera, por
de rosa. A
do Amazo

que os an
O valo
mesmos d

(1) A Po

(2) Gouve
raient bien ne
de l'art, et pr

dicinal, publicada em 1725, á pag. 532 diz que a *pedra de la hijada* é boa para «deitar as aréas e as pedras dos rins», assim como La Condamine também diz que com o nome de *Pierre Divine* (1) escreveram um tratado sobre essas pedras, consideradas therapeuticamente. No Perú, disseram-me, que as mulheres grávidas o trazem ligado á barriga, para que os filhos, quando nascem não se apresentem de beiços rachados.

Sem ligar importancia archeologica, não só missionarios, como viajantes, fallaram da *pedra verde*, ou *pedra nephritica*, mas sem que conhecessem a origem e procedencia nem mesmo a sua verdadeira composição chimica.

O missionario José de Moraes, nas suas *Memorias do Maranhão*, assim como Seyfried nas *Memorias da Academia de Berlim*, de 1747, dizem que é um barro verde que existe no Amazonas, que, molle sob a agua, fica endurecido como o diamante, exposto ao sol.

O grande estylista Buffon (2) acreditava que fosse um producto da arte e da natureza, isto é, que esta fornecia a materia prima em estado pastoso e que aquella lhe dava as fórmas, para ser levado ao fogo, onde adquiria a rigeza e a densidade que depois apresentava. Humboldt mais tarde esclareceu este ponto.

O Bispo Frei João de S. José Queiroz também pensava que os *Muyrakytās* eram de uma argilla verde que se perdéra, porque elle só vira a amarella, a vermelha e a côr de rosa. A variedade de argillas que existem nas margens do Amazonas levou, nos primeiros tempos, a acreditar-se que os amuletos eram de uma argilla especial.

O valor e as virtudes, que ligam ao *muyrakytā*, são os mesmos do amuleto asiatico; o que prova uma tradição.

(1) A Pedra Divina é o *Teotl* dos Aztecas e o *Σεσῶ πέτρα* dos gregos.

(2) *Oeuvres complètes*. Paris, IV, pags. 170 e 171. Sa dureté et densité pouraient bien ne lui avoir pas été données par la nature, mais imprimées par le secours de l'art, et principalement par l'action du feu.

Vejamos se elle tem as propriedades, que desde a mais remota antiguidade tem tido o amuleto.

O amuleto, que creio vem da palavra arabe *hamalet*, e quer dizer «o que é suspenso», teve a sua origem na gentildade do Oriente, passou á do Occidente e entrou no Christianismo.

Era de *pedra, simples, com figuras, com inscripções, de varias fórmas* e sempre eram trazidos *suspensos ao pescoço*, para evitar molestias, *cural-as*, etc. Os gregos tiveram o *phylacterion*, os romanos o *amuletum*, assim como os christãos tiveram alguns com a inscripção *ichthus*, cuja traducção era I. C. T. H. U. S. ou *Jesous, Christos, Theou, Uios, Soter* Jesus Christo, filho de Deus, Salvador.

O *muyrakytã* tem, pois, todos esses attributos do amuleto asiatico: E' de *pedra, simples, com figuras, com inscripções*, evita molestias, as cura, e é trazido suspenso ao pescoço.

Dessallier d'Argenville, (1) tratando da jade, diz: «On s'en sert effectivement en les perçant pour des *amulettes*, qu'on porte au *col*, aux *bras* et sur les *reins*.»

Ainda hoje para muitos o *muyrakytã* é uma pedra sagrada; tanto que o individuo que o traz ao pescoço, entrando na casa de algum tapuyo, se disser: *muyrakytã katu*, é logo muito bem recebido, respeitado e consegue tudo quanto quer!

E', ou não, uma tradição asiatica que acompanha esse objecto? Não é o *tambarane*, no qual têm uma fé cega os Hindus e outros povos da Asia?

Buffon disse: «Il serait difficile de deviner sur quel fondement les Orientaux et les Americains se sont également, et sans communication, infatués de l'idée des vertus médicinales de cette pierre.» (2)

(1) Hist. nat. *L'oryctologie*. Paris. 1755. pag. 181.

(2) *Œuv. completes*, VI, pag. 171.

Com a fôrma cylindrica e perforados, como os que encontrei no Amazonas, existem os da Babylonia, alguns no Museu de Graz, os quaes foram descriptos e figurados pelos professores Fischer e Alfredo Wiedmann. (1)

Sem contestação o *muyrakytã* é um *amuleto* ou *talisman*, o *pendeloque* dos francezes, com todos os seus attributos, feito de uma rocha durissima, como é a nephrite, da qual são feitos os mesmos ornamentos asiaticos.

Quando descrevi a região do rio Yamundá, d'elle tratei de passagem, porém agora aqui o farei com mais desenvolvimento, mesmo para que bem patente se torne, que no Brazil, antes que d'elle me occupasse scientifica ou archeologicamente, ninguem o conhecia.

O Sr. Gabriel de Mortillet, (2) tratando dos *pendeloques*, da sua época *Robenhausiana*, a primeira do homem actual, diz:

«Les pierres percées étaient considérées comme envoyées par la divinité pour être portées; c'étaient des pierres prédestinées à être suspendues; aussi les recueillait-on avec-soin.»

(1) Weber Babilonische Talismane. Cylinder und andere Formem. Stuttgart. 1881.
(2) *Le Préhistorique*, Antiquité de l'homme, pag. 586.

III

ORIGEM DO MUVRAKYTĀ E SUA NATUREZA

Qual é a origem do muvrakytĀ no Amazonas?

E' desconhecida no valle do grande rio, só é conhecido o nome, entre os tapuyos e os escriptores que delle trataram, que tambem lhes dão o nome de *pedras das Amazonas*.

Castelnau diz que em Manãos, antiga Barra, lhe deram algumas contas cylindricas de jade, ás quaes os indios attribuem grandes virtudes medicinaes, mas que lhe foi impossivel saber de que localidade vinha o mineral. « *Les indiens disaient seulement qu'il n'était pas du pays.* » (1)

No Amazonas nunca tapuyo ou indio algum, desde a mais remota antiguidade, pretendeu que a rocha fosse do valle deste grande rio; sempre affirmaram que obtinham os objectos por meio de trocas, e por isso vejamos se em alguma parte da America se apontavam as suas jazidas.

Charlevoix, affirma que os Haytianos (Karaybas) usavam as *pedras verdes*; mas, que *nunca foram achadas na ilha ou suas immediações*.

Em S. Carlos, no Rio Negro, disseram a Humboldt que o lugar onde se descobriram essas pedras era *nas nas-*

(1) *Kist. du voyage*. V. pag. 115.

centes d
Rio Car
é, que e
bem nã
Ape
Hartsma
Rio Bra
atravess
pelo Ric
por um
Razi
veremos
Granada
Bernard
restaura
Os in
gleza e
como ser
contrara
suas jazid
O m
dos objec
tribu a
bonheur.
No p
huills era
hespanho
então se
como os
porque já
rompidas
ou invasõ
Vejam
se occupar
este nome
que delle

centes do Orenoco e do Rio Branco, mas, nas missões do Rio Carony e em Angustura, lhe disseram o contrario, isto é, que era nas nascentes do mesmo Carony, onde tambem não foram achadas.

Apezar dessas indicações, nem Humboldt, nem Chirurg Hartsmann, que, em 1739, subio o Esequibo e veio até ao Rio Branco; nem Don Antonio dos Santos, quando, em 1775, atravessou esses lugares, sahindo de Angustura e descendo pelo Rio Negro, descobriram e todos tomaram a tradicção por um mytho.

Razão, entretanto, havia para assim informarem, como veremos adiante, porque pela região do Orenoco e Nova Granada desceram os Muyrakytās, que são os mesmos que Bernardo de Sahagun viu sendo usados pelos Nahuas, pela restauração do Mexico.

Os irmãos Schomburgks, que exploraram a Guyana Inglesa e percorreram as regiões apontadas pela tradicção como sendo as das fontes d'onde sahiram as jades, nada encontraram, posto que se interessassem em reconhecer as suas jazidas.

O mysterio, sempre o mysterio sobre as jazidas dos objectos, que só appareciam manufacturados e, de tribu a tribu, passavam como pedra sagrada e porte bonheur.

No proprio Mexico, onde os muyrakytās, ou *chalchihuitls* eram, nos primitivos tempos, trabalhados, a invasão hespanhola só encontrou os objectos feitos e os que ali então se fizeram posteriormente eram os de *Amazonstone*, como os de quartzo, que ainda hoje se fazem no Rio Negro, porque já as communicações com a Asia estavam interrompidas e haviam só os que vieram nas primeiras épocas ou invasões.

Vejamos ainda o que disseram alguns escriptores, que se occuparam do Muyrakytā brasileiro, para mostrar que este nome é antiquissimo e que é verdadeira a traducção que delle dei.

Mauricio Heriarte, que em 1632 foi Ouvidor na capitania do Pará, diz: « E por este rio dos Tapajós vão a regatar madeiras, redes, urucú e pedras verdes, que os indios chamam *buraguitãs* e os estrangeiros do Norte estimam muito. »

O padre José de Moraes, que desde 1736 missionou no Amazonas, na sua *Historia da Companhia de Jesus* publicada em 1759 diz: « Chama-se estas pedras pela lingua dos indios *Puuraquitan*. O certo é que ha estas pedras entre os indios e eu tive uma grande e ainda se não sabe o lugar onde se acham e d'onde se tiram. »

O bispo Frei João de S. José de Queiroz, na sua *Via-gem e visita ao sertão*, em 1732, tratando da *pedra verde*, que vio em Santarem, diz: « Chama-se esta pela lingua geral, que é a dos Tupinambás, corrupta, *Uuraquitan*. isto é, *nó de páo*. »

Buraguitã, *Puuraquitan*, *uuraquitan* são nomes originados da má audição e da orthographia, porque não passam de uma corruptella de *mbyrã* e *kytã*.

No nheengatu moderno, *mbyrã* passou a ser *muyrã* e *muirã* e *mirã*, pronunciando com *y* guttural os velhos tapuyos e com *i* os civilizados, o que modifica o sentido, porque *mirã* é gente e não *páo*.

Muyrakytã significa *no de páo* ou de *madeira*, pela semelhança que algumas jades têm com a madeira.

Spix e Martius, na sua *Reise in Brasilian* escreveram *muragueitã*, porém Montoya escreveu *Ibyraqyutã*, d'onde a traducção de *nudo de páo*.

Muyrakytã, em geral, quer dizer tambem *talismã*, ou *amuleto*.

Além destes nomes, dados pela lingua dos Tupinambás, tem outros nos dialectos das tribus que o usaram. Assim é *Alibj*, entre os Uaboy; *Nanacy*, entre os Tarianas, *Naçuruki*, entre os Katauichis; *Kumarito*, entre os Guahibos, etc.

Esses são os nomes, que hodiernamente dão os natu-raes, porque, outrora, teve a preciosa pedra tambem os

de It
Itapa
distin
mbac
des (

partos
Brazil
viajou
itáoby

Jg
por se
riaes,

lendas

Jã

Morae

kytã e

strum

ditava

os do

a dur

como c

explica

Di

uniam-

nada p

uma fe

fundo e

estavan

se refle

iam ao

os mesr

mas em

A m

de *Itãobymbac*, que Martius escreveu *itã ybymbac*, e o de *Itãpoçanga*. O primeiro era applicado geralmente para distinguir a qualidade da pedra (*itã*, pedra, *oby* azul, *mbac*, a que é) e o segundo para exprimir as suas virtudes (*itã*, pedra, *poçanga*, remedio) como as de prevenir partos laboriosos, etc. Esses são os nomes dados no Brazil, porque muitos outros têm nos paizes por onde elle viajou. Os indios do Rio Negro conservam ainda o nome *itãoby*, pedra azul ou verde.

Ignorando-se a sua procedencia e sendo mui raras, por ser uma herança transmittida de tempos immemoriaes, grande valor lhe davam, acompanhado de varias lendas que colligi, e que aqui refiro.

Já vimos que Heriartê, Frei João de S. José, José de Moraes, Siegfried e Buffon davam-lhe o nome de *muyrakytã* e não podendo explicar como se trabalhava sem instrumentos uma pedra de uma rigeza extraordinaria, acreditavam que os habitantes da America, e principalmente os do Amazonas, possuiam uma argilla molle, que tomava a dureza que mais tarde apresentava; agora veremos como o indio na sua imaginação, propensa ao maravilhoso explicava a sua origem baseado nas lendas.

Dizem que, outr'ora, no lago *Yacy-uaruá* ⁽¹⁾ reuniam-se Amazonas em certa época do anno, em determinada phase da lua, e depois de dias de expiação faziam uma festa dedicada á lua, e á *mã* do *muyrakytã*, que no fundo do lago habitava. Finda a festa, quando as aguas estavam limpidas e nellas, como em um espelho, a lua se reflectia, todas as Amazonas se lançavam no lago e iam ao fundo receber das mãos da *mã dos muyrakytãs* os mesmos, com as fórmas que desejavam. Sahiam molles, mas em contacto com o ar endureciam.

A *mã* do *muyrakytã* é a *Yácumama* dos Incas.

(1) *Yacy*, lua, *uaruá*, o espelho.

Outra, que ouvi de um velho Uaboy, cuja tribo foi contemporânea da dos Kunuris, diz que no lago Yacy-uáruá os muyrakytlás existiam vivos, como peixes, e que as Amazonas, reunidas em torno do lago, feriam uma parte do corpo e lançando o sangue na agua, aquelle sobre o qual este cahia, parava. Então a mulher lançava-se n'agua e o apanhava, e com elle presenteava o homem que lhe tinha feito ser mãe de uma filha, porque os filhos eram rejeitados ou mortos.

Quando o indio nos refere assim a origem do muyrakytlá, tomamos isso como lendas, porém não o são. E' o reflexo de uma reminiscencia; é a verdade que elle apresenta, envolvida no manto tenebroso do passado e, sinão, vejamos:

Nas noticias dadas sobre a cidade de Khotan, extrahidas dos annaes chinezes escriptos na dynastia de Thang, no anno de 632 da nossa éra, diz Blondel que: « logo que avistam á noite a localidade, batida em cheio pela lua, o povo mergulha no rio para ir buscar as pedras mais finas ». Não é isso que referem os indios, com os atavios de sua imaginação? Aqui a verdade, ali a mesma disfarçada. Explicarei: A jade ou nephrite é encontrada em duas localidades differentes: dentro dos rios ou espalhada nas montanhas. A do rio é a mais bella em côr e ás vezes cortada de veias azues e a das montanhas tem a apparencia de *nó de madeira* em geral cortada de veios pardacentos.

O Dr. Foreman diz: « That from the mountain is ordinarily veined brown, and has somewhat the appearance of wood. »

D'ahi vem o nosso nome indigena, talvez porque outr'ora fossem mais usados os d'essa apparencia. O que é exacto é que, na China, tambem se conhecem as jades pelo nome de *nó de páo* ou de *madeira*.

Hoje a *pescaria* das jades, tal é o nome que se dá na China á sua procura, quando d'ellas precisa o Imperador, e que mostra tambem o seu apreço e o seu valor,

é ass
por o
tempo
de um
verme
marca
timetr
Pekin.

Ju
da Ch
do Cel
que re
raizes

Pe
em a
cação
as ru
sentan

Di
ferindo
hespar
ger m

a habl
cuenta
Estas j
terra i
vfo do

Rei qu
NA
o muy
visitou
áquelle

é assim feita: Vinte ou mais soldados, guardados á vista por officiaes, põem-se em linha e mergulham todos a um tempo; aquelle que primeiro acha alguma, sahe e ao toque de um tambor, em uma folha de papel faz-se um signal vermelho. Acabada a pescaria, um inspector separa e marca as melhores, que nunca attingem mais de 40 centimetros de comprimento. Escoltadas seguem depois, para Pekin, as jades.

Justificado o nome de muyrakytã, com o de *nó de pão*, da China, indenticado tambem fica a lenda com a *pescaria* do Celeste Imperio, não sendo as outras lendas mais do que reminiscencias da immigração Nahua-quiché, que tem raizes no mesmo continente.

Para justificar-me, não tenho remedio, senão apoiar-me em autoridades competentes, para estabelecer a identificação precisa, entre a civilisação Amazonense e a que as ruinas do Mexico, America Central e Perú apresentam.

Diz Herera⁽¹⁾ e Frei Gregorio Garcia o confirma referindo-se á crença que ha entre os indios da America hespanhola, que: «Vio en el profundo de lo mar vna muger mui hermoza, a quien entró por el agua como Buso, a hablar, i ella, en *agradecimento de la visita* le dio vnas *cuentas* de marmol i las que los indios llaman *Cibas*: Estas joias vfavam despues todos *los Señores* i *Reis* de aquella terra i las tienen por *cosa sagrada* i *divina* por haver vfado de ellas Vagoniana; que fui el primero Señor, i Rei que houve.»

Não é a Ikamiaba mergulhando no lago para ir buscar o muyrakytã, para com elle presentear o homem que a visitou? Não eram com os muyrakytãs que ellas pagavam aquelles que reproduziam a sua especie?

(1) Dec. I. to, 5 cap. III e libre, 9 cap, II. Origen de los Indios, cap. II. pag. 319.

Não é ainda o *nanacy* ou *tuichauaitá*, que usam os Uaupés como insignia de realzo.

O *muyrakytā* no Mexico, (*chalchihuitl*), estava tão ligado a *Quetzalcoatl* e a *Taloc* como á *Chalchihuitlicue*, (a mãe do *muyrakytā*), deusa das correntes, dos lagos e dos rios, a *Kurumu* dos Karaibas, a *mama yacu* dos Peruanos, que a festa que se lhes fazia era commum, em um só dia; era no dia primeiro do primeiro mez do Calendario Azteca que corresponde ao mez de Fevereiro.

Vimos que as propriedades do *muyrakytā*, são as mesmas do amuleto asiatico; vimos que a sua origem é desconhecida no Amazonas e que as fabulas que dão a sua procedencia filiam-se á Asia, agora vejamos de que elle é feito e donde se origina.

Todos os *muyrakytās* que vi e que possuo, assim como os unicos dois de origem brazileira que existem na Europa, levados pelo Dr. Martius e que figuram nos museus de Berlim e de Munich ⁽¹⁾ são da rocha conhecida pelo nome de *nephrite*, ou jade oriental, considerada por Confucius (Cung-futseu) como o symbolo da virtude, pelas que lhes davam os sabios que se perdiam na noite dos tempos.

O professor Fischer divide a verdadeira jade, que pertence ao grupo dos *amphibolis*, em tres variedades: *nephrite*, que é uma hornblenda muito homogenea, de um verde mais ou menos escuro; *jadeite*, em que chimicamente a magnesia é substituida pela argilla e a *chloromelanite*, que contém particulas escuras e amarellas. O peso especifico da primeira é 2.94 a 3.06, da segunda 3.1—3.9 e da terceira 3.32—3.41. A sua composição chimica é variavel, como se vê do quadro junto

A proporção na quantidade varia, um pouco, segunda a côr.

(1) *Comptes rendus de l'Acad. des Sciences*, Tom. 61, 1865.

De
annos,
compos
serpent
feldspat
parou-s
jade ver
alumina
centesim
dade de
serito,
comprel
rochas

Fisc
varieda
neralogi
simples

Dist
densida
muito.
2.96, pa
Ultiman
para de
não se p
a rocha,
mentos
determin
pela du
chegar a
probabi
azul.

Sen
que tenh
aziatica,
de 2.86
que é a

Debaixo da denominação de *jade*, durante muitos annos, estiveram incluídas diferentes rochas, de diferente composição chimica, como: saussuritos (jade de Saussure), serpentinas, orthoklas, falsitos, amazonstone, selicatos verdes feldspathos verdes, etc. Depois dos estudos de Damour separou-se a jade oriental ou nephritica a jade branca, da jade verde ou jadeite, porque se compõe de um selicato de alumina, de soda e de cal, na qual ha cincoenta e nove centesimos de silica. A nephrite passou a ser uma variedade de tremolito ou de hornblenda e a jadeite um Werserito, ficando a jade de Saussure, sendo um Saussurito, comprehendido entre as rochas feldspathicas, e aquellas, nas rochas amphibolicas.

Fischer e Damour, depois de analyses de centenas de variedades de jades, dividiram ellas em duas especies mineralogicas, nephrite e jadeite ficando a chloromelanites como simples variedade da jadeite.

Distingue-se pelo grau de fusibilidade, pela cor e pela densidade, mas pela composição chimica approximam-se muito. Estabeleceram para a primeira o peso especifico de 2.96, para a segunda 3.1-3.9 e para a terceira 3.32-3.41. Ultimamente, porém, (1885) o peso especifico, que servia para determinar a especie, não serve sinão para auxiliar, não se podendo garantir por elle a qual das especies pertença a rocha, porque em outras variedades, com os mesmos elementos chimicos da jadeite, vê-se que esta pôde ter a densidade determinada para a nephrite e descer a 3.1 e a 3.0. Só pela dureza, verificada a composição chimica, se poderá chegar á verdade. Na falta desta, pela densidade haverá probabilidade de ser jadeite si a cor verde tender para o azul.

Sendo, pois, os *muyrakytās* ou pedras das Amazonas que tenho e possuo os originaes da verdadeira nephrite asiatica, da qual tem o mesmo peso especificos que varia de 2.85 a 3.155, a mesma composição e a mesma dureza, que é a de 6, pela escala de Mohs, alguma jazida desta

rocha deve haver sinão no Amazonas, ao menos no Brazil ou na America do Sul.

Porém, vejamos se algures já foi encontrada.

A descoberta geralmente de todos os productos da natureza é feita pela ganancia commercial para a qual não ha sertão e nem difficuldades que não vença. A historia do Brazil ahi o está provando a cada passo.

O ouro, a prata, o pau Brazil, o diamante e mais pedras preciosas, a salsa, o cravo, a copahyba e ultimamente a borracha, levaram sempre audaciosos pesquisadores aos centros infestados de indios e aos sertões mais reconditos, podendo-se dizer que quasi não ha no Brazil um só ponto que não tenha sido já tocado pelo pé civilisado, em procura de generos para commercio.

Florestas virgens de hoje, habitadas por gentios, já outr'ora foram percorridas por civilisados. Ora, a nephrite e a jadeite si tinham tão alto preço, pelas suas virtudes medicinaes, como dizem todos que della têm tratado, si isso, no Mexico, fez com que os hespanhóes se cansassem em procural-a, sempre em vão, por que razão os portuguezes, que não teem genio commercial menos activo, andando á cata de ouro, prata e pedras preciosas, por invios sertões, não a acharam?

Pedro Alvares, Thevet, Gabriel Soares, Fernão Cardim, Ivo d'Evreux, etc. todos fallaram da *pedra verde*, e alguns a viram entre os Tupinambás, mas nenhum viu as suas jazidas. O que seria facil, visto como os portuguezes no seu massacre podiam ser guiados por alguns prisioneiros Tupinambás ao logar das jazidas d'onde elles tiravam a rocha. Mesmo os francezes, que com elles estavam em paz, que eram seus protectores, deviam ter achado asituação geologica dessas pedras. Ninguém, porém, as encontrou.

A confusão que reina entre os historiadores e viajantes acerca destas pedras é grande. Conheciam a virtude supersticiosa da pedra verde nephritica asiatica, não a conhecendo nem chimica nem mineralogicamente e vendo

com os
como or
pela que
orthose
verde inc

Os u
(tupinan
meiro diz
no sertã
duras e
que *mette*
lustro, r
ha *multa*
lavar pe
e grandes
de sete a
contra do
chamam
mui longe
verdes do

Um da
Existi
ram tanta
um só ves
objectos
mento? Q
construcç
pelo meno
ções que s
Bahia ou
em Portug
O que
pequena ja

(1) *Tratado*

(2) *Voyage*

com os Tupinambás uma pedra verde, por elles usada como ornamento no labio inferior e na face a tomaram pela que servia de amuleto e confundiram assim uma orthose com a nephrite, por isso todos deram á pedra verde indigena, em geral, as virtudes que tem a exotica.

Os unicos que dão noticias de jazidas da pedra verde (tupinambá) são Gabriel Soares e Ivo d'Evreux. O primeiro diz: ⁽¹⁾ «Deve-se tambem notar que se acham tambem no sertão da Bahia umas pedras azues escuras, muito duras e de grande fineza, de que os indios fazem pedras que *mettem nos beiços* e fazem-as muito roliças e de grande lustro, roçando-as com outras pedras... No mesmo sertão ha *muitas pedreiras* de pedras verdes... de que se podem lavar peças mui ricas e para se eslimarem entre principes e grandes senhores, e podem-se tirar da pedreira pedaços de sete a oito palmos, e estas pedras teem grande virtude contra dor de colica.» E o segundo: ⁽²⁾ «Os francezes as chamam *Pedras verdes* por causa de uma montanha mui longe da sua habitação, onde se acham mui bellas pedras verdes dotadas de muitas propriedades.»

Um dá noticia de jazidas no Maranhão, outro na Bahia.

Existiram realmente essas jazidas? Como se extinguiram tantas pedreiras e uma montanha, a não deixar hoje um só vestigio, si della extrahiam pequenos estilhaços, para objectos que não chegam a dous decimetros de comprimento? Quando mesmo fossem rebentadas á mina para construcções de casas, não deviam estar esgotadas, ou pelo menos haviam de apparecer muitos blocos, nas construcções que se arruinassem. Em algum templo primitivo da Bahia ou do Maranhão deve existir alguma lage ou mesmo em Portugal, para onde não deixariam de a levar.

O que nessas provincias havia de existir era alguma pequena jazida de beryllo, que são as pedras azues de G.

(1) *Tratado descriptivo do Brazil*, 1587. Rev. do Ins. Hist. XIV pag. 262.

(2) *Voyage au nord du Brésil*, trad. pag. 36.

Soares, de que os mesmos tupynambás faziam os seus *tambetás*, *metarobjys* e que ainda apparecem e ha amostras no Museu Nacional do Rio de Janeiro e em gabinetes particulares.

Essas pedras verdes, tão falladas, são aquellas *verdoengas* que tomavam de azul, que havim de comprimento de um dedo, de que nos informa Simão de Vasconcellos (1); são as que Sebastião Fernandes Tourinho, em 1572, atravessando do Rio Doce para o Jequitinhonha, encontrou nas fraldas da Serra dos Aymorés e são as que os Tupynambás usavam como batoque, cujo uso ficou perpetuado entre os Botocudos, que habitam ainda hoje as cercanias do rio Doce, mas que, por depravados ou por não encontrarem mais as mesmas pedras, as substituiram pelo *guimato* de madeira.

Porém, o *muyrakytã*, que serve de amuleto, é de *jade* ou *nephrite*, emquanto que o *tambetã*, é da rocha *berillo*, de que fallam os historiadores do Sul.

Ambas são *verdes*, ambas pertencem ao grupo dos silicidas, porém a primeira é um silicato calcareo e a segunda um silicato de alumina duplo; aquella é um *amphibole* e esta uma *orthose*. A *pedra verde das Amazonas* não póde por fórma alguma archeologica e mineralogicamente ser confundida com a *pedra verde tupynambã*. A simples inspecção occular as distingue; só quem não as viu confundirá.

« Les Quinchuas, nos diz Fidel Lopes, (2) ou mieux toutes les races populaires qui habitaient le Pérou, usaient des talismans et vénéraient comme des dieux la plus grande partie des objets qui marquaient par leur provenance quelque affinité avec les éléments et les forces vitales de la matière terrestre ou atmosphérique.

(1) *Chronica do Comp. de Jesus*, 1663. pag. 27.

(2) *Les races Aryanes du Pérou* pag. 244—245.

Un des
pierre; non
terrestre, e
nomenes d
matière céle

« C'est
levé plus d
mot à mot
son éclat, e
terre qui re
lement jeun

Accresce
põe a terra
que esse ef
propiciatori
destinados a
homem de

Garcilas

« Je me sou
qui étaient
et percées p
diz que algu
une pièce de

mação do Y
era a *nephri*
que se encon
A mesma e
seu tamanho
ragd tão est
pertença ao
comtudo tem
chimica mu

Se bem
tudo nunca

(1) *Hist. des*

Um dos objectos principais de ce culte idolâtre étoit la pierre; non seulement ils la tenaient pour base du globe terrestre, et, comme telle, pour principe interne des phénomènes de la vie, mais encore la considéraient comme matière céleste et divine.»

« C'est ainsi qu'ils adoraient l'émeraude et lui avaient levé plus d'un temple fameux. Ils la nommaient *Uminna* mot à mot la *substance divine verte*: sa dureté, sa couleur, son éclat, en faisaient à leurs yeux un symbole de la terre qui reverdit toujours et dont la beauté est éternellement jeune (inna.)»

Accrescenta ainda que como a pedra era o elemento que pôe a terra ao abrigo das vicissitudes do anno, acreditavam que esse elemento tinha grandes virtudes medicinaes e propiciatorias e dahi as figurinhas e os pequenos idolos destinados a curar molestias, satisfazer paixões e pôr o homem de posse dos objectos que excitam seus desejos.

Garcilaso, (1) tomo segundo, pag. 348, tambem disse: « Je me souviens d'avoir vu quelques Emeraudes à *Cusco* qui étaient comme des petites noix parfaitement rondes, et *percées par le millet* » como o *muyrakylâ*. Sobre a côr diz que algumas não eram bem verdes e pareciam antes *une pièce de verre attachée à l'Emeraude*. Por esta affirmacão do Ynca Garcilaso, vê-se que a rocha que usavam era a *nephrite* e não a esmeralda; são os *chuchos* (fusos) que se encontram ainda hoje em Cajamarca, tão idolatrados. A mesma esmeralda adorada em Mauta, vê-se que pelo seu tamanho, de um ovo de abestruz, não podia ser o *Smaragd* tão estimado ainda hoje e sim a *nephrite*, que, posto pertença ao mesmo grupo das silicatos de alumina duplos, comtudo tem côr, peso especifico, cristallisação e composiçãõ chimica muito differentes.

Se hem que no Perú existam bellas esmeraldas, comtudo nunca poderia ter uma de fôrma oval: a ser verda-

(1) *Hist. des Yncas* MDCCXV II., pag. 348.

deira esmeralda, seria um prisma hexagonal ou uma reunião de pequenas crystallisações.

Está hoje, penso, mais do que provado que nem no Amazonas, nem na America existe a rocha nephrite, em situação geologica, apezar de La Condamine supôr que deviam existir nas alluviões do Amazonas. (1)

Se existisse, já deveria ter sido encontrada, ainda que fosse sob a mais frondosa floresta ou mesmo os rios deveriam lançar ás suas praias alguma amostra, o que ainda não se encontrou.

O branco, o caboclo e mesmo o negro, levados pela ambição, não deixam passar o menor fragmento mineral, que lhes desperte a attenção pela cor, pelo brilho ou pela fórma, sem que o apanhe, e se bem que com mysterio, todavia o leva para os entendidos examinarem, guardando sempre em segredo o lugar onde o encontra. E' impossivel que sendo assim, nunca um só fragmento, que fosse, de pedra verde despertasse interesse aos roceiros, matutos, caipiras, sertanejos, caçadores e pescadores. Quanta cousa insignificante e inutil nestas condições não me tem sido mysteriosamente apresentada ?

O muyrakytã era importado feito, e si no Amazonas o faziam, era com a rocha trazida da Asia. No Perú, no Chile, na Columbia, em Guatemala, no Mexico e nos Estados Unidos tem-se encontrado desses amuletos (calchihuitls), das duas especies da rocha, porém ainda em nenhuma dessas regiões ella foi encontrada, até hoje, bruta ou naturalmente em jazidas.

Entretanto do Mexico, sahiram muitos *chatchihuitls* de jadeite (2) que se espalharam pela Europa, desde o tempo de Montezuma, não fallando nos falsos, que depois fizeram. Grande procura, houve, por causa de suas virtudes medicinaes; mas, apezar disso, até hoje, na America ainda não

(1) *Rel. obreg. d'un voy. fait dans l'intérieur de l'Amér. Paris. 1745.*

(2) *Two mexican chatchihuitls, Worcester, 1884.*

se encontr
foram as p
pela ganar

Tinham
que pertec
talhers, e L
um fragm
que custou
Fica, p
que são de
importados

De que
tos brasilei
Por toc
jade semelh
não foram

Da Asia
museus da
mesmo por
dessa rocha

Perto de
um chefe de
annualment
e Pashawar,
amuletos, e
melhantes e

Por que
parecido no
stição popul
crença de qu
menta, augr
apparecer pe

(1) *Ueber T*
1880, Bd. XII. P

nalou uma reunião

ado que nem no
cha nephrite, em
mine suppôr que
as. (1)

entrada, ainda que
esmo os rios deve-
stra, o que ainda

gro, levados pela
agmento mineral,
lo brilho ou pela
e com mysterio,
narem, guardando
tra. E' impossivel
to, que fosse, de
oceiros, matutos,
es. Quanta cousa
não me tem sido

si no Amazonas
sia. No Perú, no
Mexico e nos Es-
muletos (calchi-
porém ainda em
a, até hoje, bruta

s *chalchihuitls* de
a, desde o tempo
e depois fizeram.
s virtudes medici-
merica ainda não

se encontrou pedreira alguma, quando, entretanto, grandes foram as pesquisas empregadas pelos hespanhóes, levados pela ganancia commercial.

Tinham tal valor que Boetius refere que um pedaço que pertenceu ao Imperador Rodolpho II, custou 1600 talhers, e Laet diz, que se recorda de ter visto, em Inglaterra, um fragmento do tamanho da cabeça de um homem, que custou 500 libras sterlinas.

Fica, parece-me, fóra de duvida que os *muyrakytás*, que são de uma verdadeira jade, são objectos archeologicos importados ou trazidos por uma invasão estrangeira.

De que localidade provém então a nephrite dos amuletos brazileiros?

Por todo o sul da Europa se encontram objectos de jade semelhantes aos *muyrakytás*, mas ahí ainda tambem não foram encontradas as jazidas da rocha.

Da Asia existem numerosos objectos pre-historicos nos museus da Europa, e dalli sempre se suppoz que partissem, mesmo porque ainda ultimamente dalli tem vindo objectos dessa rocha.

Perto de Budha-Pesth, na Hungria, ha um tumulo de um chefe de seita chamado *Gul Baba* (pai das rosas), que annualmente attrahe muitos peregrinos, vindos do Kabul e Pashawar, na Asia Central, e são esses que trazem sempre amuletos, em fórmula de machadinhas, para a Europa, semelhantes em tamanho e fórmula aos do Mexico. (1)

Por que apparecendo a jadeíte no Mexico, não tem apparecido no Amazonas? Creio que isso é devido á superstição popular. Sendo uma das virtudes do *muyrakytá*, a crença de que elle trazido ao pescoço da mulher que amamenta, augmenta a secreção do leite, isso fez, talvez, desaparecer por abandono a jadeíte e só apparece a nephrite,

(1) *Ueber Timur's (Tamerlan's) Grabstein aus nephrite*. Arch. für Anthr. 1880. Bd. XII. pags. 469—471.

porque quanto mais clara for a rocha, como o quartzo, tanto mais leite produz. Sendo escura a jadeite, foi rejeitada e procurada a nephrite e o quartzo.

Para finalizar este capitolo, ainda algumas palavras, sobre a arte de esculpir a jade, afim de que se veja que foi ella ensinada na America, por invasores estrangeiros, como o foram aquelles Itzaes, que desembarcaram em Panuco e introduziram a civilisação que se irradiou pelas margens do gigante dos rios. Vem das éras mais remotas da Asia a arte de lavrar e ornamentar a jade, e, segundo Blondel, já no tempo do Imperador Koangli, isto é, 2637 annos antes de Christo, era muito apreciada e com ella se faziam obras delicadas, principalmente *figuras e amuletos*. A sua procura e estima era tal, que deu lugar a falsificações.

O mesmo Sr. Blondel, no seu *Estudo historico e archeologico do Yu Chinez* assim se exprime a este respeito: «Segundo a affirmação de Telfasti, no seu *Kitab-al Alsdjar*, um tratado persico escripto em arabe, o *yeschem* (nome persa da jade) que se encontra no commercio é de duas especies, uma é um mineral verdadeiro, outra produzida pela arte.»

JA
Havia
Fischer se
as varieda
á Europa,
mesma ro
procedenci
estudo, sc
edição em
obra passa
jade, num
antes de Cl

Não a
na Americ
tam as v
Europa, o
as jazidas
e enthusias

(1) Recon
Observações da
Brazil, de Maná
no Muyrakytä.

como o quartzo,
a jadeite, foi rejei-

algumas palavras,
e que se veja que
sores estrangeiros,
desembarcaram em
se irradiou pelas
éras mais remotas
a jade, e, segundo
ingli, isto é, 2637
ada e com ella se
juras e amuletos.
ngar a falsificações.
historico e archeo-
este respeito: «Se-
Kitab-al Alsdjar,
o *yeschem* (nome
mercio é de duas
tra produzida pela

IV

JAZIDAS E DISPERSÃO DA JADE. CONSIDERAÇÕES (1)

Havia já vinte annos que o Conselheiro Dr. Henrique Fischer se occupava da jade, analysando chimicamente todas as variedades, que de diversos pontos do globo chegavam á Europa, e tinha consultado toda a litteratura que da mesma rocha se occupa, para descobrir o lugar da sua procedencia, quando publicou em 1875 o resultado desse estudo, sob o titulo *Nephrit und jadeite*, tirando nova edição em 1880, sem accrescimo ou modificações. Nessa obra passa em revista tudo quanto se escreveu sobre a jade, num periodo de 2175 annos, isto é, desde o anno 1300, antes de Christo, até o de 1875 da nossa éra.

Não achando noticia alguma de jazidas na Europa ou na America, e havendo opiniões de archeologos, que acci- tam as velhas tradições de emigrações da Asia para Europa, o Conselheiro Fischer empenhou-se em descobrir as jazidas européas e americanas e para isso, com ardor e enthusiasmo, empenhou toda a sua influencia official e

(1) Recommendo ao leitor o meu trabalho intitulado *Viagem ás pedras verdes. Observações ás descobidas scientificas do Dr. Ledislao Neto*, publicado no *Norte do Brazil*, de Manaus, 15 de junho de 1888 em diante, que explica muitos factos referentes ao Muyrakytá.

particular, auxiliado por dedicados amigos, porém, apesar disso, quando o bafo da morte, em 1883, apagou aquelle luzeiro scientifico, nenhuma só jazida se havia descoberto e até hoje na America ou na Europa ainda não foi encontrada uma só jade em leito geologico.

No empenho em que viveu, nos ultimos annos de sua vida, o meu infatigavel e sempre lembrado amigo, analysou chimicamente todos os objectos conhecidos; procurou esclarecimentos por todas as partes do mundo; estudou geographicamente todos os objectos que existem nos museus officiaes e particulares da Europa, e, segundo o que me communicou e o que diz o Dr. Valentini, de 189 objectos pre-historicos que existem conhecidos na Europa e classificados pelo mesmo sabio Dr. Fischer, 77 são de nephrite, 79 de jadeite e 33 de chloromelanite; destes, só 10 são da America Central, sendo 7 de jadeite e 3 de chloromelanite.

Entretanto, segundo a opinião do mesmo professor, estas tres variedades não podem partir da mesma jazida, isto é, não tem uma origem commum, porque a sua estrutura, chimicamente fallando, é tal que não se pôde admittir que partam de um só leito.

E onde estão pois essas jazidas? D'onde sahiram esses amuletos que se distribuiram pela Europa e pela America, onde eram tão adorados e ainda hoje tão apreciados pelos indios?

Sem contestação, até agora, sahiram da Asia os *muy-rakytōs*.

Da *jadeite*, *si-pi-yu*, só é conhecida uma jazida, que desde tempos immemoriaes pertence ao rei de Burmah, cuja dynastia sempre conservou o monopolio de vender os objectos manufacturados. Essa jazida está no districto de Yunnan, ao norte da cidade de Bahma, lugar onde os estrangeiros não penetram, e que é muito concorrido pelos peregrinos sectarios de Budha, por ser ahi o centro do Budhismo. São esses peregrinos os que levam para a Europa os objectos ahi manufacturados.

Estão
geologic
gumas c
as possu
Estão es
margens
yu pret
qual rol
Mouslagh
Amarello

Tend
regados
de ou ne
o seu ma
chgar, e
tambem
uma jazid
Irkutzk,
visto no

Os m
parte ass
densidade

Apeza
pôde enco

Se no
trar, e é
a nephrite
explorador
ainda um
facilidades
descoberto

Se de
menos de
mais feroz
o gentio, c
mostrar a

Está também provado que a *nephrite* ou *yu*, em léito geologico, só existe em varias partes do Turkestan. Algumas das jazidas pertencem ao imperador da China, que as possui por herança, que vem de épocas mui remotas. Estão estas no districto de Yulhian (terra da jade) nas margens de tres rios conhecidos pelos nomes de *yu* branco, *yu* preto, nomes derivados da côr da jade, por sobre a qual rolam as suas aguas, que descem das montanhas Mouslagh. Esses tres rios formam o Hoang-ho ou rio Amarello.

Tendo sido os irmãos Schlagintweit, em 1873, encarregados de descobrir, na Asia, o lugar d'onde sahia a *jade* ou *nephrite*, um delles, quando procurava desempenhar o seu mandato, foi degollado por ordem do Sultão de Kaschgar, e o outro o descobriu em KHOTAN. Encarregado também Stoliczka da mesma missão, em 1874, este achou uma jazida na montanha de Sajan, perto de Batougol, em Irkutsk, como também Richthofen, em 1874, confirmou ter visto no Turkestan jazidas de *nephrite*.

Os *muyrakytūs* do Amazonas, pela côr, na maior parte assemelham-se aos do Turkestan, não fallando na densidade e composição chimica, que é a mesma.

Apezar das pesquisas que se tem feito, ainda não se pôde encontrar jazida alguma de *chloromelanite*.

Se no seio da Asia, onde o estrangeiro não pôde penetrar, e é cercado dos maiores perigos, se tem encontrado a *nephrite*, por que razão na America, aberta a todos os exploradores, cortada de vias ferreas, não se encontrou ainda uma só jazida desse mineral? Ha na Asia mais facilidades do que na America, ou o seu terreno é tão descoberto que facilmente se pôde explorar?

Se densas florestas cobrem o solo americano, não menos densas são as asiaticas, infestada por animaes mais ferozes do que os nossos. Se na America se luta com o gentio, este é sempre vencido e seria elle o primeiro a mostrar a *nephrite* onde estivesse, porque á sua fua ob-

servação ella não escaparia. Se na Asia não ha o homem selvagem, ha o indio supersticioso, que luta com o americano, e, em proveito proprio, procuraria occultar a rocha de que tão ciosos foram sempre os povos asiaticos.

Guiado pelos objectos prehistoricos que se tem encontrado de nephrite e jadeite, traça-se a sua linha geographica, vê-se como foram elles espalhados e chega-se á sua origem ou ponto d'onde partiram os emigrantes que os espalharam pelo mundo.

O fio estabelecido pela nephrite e pela jadeite é, como o pó, que a emigração levanta na sua marcha, e que de longe serve para guiar o archeologo. Experimentemos seguil-o.

Sigamos a mais antiga, aquella que se deu antes da de Fousang e no começo da era post diluviana.

Supponha-se dous archeologos em Khotan, á pista das emigrações; um acha um fio de nephrite e tomando-o segue para o Oriente, outro dando com outro segue-o para o Occidente.

Acompanhemos este que vai levado pelo primeiro fio. Sahindo de Khotan desce o Amou Daria (Oxus) e achando em certa altura o fio bifurecado, toma o do norte, chega ao Sir Daria (Ixartus), passa em Khokand, desce o mesmo rio, passa pelo norte dos mares de Aral (Oxiano) e Caspio (Hyrcaniano) e segue o Volga, que atravessa, para ir á Polonia e á Panonia, retrocede ao ponto da bifurcação do fio do sul, vai a Bukará, atravessa o deserto de Karakum, costeia o mar Caspio, passa pelo Caucaso, caminha pelo norte da Asia Menor, chega a Troya, salta os Dardanellos, navega para a ilha de Creta, atira-se para a Grecia, passa para a Italia e toma o caminho do norte indo dar á Suissa, onde encontra o fio, outra vez, bipartido.

Agarra um delles e desce o Rheno até a Belgica, mas não encontrando a sua continuação volta, toma o ponto que se dirige para o sul, acompanha o Rhodano, corta o sul da França, transpõe os Pyreneos, por Tolosa entra na Hes-

panha,
atira.

Cah
stream,
Verde,
leva ás
Rico, se
desemba
Mexico
dade do

Deix
deixamo
tambem
Este

Bahma e
fio, une-o
até Yun
vai á Ca
Japão, ch
ás corre
desembar
rentes dá
(³) por te

(¹) Ainda nos diz se era dera, el ano que juraba que de los Açores en algunas islas en tiempo del *habia salido el* miondo que no alegres confian

(²) Sahang que era a pat

(³) Dos g passando por A quello levant ramos desse t ciam o termo A posteriormente traram com os

io ha o homem
ita com o ame-
ocultar a rocha
asiaticos.

se tem encon-
a linha geogra-
s e chega-se á
emigrantes que

ndeite é, como
archa, e que de
rimentemos se-

deu antes da de

an, á pista das
mando-o segue
o para o Occi-

o primeiro fio.
kus) e achando
norte, chega ao
desce o mesmo
iano) e Caspio
essa, para ir á
ifurcação do fio
arakum, costeia
pelo norte da
nellos, navega
, passa para a
á Suissa, onde

Belgica, mas
na o ponto que
, corta o sul
entra na Hes-

panha, passa a Portugal, é avistando o Atlantico nelle se atira.

Cahindo nas correntes do braço meridional do Gulfstream, passa pelas ilhas da Madeira, das Canarias e Cabo Verde, é arrebatado pela corrente equatorial do Norte, que o leva ás Bahamas, toca nas Antilhas, (1) descansa em Porto Rico, segue para Pensacola, atravessa o Golpho do Mexico, desembarca em Tampico e subindo o rio Panuco, percorre o Mexico e segue para a America Central, já com a extremidade do fio toda disfiada por diversos caminhos. (2)

Deixemos este caminheiro e vamos ao encontro do que deixamos em Khotan, com o fio do Oriente e procuremos tambem acompanhal-o.

Este, deixando Khotan, abandona o Turkestan, vai a Bahma e ahi encontrando, preso a uma jazida de jadeite, um fio, une-o ao de nephrite que o guiava e vai com elles unidos até Yunnan, margina o Yangtse kiang, caminha para Pekin, vai á Coréa, aventura-se pelo mar Amarello, costeia o Japão, chega ao Pacifico e com toda a lemeridade entrega-se ás correntes do Kuro Sivo. Chegando ás ilhas Aleuticas, desembarca em Alaska, e levado depois pelas mesmas correntes dá á costa na Alta California, onde encontra Tulan: (3) por terra desce ao Mexico e deparando com o desfia-

(1) Ainda Herrera, historiadór hespanhol, tido por todos como muito verdadeiro nos diz se era ou não natural o facil a travessia: «Um vecino da ilha de la Madera, el año de 1484 pidió al Rei de Portugal licencia para ir á descubrir cierta Tierra que juraba que veia cada año i siempre de vna manera, concordando com las islas de los Açores; i de que i suedió que en las cartas de marear antiguas se pintaban caignas islas por aquellas mares, especialmente la isla que decian de Antilla... i que en tiempo del infante D. Henrique de Portugal, i no paró hasta dar en ella, e pero que los marineros temiendo que no los quemasen el navio i los detuviesen se bolvieron a Portugal muy alegres confiando de recibir mercedes, etc.»

(2) Sahagun diz, na sua *Historia de las cosas de nueva España*, libr. III. Cap. 3, que ora a patria das esmeraldas, do ouro e da prata.

(3) Dos grupos que da Asia em épocas diferentes, chegaram á America, um passando por Pensacola foi ao Mexico, outro internou-se e chegou até á Virginia. Aquelle levantou os *teocallis*, este os *Mounds*. Os Apalaches e os Cofachitas são ramos desse tronco. Estas duas nações que se formaram posteriormente, conheciam o termo *Kava* e eram filhas do *Sol* e foi das lutas por essa crenga que muito posteriormente se originaram os *Karáibas*, que desceram para as ilhas e se encontraram com os que tambem demandavam as mesmas ilhas sahindo da parte do sul

mento do fio do primeiro caminheiro, tambem vé desfiar-se o seu e pelo Panamá vai á Columbia, enquanto que se espalham pelo Orenoco, Magdalena e Antilhas as outras subdivisões.

Caminhando sempre para o sul, as subdivisões dos fios principaes da nephrite chegam a Satander, atravessam as Andes, vão ao Titicaca, a Cusco e Cajamarca, entram na Araukania, e transpondo as cordilheiras passam para as cabeceiras do Yuruá, Purús e Madeira, enquanto outras subdivisões, da Columbia, directamente descem ao Amazonas pelos rios Yamundá, Negro, Yapurá, Içá e Napo, para ir sómente até o rio Tapayos, sumirem-se em Puerary ou Alter do Chão.

Estes fios estavam ligados a postes que, pela maior parte, desappareceram, ficando aquie alli um ou outro, como balisas que nos marcam os pontos de estada, depois da partida do centro da Asia. Onde nos faltam as balisas de nephrite apparecem, comtudo, as inscripções nos rochedos, perpetuando a ophiolatria e a platicephalia deixadas pelos ousados viajantes, que, com os que morriam, enterravam o amuleto, que no scio da terra ia se encontrar, tambem, com aquelles involuntariamente eram esquecidos ou se perdiam, e que hoje o archeologo encontra.

Esta é a marcha da nephrite e da jadeite, assignalada pelos marcos que deixaram plantados as emigrações asiaticas, em épocas prehistoricas e que bem explicam as chegadas de Quetzalcohualll, de Votan e a dispersão posterior do povo Nahuá. Esses marcos são os muyrakylás, que fóra dessa linha nunca foram encontrados.

Para Quito os levou Karan, que perpetuou seu nome em *Karangui*, hoje Caracas, e para o lago Titicaca foi portador delles um outro *Kara*, que conquistou Chucuvitu e Tiuhuanaco, coincidindo esta invasão com as emigrações Nahuas, produzidas pela queda do Imperio Xibalba. Com os muyrakylás levaram a platicephalia, que desceu ao Amazonas com os Omauas ou Kambeuas.

As
çaram
mytho
tinuar
dentes
foram
Cu
cidir a
ropa c
Euthali
A
platicep
a vem
formaç
perpetu
Ess
medalh
Attila,
gello d
figuras
Par
quando
Amazon
Khotan
canos,
Pro
justame
A t
assim c
rica Cen
o portad
Kara) f
côté d'o
et c'est
mères e
traduzin

As marchas migratorias da Asia, para America, começaram muitos seculos antes da era Christã em épocas mythologicas, como as que foram para a Europa e continuaram ainda depois, porém as dispersões dos descendentes, que da America do Norte desceram para a do Sul, foram todas muito posteriores.

Cumpre-me chamar a attenção para o facto de coincidir a marcha da nephrite, sahida de Khotan para Europa com a dos corpos de Hiong nu, a dos Hunos e a dos Euthalitos, que tambem eram platicephalos.

A marcha da nephrite é tambem comprovada pela platicephalia, que foi companheira do Muyrakytã. Assim a vemos no Caucaso, na Belgica e em Toulouse. A deformação craneana, conhecida por *deformação Tolosã*, perpetúa a *cuneiforme* dos Tolans.

Essa mesma deformação é tambem perpetuada, em uma medalha cunhada em 452 da nossa era, em honra de Attila, ultimo rei Huno, em que se vê o busto do *Flagello de Deus*, distinctamente deformado, como os das figuras dos baixos relevos do Mexico.

Parece-me que não ando muito afastado da verdade, quando digo que o fio da nephrite, que se estende pelo Amazonas, tem a sua extremidade preza ás jazidas de Khotan e que ali está o berço de alguns povos americanos, origem da civilisação prehistorica.

Procurarei justificar esta minha asserção, servindo-me justamente da palavra Khotan.

A tradição, os escriptores Nahuas, Mayas e Quichés, assim como os historiadores antigos do Mexico e da America Central, dizem que *o filho do sol, o grande serpente, o portador das pedras verdes, o senhor por excellencia* (o Kara) foi Quetzalcohuallt que tinha sahido de Tulan, « *du côté d'où le soleil se lève... de l'autre côté de la mer, et c'est ce Tulan où nous vîmes à être engendrés par nos mères et nos pères* », como nos diz Brasseur de Bourbourg, traduzindo as memorias de Tupan-Atilan.

Diz mais o mesmo sabio missionario, em uma nota: ⁽¹⁾
*«S'ils sont venus en Amérique du côté de l'Orient ils ont
 dû traverser l'Asie presque entière ainsi que l'Europe».*

Tem razão. Modernamente a nephrite nos tem mostrado
 que essa travessia foi feita.

Depois exclama o mesmo missionario:

«Tulan la terre mysterieuse dont le nom est resté
 gravé dans le souvenir de toutes les nations de l'Amé-
 rique Septentrional eberceau de la science et de la sagesse,
 où ces nations puisèrent avec les éléments de la vie po-
 liciea, l'art de gouverner les peuples et reçurent avec les
 symboles de leur religion, l'organisation du culte!

Où donc était cette region célebre?»

Tulan, Tollan, Tonalan, Tonathan, Tula, ou *Tule*, si-
 gnifica, modificada a palavra, como diz o Dr. Brinton, ci-
 tando a *Cronica Mexicana* de Tezozomoc, o lugar onde
nasce sol. Entretanto os Mexicanos dizem significar *canas*
 ou *juncos*, que é o significado de *tull*, ao passo que o Dr. Va-
 lentim diz que a palavra é Maya e significa *na terra da*
abundancia, de *tull* abundancia e o affixo *a*, que é a pre-
 posição *in*.

Apezar destas interpretações Ed. B. Taylor ⁽²⁾ cre
 que é corruptella do Asiatico *Turan*.

Com este nome de Tolan ou de Tulá, cidade do Sol,
 havia uma cidade no Mexico, entre Tampico e S. Luiz do
 Potosi, outra na alta California, por onde vinham as
 pedras verdes e o ouro, outra em Palenque, e aquellas que
 as governavam eram appellidados tambem de Tolans. As
 tres da America tem as suas latitudes determinadas; mas
 onde está a primitiva, fonte de sabedoria em que be-
 biam os conhecimentos que espalhavam? Onde é aquella
 d'onde sahiram Quetzalcohuatl e Votan e foram gerados os
 seus companheiros? Não será a de *Khotan*, a patria da

⁽¹⁾ *Hist. des nat. civ.* 1. pag. 166. Nota 5.

⁽²⁾ *Ruines de Palenque*, pag. 64, note 3.

nephrite
 gunta s
 America
 Tulan à
 moindre

quelle pa
 question
chiquel d
 rações na
 Tulan on
 lado do C

Parece
 trará que
 grão-mes

Vejar

É sal

qualquer
 a sua lin
 sempre p
 muitas ve

tece com
 sendo ill
 americano
 pronuncia
 seus comp
 naturalme

Tanto
 neiras, qu

Parece
lan, mas
tasa, tam

⁽¹⁾ Brass

⁽²⁾ *Ibidem*

^(*) *Anohi*

nephrite, a cidade do Sol, do Turkestan? Brasseur pergunta se não será nas cabeceiras do Rio Magdalena, na America meridional. «Qu'il y ait une region du nom de Tulan à l'Orient et de l'autre côté de la mer, il n'y a pas le moindre doute.»⁽¹⁾ O mesmo em nota pergunta: «mais dans quelle partie du monde faut-il le placer? C'est là encore une question bien difficile à résoudre.»⁽²⁾ O manuscripto *Cakchiquel* das memorias de *Tecpan-Atitla* nos prova que as gerações nascidas nas Tulans *onde o sol se deita*, sahiram do Tulan *onde o sol se levanta*, depois de terem vindo do outro lado do Oceano «quo venimus ex-altero liltore maris».

Parece a principio não ser; mas, a philologia nos mostrará que ha razão para ser ella acceita como patria do grão-mestre das artes pre-historicas da America.

Vejamos:

É sabido que sempre que um estrangeiro chega a qualquer parte do mundo, em que é obrigado a não fallar a sua lingua, mas sim a da nação que adoptou por patria, sempre pronuncia mal as palavras, que aprende, a ponto, muitas vezes, de desfigural-as pelo som. O mesmo acontece com os povos que recebem palavras estranhas, que não sendo illustrados, mas sim analphabetos, como eram os americanos, forçosamente, como ainda hoje, haviam de pronunciar as palavras que ouviam de Quetzacoahuatl e de seus companheiros com uma phonetica muito differente e naturalmente o Khotan passou a Tolan.

Tanto a pronuncia desta palavra era dada de varias maneiras, que se vê nos historiadores escripta differentemente.

Parece impossivel que de *K'ho*, fizessem *To* e de *tan*, *lan*, mas não o é, tanto que muitas crianças dizem *Tota tasa, tamisa, tósa, tabito*, etc. por *Cota, camisa, cousa*,

(1) Brasseur. *Hist. des nat. civ. du Mex.* I. pag. 168.

(2) *Ibidem*.

(*) *Anahuac*. London, 1861.

cabrito, etc., e mesmo Max Müller cita o exemplo trivial da troca de *Tal* por *Tat*, em todos os povos.

A queda do K para T é constante na Polynésia, nas ilhas de Sandwich e no Havaí, e confundem ali de tal maneira os sons da guttural com a da dental, que os francezes escrevem com *t* as mesmas palavras que os inglezes escrevem com *k*.

Nos primitivos tempos a mesma cousa existia também entre os Hindus os Gregos e os Romanos, que abandonavam seus lares, os quaes pronunciavam meio dental, ou mesmo puramente guttural por dental e vice-versa.

A mudança do T para L se vê claramente no *tagr*, gothico, que passou ao *tear*, inglez, ao *dakru*, grego, ao *dacri* e *lacri* latino, que originou *dacri-ma*, *lacri-ma* e a *lagri-ma* portugueza. Vê-se, portanto, que facil é a corruptella, perpetuada na America, por ter sido nella feita e por continuar pela descendencia dos que a fizeram. Temos além disso, mais uma circumstancia. Pela marcha apontada pelo *muyrakytā* se vê, que, pelo sul de França passou uma emigração, que partiu de Khotan, com amuletos de nephrite e justamente ahi encontramos, no departamento de Correze, também, a cidade de *Tule*, celebre pelas suas rendas e ruinas prehistoricas, que conserva. Devo também notar a coincidencia de haver pouco ao sul de Tule a cidade de *Toulouse* (Tolosa, dos antigos), celebre pelo uso da platicephalia, conhecida por deformação Tolosã e a de *Toulon* (Tulan) e proxima, na Hespanha, outra *Tolosa*, de descendencia vasconça ou biscaia (¹), que ainda conserva o uso da *couwade*, ou resguardo, observado por Marco Polo, em Yunnan, por onde passa a linha da emigração da pedra divina.

(¹) Observo que ahi estiveram os Alanos, ramo Huno que a historia soccita sem commentarios.

Que a
e sim alén
feliz Montez

— E' Q

Bem di

(¹) «ce ser
l'origine et
la langue
qu'il faille

A outra
que me pa
tinha o her

Segund
individuos
Votan um
seus descen

A corr
natural.

Além
étaient ver
Antigo Cor
scripto, seg
dicado, tam
que foi o fr
ou *Tolosa*,
sua march
que aqui m

Posto
Nahuas, co
grações asi
viesses os
Occidente,

(¹) B. de

(²) Chara

Que a primitiva Tula ou Tulan não era no Mexico e sim *além-mar*, temos a prova na exclamação do infeliz Montezuma, quando avistou as náos hespanholas:

— E' Quetzalcohuatl que volta de Tulan!...

Bem disse o sabio historiador da civilisação Mexicana: (1) «ce serait une chose d'un haut intérêt de rechercher l'origine et le premier berceau des nations qui parlaient la langue Nahuatl. *Nous n'avons pas le moindre doute qu'il faille les chercher en Asie.*» (1)

A outras considerações me leva ainda a palavra Khotan, que me parece ser, tambem, a mesma *Votan*, nome que tinha o heróe das pedras verdes.

Segundo a tradição, tinham o nome de Tolan os quatro individuos que partiram das quatro cidades; não seria Votan um desses Tolans, gerado em Khotan? Ou um dos seus descendentes com o mesmo nome?

A corruptella de Khotan para Votan é, tambem, facil e natural.

Além disso Votan fez «*quatre voyages au pays d'où étaient venus ces étrangers*» (2) que tinham vindo do Antigo Continente, como indica o signal S, do seu Manuscripto, segundo Ordonez, para estabelecer-se no Novo, indicado, tambem, pelo signal S, o que parece, pois, mostrar que foi o fundador da Tolan ou Tula, mudado para *Tule* ou *Tolosa*, em França, porque elle era um Tolan que na sua marcha ia deixando as jades, como marco miliario, que aqui me guia.

Posto que a Vinlandia influenciase nos costumes Nahuas, comtudo foi em época recente, posterior ás emigrações asiaticas. Quero, mesmo crer que simultaneamente viessem os primeiros pelo Oriente e os segundos pelo Occidente, mas só muito mais tarde se encontraram, de-

(1) B. de Bourbourg, *Hist. des Nat. civ.* I. pag. 403.

(2) Charancey, *Le Mythe de Votan*, pag. 9.

pois de terem vinculado nas terras que tomaram para residencia os seus costumes. A Tula ou Tolan nada tem de commum com a outra *Tula*, *Tyla*, *Thulé*, *Thyla* ou mesmo como a *Ultima Thula*, que para uns era na Dinamarca e para outros na Islandia, como parece indicar Pithéas, o habil marinheiro marselhez, que primeiro no anno 340, antes da nossa éra, a descobriu, como se vê na Geographia de Strabão.

Para mim *Votan*, o Tolan Mexicano, nasceu em *Khotan*, e com o nome de *Bokan* appareceu um descendente no Amazonas.

Nos commentarios tratarei de *Votan* e mostrarei as analogias que apresentam e como se prende ao *Murakytá*.

Para reforçar a minha opinião, citarei o que diz o professor Mortillet, no seu *Prehistorico*, á pag. 614. Depois de asseverar que as primeiras invasões da Europa vieram do Oriente, termina:

«La population de l'Europe occidentale, à l'époque, Robenhausienne, se composait d'un mélange de dolicho-céphales á l'ossature fortement accentuée, et de brachycéphales aux os plus arrondis. Les premiers constituant la population autochtone, les autres étant des envahisseurs venus des pays situés entre la Méditerranée, la mer Noire et la mer Caspienne. C'est de l'Asie Mineure, de l'Arménie et le Caucase, qu'est venu le flot de population qui, au commencement de l'époque Robenhausienne, a envahi l'Occident.»

Observarei ainda, que pela marcha da nephrite, sabemos que um corpo de emigrantes passando pelo norte dos mares de Aral e Caspio subio o Volga, antigo Rha, e é justamente onde encontramos uma outra *Tula*, cidade que, desde a maior antiguidade, se levanta no theatro das operações Hunas.

Como poderiam naquellas épocas ter atrayessado o Grande Oceano os sectarios de Budha? nos perguntarão.

Já disse
California e
zeram.

Sabemo
Grande Oce
ainda hoje,
por ellas;
rio Negro,
passa do la
Aleuticas e
isthmo do
vimos não
chinezes e j

Já vir
Brasseur de
marinha an
riam os pr
talmente?

Onde es
temidos cor

O sabio
em these, d
pela Europa
elles que a
provas pode

Só a des
jadeite destr
Fischer

que razão
ornamentos
possuiam, q
sição e de e
a não ser e
nos confirma
do berço cor

E' verda
a acreditar

Já disse como as correntes levaram os Japonezes á California e agora mostrarei como voluntariamente o fizeram.

Sabemos que as correntes marinhas que existem no Grande Oceano tornam essa travessia rapida, tanto que, ainda hoje, muitos a fazem involuntariamente impellidos por ellas; sabemos, e está provado, que o *Kuro-sivo* ou rio Negro, a grande corrente, parte das costas de Cantão, passa do lado oriental do Japão, dirige-se para as ilhas Aleuticas e desce costeando a America do Norte até o isthmo do Panamá, correndo junto á California, pelo que vimos não ser raro chegarem ali os barcos ou *juncos* chinezes e japonezes arrastados por ella.

Já vimos, os factos citados a este respeito por Brasseur de Bourbourg e pelo Commandante Maury, da marinha americana. Porque tambem, arrastados, não viariam os primeiros viajantes á America e depois propositalmente?

Onde está o impossivel, para homens arrojados e destemidos como foram, por exemplo, os Hunos ou Magyares?

O sabio professor Fischer, cauteloso demais, não quiz, em these, declarar que foram os asiaticos que derramaram pela Europa a nephrite e a jadeíte, e que foram tambem elles que a trouxeram á America; porém, que maiores provas poderão apparecer em contrario?

Só a descoberta, na America, de jazidas de nephrite e jadeíte destruirão o valor do *muyrakytã*.

Fischer me perguntou, e tambem pergunto eu: « Por que razão os povos da America ligavam tanto valor a ornamentos e amuletos feitos de uma pedra que não possuíam, que devera ser cara pela difficuldade de aquisição e de esculptura, quando ella não seduz pela sua côr, a não ser a jadeíte verde-esmeralda? Não parece vir isso nos confirmar que não era mais do que uma reminiscência do berço commum do genero humano, a Asia Central? »

E' verdade. Só uma tradição religiosa levaria o povo a acreditar nas virtudes da *pedra-verde*, porque não pôde

essa crença ser filha do acaso, quando tinham outras pedras de brilho e de côres mais vistosas, que poderiam levar-o á superstição.

A importancia que liguei ao *muyrakytã*, a analogia que achei entre elles e os amuletos, e a crença de que o povo prehistorico amazonense esteve em contacto com a Asia, serviram para dar-me relações que me honro de ter tido com o fallecido sabio director do Museu Mineralogico de Freiburg e alargar a esphera dos meus estudos. Entretanto não sabiamos que existiamos no mundo nem conheciamos os trabalhos um do outro. Sò em 1877 leu elle os meus humildes estudos sobre o assumpto e só em 1878 soube eu da sua existencia, pela carta honrosa que me dirigiu.

Ao passo que eu, na America, com o *muyrakytã* em punho, desde 1872, procurava a origem do homem prehistorico e presumia que elle tinha sahido da Asia, o conselheiro Fischer, na Europa, desde 1874 firmado na natureza da rocha do mesmo objecto, procurava na terra dos patriarchas a origem do homem americano; e assim elle lá, com a mineralogia e eu cá, com a archeologia e a ethnologia, caminhavamos para o mesmo ponto, guiados pelo mesmo amuleto.

Accresce ainda uma circumstancia notavel: elle tomou para seu guia esse objecto «à un temps où les minéralogistes européens n'avaient pas encore le moindre pressentiment du *valeur archéologique* du nephrite» (1) o que commigo tambem aconteceu no Brazil, onde ninguém suspeitava a existencia da nephrite, nem ligava valor ao *muyrakytã*, que era desconhecido. No Amazonas, mesmo, muito poucas pessoas o conhecem, a não ser algum tapuyó que o preza pela suas virtudes tradicionaes.

Varios naturalistas percorreram o Amazonas, mas nenhum ligou valor archeologico a esse amuleto nem

(1) Carta que me dirigiu em 4 de outubro de 1878.

deu-lhe por resultasse Fischer na 1 vituperio, é ciado algun ficando meu isso fiz uma e 20 de deze *precioso coe*

No cong discutiu-se America e a rentes obra nada de dec niões favora *sonnades*.

Apezar bida, não te emigrações *kytã*, eu vi toricos ame guiado por houver prov para America

A mem *naes Chine* De Guignes tiradas de d data da em costumes do

Diz De «Li-Yen ment du V

(1) *Sur les l'extrémité de l'As*

deu-lhe por patria a do genero humano. Si dahi, pois, resultasse alguma gloria, essa caberia ao conselheiro Fischer na Europa, e a mim no Brazil. Si commetto um vituperio, é para que fique bem patente que tenho iniciado alguns estudos, de que outros se teem aproveitado, ficando meu nome condemnado ao esquecimento. Já por isso fiz uma reclamação, que publiquei no *Cruzeiro*, de 19 e 20 de dezembro de 1831, sob o titulo—*O muyrakytan, precioso coevo do homem anti-Colombiano*.

No congresso dos americanistas de Nancy, em 1875, discutiu-se a possibilidade das emigrações asiaticas para America e as razões que existiam, apresentadas em diferentes obras e memórias; porém, por falta de provas, nada de decisivo ficou assentado, pelo contrario, as opiniões favoraveis foram taxadas de *chinoiseries* e de *Robinsonnades*.

Apezar disso, devo declarar, que, sem idea preconcebida, não tendo mesmo lido, então, nada a respeito de emigrações asiaticas, desde 1872, levado pelo muyrakytã, eu vi que a Asia tinha influido nos costumes prehistoricos americanos. Procurando estudar a questão, sempre guiado por esse amuleto, hoje chego a affirmar, si não houver provas em contrario, que as primeiras emigrações para America foram asiaticas.

A memoria mais antiga, baseada nos *Grandes Annaes Chinezes*, conhecidos por *Nan-szu*, é a escripta por De Guignes em 1761; (1) e a unica que nos apresenta provas tiradas de documentos que elle traduzio, e que nos refere a data da emigração, os nomes dos frades emigrantes, os costumes do povo, etc.

Diz De Guignes :

« Li-Yen, historien chinois qui vivait au commencement du VII siècle, parle d'un pays nommé Fou-Sang,

(1) *Sur les navigations de chinois de l'Amérique et sur plusieurs peuples situés à l'extrémité de l'Asie Orientale*. Ac. des Inscript. T. XXVIII.

éloigné de la Chine de plus de 40,000 *li* vers l'Orient. Il dit que pour s'y rendre, on partait des côtes de la province de Leao-Tong, située au nord de Pe-King; qu'après avoir fait 12,000 *li* on arrivait au Japon proprement dit, c'est-à-dire au Nippon; que de là vers le Nord, après une navigation de 7,000 *li*, on recontrait le pays de Wen-Chin; qu'à 5,000 *li* de ce dernier, vers l'orient, on trouvait le pays de Ta-Han, d'où on parvenait dans celui de Fou-Sang qui était distant de 20,000 *li*, dans la direction de l'Est. Total de Leao Tong à Fou-Sang touchant successivement au Nippon, à Wen-Chin et à Ta-Han: 44,000 *li*.»

Muitas outras obras tem apparecido, principalmente depois que o sabio barão de Humboldt, com sua autorizada palavra, disse que «o contacto asiatico com a America (1) era indiscutivel, pois se manifestava francamente na cosmogonia, e nos hyerogliphos».

Todas estas obras tiram suas consequencias do exame e comparação dos monumentos architectonicos, só uma, a do Reverendo missionario Pitetot, tira as suas conclusões pelos estudos linguisticos.

Do Guignes, traduzindo o historiador chinez Li-yen, do seculo VII, diz; «Pendant le règne de Tsi, dans la première année de l'Origine Eternelle (499 de Jesus Christ) un pretre bouddhist chinois, qui portait le nom monastique de Hoei-chin (compassion universelle), vient du Fou-Sang dans le district de Houkouang et dans les districts voisins. Il raconte que le Fou-Sang est situé a environ 20.000 *li* est de Ta-Han et de l'Empire du Milieu».

Diz De-Guignes que a emigração para Fousang foi no anno 499 da nossa era; outros querem que houvesse outras de 948 a 820, e, posto que hajam seculos entre essas datas, podem, comtudo, marcar diferentes emigrações. Os Hunos,

(1) *Vues de Corailières et des monuments des peuples indigènes de l'Amérique*, T. I, pag. 31 — 39. Examen critique de l'histoire et de la geogr. du Nouveau Continent. T. II pag. 67.

por exemplo
são invadira
como levaram
a America

Fousang

dão a uma p
os Mexicanos
os Venezuel
as terras a q
rica. Carl

na 5ª Centur

Pesto q

arvore do F
Dryandra
hoje a Agav
gares da As

No Cong
tendo a que
achado cava
riador, porq
introduzidos
bertas dão r
não sómente
de pedra, e
celsus, Cabe
varias espec
descriptas p

Não exist
era, quando

Estabele

as subsequen
«Anciennem
aux lois de
année de la
que des moi
(Samarcande

por exemplo, expulsos da China 93 annos antes de Christo, só invadiram a Europa no anno 376 da nossa era e, assim como levaram para isso 469 annos, poderiam gastar para a America 499 annos.

Fousang ou *Fusang*, é o nome celestial que os Asiaticos dão a uma planta essencialmente americana, — a *Agave*, que os Mexicanos denominam *Mell*, os Equadorienses *Cabulla*, os Venezuelanos e Peruanos *Maguey*. Isto nos prova que as terras a que chegaram os filhos do Sol foram as da America. Carl Newman diz, baseado nisso, que os Chinezes na 5ª Centuria chegaram á America pelas ilhas Aleuticas.

Posto que a descripção que dão o historiador chinês, da arvore do Fou-sang, pareça se referir antes á *Aleurites* ou *Dryandra* da familia das Euphorbiaceas, comtudo ainda hoje a *Agave* (*Amaryllidacea*) é conhecida, em alguns lugares da Asia pelo nome de Fou-sang.

No Congresso de Nancy, o Sr. Lucien Adam, combatendo a questão, diz que não podiam os emigrantes ter achado cavallos em Fou-sang, como disse o mesmo historiador, porque estes não existiam na America, onde foram introduzidos pelos hespanhóes; todavia as novas descobertas dão razão a Li-yen. Na California tem sido achados não sómente esqueletos humanos, tendo ao lado machados de pedra, como ossadas de cavallos, como os *Equus excelsus*, *Cabalus*, e *pacificus*; genero este representado por varias especies nas cavernas de Minas Geraes, e que foram descriptas pelo Dr. Lund.

Não existiriam ainda ahi os cavallos no começo da nossa era, quando chegaram os portadores do amuleto nephritico?

Estabelecidos os primeiros asiaticos, de Khotan, só com as subsequentes emigrações chegou o Budhismo á America. «Anciennement ces peuples ne vivaient pas conformement aux lois de Boudha, mais il arriva durant la seconde année de la *Grande Lumière de Song* (558 ap. Jesus Christ) que des moines mendians vinrent au royaume de Kipin (Samarcande) dans ce pays où ils repandirent la religion

de Boudha et avec elle les livres sacrés et les saintes images. Ils enseignèrent au peuple les règles de la vie monastique et changèrent ainsi ses mœurs.»

Só cinco seculos depois da vulgarisação do Evangelho, a religião de Budha foi introduzida na America, segundo os estudos do eminente sinologo. (1)

Não estabelecendo resumo, nem tratando aqui dos pontos de contacto que se tem encontrado entre os monumentos americanos e os asiaticos, que estão apontados hoje em muitas obras, por não o comportar este escripto, tratarei só do que possa ter relações e apoiar o monumento que me guia, o *muyrakytā*, que corrobora a influencia asiatica sobre a civilisação americana.

As crenças e as tradições do Novo Continente, todas para esse lado se dirigem. Seja-me permittido apresentar mais dous pontos que justificam o que já muito anteriormente disse e o que aqui exponho.

Nas ultimas descobertas feitas nos *Mound-Buildres*, do Kentucky, tem sido encontrados grande numero de cachimbos, entre elles alguns representando, com propriedade e semelhança, *jaguares*, *tucanos*, *peixes-boi*, etc., animaes todos de uma região quente, como é a do Equador, havendo alguns como o tucano, que não existem sinão na America do Sul, sendo o ultimo quasi exclusivo do rio Amazonas.

O encontro da representação nos *Mound-Builders*, de animaes do Sul, só prova, ou que outr'ora esses animaes ahi existiram, o que não é provavel, ou que o povo tinha contacto com outros povos das margens do Amazonas, o que eu acredito.

Temos, ainda, mais uma peça que justifica a vinda do povo da Vinlandia ao Amazonas. O Rev. S. H. Peet (2) en-

(1) O Budhismo, segundo os modernos orientalistas, originou-se no começo do 6º seculo, antes de Christo, isto é, ha 2.489 annos.

(2) *American Antiquarian*. Mars. 1881.

controu ta
phante, q
ticos, ou c
Norte.

Estes a
Amazonas
essas fórma
posto que e

Outro p
Vimos

quanto a r
não só com
com a direc
pelo que dev

a dos Volar
Já exam
agora exam

Li-yen o
fizeram ent
metros, no
marinhas d
em 60 dias,
horas, se p
land, que e
1853-56, qu
vista e assir
tomarem vi

Consider
meridianos,
que no Equ
nos paralelo
tem a de 35
que 2.900 le

Entre a
e o da cheg
legoas, em

controu também um cachimbo com fôrmas de elephante, que também prova o contacto com os asiaticos, ou que o elephante outr'ora existiu na America do Norte.

Estes achados veem confirmar a minha crença. No Amazonas encontrei em excavações varios cachimbos com essas fôrmas e que desprezei, suppondo industria moderna, posto que encontrada entre louça antiga.

Outro ponto.

Vimos a marcha traçada pelo historiador Li-yen e, quanto a mim, é exacta, porque concorda perfeitamente não só com a da nephrite, dos primeiros emigrantes, como com a direcção das correntes, e também com a distancia, pelo que devemos acreditar na expedição chinesa, que seguiu a dos Votans.

Já examinámos a marcha da nephrite e das correntes, agora examinemos a distancia.

Li-yen dá 44.000 *lis* para a distancia, da travessia que fizeram entre a China e o Fou-Sang. Correspondendo 506 metros, no Equador, para cada *Li*, andaram 4 500 legoas marinhas de 20 ao gráo; marcha que podiam ter feito em 60 dias, sem perder a terra de vista, sinão por algumas horas, se passaram por Alaska, porque diz o Coronel Leland, que explorou e levantou as costas de Behring, de 1853-56, que facilmente se faz a travessia, com terra á vista e assim podiam nella saltar para fazerem aguada e tomarem viveres.

Considerando, entretando, que a distancia entre dous meridianos, diminue quando se caminha para o Norte; que no Equador o gráo tem 60,93 milhas, emquanto que nos paralelos entre os quaes andaram, os de 40° a 55°, tem a de 39,58, as 44.000 *lis* não representam mais do que 2.900 legoas, pouco mais ou menos.

Entre a China e a America, do ponto de partida e o da chegada dos emigrantes, medeiam 120° ou 2.400 legoas, em linha recta, o acrescimo pois de 500 legoas

é exactamente o augmento que houve subindo do paralelo 30°, obliquamente, para o de 55° e depois descendo.

Eis pois a distancia e a direcção da marcha dada pelo historiador chinês, concordando com a marcha da nephrite, que não é hypothetica, porque todo o caminho é balisado por ella.

A RAIZ DA A
AINDA OS
E PERUAN

No prim
das tribus an
Maya e Na
AP, da qual
se prendem
a terra da
que seguira
ram, seguin
largos, most
origem de al
pela lingua v
beberam as
rolam os seis
Sabemos
Redemptor ao
do centro da
após outras,

subindo do pa-
5º e depois des-

a marcha dada
n a marcha da
do o caminho é

A RAIZ DA ARVORE ANTHROPOGONICA AMERICANA. PÁRÔ E TUNA.
AINDA OS KARAYBAS, OS KARYNYS, OS MUIRAKYTÁS MEXICANOS
E PERUANOS. OS ARAUKANOS E AS IKAMIABAS

No primeiro capitulo, apresentei a arvore genealogica das tribus americanas, cujos galhos se prendem ao tronco Maya e Nahua-Quiché, tendo por nó vital a palavra AP, da qual são raizes TUNA E PÁRÔ ou PÁRU, que se prendem a *Khotan*, chamada, tambem, *Yu-thian*, a terra da jade; no capitulo IV mostrei o itinerario que seguiram as hordas, que desse districto partiram, seguindo caminhos oppostos; agora, a traços largos, mostrarei que, si, pelo *muyrakytã*, achamos a origem de algumas tribus amazonenses na Azia Central, pela lingua vamos ver, tambem, que os seus antepassados beberam as mesmas aguas, que são aquellas por onde rolam os seixos de nephrite.

Sabemos que desde o anno 207, antes da vinda do Redemptor ao mundo, até 454, depois do seu nascimento, do centro da Azia partiram numerosas hordas, que umas após outras, como vagas, se espalharam pelo sul da Eu-

ropa, como foi a dos Hunos, (1) depois da queda do poder de Hiong-nu, que devastando, conquistaram e conseguiram fixar-se ahi, vindo dessas emigrações tartaricas os actuaes turcos, turcomanos, etc., etc., e a adulteração de alguns dialectos; sabemos que os Museus estão cheios de objectos de nephrite, achados pelo sul da Europa, os quaes perfeitamente, para mim balisam a marcha do povo que os conduzia; sabemos que foi da terra da jade (Yu-thian), como disse, que partiram esses emigrantes e, pois, porque não seriam elles os portadores dos amuletos que encontramos hoje? Penso que para America, na mesma data, pouco mais ou menos, partiram tambem emigrantes, levados pelos mesmos motivos que obrigaram os Hunos a irem para Europa e que foram aquelles os portadores dos mesmos talismans, que como marcos se es'endem de Khotan, por Yunnan, até ao Amazonas.

Para mim é fóra de duvida que os (Karas-Tolans), que levaram para a Europa os vocabulos *Ap*, *Páro* e *Tuna*, usados ainda hoje da Moldavia á Herzegovina, foram os que abriram pela China a estrada das emigrações que conduziram os Myrakytās, ligados aos mesmos vocabulos, que ainda no Amazonas perduram.

Pelos Nahuas, Mayas e Quichés, passaram aos Karaihas, modificados como sóem modificar-se todos os vocabulos, dispersões e cruzamentos.

Por que razão se ha de encontrar a jade na Europa, manufacturada em amuletos, só por onde passaram aquelles que, ainda hoje, teem na sua lingua esses vocabulos e ha de na America, só se achar o myrakytā nos lugares em que perdura a palavra *Kara* (2) (propria da

(1) Os Hunos, que descendiam de sete familias, formavam um povo composto de hordas differentes, 108 segundo Hornio, que unido aos Mongolios e aos restos dos Alanos que venceu, espalhou-se pelo sul da Europa, devastando tudo como se fora um *flagello do Deus*, na phrase de Atilla.

(2) Devo recordar que sempre emprego *Kara*, como nome generico que dou ao povo sahido da Asia, por não saber positivamente qual foi e qual delles hoje conserva

Tartaria) e
e *Tuna*, co

Em um
fica *agua*,
quantidade
ficar *agua*,
os chalchih
nas tribus
perpetuar-se

todos da re

Devemo

contra-se, e

Segundo Sc

quista da I

prehendia a

limitava o

agua gran

Assim

Páro Paru

chamado lo

as ultimas reliqu
e poderoso, dei ess
ricanos. Lembro.
Káru significand
grita », da radica
gloria. Os annos
ser *senhor*: *poderoso*
rosso e ainda é titu
Capac como o foi.

Plinio diz o
Gregorio Garcia,
quer dizer *cidade*.
para exprimir *rio*.
isso vemos *Cartag*
modificou-lhe mu
sentado por um
forças da natureza.

No Brazil sei
lisongeiro, *astuto*,
conquistador, ao f
o vocabulo — *Kar*
dades perpetuar
ilhas e tribus, etc.

Tartaria) e se vê nos seus dialectos os vocabulos *Ap*, *Páro* e *Tuna*, com o mesmo significado?

Em um dos dialectos da patria da nephrite *Ap* significa *agua*, *Páro*, *rio* e *Tuna*, *trovoada*, *chuva*, *agua em quantidade*, *rio*; na America, vemos *Ab*, *A* e *Atl* significar *agua*, entre os Quichés, Mayas e Nahuas, que usaram os chalchihuitls, de nephrite; *Tuna*, indicar *agua* e *rio*, nas tribus que usaram o muyrakytá, de nephrite, e, *Páro*, perpetuar-se com o significado de *rio*, em varios lugares, todos da região do muyrakytá.

Devemos não nos esquecer que a leste da Europa encontra-se, a palavra *atl*, *atcl*, com o mesmo significado: Segundo Schlegel o territorio dos magyares, antes da conquista da Hungria, tinha o nome de *Atel kussu* e comprehendia a Moldavia, a Bessarabia e a Walachia, que limitava o Danubio que se chamava então *Stel*, isto é, *agua grande*.

Assim conheço o *Páro*, affluente do Apurimac; o *Párc Paru*, affluente do Amazonas; o impropriamente chamado *lago Páru*, proximo ao rio Trombetas, o qual

as ultimas reliquias da sua lingua. Como foi conquistador soberano, guerreiro, forte e poderoso, dei esse nome, porque é o que exprime esses predicados entre os povos americanos. Lembro, tambem, que este nome existia entre os Aryanos com a pronuncia *Káru* significando, segundo Max-Müller, « o que conta louvores aos Deuses, o que grita », da radical *Kar*, gritar, louvar, donde se deriva o vedico *kire* poeta o *kirite* gloria. Os annos modificaram o sentido pelo que o *pregoeiro*, entre os Aryanos, passou a ser *senhor poderoso* entre os Turanianos. Entre os turcos conserva o sentido de *poderoso* e ainda é titulo; igual ao que se dava aos reis do Perú. Tanto era *Kari* Manco Capac como o foi *Kara* Mustapha a *Kara* Mehemet.

Plínio diz que *Kara* foi o inventor dos agouros pelas aves, entretanto Frei Gregorio Garcia, apoiado em Bocharto, afirma que essa radical, entre os Phenicios, quer dizer *cidade*. Se com effeito *Kar* só tivesse este significado não veríamos empregado, para exprimir *rios*, *ilhas*, *desertos*. Penso que *Kar* é que significava *cidade*, e por isso vemos *Cartagena*, *Cartago*, *Carleia*, etc. O contacto com os diversos povos, todavia, modificou-lhes muito o sentido, e é por isso que vemos tambem significar *vento*, representado por um gigante, como sempre os Barbaros, Germanos, personificaram as forças da natureza.

No Brazil soffreu modificação, tambem passou a ser o *habiti*, o *desiro*, o *mancebo*, o *hôngeiro*, *aduto*, qualidades que se ligam ao emigrante, ao invasor, ao guerreiro, ao conquistador, ao forte, ao poderoso, ao sábio, que é o que verdadeiramente exprime o vocabulo — *Kara*. O logar em que predominaram aquelles que tinham estas qualidades perpetuaram o facto, e por isso vemos a palavra distinguindo *ciudades*, *rios*, *ilhas* e *tribus*, etc.

dá seu nome á *serra* e á *costa* da região, onde mais *myrakyatās* se tem encontrado.

É verdade que *tuná*, de trovoada, chuva, agua em quantidade, passou a ser indifferentemente o rio, e agua, mas, ahí temos duas questões: ou é uma modificação phonetica do *Ap*, pela nasalisação e pelos affixos, como creio, pelos exemplos que tenho encontrado na pratica dos meus estudos, ou mesmo modificou, um pouco, o sentido, o que é natural e proprio mesmo nas linguas cultas e que têm litteratura. Para não citar exemplos, que por si o leitor fornecerá em todas as linguas, citarei apenas dous, entre muitos: *poracé*, *rheengar*. No Guarany do Sul a primeira palavra significa: *canto* e a segunda *interprete* ou *fallador*, e no tupy, do Norte, que é o mesmo Guarany, significa, a primeira, *dansa* e a segunda *cantoria*. Si houve a mudança pela analogia, ou pelo élo que prende a *dansa* ao *canto*, a mesma razão ha entre trovoada e rio ou agua, porque é aquella que fornece a agua que fórma o rio. Assim como de *fallador* passou a *cantoria*, a trovoada e a chuva desfizeram-se em agua.

Este *Tona*, *Tuna* ou *Tuná*, (1) com o correr dos annos e em meios diferentes modificou o som e o sentido; assim o vemos na linha migratoria, estabelecida pela nephrite, apparecer com significados diversos, todos, porém ligados a uma origem commum, com uma só idéa, que é o Firmamento e a radical *A* modificada pelos proprios suffixos.

Tuna exprime a idéa de brilho, esplendor, abundancia, subsistencia: dahi vem significar *agua* e *rio*, na America do Sul, porque molham as terras que dão o alimento e a abundancia; *sol*, no Mexico, porque tudo illumina e

(1) Herrera, na Dec. III, lib. II, Cap. XI. traduz *Tonatlan* por logar de Tuna, isto é, onde se encontram os fructos da Tuna. Tem este nome uma Cactacea, de lindas flores vermelhas e de estames muito irritaveis, a *Opuntia tuna* de Miller; nada porém de commum tem os dous nomes, a não ser a homophonia.

vivifica; *ta*
influem so
os animaes
chuva e *a*
Hungria e
sua luz a
sempre das
e o fertilis

É na
povos, de
cruzamento
que se ester
Bulgaria,
comprehen
debris sont
famille de
possue os
na Americ

A prop
Emqua
e *Vhoda* (
trado, em
para notar
são christã
latino, leva
Marcos Ulp
105) da nos
missio obti
romanas o
uniram-se
protegel-as
cial nasceu
perdurando

(1) Este

vivifica; *lua* e *estrellas*, no Japão, porque as suas phases influem sobre a vegetação, que dá os fructos que alimentam os animaes, com os quaes o homem subsiste; *trovoada*, *chuva* e *agua em quantidade* (rio), no Turkestan, na Hungria e na Turquia da Europa, porque purifica com sua luz a terra e a athmosphera, acompanhada quasi sempre das chuvas, que formam os rios que regam o solo e o fertilisam, para produzir o alimento e a subsistencia.

É na Turquia Européa, que foi sempre um mixto de povos, de religião e de dialectos, consequencia de invasão, cruzamentos e conquistas, que existe um dialecto proprio que se estende da Hungria, pela Hersegovina, Bosnia, Servia, Bulgaria, Valachia e Moldavia, (Illyria, Mesia e Dacia), comprehendidos entre aquelles que, Max Müller diz: «les debris sont tout à fait insuffisants pour déterminer à quelle famille de langues nous devons les rattacher», e que possui os vocabulos *Ap*, *Páro* e *Tuna* que se encontram na America.

A propria Bulgaria foi conhecida por *TUNA-Vilayete*.

Emquanto os turcos, proprios, dizem *Rièka* (rio) e *Vhoda* (agua) e os Slavos *Rika* ou *Riga*, o povo illetrado, em alguns lugares, diz *Páro*, *Ap* e *Tuna*, (1) sendo para notar-se que, quasi todos os que fallam esse dialecto são christãos e se exprimem no mesclado *Roumain*, dialecto latino, levado para a Dacia, no tempo do romano Imperador Marcos Ulpio Trajano, no principio do segundo seculo (104-105) da nossa era, pelos escravos que tinham com a *honesta missio* obtido o *jus commercii* e *jus connubii*. Estas colonias romanas cruzaram-se com os barbaros e posteriormente uniram-se aos Hunos, que atravessaram o Danubio para protegel-as. Da protecção e da subsequente união commercial nasceu um novo dialecto, no qual, penso eu, ficaram perdurando esses vocabulos da lingua hunna, que tambem

(1) Este *tuna* não é o *tono* latino, como pensão muitos.

se perpetuaram na America, como persiste foragido o Kara, da mesma origem.

Não posso deixar de apresentar uma circumstancia, que merece attenção. Os Hunos, estavam divididos em 108 hordas, que se fliavam a 7 *familias ou linhagens*, tanto que, segundo Nicephoro, citado por Frei Gregorio Garcia, os seus monarchas tinham o titulo de *Rei de Sete Gentes* e são estas sete familias que vemos apparecer na America representadas pelos Aztecas, que, como vimos descendiam de outras tantas familias.

Além do que prende a nephrite ás emigrações tartaras, ainda se nos offerece esta coincidencia, como dirão os que forem adversarios da emigração asiatica.

Além da unidade de berço, isto é, considerarem-se os povos Hunos e Aztecas, oriundos ambos de sete fontes, temos ainda outra consideração. Em 1881, o Sr. Le Metayer Masselin, (1) explorando, em França, as ruinas do templo de Mercurio-Canetus, destruido pelos exercitos de Attila, (451 depois de Christo) encontrou solerradas, sob o panno das muralhas do mesmo templo, ossadas de alta estatura, tendo ao lado das suas armas machadinhas de jade, iguaes em côr, fórma e natureza, ás que encontrára anteriormente no Canadá.

O contacto e a fusão que encontrei nos povos americanos, elementos da raça Huna, foram achados tambem pelo sabio companheiro de Bompland. Diz elle: (2) « La race américaine a des rapports très sensibles avec celle des peuples mongols qui renferme les descendants de Hiong-nu, connus jadis sous le nom de Huns, les Kalmukset, les Burattesras. Des observations récentes ont même prouvé que non seulement les habitans d'Unasarka, mais aussi plusieurs, peuplades de l'Amérique meridionale, indiquent, par des

(1) *Le Canada pré-historique. Cong. des Amer. de Nancy*, II, pag. 270

(2) Humboldt. *Vue des Cord. I*, pag. 21.

caractères
américain

Este
ossada do
tambem p
conduzinc

Tuna
originada
porque d
que torn
nuvens e
d'onde se

Cump
primeiros
sigo um r
de cruzar
o contacto

Dom
de aglut
flexão e r
do tempo

Não c
Esse

vencido d
maticaes,
um lado, t
do-se e p
sentido de
receram,
passaram
proprios e

(1) Segu
bulos que são

(2) Rho.

caractères osteologiques de la tête, un passage de la race américaine à la race mongole.»

Este achado não nos falla á razão? O amuleto, junto á ossada do seu portador, não nos prova que se atiraram também para a America outras hordas do mesmo povo conduzindo os amuletos de nephrite?

Tuna e Pará foram as raizes que, metonymicamente, originadas de *Ap*, não que o exprimam as radicaes, mas porque dellas se originou a idéa que formou a palavra que tornou-se raiz. Pela trovoada, disse, desfizeram-se as nuvens em chuva, que ensopando a terra produziu o *rio* d'onde se tira a *agua*.

Cumpre notar que o povo, que invadiu a America, nos primeiros tempos da Christandade, para mim, trazia consigo um mixto, uma amalgama de raças e de linguas, fructo de cruzamentos por dilatados annos e posteriormente com o contacto com novos invasores, produziu nova mescla.

Dominava uma raça mais numerosa, cuja lingua era de aglutinação, mas trazia, como enxertos, vocabulos de flexão e reminiscencias semiticas e aryanas, talvez mesmo do tempo que estiveram em contacto, posto que em lutas. (1)

Não dominou o Turaniano puro.

Esse povo, durante a longa marcha, vencendo e sendo vencido dividia-se, isolava-se e sem modelos e regras grammaticaes, com rapidez modificava a lingua: adoptando, por um lado, termos dos pais, por outro, o das mãis; esquecendo-se e perdendo ainda outros; adullerando aqui e acolá o sentido delles e foi assim que posteriormente alguns appareceram, cujo significado, sendo ignorado, se conservaram e passaram muitos de substantivos communs, que eram, para proprios e dahi vieram: o *rio Rha*, (2) o *rio Pará*, o *rio*

(1) Segundo Max Muller, ainda hoje, na lingua turca existem numerosos vocabulos que são aryanos, persas e arabes, como a sua religião é semitica.

(2) *Rha*, em sanscripto é *rio*.

Duna, o rio Tuna, o rio Riga, como os hespanhóes fizeram o *rio Mayo*, (1) e os portuguezes o *rio Paraná*. (2)

Com o correr dos seculos e as grandes dispersões modificou-se completamente a lingua primitiva e dahi nasceram os centenares de dialectos americanos, filiados a diversos grupos, todos com vestigios de linguas asiaticas e que cada vez mais vão se modificando.

Affirmon-me um israelita nascido proximo do Monte Libano, na Palestina, que ainda o rio Duna é conhecido pelo nome de Nahar Tuna. Se bem que a Palestina não esteja na linha da nephrite, comtudo até ahí influiram os invasores da Europa e, naturalmente, não conhecendo os arabes o significado de Tuna, acceitaram a denominação e accrescentaram o *Nahar*, rio. Devo lembrar que, apezar disso, existe em arabe a palavra *tonna*, que indica um *grande vaso* de terra cota, que enterram, para servir de deposito *d'agua*. (3)

A falta de ar de familia nos dialectos turanianos, diz Max Müller, (4) forma um dos seus caracteres, tanto que, pelos constantes movimentos de dispersões, como se movem as areias do deserto, *nul lois, nul chants, nul recits ne survivaient à la geration qui les avait vu naître. Les substantifs les plus indispensables que père, mère, fille, et fils, se sont souvent perdus.*

Offerece-se, entretanto, fazer ainda as duas seguintes considerações. Primeira: *Tuna*, que no baixo povo da Turquia significa *trovoada, chuva, agua em abundancia e rio*, como vimos, penso que, outr'ora, significou tambem rio, porque quando os Hunos invadiram a Europa, subindo o Rha, hoje Volga, o primeiro *Rhabon* passou a chamar-se *Tuna* ou *Duna*, modificado hoje para *Duina, Dicina*, como o *Dunastre*

(1) *Mayo*, em kechua significa rio.

(2) *Paraná*, em tupy teiz .. mesma significação acima.

(3) Deste *tonna* não se originaria o *tonel* portuguez?

(4) Max Müller, *Science du langage*. 1876 pag. 851.

para Dni
disse, po
Segu
que os A
uniram
pela Pol
as mach
e em Ag
Museu d
nome.

A co
Panonia
calidades
nomes d
que sen
pelo que
para Eu
bem par

Accr
esta circ
(rio) ant
Duna, c
rio Dun
dos Alan
os plat
antes, co

(1) Pag
mercio de
colonial e
cataracta
dous - kilom
reflectida en
Tudo isto p
e Mozic
Por ella
franqueza,
ou rio que s

para Dniester. Este é conhecido ainda na Palestina, como disse, por *Nahar* (rio) *Tuna*.

Segunda: sabemos, pela linha traçada pela historia que os Alanos, depois de batidos pelos Hunos, a estes se uniram e foram para Panonia, hoje Hungria, passando pela Polonia, onde deixaram vestigios. Esses vestigios são as machadinhas de nephrite que se encontram na Polonia, e em Agram. Os d'aquella infeliz nação estão hoje no Museu de Moscow e os de Agram no Museu do mesmo nome.

A coincidência de haver no mesmo territorio da antiga Panonia, entre os atuais Magyares, ramo Huno, duas localidades nas *margens do Rio Danubio (Dundo)* com os nomes de *Duna Foldvar* e *Duna-Vecse*, nos vem mostrar, que sempre o vocabulo *Duna* andou ligado á nephrite, pelo que parece provar que o mesmo povo que se estendeu para Europa, era da mesma raça do que atravessou tambem para America.

Accresce ainda, ás duas considerações acima, mais esta circumstancia: Nas nascentes do rio *Don, Dun, ou Tun*, (rio) antigo *Tanaís*, fica a cidade de *Tula*. *Dun* é a radical de *Duna*, como *Tanaís* parece ser *Dun-ais* ou *Tuna-is*. O actual rio *Dun* tem as suas nascentes no territorio que foi outr'ora dos Alanos e communica-se com o *Volga*, por onde subiram os platicephalos filhos de *Yuthian*, os Hunos. O *Danubio*, antes, como o *Volga* teve o nome de *Atel*. (1)

(1) Paginava-se esta folha quando li, na *Chronica estrangeira*, do *Jornal do Commercio* de 11 de novembro a seguinte noticia, extrahida da *Revista Portugueza, colonial e maritima*, de *Batalha Reis*: « Ha no curso de *Zambeze*, como se sabe, uma cataracta colossal. A agua precipita-se abí de repente em uma extensão de cerca de dous kilometros, a pique de 120 metros de altura; depois, pulverisada, como que reflectida em columnas de fumo retumbantes, sobe, diffilmente luminosa, até o céu. Tudo isto parece representar a sonora expressão indigena:

« *Mozioia — tunia* » ou, o fumo que se ergue ruidoso ».

Por ella se vê tambem que na *Africa Tuna* tambem significa agua e rio. Devo, com franqueza, dizer que a traducção acima não pôde ser a verdadeira e sim esta: *Agua ou rio que se ergue em fumo*.

Coincidencias, parentesco forçado a martello, por um espirito illudido por uma ideia fixa, dirão, os que querem sujeitar tudo a um estalão e que não admittem modificações caprichosas e impossiveis n'um vocabulo com o correr dos seculos; mas, direi eu, porque só apparecem *Tula* e *Tuna* na linha da nephrite?

Ap, ab, atl, a, que nos serve de radical, perpetuou-se no Mexico e na America Central, porem *Pârô* e *Tuna* ficaram entre os ramusculos da grande arvore que se esgalhou pelo Novo Mundo, indicando os lugares por onde passaram os que traziam ao pescoço o precioso amuleto, que os Karaybas conservoram, como saudosa e ultima lembrança dos seus avoengos.

Os Galibys (1) das Guyanas, conservam mais o termo *tuna* ou *duna*, do que os Karaybas das Antilhas. Entre elles, parece, que chegou puro o termo e não pela modificação do *a*, *ya* como acontece entre outras tribus amazonenses.

Differentes, como disse, foram as hordas que desceram para o Amazonas, com laços asiaticos e americanos, mais estreitos de um lado e mais frouxos de outro.

Umaz traziam já o vocabulo modificado, outras modificaram depois e d'ahi o denominarem, *tuna*, ora, agua, ora, rio.

Pâru por *Pârô*, ainda dizem os velhos tapuyos do baixo Amazonas quando querem designar um rio geral.

Este *pârô*, conservou-se puro entre as tribus Karaybas, primitivas, porém, corrompeu-se modificando o sentido entre os Karinys e os Incas.

De *pârô*, rio, fizeram aquellas *pará*, significando *mar*, e estes *pâra*, exprimindo *chuva* como os Russos deram a *pârom* a significação de *vau*. Os Karinys ou Tupys cha-

(1) Galibys é uma corruptella da *Kariba*, pela mudança do *k* para *g*, e do *r* para *l* commum na pronuncia da Guyana Francaza.

maram
qual on
rand.

Ap, qu
riorme
ainda l

Os
não te
ora, r

Se

dont le
rentes

peuver
confro

identif
gicos

encad
asiatic

a par
para
sentid

panha
no cô
terras

V
sentar
Amer

E
mun
Brazi
depo
Sieur

(1)
religio
Leide.

maram então os rios de *parentes do mar*, para-anã, do qual originou-se o *paraná*, (rio) que já pronunciam *paraná*. Os Incas, entretanto, conservaram a modificação do *Ap*, que pelos Quichés passou a *ya*, modificando-se posteriormente pelo suffixo *co*, que originou *yáco*, que significa ainda hoje *agua e rio*.

Os Galibys, que substituem o *r* pelo *l*, que os Karanys não tem, fizeram de *paraná* *pálaná*, significando ora, *mar*, ora, *rio*.

Sel, como muito bem diz Hovelacque, que « deux mots dont le sens est presque le même dans deux langues différentes, dont le sens, si l'on veut, est absolument le même, peuvent n'avoir rien de commun » e, não apresentaria a confrontação dos vocabulos, por não poder demonstrar a identidade grammatical, se não fossem os factos ethnológicos que se prendem ao *muyrakytã* provarem que ha um encadeamento de circumstancias, que levam para o solo asiatico os portadores do mineralogico amuleto. Por si só a parte etymologica dos vocabulos, que neste trabalho, para diante apresento, que se ligam pela phonetica e pelo sentido nada significaria, se não fosse o cortejo que acompanha o *muyrakytã* e aqui apparece, como notas destacadas, no côro que o aclama producto de origem migratoria das terras d'onde sahiram os filhos do sol e das serpentes.

Vejamos porque digo que os Karaybas são os representantes das hordas partidas da Asia, que se fixaram na America e ahi se multiplicaram e se multidivideram.

Para mim foram os Karaybas esses Bukaras do novo mundo, segundo Balbi, os introductores do *muyrakytã* no Brazil, porque não consta que nenhuma tribu fosse vista, depois da descoberta da America, que fizesse uso delle. Sieur de la Borde nos confirma isso, quando diz: (1) « Ils

(1) Voyage qui contient une relation exacte de l'origine, mœurs, costumes, religion, guerres et voyages des Caraïbes sauvages des îles Antilles, par Sieur de la Borde. Leide. Van der. An. 1704.

portent aussi des colliers, mais de gros grains de cristal et de *pierres-vertes* qui viennent de terre ferme, vers la rivière des Amazones, et qui ont la vertu de guérir du haut mal, c'est leur plus précieux bijoux.» Entre elles a mesma superstição asiatica, o mesmo talisman e com o mesmo apreço.

Segundo M. Ballet, os Karaybas esculpiam grosseiras estatuetas em jade, que eram, para elles os *Deuses Lares*. (1)

Confirma a noticia de Sieur de la Borde a magnifica colleção feita em Porto Rico (2), pelo Sr. George Latimer em 1828, de muitos especimens de machados, fragmentos de louça, collares e outros objectos de uso Karayba, em tempos prehistoricos, entre os quaes alguns muyrakytās anthropomorphos de jadeite. A mesma louça comparada com que achei na *Tauakuera das Amazonas* (3) é tão semelhante que se confunde.

Os Karaybas não se prendem aos Nahuas e a Yuhian só pelo muyrakytā, é o uso da platicephalia que tambem confirma a sua filiação á Asia. Eram *akambeuas*, como foram os Hunos, os Chans, os Aymaras e os Omatuas.

Sieur Navarre (4) diz: «Une singularité particulière aux Caraïbes, c'est qu'ils ont tous le front extrêmement plat de manière qu'ils peuvent voir perpendiculairement au-deffus de leur tête; cette forme ne leur est pas naturelle, ils la procurent aux enfants nouveaux nés en appliquant sur leur front une planche fortement liée.»

Foram, pois, os Karaybas, que desceram pelo Oceano os que levaram ao Baixo Amazonas, os Muyrakytās, e

(1) *Congrès de Nancy*, I pag. 411.

(2) *The Latimer collection of antiquities from Porto Rico* by Otis Mason. Annual report of the Board of regents of the Smithsonian Institution. 1877. pag 472.

(3) Dá esta denominação ao lugar onde encontrei, na Costa do Paru, (provincia do Pará) os vestigios das celebres Amazonas. Vide o meu Relatório do Yamundá.

(4) *Amusémens géographiques et historiques ou les memoires de M...* Seconde partie. Paris. 1788. pag. 175.

foram ell
palharam

E' for
confirmar
tempos d
de Darien
Rio Negr
até ao Pa
reira e p
do littora
encontra

Ante
do Norte
rakytā as
ante si a
donando,
pelas ser
lavam d
adores, e

Na
tambem
e se sub
galharda
posições
temiveis

Depo
n'um or
pontos e
parecera
disperso
tuiram
por com
a sua c

(1) R

foram elles, sob a denominação de Ikamiabas, que os espalharam pelo Tapayós.

E' fora de duvida, e ahi está a tradição oral para o confirmar, que os verdadeiros Karaybas, nos primeiros tempos da sua invasão, estendiam o seu poderio do golpho de Darien ao Amazonas, com guardas avançadas até o Rio Negro, (1) porém, a sua influencia moral caminhou até ao Paraguay, pelo meio de uma grande nação, guerreira e poderosa, que fugiu para o Sul, assenhoreando-se do littoral e levando ante si, por sua vez, as hordas que encontrava.

Ante as vagas Karaybas, que pelo o Oceano desciam do Norte, conduzindo as mulheres portadoras do Muyrakytã as tribus Tupys desciam para o Sul levando, tambem ante si as tribus desconhecidas que encontravam, que abandonando, não sem resistencia, o littoral, se entranhavam pelas serras em busca de refugio. Estas tribus, que fallavam dialectos differentes, foram, segundo os historiadores, denominadas *Tapiyas* ou *Tapuyas* e *Nheengaibas*.

Na disputa da posse do terreno, que anteriormente tambem tinham conquistado os Tupys, uns se dispersavam e se subdividiam marchando para o extremo sul, outros galhardamente unidos ou destacados sustentavam as suas posições e levavam mesmo de vencida, para o Norte, os temiveis Karaybas.

Depois de consumidos muitos annos em lutas, ora n'um ora n'outro campo inimigo, afinal veio, em alguns pontos a paz, e com ella o afrouxamento dos odios. Apareceram então as uniões, a mistura de sangue e novas dispersões, com costumes e usos modificados, que constituiram novas hordas, vindo o seu isolamento depois acabar por completar a mescla dos dialectos, degeneral-os e trazer a sua decadencia.

(1) Renville, *Religions des peuples non civilisés*, I, pag. 331.

Assim appareceu e se estendeu a grande nação encontrada pela descoberta da America; distribuida por tribus que se estendiam das Antilhas ao Paraguay, fallando dialectos, todos eivados do Abanheenga ou Nheengatu, que, puro, era então fallado, apenas, pelas hordas Tupys. Esses dialectos eram o Karayba, o Omaua, e o Tupy. Posteriormente, depois da conquista dos *Kariuas portugueses e hespanhoes* se modificou pela phonetica essa lingua geral e d'ella originaram-se o Nheengatu, o Tupy austral, o Guarany e o Omagua de hoje.

Posto que a tribu dos Omauas, Karas descidos de Nova Granada, se estabelecesse no Alto Amazonas, comtudo posteriormente o seu dialecto foi tambem modificado pelo contacto com os Karaybas tupynambaranas, que, na luta com os do littoral, se refugiaram no Amazonas, vindo mais tarde, depois da conquista hespanhola, ainda mais se modificar passando então a ser conhecido por Omagua.

Um dos grupos que subiram o Amazonas, contituido dos Ikamiabas, e o outro, o maior, formou o grande reino dos Aroakys, *Arroakhs*, dos inglezes, que depois subiram para as Guyanas.

No Norte, como que, por vezes, parece que os Tupys e os Karaybas, propriamente ditos, constituem uma só nação cujo berço é commum, tal foi o effeito do contacto, da fusão e da influencia das linguas, mas, assim não é. Das lutas resultou dividirem-se os Karaybas, que se eram mui valentes, crueis e oppressores, em numero eram inferiores aos Tupys e dahi surgiram os corpos que marchavam com destinos diversos, fixando-se um nas Antilhas, donde antes tinha descido; outro nas Guyanas, as quaes foram invadidas pelo Orenoco, e outro no Amazonas e seus affluentes.

As duas nações a dos Karas e a dos Tupys, a principio, como disse, não se alliam, repelliram-se sempre, mas fazendo ellas, de parte a parte, inumeros prisioneiros de ambos os sexos, em diversas epochas e por espaço de

muitos an-
contrarios
immiscuir
religiosa,
cada uma

Aos co-
leis e seus
alguns usc-

Razão

Karaiba n-
algum est-
como uma
de varias
mada de o-

A trib-
receber a
numero e
ficação op-
nellas se e-
servaram
cançadas
di-persas,
aos seus o-

Foi o
Paraguay
soldados
muitos g-
principal-
termos d-
entre os *

Quant-
novos voc-
plantas, o-
dução de
mente op-
onda inva-

muitos annos, levaram, por esta forma, para os lados contrarios sangue, lingua, crenças e costumes que se immiscuiram no seu viver, exceptuando-se apenas a parte religiosa, que se conservou mais ou menos intacta em cada uma das nações.

Aos conquistados impunham os conquistadores as suas leis e seus costumes e delles recebiam a sua lingua e alguns usos.

Razão tinha o Dr. Baptista Caetano quando disse: «O Karaiba não é, nem pode ser a lingua matriz. Mediante algum estudo que delle tenho feito, ella se me apresenta como uma *mistura extraordinaria de muitos dialectos de varias procedencias*; é uma verdadeira giria amalgamada de diversos dialectos».

A tribu conquistadora devia impor a sua lingua e não receber a dos conquistados, porém isso se não deu, pelo numero e por não se terem fixado, apenas houve a modificação operada no theatro das lutas, entre aquelles que nellas se empenharam. Os que estavam nos centros conservaram puras as linguas, porém as hordas que partiam cançadas das guerras, victoriosas ou vencidas, unidas ou dispersas, levavam a lingua modificada, e assim chegavam aos seus centros ou se isolavam.

Foi o que se deu com a guerra entre o Brazil e o Paraguay. Ao voltar para suas provincias victoriosos os soldados brazileiros, na maioria fallavam hespanhol e muitos guarany, trazendo mulheres e usos paraguayos, principalmente cantos e dansas. Impozeram leis, colheram termos de linguagem, porém não deixaram vinculada entre os vencidos a sua lingua.

Quanto aos costumes, ao sotaque, a introdução de novos vocabulos, a mudança da nomenclatura vulgar das plantas, e a construcção grammatical da lingua, a introdução de novos nomes de localidades, vemos presentemente operar-se esta transformação no Amazonas, com a onda invasora de retirantes Cearenses que, pelo seu nu-

mero (1) anniquila o tapuyo e transforma, de dia em dia, o valle do grande rio, a ponto de não já reconhecê-lo o antigo viajante.

Os Cearenses realisam, hoje, o que os Karas fizeram outr'ora.

Ante o immigrante o tapuyo foge, abandona os seus lares, dispersa-se e refugia-se; ou, se chega a viver em commum, toma o sotaque e os termos, modifica a syntaxe propria e adopta os usos do estranho.

O que se dá hoje, deu-se outr'ora. A baixa população comprehende *Caboclos e Cearás*, que se olham de soslaio.

O *Tapuyo* e o *Kariua* desaparecem.

Os Karaybas e os Tupys mutuamente tambem se distinguíam e genericamente se appellidavam *Karaybas* ou *Karaiuás* (2) e *Karany*s ou *Kariny*s, (3) assim como a certas fracções ou tribus de ambas as nações alcunhavam de *Karayu* ou *Karijó*, *Kariyu* ou *Karayó*; (4) *Karapona* ou *Karipuna*, (5) *Karayá* (6) *Kariri*, (7) etc.

(1) Não fallando dos primeiros retirantes de 1878, que subiram a mais de 80.000, só os que invadiram o Amazonas de novembro de 1888 a agosto de 1889 excedeo o numero de 14.000 que chegavam em troços de 500 a 2.000, por mez.

(2) Karayba já vimos que significa o *mão Kara*, o *mão senhor*, o *guerreiro mão*, o *mão Conquistador*, etc., ou a *serpente poderosa*.

(3) *Kara-ni* ou *ny* significa o que não é *kara*, que não é *poderoso*, *guerreiro*, *conquistador*, etc. de *Kara* é *ny*, o não, elle não, o que não, etc. Em geral traduseram Guarany, por *guerreiro*, quando a palavra diz o contrario. O *ka* pela pronuncia castelhana passou a *Gua* e d'ahi *Guarany*. Veja-se sobre este assumpto o que disse nas *Observações sobre o alphabeto indígena*, Rev. do Ins. Hist. Bras. Vol. LI, pag. 92.

(4) *Karayu*, que os hespanhoes fizeram *Guarayos*, o *conquistador* ou o *poderoso amarello*, appellidado pelos Tupys á horda que pela sua cor, se distinguia dos communs. Com effeito, segundo d'Orbigny, «leur couleur jaunâtre est celle de la nation.» Esses Karayós estenderam-se pela *Bellvia* e por *Goyaz* e passando para o sul foram de S. Vicente até o Rio da Prata, com o nome de *Karijós*. Formavam posteriormente a tribu dos *pagés* ou *feticheiros*: «os mais famosos que ha entre todas as mais nações do Brasil», na phrase de Simões de Vasconcellos. Passando por feticheiros tiveram tambem o proprio nome de *Karaybas*, como nos refere Humboldt e o Dr. Goncalves Dias, no seu *Brazil e Occident*.

O Padre Jarricus, segundo Warden, diz que os *Karijós*, estavam a 80 leguas ao Sul de S. Vicente e o Padre Matheus (lib. XVI, pag. 481) refere o seguinte: *Carigii et Ibragiaritii populi americani interioris, dociles, mitisque naturam christianam religionis praestantem hostantibus, qui ad Paraganum annem (is ex argenteo defluit) sedes habebant, ne dubitacere Carigii amplius ducenti, aliquot Hispanis admittis, au-*

Tanto
trangeiro
de *kara*
Bahia, de
«Dá-
pelo que

diendí evane
bus iter per

O Padre
del origem
nombre a te
Guarayo, II

A estes
(5) *Ka*
de pona o c
os Tupys pe
Karaiba des
Ballet, em

(6) *Ka*
rayas são v

(7) *Ka*
não é mais
que não é g
trage sur es
guinte *gen*
tava. Marti
Tanto o *Ka*
a sua lingu
lingua gera
e o centro c
hoje conse

(*) S

Tanto os Tupynambás, (Kariny's) distinguíam o estrangeiro invasor, forte, poderoso e senhor, com o nome de *kara* que, quando em 1510 aportou Diogo Alvares, á Bahia, depois do seu naufragio, vendo uma ave :

«Dá-lhe um tiro e derruba-a com a espingarda pelo que;

Qual do horrído trovão com raio e estalo

Algum junto á quem cahe fica aturdido:

Tal Gupeva ficou, crendo formada

No arcabuz do Diogo uma trovoadá (*)

Toda em terra prostrada exclama e grita

A tuba rude em misero desmaio

E faz o horror, que estúpida repita

Tupá, Caramurú, temendo um raio.»

Tupá kara mburu!

OU

Tupá kara mboró!

diendi evangelii, ac baptismi potendi causa Brasiliam versus a 600 passuum nullibus iter periculosum ignominique cepeseri.

O Padre Nicoláo Armentia na sua *Navigatiõ del Madre de Dios*, diz : Acerca del origem de la palabra Guarayú nada puedo decir, sinó que los Araonas dan este nombre a todo enemigo qualquiera que sea la tribu á que pertenece. La Sola palabra Guarayo, llena de terror a los Araonas, Isiamenos e Cavimeños.

A estes indios já hoje denominam *Carajás* e *Carahós*.

(5) *Karaponas*, antes *Kari-pyna*, o senhor listado. O y guttural dea pronuncia de *pona* o depois de *puna*. O primitivo nome dos *Karipynas* era *Jaunauó*, porém os *Tupys* para distinguí-os deram-lhe esse appellido. O antigo *Karipyna*, como o *Karaiba* das Antilhas, «se bariolait lo corps de raies noires», segundo diz Mr. Ballet, em uma communicação ao Congresso de Nancy.

(6) *Karayá*, o que se appellida, o chamado, o que tem nome de *Kara*. Os *Karayás* são verdadeiros *Karaibas*.

(7) *Kariri*, que indifferentemente escrevem *Kariri*, *Kiriri*, *Cairiri* e *Kariri*, não é mais do que uma corruptella de *Kari-rei* o conquistador atóá, que não presta, que não é guerreiro; o que concorda com a opinião de Martius, que diz no seu *Beltroge zur ethnographie* que os *Kariris* eram *falsos, celhacos e não guerreiros*, por conseguinte *gente atóá*, porque para o *tupy*, o que não era valente e guerreiro não prestava. Martius traduz *Kaciri* por *triste* e o Dr. Baptista Caetano por *pacífico, meistro*. Tanto o *Kariri* era um *Karaiba* que não prestava, que no diser do mesmo guarinólogo, a sua lingua « não é rigorosamente um dialetto *tupy* mas foi muito influenciado pela lingua geral ». Esta tribu batida pelos *Tupys*, foi uma das que procuraram as serras e o centro do Brazil, tanto que occupavam o Rio S. Francisco e as serras que ainda hoje conservam os nomes de *Kariris* proprios, *Kaciris* velhos e *Kariris* novos.

(*) Santa Rita Durão. *Caramurú*, Canto II, XLIV e XLV.

foi a grita, que a má audição adulterou para: Tupá, caramurú!

O invasor faz vir ou atrahê o raio!

ou,

O estrangeiro faz estrondar o raio!

e não:

Raio, faz estrondar o poderoso!

natural e forçosamente foi a grita de espanto dos selvagens, crentes que o ingrato amante de Moema tinha o poder de chamar o raio.

Jaboatão (1) e Rocha Pitta (2) traduziram Caramurú por *Dragão do mar* e o primeiro também por *Moreia*; o Sr. Visconde de Porto Seguro (3) por *Enguia electrica*; Gabriel Soares, (4) e Claudio d'Abbeville (5) por *Enguia*, e Southey, (6) Warden (7) e Constancio (8) por *Homem de fogo*, todos porém, sem critica, perpetuando a phrase errada.

Os indios, que só applicam nomes muito expressivos, e que caracterisam bem as coisas, se chamassem a Diogo Alvares, de dragão do mar, por ter sahido d'este, diriam *Pará mboia uaçu*, e se o appellidassem de homem de fogo, pelo facto do tiro, diriam *Tatá apgaüa* ou *tatá abá* porém nunca o chamariam de *enguia*; salvo, se elle era muito alto, magro, molle, escuro, escorregadio e gosmento!

Onde, na palavra karamuru, se vê *mar*, *dragão*, *homem*, *fogo e enguia*; ou *peixe electrico*, (Purakê)?

(1) *Novo orbe spherico brasilico*, I, pag. 41 § 32.

(2) *Hist. da Amer. Port.* pag. 30 § 97.

(3) *Hist. do Bras.* I, pag. 245 e *Rev. do Inst. Hist.* X pag. 137.

(4) *Tratado descriptivo do Bras.* *Rev. do Inst. Hist. Bras.* XIV pag. 286.

(5) *Hist. de la mis. des Pêrés Capucins*, Paris, 1645, pag. 215.

(6) *Hist. do Bras.* I, pag. 57.

(7) *Hist. de l'Emp. du Brésil*, I, pag. 253.

(8) *Hist. du Brésil*, I, pag. 109.

Como
pirá ka
simplesm
euphonic
identificar

Tanto
Padre Sim
do fogo
nome de
dá, sem
proprio e

Como
vendo an
quistando
(mburu)

O b n
muru e b
menos ca

Vê-se
grantes I
Kara a to
e dahi nas
e ficarem
os não er

A nep
ou a dos
usava m
que não
do paiz,

Aque
pellidos p
tirada e

(1) Este
especial, que
trintínin...
Velloso, Rev

Como os *Lepidosirens* são appellidados pelos indios *pirá kaá mboró* ⁽¹⁾ (o peixe que ronca nas liervas) ou simplesmente *kacamura*, que os civilizados mettem o *r*, euphonico, e dizem erradamente *caramuru* e até *caramuri* identificaram, pela homophonia, o homem com o peixe.

Tanto Karamuru tem a traducção que dou, que o Padre Simão de Vasconcellos diz: «que á vista do *estrondo* do fogo que *luzio*... que *feria e matava*, deram-lhe o nome de homem de fogo». Vasconcellos na narração que dá, sem querer, traduzio a phrase, tomadã por nome proprio e nella vemos o raio e o estrondo.

Como melhor exprimiria o selvagem a sua admiração vendo ante si um estrangeiro, fazendo prodigios, e *conquistando* a terra (Kara), senão dizendo que elle *attrahia* (mburu) o *raio* (tupã)?

O *b* no Guarany sempre soa *mb* e dahi vem dizer-se *muru* e *buru* segundo a audição ou a pronuncia mais ou menos carregada no *m* ou no *b*.

Vê-se, pois, a grande influencia do poder dos emigrantes Karaybas, que levava o Tupynambã a denominar Kara a todos áquelles que aportavam depois ás suas plagas e dahi nasceu appellidarem a todos os estrangeiros de karas e ficarem os mesmos Tupynambãs bem distinctos dos que os não eram.

A nephrite distingue bem as duas nações. A do Norte ou a dos Karas, invasores, relativamente mais modernos, usava *muyrakytã* e era idolatra, emquanto que a do Sul que não era Kara (Karany) e que se achava já de posse, do paiz, não o conhecia.

Aquelles levavam os seus assaltos para o Sul, mas repellidos pelos numerosos Karanys eram perseguidos na retirada e batidos pelas vinganças até o extremo Norte, as-

(1) Estes peixes quando sahem dos riachos a pascigar, roncam de uma forma especial, que os indios exprimem pelo verbo estrondar, ou onomatopaicamente dizem: *trintintin*... Uma especie que descobri, foi por mim descripta e apresentada na *Yellowstone*, Revista do Museu Botanico do Amazonas, Vol. II, pags. 59.

sim passando e repassando o equador, em varias épocas, vindo afinal no valle do Amazonas alguns grupos a se fundir depois da paz, pelo que se vê o influxo tupy-nambá desde as Antilhas até á Bolivia.

Perpetuou-se assim no Norte o nome Karayba, no litoral o de Tupy, no Sul o de Karany, e no centro o de Tapiya, que indica ainda uma terceira nação, que não creio que seja autochtona.

E' ainda o Muyrakytá o que separa as duas nações, vindo o vocabulo *agua* comprovar e certificar a differença.

As diversas tribus destacadas da nação Karayba teem as expressões *tuna, uná, uné, uene, uni, uny, eny*, etc., para exprimir esse liquido, emquanto que as da nação Karany só teem o *y* ou *ig* e seus derivados e as Tapiyas cada uma dellas apresenta um vocabulo que se não liga nem a uma nem a outra das nações.

A fama terrivel do poder e da malvadez dos conquistadores, querendo dominar e assenhorear-se das terras e de seus habitantes, chegou ao Sul e vice-versa, a da bravura e dos brios dos que não eram invasores, então, mas que souberam defender as terras de que já se tinham apossado, espalhou-se por todo o valle do Amazonas.

Dahi vem o nome de *Karay-guaçu*, dado aos despotas que teem governado a republica do Paraguay, que é o mesmo que dão ao Sultão da Turquia, isto é, *Grão-Senhor*.

Os Karanys temiam os Karaybas, porém ambos se orgulhavam de possuir um appellido que os fazia conhecidos e que perpetuaram-se até hoje, revestidos das circumstancias que os originaram, como nota o observador que estuda a questão no meio em que ambos viveram e no scenario em que as lutas se deram.

Os Karaybas usavam o *muyrakytá* e os Karanys o *tembetá*; aquelles por crença, estes por vaidade. Só depois das pacificações foram vistos tembetás entre os Karaybas, usados por Karanys, que os levaram para as Antilhas.

Hoje os
Çapukuá, m
foz do rio
Alter do C
os indios
os que vi
dencia.

Hoje al
trazido ao

No Per

Tive oc

bruto, las
grande pas
espessura,
Costa do P
e apresenta
de um bel
nominam
zeram-o d

Uma t
cem-me, fo
karaybas e
nação de t

Tanto
invasão re
habitada f
e em um l
palavra ka
dos mares

Depois
Yamundá,
os actuaes

(¹) Mais
no *Khrisno-Ac*

Hoje os muyrakytās não se encontram sinão no lago Çapukúá, no rio Yamundá (1) na costa do Paru, na foz do rio Trombetas, em Obidos e no lago Verde de Alter do Chão, no Tapayós, onde La Condamine diz que os índios mostravam muitos. Todos os que possuem, os que vi e não pude obter, todos teem essa procedencia.

Hoje algum, raro, que existe, em outras localidades, trazido ao pescoço como talisman, não tem outra origem.

No Perú descobrem-se alguns em Cajamarca.

Tive occasião de ver em Obidos um pedaço de nephrite, bruto, lascado, com a fórma circular, como o de uma grande pastilha, tendo 0^m,12 de diametro, sobre 0^m,01 de espessura, que foi achado enterrado nas proximidades da Costa do Paru. Externamente estava decomposta a rocha e apresentava uma côr branca, enquanto que dentro era de um bello verde. Apresentava o que os francezes denominam *patine*. Procurando obtel-o, com empenho, fizeram-o desaparecer.

Uma tribu existe ainda hoje, cujos antepassados, parecem-me, foram os que tiveram contacto com os primitivos karaybas e que são conhecidos na historia pela denominação de tribu das Amazonas.

Tanto as Amazonas, ou Ikamiabas eram Karaybas, de invasão relativamente moderna, que na região, por ellas habitada ficou o nome *Kurumu*, perpetuado, em uma serra e em um lago, proximo á foz do Rio Trombetas. *Kurumu* é palavra karayba, que significa *a estrella das aguas, o Deus dos mares*.

Depois de haver publicado o meu relatorio sobre o rio Yamundá, no qual digó (pag. 59) que as Ikamiabas eram os actuaes Uaupés, eis o que escrevi na *Revista Antropolo-*

(1) Mais tarde mostrarei que este nome é Asiatico e parece nos mostrar filiar-se ao *Kharlino-Acutara*.

gica do Rio de Janeiro, á pag. 96, e reproduzio o *Brazil Illustrado*, á pag. 29 :

«Para mim a tribu dos Uaupés é a celebre conhecida na historia pela das Amazonas, encontrada por Francisco Orellana. A tradição que existe entre os Uaupés, hoje habitantes do Alto Rio Negro, de que outr'ora habitaram as margens do Amazonas, que deixaram obrigados por uma grande inundação, concorda com o logar que descobri na costa do Paru entre os rios Yamundá e Trambetas, que denominei, *Tauakuera das Amazonas*, porque ahí, segundo a historia, Orellana viu as Amazonas.

Esta *tauakuera* só apparece quando ha grandes vassantes. É uma ilha ou peninsula, devorada pelas aguas do Amazonas, onde ainda se encontram os vestigios de aldeia pelos innumerados fragmentos de louça, machados de pedra, etc.

Si a historia e a tradição não fallham, ahí foi a aldeia das Amazonas, porque lá encontrei os *muyrakytás* e fragmentos da rocha de que são feitos, assim como tambem foi achado o *Idolo amazonico*.

As Amazonas usavam a *pedra verde*. Entre os vestigios de povoação ha provas de que sua população usava aquella pedra. Entre os *muyrakytás* de jade encontram-se tambem os de quartzo iguaes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de distincção; por conseguinte, a tribu que emigrou, que usa o *muyrakytá* ainda hoje, é a pretendida das Amazonas, que se dirigiu para o Rio Negro, o que concorda com a sua marcha dada pela historia. Ainda uma prova de que os Uaupés são as antigas Amazonas é a seguinte :

Além de conduzirem as mulheres aos combates, os homens teem um aspecto afeminado, o que, unido ao uso de trazerem os cabellos divididos na frente e depois trançados, dá-lhes a feição de mulheres.

Um moço vestido será tomado pelo mais atilado por uma mulher, tal é o aspecto que lhe dá o uso do penteado.

E' a un
tranças

Eis

Out

encante

lhes en

fórma o

um ind

Est

que se

inunda

onde a

do *Rio*

Ad

didas

como

Nahua

O

O

das ce

fragm

encon

resta

que ha

prega

polídc

estud

proce

de dic

F

porqu

pedra

É a única tribu que utiliza-se do pente, para prender as tranças.» (1)

Eis a tradição Uaupé.

Outr'ora a tribu habitava as margens de um lago, encantado, onde morava a *Mãe do muyrakytã*, e que esta lhes ensinara a fazer os seus; mas, tomando ella um dia a fórma de um animal, sahio para os montes proximos, onde um indio a matou.

Esta morte produziu uma revolução nas aguas do rio, que se communicava com o lago, e, sobrevindo uma grande inundação, foram obrigados a fugir e procurar outro lugar onde as enchentes não chegassem. Procuraram as cabeceiras do *Rio Ukayary*, hoje Rio Uaupés.

Adiante, em capitulo especial, provarei como as pretendidas Amazonas são os indios denominados Uaupés, e como estes mostram ser Karaybas, descendentes dos Nahuas, tendo seu principio na patria do genero humano.

O rio e o lago da tradição são Amazonas e o *Paru*.

O encontro no Rio Tapayós, dos *polidores*, nas rochas das cachoeiras, banhadas por pouca agua, os estilhaços, fragmentos de diorito, e machados lascados, que tambem encontrei em quantidade bastante, na margem, sob a floresta e a poucos passos das pedras sulcadas, foi para mim, que ha muito estudava, procurando achar o meio que empregavam para conseguir um machado cortante, perfurado, polido, o facho que illuminou o meu estudo. Cuidadosamente estudando a disposição dos sulcos, cheguei a encontrar o processo que apresento, não só para o fabrico dos machados de diorito, como para o dos *muyrakytãs*.

Hoje vejo que os meus estudos não me enganaram, porque recebendo eu a obra, já citada, *Sobre a origem da pedra das Amazonas*, publicada pelo Dr. Fischer em 1881,

(1) Este artigo foi traduzido em francez, e reproduzido no *Messenger du Brésil* e na *Opinion*, de Paris, de 7 de novembro de 1882.

onde elle analysa os meus estudos sobre as Amazonas e o, Muyrakytã, citados tambem pelo marquez de Nadaillac (1), ahi veem representados quatro *chalchihuitls* ou Muyrakytãs, do Mexico, para confirmar a minha opinião sobre esse processo.

Representam elles quatro figuras distinctas e assentadas, na attitude de preparar outros tantos muyrakytãs, que elles mesmos figuram. A primeira está desbastando a rocha bruta e tirando lascas; a segunda tem entre as mãos, abertas e unidas pelas palmas, um pontalete que faz girar sobre uma pequena rocha; a terceira, com a mão esquerda segura um pontalete cuja extremidade repousa sobre outra pequena rocha, e com a direita lança sobre o furo já começado uma porção d'agua, e a quarta, segurando com a mão esquerda uma especie de cartucho com areia, lança com a direita a mesma sobre o furo, fazendo-a descer por sobre o pontalete. (Vide a estampa.)

Si eu quizesse figurar o meu processo, não o faria melhor do que representam esses coevos da civilisação asiatica, que vieram perfeitamente provar praticamente o meu processo.

Não se encontram vestigios do Muyrakytã pelo Solimões acima, mas encontramol-o em Cajamarca, onde serve de fuso e passa como relíquia, de familia em familia. Elle ahi foi parar por outra emigração que não subiu o Tunguragua. Liga-se mais ao trimurti dos Incas e aos *quipos*. *Con*, *Pachamac* e *Huiracocha* não são mais do que *Brahma*, *Vishnu* e *Siva*, assim como os *quipos* são: «as cordas com nós para dar ordens, de que se serviam os homens da antiguidade, que depois foram substituidos por signaes e figuras», como nos diz Confucio, em um dos seus escriptos. (2) Si os Muyrakytãs e os *quipos* ligam os Pe-

(1) *L'Amérique préhistorique*, pags. 475-476.

(2) *Safrag. Nature*, 1876. L. II, pag. 405.

ruanos á
ao Mexico

Com a
existe a p
as republ
no Perú
cional.

Existe
de Janeir
annos, pe
mentos m
dadeiros
achou o l
Museu El

Esten
mostrar
pregada
Delafosse
verte est
forment

A est
de King.

Os A
são os K
de varios
cania, le
ticos e c
o Muyra

A su
universo
do mal
Wancub
alma e a
morto se
vida d'a

Não

ruanos á Asia, tambem a *chicha* e a platicephalia os liga ao Mexico e á America Central.

Com a mesma orthographia e com o mesmo significado existe a palavra *chicha* de tempos immemoriaes em ambas as republicas; no Mexico é feita de ananaz, enquanto que no Perú o é de milho. Em ambos os paizes é bebida nacional.

Existem dois Muyrakytās no Museu Nacional do Rio de Janeiro, onde jaziam esquecidos ha mais de quarenta annos, para onde foram remettidos com a nota de instrumentos musicaes dos antigos Araucanos, do Chile. São verdadeiros muyrakytās, com fórmas semelhantes ás do que achou o Dr. Martius, no Amazonas, e que existe hoje no Museu Ethnographico de Berlim.

Estendendo mais a zona do muyrakytā, vem ainda nos mostrar a sua origem asiatica, onde a jade é tambem empregada para certos instrumentos musicaes, como nos diz Delafosse, no seu *Nouveau Cours de Minéralogie*: « la jade verte est au nombre des pierres sonores dont les Chinois forment des instruments de musique ».

A estes muyrakytās tithophonos dão os Chinezes o nome de *King*.

Os Araucanos, esse typo da independencia e do valor, são os Karaybas dos Andes. Esta tribu, segundo a noticia de varios escriptores viajantes, que atravessaram a Araucania, tem muitos pontos de contacto com os povos asiaticos e com os normandos, e isso nos vem mais confirmar o Muyrakytā usado outr'ora por ella.

A sua theogonia é simples. Uma trindade governa o universo sob o nome de *Pilan*: o genio do bem, o genio do mal e o genio da guerra, chamam-se, então, *Meulen*, *Wancubu* e *Epunamum*. Admittem a immortalidade da alma e a sua transmigração, pelo que não se enterra um morto sem as suas armas e as provisões de boca, para a vida d'além tumulo.

Não será essa religião uma reminiscencia de Vishnu ?

Miers, (1) que viajou entre elles, nos diz ainda que as fórmas de suas casas, seu genero de vida, a natureza de suas emprezas, suas armas, faz com que se approximem muito dos povos que percorrem os steppes do norte da Asia.

A sua religião, os seus costumes e o uso de um instrumento de nephrite, parece que tudo nos quer mostrar reminiscencias de descendencia ou de contacto por longos annos com um povo Asiatico, se delle não descende.

Disse que os Karaybas participam do contacto asiatico e normando; o mesmo acontece com os Araucanos. Um uso commum entre elles é o conhecido entre os Scandinavos por *fraternidade de armas*, união semelhante á dos antigos Gregos o *Hetaeria*. O *Lacu* dos Araucanos une dous homens *à la vie et à la mort*, torna-os amigos inseparaveis, dispendo-se um a morrer pelo outro, si fôr preciso, participando ambos todos os prazeres, todas as dôres e todos os perigos que um ou outro soffra.

Na America do Sul foi, pois, a jade (nephrite) empregada como amuleto, como instrumento sagrado, e com as mesmas virtudes supersticiosas. Elle tem a mesma côr, a mesma densidade, offerece nos amuletos as mesmas fórmas e parece ter partido das mesmas jazidas do Turkestan: haverá então em tudo isso um jogo do acaso?... As considerações que até aqui tenho feito não se baseam em estudos hypotheticos, e sim n'um objecto palpavel, cuja natureza nos mostra claramente a sua origem.

Mais uma prova de que o *muyrakytã* foi importado da Asia tenho no costume hodierno do Amazonas: o do *resguardo* ou *covade*, dos Francezes.

Do resguardo já tratei, (2) por isso pouco accrescentarei. E' sabido que os indios do Brazil, como muitos povos

(1) *Travels in Chile and la Plata*, London, 1826.

(2) *Resolução dos Orihandãs*, Rio de Janeiro, 1885, pag. 157.

antigos, te
luz, recolh

Será es
por ter sid
Creio que
covade, t
com tribus

O muy
Marco Pao
os autores

Será u
que usaran
costume d

Ainda
tume, era
dizem que
concorda p
em Monte-
mais frisa
scrito, é S
que habita
naré, que

Em re
introduzid
povo que t
Galiby na
de *Muisca*
Aymara e

A idéa
sido comb
outr'ora d
gotadas pe
viões mode
continente
junta a ou
em um ce

antigos, tem por costume, sempre que as mulheres dão á luz, recolherem-se os pais á rêde, indo ellas para o trabalho.

Será este costume, no Amazonas, um facto natural, por ter sido ha dezoito seculos observado em varios povos? Creio que não; porque os povos onde se observa a *couvade*, todos tiveram contacto, mais ou menos immediato, com tribus do Imperio Celeste.

O *muyrakytã* vem tambem de Yunnan, e foi ali que Marco Paolo, no seculo XIII, vio este costume, que todos os autores dizem ser chinez.

Será uma coincidência; mas o que é exacto é que os que usaram e usam hoje o *muyrakytã* tiveram e tem o costume do *resguardo*.

Ainda mais, a tribu de Yunnan, que tinha esse costume, era a dos *Miau-tse*, ou *filhos do Sol* e as lendas dizem que os *Uaupés* são tambem *filhos do sol*, e isso concorda perfeitamente com a tradição da serra do Arochi, em Monte-Alegre, que uma inscripção perpetua. Torna-se mais frisante o facto pela palavra Arochi, que, em sanscrito, é *Sol*, ser a que hoje ainda denomina a serra, em que habitavam as Amazonas, segundo a lenda de *Paytunaré*, que pela tradição e a historia usavam o *muyrakytã*.

Em resumo, o *Muyrakytã* tem origem asiatica, e foi introduzido no Brazil por emigrações e por intermedio do povo que tomou depois o nome de *Karayba*, no mar, de *Galiby* nas Guyanas, de *Amazonas* no Rio Amazonas, de *Muizcas* em Nova Granada, de *Araucano* em Atacama, *Aymara* e *Inca* no Perú.

A idéa da introdução, na Europa, da nephrite já tem sido combatida por alguns archeologos, que supõem que outr'ora deveriam existir ali jazidas desse mineral, esgotadas pelos primeiros habitantes ou soterradas por alluções modernas; mas a circumstancia de não se achar nesse continente um só vestigio, apezar das maiores pesquisas, junta a outra *de não estarem reunidos os objectos achados em um certo espaço*, que mostraria haver perto uma ja-

zida, sim disseminados, seguindo uma linha que termina na Asia, parece mostrar que razão ha a favor dos Asiaticos. Na America dá-se o mesmo facto.

Pelo que expuz, quero crer, que não só a nephrite como a jadeite, teem no Brazil, como na America do Norte, a sua origem entre os filhos do Hinduismo. Desde 1872 assim penso, pois que já então eu dava o Oriente, não querendo, por cautela, frisar qual a parte da Asia que em épocas prehistoricas lançou sobre o novo continente seus povos. Si, porventura, estudos ulteriores ou provas mais convincentes destruirem o que actualmente o Muyrakytâ me affirma, serei o primeiro a curvar-me, porque devemos sempre — *Veritate aductum aliquid operari.*

Tratada esta questão, como já foi no Congresso de Nancy, parecerá ser uma *chinoiserie*, entrar ainda nella; mas, tendo eu por fim vulgarisar as antiguidades que encontro no Amazonas, não faço mais do que mostrar a analogia que descubro na civilisação que ellas denotam, com a asiatica e com a normanda. Levantei o *Muyrakytâ*, porque parece ser elle a unica prova palpavel que se pôde encontrar para confirmar que entre a America e a Asia houve por muitos seculos laços de união.

Termino fazendo minhas as palavras do Sr. C. Shoebel : « Tous ce qu'il nous est permis d'assurer d'une manière générale, et cela parce qu'il y a une preuve géologique bien constatée, c'est que l'élément asiatique c'est fait place dans les origines américaines. En effect, beaucoup d'idoles ornamentées qu'on a trouvées dans le Mexique et dans l'Amérique Centrale sont faites d'une roche inconnue au sol américain. Or cette roche ou pierre qui est la néphrite, celle précisément qui est une variété du jade chinois, n'est à l'état géologique que dans la haute Asie orientale et septentrionale. Les idoles américaines qu'on trouve faites de néphrite indiquaient donc la provenance asiatique du peuple américain qui les possède, tout comme les idoles de la femme de Jacob indiquaient l'origine araméenne de la belle

et rusée
les peup
sacrées c
lontiers a
vaincus.
vinrent c
dieux irr
explique,
de nephr
seurs y c

(¹) e d
pag. 318.

et rusée Rachel. L'histoire est là pour nous dire que les peuples important dans leurs migrations les choses sacrées du sol qui fut leur berceau, et qu'ils laissent volontiers à la terre dont ils vont prendre possession les dieux vaincus. Le mot attribué à Marcellus quand les Romains vinrent dans la Grande-Grèce: laissons aux Tarentins les dieux irrités, *Relinquemus Tarentinis deos suos iratos*, explique, dans sa portée historique, la présence des idoles de nephrite sur le sol de l'ancienne Amérique: les envahisseurs y ont apporté avec eux leurs dieux aborigènes. » (1)

(1) « Un chapitre d'Archéologie américaine » Congrès de Luxembourg, II, pag. 318.

a que termina
favor dos Asia-
a nephrite como
do Norte, a sua
de 1872 assim
, não querendo,
que em épocas
nte seus povos.
s mais convin-
kytā me afirma,
emos sempre —

o Congresso de
ar ainda nella;
aidades que en-
mostrar a ana-
s denotam, com
o *Muyrakyatā*,
vel que se póde
merica e a Asia

Sr. C. Shoebel :
d'une manière
géologique bien
t fait place dans
p d'idoles orna-
et dans l'Amé-
nue au sol ame-
néphrite, celle
chinoise, n'est à
entale et septen-
ve faites de né-
tique du peuple
es idoles de la
enne de la belle

VI

OS SYMBOLOS DE YANG E DE YN, CHINEZES, LIGADOS A VOTAN E A UM MUVRAKYTĀ AMAZONENSE.—AS PALAFITTES E O TEYUPAR AMAZONENSE.

Tenho até aqui me occupado, sómente, com o muyrakytā de nephrite, que é, hoje, unica prova material da passagem dos filhos de Budha para as terras americanas; porém não posso deixar de, em capitulo especial, apresentar um outro monumento congenero, que me parece não ter menos valor archeologico.

Excepcionalmente é feito de argilla cota, creio mesmo que da das plagas amazonenses, comtudo a sua fórma e os desenhos que o ornam lhe dão um logar ao lado dos muyrakytās de nephrite, tendo, tanto quanto estes, peso na questão que nos occupa.

Se é de argilla cota, todavia, a sua fórma se liga ás de alguns muyrakytās e, como elle, é feito para ser trazido suspenso ao pescoço. Se não é de nephrite, tem, comtudo, em si figuras symbolicas que se prendem á patria desta, onde, em todos os tempos, os amuletos foram tidos como necessarios para precaverem de encantos.

E' um amuleto amazonense e pertence á tribu dos Aroakys.

Quando
valente e
America
Negro, e
Aroakys—
fins do se
tencia á r
que os ka
eram filh

Esta
a invasão
estão hoj
nome, ad
Rios Uat
havendo

Deixo
guerreira
outros tra
e descrevi
mada de

Esta
abaixo de

D'esse
(iukacua
mos e, en
de objecto

Não c
desenho j
lhado, ter
symbolica
nas moed

(¹) Em
gua AREVAQ
estrangeiras.

(²) Valle

(³) Esopi

Quando se descobriu a America, uma tribu numerosa, valente e ousada se estendia do nordeste do littoral da America do Sul, entrando pelo Amazonas ia até o Rio Negro, e por isso linha essa região o nome de — Reino dos Aroakys —. Essa tribu, dividida em malocas, existiu até fins do seculo XVII e pelos costumes, usos e dialecto pertencia á raça Karayba, tanto que querem alguns autores que os karaybas das Grandes Antilhas descendam dos que eram filhos d'esse reino.

Esta tribu dispersou-se, dividiu-se e aniquilou-se com a invasão da civilização portugueza. As ultimas reliquias estão hoje em Venezuela, na Guayna Ingleza, com o nome, adulterado, de *Arroakaks* (1) e nas cabeceiras do Rios Uatumã e Jatapú, onde os encontrei em 1873, havendo ainda alguns descendentes no Rio Negro.

Deixo de tratar dos costumes e do historico desta tribu guerreira e conquistadora, porque já d'isso me occupi em outros trabalhos, (2) nos quaes os estudei detalhadamente e descrevi os seus usos e uma necropole, vulgarmente chamada de *Mirakanguera*. (3)

Esta necropole fica na margem esquerda do Amazonas abaixo de S. José do Amatary e é limitada pelo furo Arauató.

D'essa necropole desenterrei diversas urnas mortuarias (iukagaua), com ossos em decomposição e cinzas dos mesmos e, em uma dellas, encontrei o amuleto que nos serve de objecto ao assumpto.

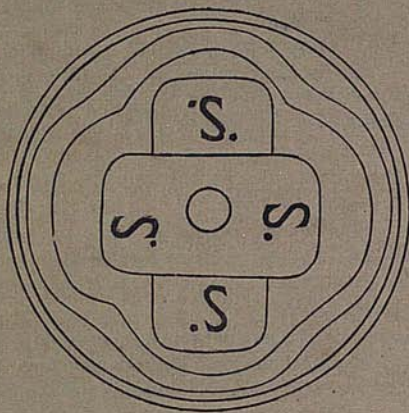
Não descrevo aqui este amuleto, porque melhor falla o desenho junto : apenas direi que é de terra cota, bem trabalhado, tendo em ambas as faces, por gravura, figuras symbolicas ; é furado no centro e ornado o circulo, que nas moedas é serrilhado, de uma linha gravada.

(1) Em Guadalupe são conhecidos por *Arroiaques*, porém Hovelacque já diz : *lingua AREVAQUE da Guyana Ingleza e assim se vai corrompendo pelas pronuncias estrangeiras.*

(2) Vollosia. *Contr. do Mus. Bot. do Amaz.*, I, 1888, pag. 73.

(3) *Expl. do Amaz. Rio Jatapú*, 1875, pag. 52.

Era pintado de branco e preto, porque encontrei nelle vestígios destas cores. Mede 0^m,065 de diametro e 0^m,007 de espessura. Para o seu tamanho é excessivamente leve, pois pesa apenas 24 grammas. A boa escolha da argilla e o bom preparo deu-lhe não só dureza, como leveza para poder ser usado suspenso ao pescoço.



Este amuleto tem exactamente a forma de alguns muy-rakytãs de nephrite, que se encontram no Rio Tapayós, (Brazil), e em Cajamarca (Perú), onde são empregados á guiza dos fusos.

Para muitos, esta peça archeologica poderá ser tomada, justamente, por uma rodella de fuso, sendo o furo central aquelle por onde passa o pontalete sobre o qual se enrola o fio depois de torcido, mas, entretanto, assim não é.

Qual a crença, ou quaes as virtudes que se ligavam a este amuleto, não o sei dizer, nem a tradição o diz, mas quero crer que as figuras emblematicas que o enfeitam não sejam filhas de pura phantasia. A forma e os ornatos

que tem n
pricho inte
guras sym
verdadeiro
temporane
para a tem

Por is
guras são
symbolism
porque a
phrite e
China; em
são iguaes
em terceir
figuras; fi
ao pescoço
branca e

Indaga

A the
ou duas g
duzem a
circulo div

Esses
activo, ou
pela linha

que tem não permitem que se tome isso por mero capricho intellectual, porque se prende e se filia a outras figuras symbolicas e a circumstancias que o unificam ao verdadeiro *muyrakytã* de nephrite, que é a testemunha contemporanea que confirma a passagem dos filhos da Asia para a terra de Colombo.

Por isso o dou por um amuleto e digo que as suas figuras são symbolicas e analogas, si não identicas, ás do symbolismo asiatico. Em primeiro logar é um amuleto, porque a fórma circular é a de alguns *muyrakytãs* de nephrite e essa fórma é tambem a do circulo symbolico da China; em segundo, porque as figuras que estão no circulo são iguaes aos signaes symbolicos das inscrições asiaticas; em terceiro, porque o circulo que tem, limita e envolve as figuras; finalmente, em quarto, por ter sido usado suspenso ao pescoço e porque presumo ter tido as mesmas côres, branca e preta do symbolo asiatico.

Indaguemos:

A theogonia chinesa admite dous grandes principios, ou duas grandes forças da natureza, que, combinadas, produzem a *Unidade* suprema. São representados por um circulo dividido por uma *linha em fórma de S*.



Esses principios são: o *Yang* e o *Yn* ou *Yen*; um activo, outro passivo, e occupam os dous campos formados pela linha divisoria.

O Yang, a força creadora, a materia em movimento, é *masculino*, forte, quente, luminoso e fecundador, pelo que o céo, e tudo quanto é grande e nobre fica sob a sua dependencia.

Assenta sobre um campo branco.

O Yn, a materia inerte e plastica, é *feminina*, fraca, fria, tenebrosa e productiva, tem a terra, a lua e as creações inferiores sob o seu dominio.

As cores azul ou preta o symbolisam, pelo que o espaço que o occupa é preto ou azul.

Da união destes dous principios origina-se a existencia de todas as cousas e della nasceram os espiritos *Ti e Che* que presidem o Céu e a Terra, o pai e a mãe.

Assemelha-se a Baal e a Astoreth dos Chaneos.

Quando a acção do Yang se exerce sobre a do Yn, ou vice-versa, este facto é indicado por meio de um *ponto* (○) branco sobre o campo negro, ou por um preto (●) quando dá-se o caso contrario.

Ainda mais, devemos notar:

Quando isoladamente se representam as cousas submittidas a Yang, o principio masculino, como o Sol, ⁽¹⁾ o fogo e tudo quanto é forte e pertence a uma esphera de ordem moral elevada, são as formas *circulares*, *ovaes* e as divisões impares que as indicam e, quando domina Yn, o principio feminino, como a terra, a lua, etc., são sempre as formas *quadradas* e *rectangulares* ⁽²⁾ e os numeros *pares* que representam os factos de ordem superior.

Comparemos agora.

No amuleto vemos factos de ordem inferior, acções submittidas a Yn, representadas por dous *rectangulos* que

(1) O Sol, no *Rij Vêda*, é a grande alma, a alma de todos os seres.

(2) Nos hieroglyphos mexicanos *Til* ou *Tlal-il*, a terra, note-se que é, tambem, representada por um rectangulo que, segundo os signaes symbolicos que nelle se incluem indicam se é cultivada ou bruta, se podregosa, se do campos, etc.

indicam d
dous camp
rectas, de

Não se

é verdade,
bolos Yan
pontos á d
de um, qu
exercidas.

Si tom
tambem n
supremo e
Yang e Yn
á ophiolat
blema do
que sahem
escamosos,
enroscados
lica de qua

Si abst
e deixar se
bolo sobera
mas, como
a figura sy
que cada
sujeito ao
que repres
drado ou u
a Asia e o c
outras tant
viagens par

(1) Nas lor
que se prendem
grande, o dragã
sentada pela con

indicam duas terras: vemos as linhas SS estabelecendo dous campos, que, se bem que encerradas pelas linhas rectas, de Yn, são fechadas pelos circulos de Yang.

Não se vê o symbolo chinéz representado absoluto, é verdade, mas apparecem isoladamente factos dos symbolos Yang e Yn bem caracterizados, existindo até os pontos á direita dos quatro SS e uma só vez á esquerda de um, que nos mostram o resultado de acções que foram exercidas.

Si tomarmos as linhas serpentiformes isoladamente, tambem nos mostrarão o emblema da *vigilancia*, *poder supremo* e *soberano*, porque da união dos dous principios Yang e Yn nasce esse symbolo que intimamente se liga á ophiolatria e á platicephalia. Desse symbolo vem o emblema do poder dos Nãgas, Imperadores Chinezes. E' delle que sahem as serpentes e os dragões com chifres, alados, escamosos, que vivem nas regiões superiores como os enroscados vivem nas inferiores. (1) E' a linha symbolica de quasi toda a Asia.

Si abstrahirmos os circulos de Yang, ainda uma vez, e deixar só os sigmas isolados, teremos ainda o symbolo soberano, o S, representado quatro vezes, dous e dous; mas, como estejam guardados pelas rectas que formam a figura symbolica de Yn, em dous rectangulos, diremos que cada um d'estes representa uma porção do globo, sujeito ao principio feminino, porque o symbolo especial que representa a *terra*, como vimos, é sempre um quadrado ou um rectangulo. Um, o superior, será portanto a Asia e o outro, o inferior, a America, e os quatro signaes, outras tantas viagens daquella para esta. Todas estas viagens parecem indicar que o individuo que as fez vol-

(1) Nas lendas amazonenses ha dois mythos, um zoologico e outro astronomico, que se prendem a esse symbolo e á ophiolatria.—E' a creença na *mboya uacu*, cobra grande, o dragão que vive enroscado nos lagos e no que vive no firmamento representada pela constellação *Serpentarius*.

tava, pelo que são viagens de ida e volta, sendo determinada a volta pelos *pontos*.

Em um dos sigmas se vê um ponto á esquerda e outro á direita, um superior e outro inferior e, parece-me que esse segundo ponto indicará uma outra viagem da qual não houve regresso.

Estabelecida a analogia com os symbolos asiaticos e interpretados assim os hyeroglyphos do amuleto amazonnense, passo a mostrar que tambem encontro analogias entre esses signos e Votan, o civilisador da America Central.

Sabemos pelo manuscripto tzendal noticiado pelo bispo de Chiapas D. Francisco Nunes de la Vega, ⁽¹⁾ citado por Del Rio, pelo padre Bresseur de Bourbourg e pelo Conde de Charancey e outros, que o terceiro Votan, o Cham, escreveu um livro cujo fim foi provar descender de serpentes e *ser elle mesmo um Cham, uma serpente*, assim como «qu'il fit quatre voyages de Valum-Votam á Valum-Chivin et quatre fois de Valum-Chivin a Valum-Votam..... qu'il alla par la route que ses freres, les serpents, avaient tracée, qu'il y laissa des signes.....» ⁽²⁾

Não serão essas quatro viagens de ida e volta as que estão indicados no amuleto, como signal heraldico, expri-

⁽¹⁾ Este manuscripto, escripto em lingua tzendal, tinha cinco a seis folhas e foi achado por Nunes de la Vega, em 1690, em uma *Casa lobrega*, onde foram tambem encontrados idolos de nephrite que, quorem alguns, representam um calendario, indo parar depois ás mãos de D. Ramon Ordonez y Aguiar, onde foi visto pelo Dr. Paulo Felix Cabrera, em 1790. Não foi totalmente traduzido, apenas delle se fizeram extractos das partes mais importantes e que correm impressos nos trabalhos dos mesmos Ordonez e Cabrera.

⁽²⁾ Charancey, *Le mythe de Votan*, pag. 43.

Quorem alguns autores que Valum-Votam seja a ilha de Cuba, o Valum-Chivin outro logar mesmo na America; entretanto o mesmo Ordonez e Cabrera, que traduziram o manuscripto, dizem, nas noticias que dão, que o herói americano passou nas suas viagens, pela Babilonia, Jerusalem e foi até a Hespanha e diz, o primeiro, que *Chicim* é o paiz dos Heveanos, o *Chicim* da Escripura Santa.

Naturalmente esses nomes não estão no manuscripto, porém elles deprehenderam isso da leitura que fizeram. Supponho que elles tem razão porque a nephrite nos diz, que pela Asia Menor passaram emigrantes do Tolau que foram até Tolosa, na Hespanha.

mindu tar
não seria

As vi
dentro de
cumstanc
afinidade

Dizem
e Ordonn
creveu : «
en deux c
presente
ticales em
tinent acc

Para
nalmente
sentou os
como são

Os s
mesmos
posição q
logico qu
tambem
outro pai
visités da
marge de
nouveau,

Os SS
de viagem
grande s

⁽¹⁾ Ant

⁽²⁾ Rec

Dovo ler
elle mesmo d
deixou monu
o mesmo seg
foi 290 ann
Codez Chima

sendo determi-
o á esquerda e
erior e, parece-
a outra viagem

minho tambem o symbolo soberano? Os signaes que deixou
não seriam os que a nephrite perpetuou?

As viagens do amuleto amazonense estão gravadas
dentro de um rectangulo, symbolo da terra, e até essa cir-
cumstancia vem em meu auxilio para mostrar ainda maior
affinidade e ligar esse amuleto a factos de vida de Votan.

Dizem Rivero e Tschudi, (1) reproduzindo o que Cabrera
e Ordonnez disseram, baseados no que o proprio Votan es-
creveu: « Le titre ou frontispice de ce document consiste
en deux carrés parallèles de différentes couleurs, l'un deux
présente l'ancien continent, indiqué par deux figures ver-
ticales en forme de S; l'autre représente le nouveau con-
tinent accompagné de deux SS horizontales SS.

Para mim, Votan empregou esses quadrados intencio-
nalmente, porque conhecia o symbolo Yn e por isso represen-
tantei os dous continentes por essas figuras geometricas,
como são representadas no amuleto pelos rectangulos.

Os seus SS, verticaes, e os Z, horisontaes, são os
mesmos que apresenta o amuleto amazonense em qualquer
posição que esteja. Além disso, se no monumento archeo-
logico que nos occupa os SS estão separados, separados
tambem os empregava Votan sempre que fallava de um
outro paiz: — « Lorsqu'il veut parler des localités qu'il a
visités dans l'ancien continent, l'auteur les marque à la
marge de chaque chapitre d'un S droit; lorsqu'il s'agit du
nouveau, il imploye le S horizontal (∞). » (2)

Os SS do amuleto podem representar tambem, além
de viagens, o symbolo do poder supremo, asiatico, a
grande serpente, a *imagem de Votan*, sendo essa linha di-

(1) *Antiquités Péruviennes*, pag. 32.

(2) *Rev de la Société de Géographie*, 1889, pag. 144.

Devo lembrar que este Votan já foi o terceiro que chegou á America, tanto que
elle mesmo diz: « ter seguido o caminho aberto por seus irmãos os serpentes e no qual
deixou monumentos. » Del Rio diz, combinando o manuscrito com o que diz Cabrera,
o mesmo segundo as tradições lendaeas, que a chegada do primeiro Votan a America
foi 270 annos antes de Christo. Ordonnez dá para a sua chegada 1000 annos e o
Códex Chimalpopoca 955 antes de Christo.

visoria de Yang e de Yn a que certifica o seu nascimento, em Khotan, logar que deixou levando consigo a nephrite, em amuletos, para proteger-lhe a viagem á America, fazel-o feliz, e indicar a sua passagem.

O symbolo chinéz já foi encontrado, tambem, em Kopan (America Central), gravado sobre um altar, o que nos prova que se lhe ligava uma ideia religiosa, como se liga ao amuleto.

Estes symbolos de Yang e de Yen que se encontram nos antigos vasos do culto chinéz, quer o notavel americanista Dr. Hamy que remontem sómente ao seculo XIII da nossa éra, porém com bem fundadas razões o Sr. Conde de Charancey os leva para o fim do 1º e os faz companheiros de Votan.

Os estudos que faço e a afinidade que encontro entre o amuleto amazonense e os symbolos de Yang e Yen, ligados ás viagens de Votan, confirmam a opinião do illustre Conde, e me levam a crêr que elle veio para a America com os primeiros emigrantes.

Se não fôra um objecto sagrado, não seria recolhido a uma urna, com os despojos do morto, d'onde o tirei, dando-se mais a circumstancia de serem as urnas mortuarias pintadas com as cores branca, preta, vermelha e amarella, que são as côres symbolicas da China.

Devo ainda observar que entre centenas de objectos cerámicos que me tem passado pelas mãos, ainda não encontrei em nenhum a perfeição que se nota nas urnas e nos objectos que se deparam na necropole de Mirakanguera.

A correcção dos desenhos, as fórmulas symetricas, o bem lançado das linhas, a boa qualidade da argilla e o seu bom preparo, tudo nos mostra um povo adiantado na carreira das artes. A descripção dos objectos do Mirakanguera poder-se-ha ler em um outro trabalho meu. (1)

(1) *Yellosio, Contr. do Mus. Boi. do Amaz., 1887, I e II vols.*

Abstrahindo m
dos seculos, que d
turalmente consorc
estão ligadas duas
— uma raiz symb
nica, isto é: o sym
symbolo de Votan,
Yang ou de Yn, c

Este amuleto, u
mais ou menos,
daquelle que em v
por seculos debaixo
de fragil por natu
genere, exposto ás
dureza, isto é: a
portada da Asia.

E' a fragilidade
gravar os symbolo
provar que nas v
sangue que tem gl
permitta-se-me o c

Para terminar
lavrás.

Pela tradição
dos pelas mulheres
foram trazidos pelc

Quem m'o affir
nos dá assumpto
urna que tinha em
O ser, entretanto,
falta de nephrite,
os symbolos com e
assim perpetuados

Não vi, porém
muyrakytás de nep
são ornados de fig

Abstrahindo mesmo da mudança do meio e do correr dos seculos, que deviam modificar o symbolo chinez, naturalmente consorciaram-lhe outras ideias e a esse amuleto estão ligadas duas cousas importantes para o archeologo: — uma raiz symbolica asiatica e uma representação Votânica, isto é: o symbolo do poder supremo S e o naga S, symbolo de Votan, influenciado por um dos symbolos de Yang ou de Yn, como nos mostram os pontos 'S.

Este amuleto, usado pelos Aroakys ha trezentos annos, mais ou menos, conservado entre as cinzas dos ossos daquelle que em vida o trouxe ao pescoço, esteve occulto por seculos debaixo da terra, mas apparece hoje, apezar de fragil por natureza, para sustentar o que o seu congenere, exposto ás intemperies, tem perpetuado com a sua dureza, isto é: a origem da civilisação americana transportada da Asia.

E' a fragilidade da argilla que permite nella se gravar os symbolos, que veem de mãos dadas á nephrite provar que nas veias das raças americanas corre um sangue que tem globulos que nadam n'um plasma asiatico, permitta-se-me o dizer.

Para terminar este capitulo ainda mais algumas palavras.

Pela tradicção os muyrakytās, de nephrite, foram usados pelas mulheres, porém os amuletos de argilla creio que foram trazidos pelos homens.

Quem m'o affirma é o facto de ter encontrado, o que nós dá assumpto para estas digressões, dentro de uma urna que tinha em relevo os orgãos sexuaes masculinos. O ser, entretanto, feito de argilla supponho ser devido á falta de nephrite, e como naquella facil era gravarem-se os symbolos com exactidão, facilmente tambem foram elles assim perpetuados de geração em geração.

Não vi, porém, no Perú, me informaram que alguns muyrakytās de nephrite disciformes, achados em Cajamarca, são ornados de figuras: e não perpetuará alguns delles

os mesmos signos ou os mesmos symbolos de Yang e de Yn?

Terminando este capitulo, no qual mostro as analogias que encontro entre o symbolo chinês e o amuleto brasileiro, não posso deixar de acrescentar, para esclarecimento, que, apezar do Sr. Léon de Rosny, no Congresso de Nancy, negar que haja semelhança entre a lingua chinesa e a dos Othomis, uma das do Mexico, o Sr. Ampère, na *Révue des deux Mondes* de 1853 affirma que ha muita affinidade entre ambas e se apoia, tambem, na *Dissertation sobre la lengua Othomy*, escripta em latim e hespanhol, no anno de 1845, pelo Sr. Manuel Crisostomo Naxera, que é da minha opinião.

Na tão debatida questão de emigração asiatica para a America «*c'est la preuve qui fait toujours défaut*», diz o mesmo illustre Sr. Léon de Rosny; pois bem, essa agora se apresenta, palpavel, para tirar a duvida, representada pelo *muyrakytã* de nephrite, confirmada pelos symbolos asiaticos gravados nesse outro de argilla.

Em relação á lingua chinesa chamo, tambem, a attenção do leitor para o seguinte factó. Existem no departamento de Lambaque, no Perú, dois pueblós, o de *Eten*, e o de *Monsefú*, distantes um do outro tres milhas, cujos habitantes fallam dialectos tão differentes que os de um pueblo não entendem os do outro, e, entretanto, ambos se entendem perfeitamente com os Chins, que em grande numero affluem para o Perú.

Eten, no dialecto deste pueblo, significa o mesmo que Tulan, isto é: o lugar onde o sol nasce, nome que perpetua o que diziam os Toltecas.— que tinham vindo do lugar onde o sol nasce. Que coincidência é, ainda, essa de ter esse logar um nome que commemora a lembrança do logar d'onde sahiram os habitantes do Perú, que parece indicar ser o mesmo do dos Toltecas?

Concluo dizendo que haverá simples apparencia entre os symbolos asiatico e o brasileiro e nada de commum,

mesmo terão, por analogias para que se entenda, entretanto, que Moedas em 1298, na China o mar estava contínuo asiatico anno inteiro. Um Fou-Sang, a Amer

Depois de ligar-se ao symbolo que se prende á logico, na falta d'

Até aqui tem a asiatica e que a só tem sido encon

Estes são celozomorphos na A distinctas de dis é prehistorica e c

Encontram-se marcando uma li emigrações, que j

A nephrite no emigrações: uma tradição Votanic mais antiga, par com a da destrui

Só agora é q

E' sabido que ções houve para tinha dado em ép as invasões, poré ductora da nephri

mesmo terão, porém aqui deixo registradas estas considerações para que o futuro melhor esclareça. Ponderarei, entretanto, que Marco Paolo nas suas *Peregrinações* dictadas em 1298, na cadeia de Piza, diz que ao oriente da China o mar estava coalhado de ilhas tão afastadas do continente asiatico, que demandavam para ida e volta um anno inteiro. Uma dessas grandes ilhas era a terra de Fou-Sang, a America.

Depois de ligados os signos do muyrakytã amazoneense ao symbolo chinês, devo ainda apresentar um facto que se prende á nephrite registrando um dado chronologico, na falta d'um chronometro melhor.

* * *

Até aqui temos visto que a origem da jade é toda asiatica e que a sua patria é o Yuthian, assim como que só tem sido encontrada em artefactos.

Estes são celliformes na Europa e antropomorphos e zoomorphos na America, e isso bem nos prova duas épocas distinctas de dispersão e dous estados de civilisação. Uma é prehistorica e outra pertence á idade-media.

Encontram-se esses objectos espalhados, porém sempre marcando uma linha sobre a qual baseei a marcha das emigrações, que já vimos em um capitulo anterior.

A nephrite nos mostra duas épocas distinctas para as emigrações: uma moderna, para a America, indicada pela tradição Votanica, no começo da nossa era; outra, a mais antiga, para Europa, anterior áquella, que coincide com a da destruição do templo do Mercurio Canelus.

Só agora é que desta me vou occupar.

E' sabido que nos tempos historicos grandes emigrações houve para a Europa e a que se deu então já se tinha dado em épocas prehistoricas. Diversas foram então as invasões, porém apenas tratarei de uma dellas, a introductora da nephrite que me occupa.

Assim como os Asiaticos acompanharam a marcha aparente do sol para o Occidente, assim tambem a nephrite os acompanhou para perpetuar o facto de vir hoje, como testemunha contemporanea, revelar-nos o segredo que os seculos occultaram.

Em que época se deu o facto?

Os autores francezes dividiram os tempos prehistoricos em épocas que denominaram da *pedra lascada*, e da *pedra polida*, que os inglezes, porém, denominaram *palaeolithica* e *neolithica*, tendo sido creada pelo Sr. Mortillet a *colithica*, que caracteriza a do periodo terciario. Além dessas épocas temos a *de bronze* (bronsaldern), dos Normandos, que começa 1000 annos antes de Christo e acaba pelo seu nascimento, dando então começo á idade de ferro (jernaldern), que termina no fim do seculo 11^o.

Dizendo que data do periodo prehistorico a introdução da nephrite na Europa, quero dizer que incluo nesse periodo dados que se ligam quasi á era christã e se emmolduram na chronologia actual, isto é, factos que contam apenas alguns milhares de annos e que se passaram poucos seculos antes do começo de nossa era, por conseguinte já nos fins da época neolithica e na idade de ferro, quando já a agricultura começava e o boi, o cão, o porco estavam domesticados.

Levo a introdução da nephrite, na Europa, para o XV seculo antes da vinda do Messias, por conseguinte ha 4389 annos. Vimos que a nephrite e a jadeite ha 4526 annos é usada e apreciada na Asia, por conseguinte só 1137 annos depois do reinado de Hong-ti, isto é, no reinado de Wuwang, na dynastia dos Chow, ella appareceu na Europa.

Estas épocas não precisam uma chronologia absoluta e sim relativa.

A base que se me offerece para assim me exprimir são as *Palaftes*, as *Ténevières* ou *habitações lacustres* dos lagos da Suissa descobertos pelo Sr. Fernando Keller, presidente da Sociedade dos Antiquarios de Zurich, no inverno de 1853 a 1854 e, se me sirvo desses monumentos é porque

a nephrite me ma
os retirantes deix

Os archeologos
mandos, que não
da pedra, tiveram
calculam pelas all
fizeram nas suas
Zurich, *celtes* de n
que levantou essas
são as palafites, u
idade de ferro. O
feitas sobre as ag
em terra, vem-nos

No norte da I
ruinas de habitaçõ
tres, e é nellas q
ferro. De duas um
que a agua destrui
são mais moderna
nascimento do Sa
para a America, c
que atravessou, ac
civilização.

Si assim não fo
emigrantes, anterio
ziã ao pescoço o
nos campos de bata
plos que destruíram

Foram da raça
levantaram os mor
si não deixaram es
que ainda os seus

(1) O machado, qu
arma de guerra, foi consi
teicular e tomavam a sua fo

a nephrite me marca ahí um longo estadio, depois de terem os retirantes deixado as terras de Yulhian.

Os archeologos suissos, mais felizes do que os normandos, que não puderam ainda determinar a sua idade da pedra, tiveram a ventura de achar as palafites, cuja idade calculam pelas alluviões dos lagos. Nas explorações que se fizeram nas suas ruínas acharam, nos lagos de Bienne e Zurich, *celles* de nephrite, que para mim determinam o povo que levantou essas habitações lacustres. De diversas épocas são as palafites, umas anteriores a Jesus Christo, outras da idade de ferro. O facto de não serem todas as habitações feitas sobre as aguas dos lagos, e sim em maior numero em terra, vem-nos provar isso.

No norte da Italia e na Saboya encontraram-se muitas ruínas de habitações terrestres contemporaneas das lacustres, e é nellas que se encontram as provas da idade de ferro. De duas uma: ou são contemporaneas as habitações que a agua destruiu e que a terra conservou, por conseguinte são mais modernas do que se suppõe, talvez posteriores ao nascimento do Salvador, contemporaneas das emigrações para a America, ou a nephrite foi usada por largos seculos, que atravessou, acompanhando o progressivo movimento da civilisação.

Si assim não foi, posteriormente houve novas entradas de emigrantes, anteriores á invasão daquelles barbaros qua traziam ao pescoço o precioso amuleto que deixaram com vida nos campos de batalha e sob as ruínas das muralhas dos templos que destruíram no terceiro e quarto seculos de nossa era.

Foram da raça dos constructores das palafites os que levantaram os monumentos architectonicos americanos que, si não deixaram estes na Europa, foi pela simples razão de que ainda os seus amuletos eram celliformes (1) e lisos,

(1) O machado, que como utensilio serve para o serviço domestico e como arma de guerra, foi considerado um dom divino, pelo que rendiam-lhe um culto particular e tomavam a sua forma para a dos amuletos.

emquanto que os que os trouxeram para a America já os traziam ornados e esculpturados, porque já tinham dado agigantados passos no progresso civilizador. Ainda assim, penso que tinham reminiscencias dos avoengos que a negra mortalha do tempo envolvia; porque, achando-se elles muitos seculos depois e já com costumes e lingua inteiramente diferentes, no Amazonas, neste construíram palafites em tudo iguaes áquellas que as aguas encobriram por largos seculos.

Quero falar nos *teyupares*, que ainda hoje o viajante vê pelas margens dos paranãs, que circulam as ilhas que formam o archipelago do delta do gigante dos rios, e que os indigenas levantam pelos modelos legados pelos antepassados, que de geração em geração chegaram aos nossos dias. No lago Maracaybo, antigo Coquibacoa, haviam habitações lacustres encontradas por Ojeda, tanto que por isso deu-lhe o nome de pequena Veneza, que originou o de Venezuela, que comprehende, hoje, todo o territorio daquella republica. Ainda hoje os Guaraunos ⁽¹⁾ que se estendem desde o delta do Orenoco até Bolivar têm habitações lacustres armadas sobre os mirityzaes.

Não sei si algum élo unirá esse passado tão distante ao presente; não sei si aos lagos e rios do antigo imperio dos Toltecas existiram essas construcções lacustres, mas aqui deixo a analogia notada para que os adversarios da emigração asiatica digam:— mais uma coincidência fortuita!

Os *teyupares* amazonenses, como os *pfahlbauten* suíços são casas de parede de madeira e cobertas de palhas, assentadas sobre giráos e construída sobre esteios e es-

(1) *Guaraunos* não é mais do que o *Karauna*, adulterado pela phonetica hespanhola, que de *Karany* fez tambem *Guarany*. Esta adulteração leva a dar-se uma interpretação errada ao nome; assim, em vez de ser o *Conquistador* preto, será o *Guard* preto. *Guará* é o *Ibis ruber*, ave paludal que nada tem que se ligue ao homem; entretanto muitos, sem razão, quererão que seja esta a verdadeira interpretação, por viverem esses selvagens em casas lacustres.

tacas (pilotis), que d'agua, amarrand

São notaveis, e não devo calar, o ductos da palmeira assoalho, os caibr lenho externo do da parte medullar em fórma de este folhas. As portas gadas á mesma cordoalha e as janelas é um tecido das cordoalha. O telhado dormem em rede mesma palmeira.

Este uso dos épocas do *muyrak* giões lacustres, não

Os indios Pom e dos lagos não u Fazem sobre duas habitam. No Perú

Para mim as para nos mostrar introductores de madamente a data

Devo lembrar enses existem as o Rio Don, na R assim como as das descriptas por D ligam tambem á fazem uso della, e Dir-se-ha que a nea Oceania existem

tacas (pilotis), que pela enchente das marés ficam debaixo d'água, amarrando-se as canoas á porta.

São notaveis, em geral, essas casas, por um facto que não devo calar, o de serem todas construidas com os productos da palmeira *miriti* (*Mauritia flexuosa* Mart.) O assoalho, os caibros e as ripas do telhado são feitas do lenho externo do espique, as paredes externas são talas da parte medullar dos longos peciolos das folhas, ligadas em fórma de esteira por cordoalha fina dos grelos das folhas. As portas são feitas das mesmas talas, porém ligadas á mesma ripa do espique, por meio da mesma cordoalha e as janellas ou yapás, semelhantes a venezianas, é um tecido das mesmas talas, ligadas ainda pela mesma cordoalha. O telhado é coberto pelas folhas. Os habitantes dormem em redes ou *makyras* de cordão do grelo da mesma palmeira.

Este uso dos teyupares lacustres parece remontar á época do muyrakytã, porque em todo o Brazil, em regiões lacustres, não se encontram habitações semelhantes.

Os índios Pomarys que vivem sobre as aguas dos rios e dos lagos não usam habitações fixas e sim fluctuantes. Fazem sobre duas ou mais canoas as suas casas e n'ellas habitam. No Perú as *balsas* são feitas da mesma fórma.

Para mim as habitações lacustres da Suissa servem para nos mostrar o grau de adiantamento dos primeiros introductores de nephrite na Europa e marcar approximadamente a data da emigração asiatica.

Devo lembrar que semelhantes aos teyupares paraenses existem as habitações lacustres de Tcherkask, sobre o Rio Don, na Russia e as de Dorei, na nova Guiné, assim como as das ilhas Celebes na Oceania, estas ultimas descriptas por Dumont d'Urville. Estas habitações se ligam tambem á nephrite, porque os naturaes ainda fazem uso della, empregando-a em pequenos machados. Dir-se-ha que a nephrite dahi não tem importancia, porque na Oceania existem tambem jazidas e que serão estas ex-

alterado pela phonetica hespanhola leva a dar-se uma interpretação, por viverem

ploradas pelos naturaes. Damour e Fischer dizem, é verdade, «qu'il y a toute certitude qu'il existe des gisements» que não se sabe aonde, devendo se notar, tambem, que a jade ahi é de duas qualidades, uma a de que ha jazidas, que é a *jade* conhecida por *Oceaniana*, e outra que é a asiatica, differencando-se uma da outra pela densidade. Posto que pela côr e pelo brilho seja a jade oceaniana, muito semelhante á asiatica, comtudo aquella tem a densidade mais elevada, vai de 3,09 a 3,31 enquanto que esta vai o de 2,94 a 3,06.

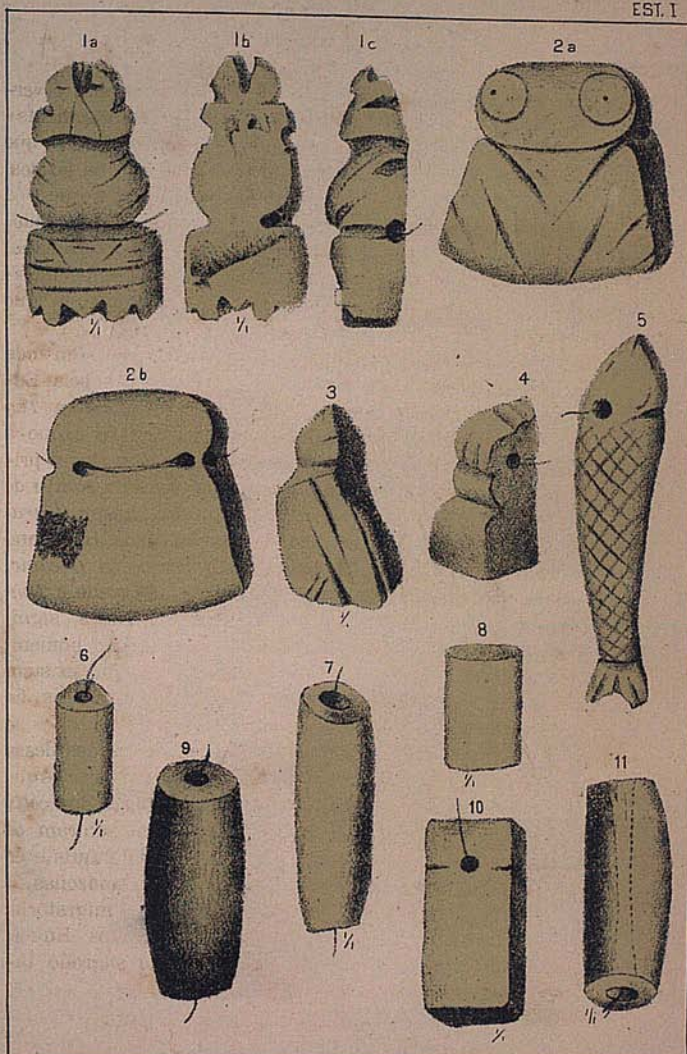
Ha ainda uma particularidade a observar-se. Em toda a linha migratoria da nephrite pela America e pela Europa encontram-se sempre os vocabulos *Kara* e *Ton* ou *tuna*, ligados a ella, e dessa ligação não se exime a Oceania. Nas ilhas Hawai, existe o *karai* e o *Ton* o primeiro com o significado de *poderoso*, e o segundo com o de *agua, rio*, como na America e na Europa. Assim *Karai Pahoa*, e *Karai Mahou* são nomes do deus Hawaiano e de um chefe, que foi baptisado a bordo da *Oceanie*, pelo Padre Quelen, como nos diz Dumont d'Urville e *Tondano* é o nome de um rio e o de seus habitantes, significando *homem d'agua*, de *ton*, agua, rio e *dano* homem. Assim como no *Don* ou *Ton* da Europa ainda existem habitações lacustres no *Ton*, da Oceania tambem as ha e os seus chefes teem o tratamento de *Karai*.

O facto de não se ter, até hoje achado jazidas dessa rocha e só ser ella encontrada manufacturada, em objectos que serviam de amuletos, nos prova que os portadores dos *celts* das palafites sahiram de Yuthian como dahi sahiram os Karas que posteriormente introduziram os calcilhuitls e os *myrakytas*, ornamentados, no Mexico e no Amazonas.

Aberta nos tempos primitivos a estrada migratoria, facil foi posteriormente a invasão dos exercitos Hunos, que foram, creio, os ultimos portadores do sagrado talismã para Europa.



Barb. Rodn. des. d'op.



Barb. Rodn. des. d'ap. nat.

IMP. NACIONAL

MUYRAKYTĀS

Os myrakytās são drica até á de figuras *um ou dous furos*, p os conserve suspensos parte superior, em v prender o fio, pelo q

São, sempre, feito assim, além dos de ha tambem os de *di serpentina, feldspathe* são feitos de resina, mentos modernos. De dão valor ao objecto todas as outras tee apresentam cunho p seguido ainda depoi preciosa. Faltando e com os mineraes m á mão. Perdeu-se a crencas.

A fôrma cylindr commum na Europ

VII

FÓRMAS, CORES, E FABRICO DOS MUVRAKYTÁS

Os muvrakytás são de varias fôrmas, desde a cylindrica até á de figuras ornamentadas, tendo, porém, *sempre um ou dous furos*, para por elles se passar um fio que os conserve suspensos ao pescoço, e raros são os que na parte superior, em vez de furo, teem um entalhe para prender o fio, pelo qual se suspende.

São, sempre, feitos de uma rocha de grande dureza; assim, além dos de *nephrite, jadeite e chloromelanite*, ha tambem os de *diorito, dolerite, porphyro, petrosilex, serpentina, feldspatho, quartzo, argilla*, etc., porém nunca são feitos de resina, como os *tembetás*, que são ornamentos modernos. De todas essas rochas, as unicas que dão valor ao objecto são a nephrite e a jadeite, porque todas as outras teem representantes na America e não apresentam cunho prehistorico e sim mostram um uso seguido ainda depois que faltou a importação da rocha preciosa. Faltando esta, os povos fizeram o seu talismã com os mineraes mais appropriados e que encontravam á mão. Perdeu-se a rocha, mas não desapareceram as crenças.

A fôrma cylindrica é a mais vulgar, tanto que é commum na Europa, no Egypto e na America. A anthro-

pomorpha é sempre a mais ornada e a que offerece maiores dimensões, como se encontra no Mexico e em Costa Rica; as zoomorpha e *celliförme* são ornadas tambem, e teem uma representação que, parece, era mui estimada, a que figura um bacracio, pois é commum na America e na Asia.

Existem tambem os de fórma lenticular, como os achados em Alter do Chão, no Rio Tapayós e os de Cajamarca, no Perú, furados uo centro, pelo que servem-se delles para fuso. São lisos ou ornados de desenhos.

Estes muyrakytās, lenticulares são contas, por assim dizer, de um rosario que se rebentou ficando umas na Asia, outras no Mexico e algumas no Perú e no baixo Amazonas.

Além da fórma representada neste escripto, póde-se ver uma congenera, do Mexico, na fig. 16 da Est. VI, que acompanha o artigo *Die mineralogie als Hilfswissenschaft für Archæologie, Ethnographie* do Dr. Fischer, publicado em 1877.

João de Laet, citando Monardes, ⁽¹⁾ já em 1647 disse: «Hos lapides variis figuris efformatos, alios piscium, alios avium capitibus aut psitacorum rostris similes, nonullos et rotundos sphaerularum forma aut etiam columellarum, omnes autem perforatos.»

O Dr. Fischer possui um desses bacracios, achado em Troia (Asia Menor), que não só tem as mesmas fórmas, como as mesmas dimensões e a mesma densidade do que eu possuo e achei no rio Yamundá. Esta coincidência deve-se ao puro acaso ou veim derramar luz sobre esta questão?

Alguma idéa religiosa se prendia aos bacracios, pois havendo outros animaes, era este o escolhido, não só na Asia, como entre os Nahuas, os Karaybas e as tribus do Amazonas.

(1) Antuarpiani de gemmis et lapidibus, lib. II.

É notavel a ella encontrada na Amazonas, em Suélos da mesma cadórma especial que fórmes e represente de descanso, sem como aqui represente e que veio figurado Professor Fischer, *wissenschaft für* outros que o mesmo meus, na analyse titulo: *Ueber die*

A essa posição figuravam os braços siveis nas *Hylas*

Charencey e o tual d'agua ou dá a idéa de renas

O mais bello com esta fórma e mais de 60 annos tapuya, em um familia.

Só a influencia de Macedo Costa, ella se separasse elle dei uma noti julho de 1886.

(1) *Archiv. f. Anthro*

(2) *Archiv. für Anthro*

(3) Whipple Rep. upon Wres, pag. 32.

(4) Maspero. L'Arch.

É notavel a fórma bactraciana, além disso, por ser ella encontrada na Asia, em Troia, em Nova Granada, no Amazonas, em Surinam, Guadelupe e no Mexico. Que são élos da mesma cadeia, temos a prova na circumstancia da fórma especial que todos os amuletos tem serem celtifórmes e representarem o bactracio, sempre, em posição de descanso, sem braços e com as pernas encolhidas, como aqui represento e pôde-se ver entre os do Mexico, e que veio figurado sob o n. 74 da Est. VIII do artigo do Professor Fischer, intitulado *Die minaralogie als Hilfswissenschaft für Archæologie, Ethnographie, etc.* (1) e outros que o mesmo Professor figura comparando com os meus, na analyse que faz dos meus trabalhos e tem por titulo: *Ueber die Herkunft der sogenannten Amazonassteine, sowie über das fabelhafte Amazonenvolk selbst.* (2)

A essa posição ligar-se-ha alguma crença? Ou não figuravam os braços porque, superiormente, pouco são visíveis nas *Hylas*?

Charencey e outros querem que seja o emblema habitual d'agua ou do elemento humido (3), mas no Egypto dá a idéa de renascimento. (4)

O mais bello e o mais perfeito exemplar, que vi, foi com esta fórma e achado nas proximidades de Obidos, ha mais de 60 annos e que existia guardado, por uma mulher tapuya, em um santuario, occulto até das vistas da familia.

Só a influencia e o prestigio do Exm. Sr. D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará, pode fazer com que ella se separasse delle e me fosse communicado. Sobre elle dei uma noticia no *Jornal do Amazonas* de 19 de julho de 1886.

(1) *Archiv. f. Anthrop.* 1877. Bd. XII. pag. 177-214 e Bd. XIII. pag. 345-357.

(2) *Archiv. für Anthrop.* 1.79. Bd. XII. pag. 7-28. Taf. 1.

(3) Whipple *Rep. upon the Ind. tribes*, III. pag. 40. Humboldt. *Vues des cordillères*, pag. 32.

(4) Maspero. *L'Arch. Egyptienne*, pag. 235.

Quanto á forma bactraciana devo tambem fazer notar que dos indios Tikunas, que ainda vivem no Rio Içá, obtive um collar de amuletos representando perfeitamente sapos ou rãs, feitos caprichosamente do endocarpo osseo dos fructos da palmeira *Chámbira*, o *Astrocaryum vulgare* de Martius.

Creio que a deificação do sapo liga-se á crença de ter elle o poder de fazer chover e de ser tambem o protector das plantações, tanto que ainda hoje os indios do Orenoco o fustigam quando elle não cede aos seus votos. Os Tikunas e os Konibos teem tal veneração aos bactracios, que o empalham e o trazem, como ornato, pendente ao pescoço, como era o amuleto. Essa crença vem do Turkestan e estende-se até a Bosnia, na Europa.

A religião dos Turcos prohibe que se mate sapos, porque o *bactracidio* produz chuvas de pedra, que estragam as plantações. (1) Affirmou-me isso uma mulher turca, filha da Hersegovina, casada com um turcomano asiatico. Esta crença é tambem portugueza e nos foi transmittida.

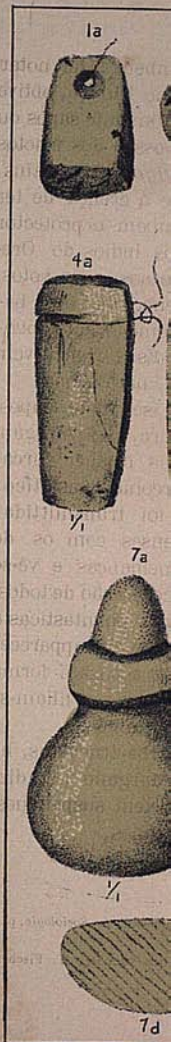
Comparados os muyrakitãs amazonenses com os de Costa Rica (2) encontram-se muitas semelhanças e vê-se que o mesmo gosto artistico presidiu á confecção de todos. Se entre os amuletos pequenos e de fórmulas phantasticas a analogia é palpitante, não deixa tambem de apparecer comparativamente aos grandes. Estes, que accusam fórmula de machado, são comtudo antropomorphos, e filiam-se tambem á crença que tinha o artista amazonense.

Em Nova Granada, além das fórmulas bactracianas, ha tambem as antropomorphas. O Dr. Margano (3) diz: « Parmi les images d'animaux qui se portent suspendues, celle des grenouilles sont les plus communes. »

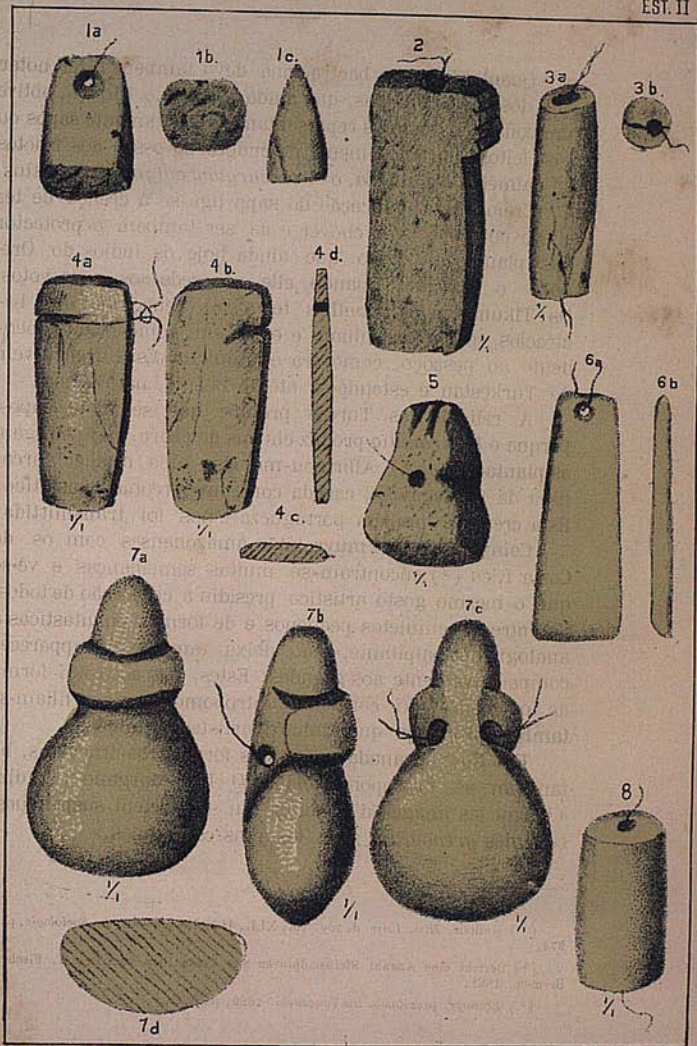
(1) Mallien, *Hist. Univ. de voy.* vol. XLI, 416. Letournenu, *La Sociologie*, pag. 274.

(2) Bericht eine Anzahl Steinsculpturen aus Costa Rica von Dr. H. Fischer, Bremen, 1881.

(3) *Ethnogr. precolomb. du Venezuela*. 1889, pag. 54.



Barb. Redr. des. d'ap.



Barb. Redr. des. d'ap. nat.

IMM. NACIONAL

MUYRAKYTĀS

tambem fazer notar
 n no Rio Içá, obtive
 rfeitamente sapos ou
 po osso dos fructos
vulgare de Martius.
 a-se á crença de ter
 tambem o protector
 e os indios do Ore-
 cede aos seus votos.
 veneração aos ba-
 , como ornato, pen-
 to. Essa crença vem
 nia, na Europa.
 ue se mate sapos,
 pedra, que estragam
 uma mulher turca,
 turcomano asiatico.
 os foi transmittida.
 onenses com os de
 semelhanças e vê-se
 á confecção de todos.
 órmas phantasticas a
 tambem de apparecer
 , que accusam fórmã
 morphos, e fliam-se
 a amazonense.
 mas bactracianas, ha
 r. Margano (3) diz:
 e portent suspendues,
 communes.»

Letourneau, *La Sociologie*, pag.
 osta Rich von Dr. H. Fischer,
 54.

Em outro capitulo
contro entre os amuleto
com os amuletos Am
dernos, usados ainda h

E' nestas diversas
na escultura, que, des
a curva, até ao circula
tação, esculpidas em ro
á vista o grau de civil
tista conceber e execut

A parte material d
dá uma idéa do seu a
porque, em uma época
apropriados e material
parece incrível que p
ciosas e delicadas que

Esculpidos, perfura
namentos ainda nos
chinezos, principalmente
chihuills mexicanos, e
industria européa já in

Quanto á côr, o
deado, branco-azulado
verde-esmeralda, verde
com veias ferrugineas.
os de origem brasileiro
do que para a verde
cação. Em geral os
pescoco das mulheres
os mais claros, a que
assemelhar-se a outra
vidro ou massa cor de

O *leituario*, de Tr
Beira Alta, não são
reminiscencia superst
primitiva.

Em outro capitulo mostrarei as analogias que encontro entre os amuletos de Costa Rica e Nova Granada com os amuletos Amazonenses, principalmente os modernos, usados ainda hoje pelos indios Uaupés.

E' nestas diversas fórmas, na correção do desenho e na escultura, que, desde a recta, só ou combinada com a curva, até ao circulo perfeito, applicadas á ornamentação, esculpidas em rocha de dureza extrema, que salta á vista o grau de civilisação que era preciso para o artista conceber e executar a sua obra.

A parte material do trabalho, a execução, ainda nos dá uma idéa do seu adiantamento na arte de esculpir; porque, em uma época em que não haviam instrumentos apropriados e material capaz de ferir e gastar a nephrite, parece incrível que pudessem executar as fórmas graciosas e delicadas que offerecem os seus ornamentos.

Esculpidos, perfurados, recortados e polidos, esses ornamentos ainda nos trazem á idéa a escultura actual chinesa, principalmente, se compararmos os pequenos *calchihuits* mexicanos, com os objectos de marfim, que a industria européa já imita.

Quanto á côr, o Muyrakytã varia: é branco-esverdeado, branco-azulado, verde-amarello, verde-azeitona, verde-esmeralda, verde-azulado, cor de bronze, e alguns com veias ferrugineas. Como já notou o professor Fischer, os de origem brazileira tendem mais para a cor amarella do que para a verde. E' exacto isso, e tem uma expliçação. Em geral os que se ohteem são os encontrados ao pescoço das mulheres tapuyas e essas preferem sempre os mais claros, a que dão o nome de *conta de leite*, por assemelhar-se a outras do mesmo nome e que são de vidro ou massa cor de leite.

O *leituario*, de Traz os Montes; a *conta leiteira*, da Beira Alla, não são mais de que muyrakytãs, filhos da reminiscencia supersticiosa da Asia e da falta da rocha primitiva.

A mesma crença portugueza, de que o uso dessas contas, quando uma mulher amamenta, faz o leite augmentar, leva tambem a tapuya a rejeitar o Muyrakytã verde pelo amarelado, porque quanto mais claro for mais leite produzirá.

Mas, si os conhecidos na Europa, como no Brazil, são amarellos, eu os vi e possuo tambem os verde-azulado escuro, verde-esmeralda e verde-negro e o branco azulado e cinzento.

Uma pessoa de minha familia possui um *Signo*, obtido em Loanda, Africa, por meu avô, quando ahi esteve como Governador Geral, feito de *jade* asiatica, cuja cor é perfeitamente igual a um dos que eu possuo, verde-escuro azeitona.

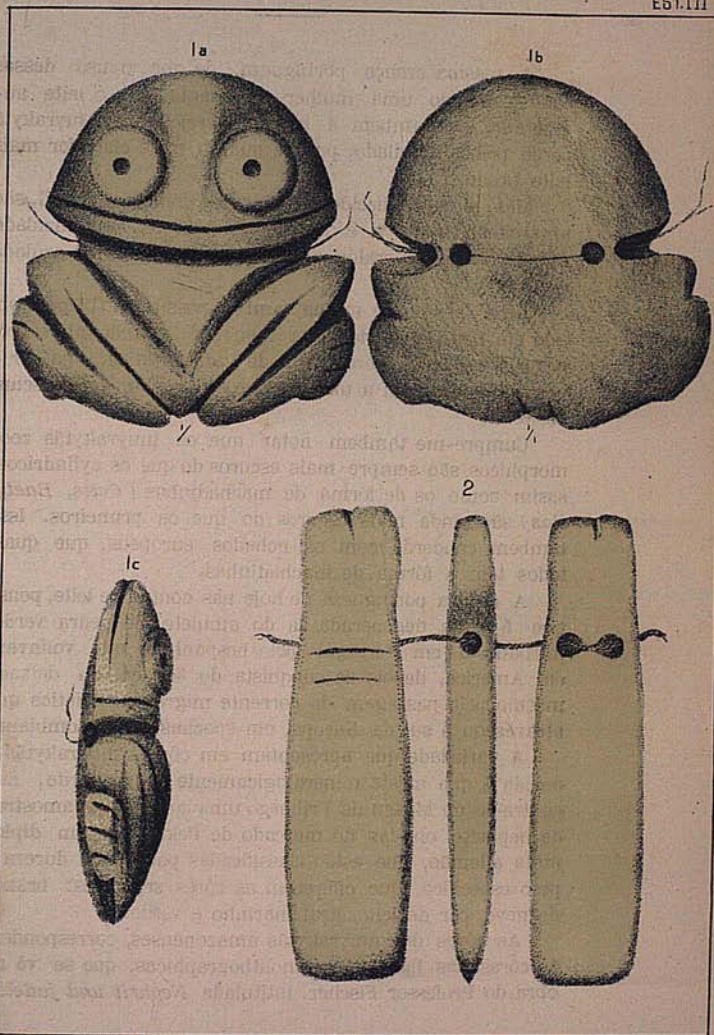
Cumpre-me tambem notar que os muyrakytãs zoomorphicos são sempre mais escuros do que os cylindricos, assim como os de fórma de machadinhas (*Celts*, *Baetylias*) são ainda mais escuros do que os primeiros. Isso tambem concorda com os achados europeus, que quasi todos tem a fórma de machadinhas.

A crença portugueza de hoje nas contas de leite, penso que é filha degenerada da do amuleto de pedra verde, introduzida em Portugal pelo hespanhóes que voltavam da America, depois da conquista do Mexico, ou deixado mesmo pela passagem da corrente migratoria asiatica que atravessou o sul da Europa, em epochas anti-colombianas

A variedade que apresentam em côr os muyrakytãs é devida á que existe mineralogicamente na nephrite. Encontra-se no Museu de Friburgo uma collecção de amostras de nephrite, obtidas no mercado de Pekin, por um diplomata alemão, que estão classificadas por côres, dureza e peso especifico, que offerecem as côres seguintes: branco de neve, côr de leite, azul marinho e verde.

As côres dos muyrakytãs amazonenses, correspondem ás côres das figuras chromolithographicas, que se vê na obra do Professor Fischer, intitulada *Nephrit und jadeite*,





Barb. Rodr. des. d'ap nat

IMP. NACIONAL

MUYRAKYTÄS

que o uso dessas
a, faz o leite au-
mentar o Muyrakytä
mais claro for mais

como no Brazil, são
n os verde-azulado
e o branco azulado

essue um *Signo*, ob-
quando ahi esteve
asiatica, cuja cor é
brossuo, verde-escuro

s muyrakytäs zoo-
o que os cylindricos.
nhas (*Celts*, *Baety*,
os primeiros. Isso
europeus, que quasi

contas de leite, penso
eto de pedra verde,
nhões que voltavam
Mexico, ou deixada
gratoria asiatica que
nas anti-colombianas
côr os muyrakytäs é
e na nephrite. En-
collecção de amostras
ekin, por um diplo-
por côres, dureza e
es seguintes: branco
verde.

chenses, correspondem
phicas, que se vê na
Nephrit und jadeite,

conforme indico na
acompanha.

Tratando das cores
mente tem procedencia
sistir n'um facto, sobre
Necropole de Mirakan,
dos antigos Aroakyses,
perdura entre os indige

As cores usadas po
zonenses para pintura
neral e combinadas co
o *vermelho*, o *amarell*
variedade das argillas
uzar a cor de rosa, a
parda, etc., se quizes
que conhecem e empr
fazem os tapuyos civil

São as cores sagr
Asia, as quaes uzaran
logo descobre, e são a
adoptam, e chegam m

Na Asia, principa
mentaes são cinco e
fogo, ás mattas e ao
pontos cardeaes.

Essas cores são:
a agua e norte; o *ver*
agua e oeste e o *ar*
que substituiu o *verde*
certas dynastias. Esse
de Jesus Christo, até
durante as dynastias
as mesmas e se per

(¹) O primeiro rei desta dy

conforme indico na explicação das estampas, que esta acompanha.

Tratando das côres do Muyrakytû, que indubitavelmente tem procedencia asiatica, não posso deixar de insistir n'um facto, sobre o qual toquei, quando na minha *Necropole de Mirakanguera* tratei da pintura da ceramica dos antigos Aroakyses, porque parece-me ser um uso que perdura entre os indigenas, perpetuado pela tradição.

As côres usadas por todas as tribus indigenas amazonenses para pintura da louça são sempre de origem mineral e combinadas convencionalmente. Assim só usam o *vermelho*, o *amarello*, o *branco* e o *preto*, quando, pela variedade das argillas e ócas no valle Amazonas, poderiam uzar a côr de rosa, a cinzenta, a roxa, a azul, a verde, a parda, etc., se quizessem tambem usar as côres vegetaes, que conhecem e empregam em seus tecidos, como já o fazem os tapuyos civilisados.

São as cores sagradas fundamentaes e symbolicas da Asia, as quaes uzaram os povos, cujos restos o archeologo descobre, e são ainda ellas as que os indios selvagens adoptam, e chegam mesmo aos civilisados.

Na Asia, principalmente na China, as côres fundamentaes são cinco e correspondem á terra, á agua, ao fogo, ás mattas e aos metaes, assim como aos quatro pontos cardaeas.

Essas cores são: o *vermelho*, fogo e sul; o *preto*, a agua e norte; o *verde*, mattas e leste, o *branco*, metaes, agua e oeste e o *amarello* que corresponde á terra, e que substituiu o *verde*, ficando este, privativo, apenas de certas dynstias. Essas côres desde o anno 2205, antes de Jesus Christo, até o anno de 264 de nossa era, isto é, durante as dynstias de Hia, (1) Han e Cheu, foram sempre as mesmas e se perpetuaram, havendo depois algumas

(1) O primeiro rei desta dynstia foi Yu, nome que tem a nephrite.

modificações, em que entraram o azul claro e o azul ferrete.

O facto de apparecer na ceramica, anti-colombiana do Amazonas as cores symbolicas da Asia, não se prenderá tambem ao Muyrakytã? Será simples coincidência? Creio que não; porque quem não deixava o amuleto, deveria tambem trazer comsigo as suas cores symbolicas e convencionaes.

Passemos á ornamentação dos muyrakytãs.

Como fariam esses ornatos? Que processo empregariam?

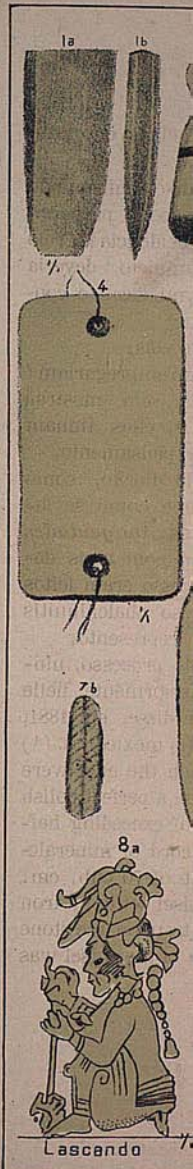
E' ainda o estudo archeologico quem vem mostrar que, na falta de instrumentos apropriados, elles tinham na natureza os meios de executar o seu pensamento.

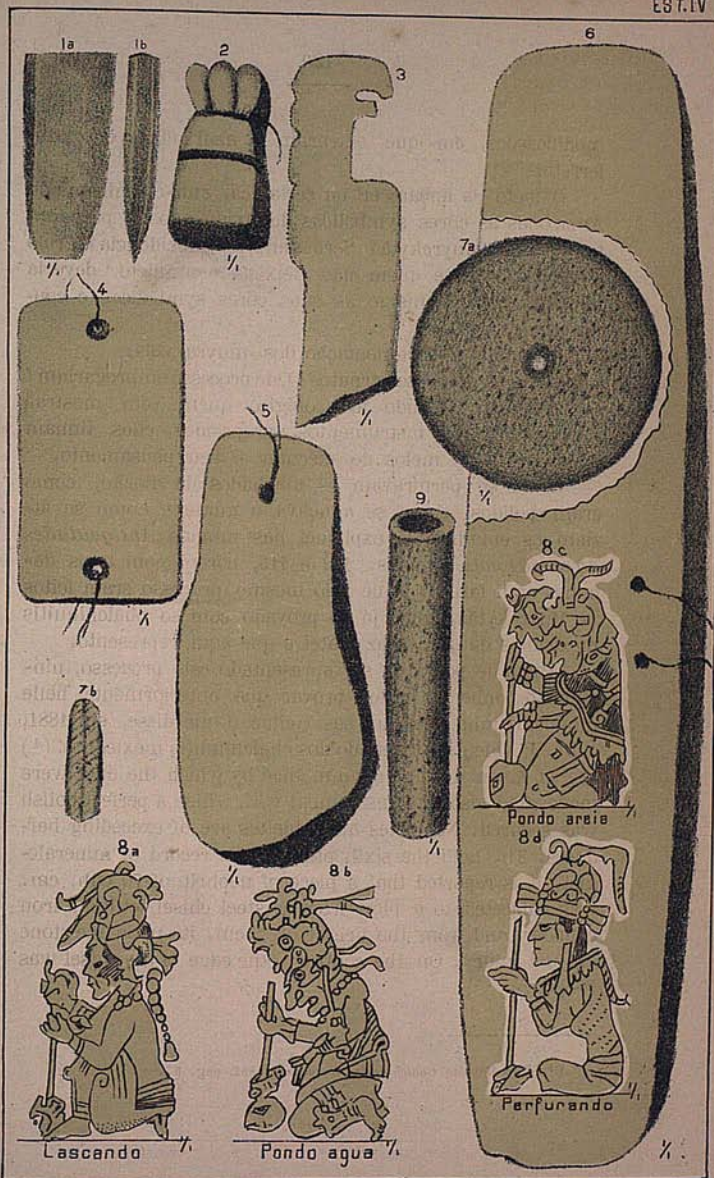
Como se perfuravam os machados de diorito, como eram polidos, como se aguçava o gume e como se faziam os entalhes, já expliquei nas minhas *Antiguidades do Amazonas*, á pags. 112 e 113, porém com mais detalhes aqui farei, porque pelo mesmo processo eram feitos os Muyrakytãs, como já foi provado com so chalchihuitls mexicanos de que atraz tratei e que aqui represento.

Antes de por mim ser apresentado este processo, ninguem o conhecia, e para provar que anteriormente nelle ninguem tinha pensado, basta citar o que disse, em 1881, o Dr. J. Valentini, tratando dos chalchihuitls mexicanos. ⁽¹⁾

«I mean the unknown method by which the cuts were made, and also the instrument with which a perfect polish was secured. Nephrites and jadeites are of exceeding hardness. Thy hold the sixth place in the record of mineralogist. It is reported that a piece of nephrit of 70 cub. cm. was subjected to a blow from a steel chisel set in an iron cylinder, and from the height of 35 cm. its upon the stone did not injury. On the contrary, the edge of the chisel was broken.»

(1) *Two Mexican Chalchihuitls*, Worcester, 1881, pag. 43.





Barb. Rodr. des. d'ap. nat.

IMP. NACIONAL

Eis o processo:
Assim como os ma-
pelo attricto contra o
kytās de nephrite eram
de nephrite.

Desbastava-se um p
choque de outra pedra,
approximada, que se
n'uma corrente de agu

Levada a peça que
a uma rocha banhada
se aperfeiçoava, indo
sendo os residuos cons
achatavam, alli arredor
Feito o contorno e assi
outro processo, o de es

Neste era emprega
tira de couro, ou a me
e da areia fina. Por mei
com as mãos e um po
ziam varios desenhos p
a rocha.

Segura entre os p
furar, applicavam um
desejava, e fazendo gir
abertas, ora para a dire
sempre e addicionando
depois de insano traba
guiam furar a peça de
que o ornato requeria

Os furos eram feit
se encontrar no centro

(1) Pela estampa que jun-
senhos que apresento são tirado
No manuscrito *Troano*, se en-

Eis o processo:

Assim como os machados de diorito são aperfeiçoados pelo attricto contra o diorito, assim também os muyrakytãs de nephrite eram aperfeiçoados sobre outra rocha de nephrite.

Desbastava-se um pedaço de rocha, tirando-se lascas ao choque de outra pedra, até tomar o tamanho e a forma, approximada, que se desejava e depois era aperfeiçoada n'uma corrente de agua.

Levada a peça que se queria transformar em amuleto a uma rocha banhada por agua corrente, ahi pelo attricto se aperfeiçoava, indo ambas gradualmente se gastando, sendo os residuos constantemente levados pela agua. Aqui achatavam, alli arredondavam, em outra parte aguçavam. Feito o contorno e assim polida toda a peça, vinha então outro processo, o de esculpir e perfurar.

Neste era empregada a madeira, alguma fibra vegetal, tira de couro, ou a mesma nephrite com o auxilio d'agua e da areia fina. Por meio de um herbequim ou simplesmente com as mãos e um pontalete de madeira perfuravam e faziam varios desenhos pelo encontro dos furos que destruíam a rocha.

Segura entre os pés, a rocha que se desejava ornar ou furar, applicavam um pontalete aguçado no ponto que se desejava, e fazendo girar entre as palmas das duas mãos abertas, ora para a direita ora para a esquerda, molhando sempre e adicionando-se n'esse ponto um pouco de areia, depois de insano trabalho e muitos dias de fadigas, conseguiam furar a peça de lado a lado ou até a profundidade que o ornato requeria. ⁽¹⁾

Os furos eram feitos de um e depois do outro lado, a se encontrar no centro da peça, o que bem se nota exami-

(1) Pela estampa que junto, se verá perfeitamente o modo de fabricar. Os desenhos que apresento são tirados do manuscrito mexicano de Lord Kingsborough. No manuscrito Troano, se encontram outros que representam as mesmas figuras.

nando-se os mesmos. Nelles tambem se vê, com o auxilio de uma lente, as estrias deixadas pelo movimento giratorio do pontalete, acarretando os grãos de areia. Os desenhos em linha recta eram feitos pelo mesmo processo d'agua, fibras, madeira e areia, por attricto, mas em sentido horizontal, ou como um ferreiro emprega uma lima. Para os circulos, tão perfeitos, que em alguns se notam, haveria o mesmo processo dos furos, porém empregando-se, em vez de um pontalete solido, um ôco, ou talvez mesmo o colmo de alguma gramminea, como o *bambú* ou *takuara*, que gastando a pedra só na parte solida, a deixa intacta na parte ôca da mesma.

Não devemos nos admirar do processo d'agua, páo e areia. Não foi elle inventado pelo homem, e apenas este applicou as lições recebidas da natureza experimentando os exemplos que constantemente ella apresenta pelas margens dos rios, dos lagos e mesmo pelas costas do mar, como tenho visto. Como se formam as *Karren* ou *Lapias*, as marmitas dos gigantes dos lagos da Suissa e as pedras perfuradas dos nossos rios? Pelo trabalho constante de um pequeno seixo mais ou menos duro, posto, pela acção d'agua, em movimento de rotação sobre uma pedra qualquer. A continuação da acção das duas rochas, auxiliadas pelas areias que pela cavidade que se vai formando passam, acaba por perfurar de lado a lado a rocha, quando o seixo por qualquer circumstancia não é arrebatado da cama que preparou. Os homens viam isso, tomaram o exemplo da natureza e o applicaram.

Depois de prompto o *Muyrakytā* era polido, talvez com o *corundum*, mineral, abaixo do diamante, o mais duro, conhecido antigamente por *smyreis*, do hebraico *smir*, e que se encontra em varias partes da Asia, onde é empregado no polimento de gemmas preciosas.

No Mexico empregaram, para a amozonstone, a areia que chamam *Azalli*.

Tendo escri
fundido o Muyr
ha muito, confu
de passagem dar
que se não conti
diferentes em fór

O *Muyrakytā*
em uma crença
até sagrado, cor
variedades, traz
trazia *Quetzalco*
quanto que o *te*
se liga nenhuma

Os adornos d
espinho, etc. não
outros, conforme

Os desta ma
no septo nasal,
inferior. O prim

(⁴) Archivos do M

VIII

O TEMBETÁ E O MUVRAKYTÁ

Tendo escriptores antigos, e até modernos, confundido o Muyrakytá com o *Tembetá*, como ainda, não ha muito, confundiu o Director do Museu Nacional, (1) de passagem darei aqui, tambem, uma noticia deste, para que se não continue a suppor que estes artefactos, muito differentes em fórma, materia, idade e uso, designem um só.

O Muyrakytá, como vimos, é um amuleto, baseado em uma crença, com todas as virtudes e um objecto até sagrado, como nos diz Humboldt, de nephrite e suas variedades, trazido *sempre suspenso ao pescoço* como o trazia Quetzalcohuall quando desembarcou no Mexico, emquanto que o *tembetá* é um adorno labial, ao qual não se liga nenhuma virtude.

Os adornos de pau, de osso, de pennas, de dentes, de espinho, etc. não teem o nome de *pedra de beijo* e sim outros, conforme o dialecto.

Os desta materia, em geral, são collocados nas orelhas, no septo nasal, no labio superior e quasi nunca no labio inferior. O primeiro é sempre da mesma pedra maravi-

(1) Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, II, 1877, pag. 146.

lhosa, da qual Plínio e Teophrasto se occuparam enquanto que o segundo é feito da materia prima que, a tribu indigena tem á mão. Um é prehistorico, outro hodierno.

O Muyrakytã não se estendeu ao sul do Brazil, porque não sahiu do Amazonas senão para ir ao Chile.

Os estudos de gabinete levaram os historiadores a se basearem, uns nas informações de outros e, sem critica e estudo pratico, confundiram assim objectos diferentes, como é, por exemplo, a reliquia de um santo, como o anel que o sacerdote traz no dedo.

Vejamos d'onde se originou isso.

O primeiro que denunciou o uso da *pedra verde*, porém labial, foi Pedro Alvares, ⁽¹⁾ que diz que os Tupinambás « trazem o beijo de baixo furado, e mettem-lhe um osso grande como um prego: outros trazem uma *pedra azul ou verde*, e assobiam pelos ditos buracos ».

Lery, ⁽²⁾ diz tambem que os guerreiros usavam no labio inferior um osso ou uma *pedra verde*, o que levou o principe Maximiliano de Wied Neuwied, ⁽³⁾ tratando dos Botucudos, a dizer que os Tupynambás usavam *pedra nephritica* nos labios. O sabio Ferdinand Diniz, ⁽⁴⁾ baseado nos historiadores, tambem diz que os Tupynambás usavam *pedra verde*.

Não ha duvida: os Tupinambás usaram *pedra verde* porém mettida entre o anel formado pelo labio inferior, como um ornamento, e não a traziam *furada, gravada* e pendurada ao pescoço, como amuleto.

⁽¹⁾ *Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral*, escripta por um portuguez. No vol. II, da Coll. de Not. para a Hist. Geog. das Nac. Ultr. Lisboa, 1867, cap. II.

⁽²⁾ *Hist. de l'Amer.*, Bruxelles, pag. 98.

⁽³⁾ *Voyage au Brésil*, Paris, 1821, II. pag. 216.

⁽⁴⁾ *Sur l'usage de se percer la lèvre inférieure chez les Americains du Sud*, Mag. pitt., vol. 48, pages. 138 e 390.

O *tembetá* é pedra e não de batoque e os he mais do que o *huittl*. Confundir de pedra verde,

Differentes *tembetás*, quer claviformes ou são os que eram desappareceu, e com os Muyrakytã de oxido de cobre. Esta é exotica e

A sua antiguidade ha mais de dez

A noticia me por C. Colombo, usavam ⁽²⁾. Post eram prisioneiros dispensavam, sem avec une petite poitrine ⁽³⁾. E chefes das tribus

Mais tarde commandante do esteve em Santa xou nos registro

⁽¹⁾ Sirvo-me aqui de *au Brésil*, pag. 213, e *pol.*, publicada na *Rev* naquelle que cita, diz q mesmo principe, que este

⁽²⁾ Herrera, *Dec.*

⁽³⁾ Migne, *Dit. a*

O *tembetá* é o *guimató* ⁽¹⁾ dos Botucudos, porém de pedra e não de madeira, que os portuguezes denominam *batoque* e os hespanhóes *barbote*, *beçote*, *bezote*, não é mais do que o moderno *tenttle* mexicano e não o *chalchuihuítl*. Confundir objectos diferentes, só porque se diz serem de pedra verde, é um absurdo.

Diferentes em fórmãs e em materia prima, são os *tembetás*, quer os antigos, quer os modernos. São sempre claviformes ou discoides. Os mais lindos e mais antigos são os que eram usados pelos Tupynambás, cuja tribu hoje desapareceu, e que deram motivo a serem confundidos com os Muyrakytás. Estes são verdes, mas um verde cór de óxido de cobre, cuja rocha é *beryllo* e não *nephrite*. Esta é exótica e aquella indigena.

A sua antiguidade conhecida é de 300 annos mais ou menos, enquanto que o muyrakytá veio para o Amazonas ha mais de dez seculos.

A noticia mais antiga que temos do *tembetá* é dada por C. Colombo, que viu, em 1495, alguns Karaybas que o usavam ⁽²⁾. Posto que fosse uzado pelos Karaybas, senão eram prisioneiros Karanys, comtudo o seu *Karakoli*, não dispensavam, sendo alguns « de six pouces qui est attaché avec une petite corde au cou, et qui leur tombe sur la poitrine » ⁽³⁾. Este *karakoli* é igual aos que usam os chefes das tribus Uaupés.

Mais tarde o capitão Binot Paulmier de Gonneville, commandante do navio *Expoir*, que em 6 de janeiro de 1504 esteve em Santa Catharina, na relação authentica que deixou nos registros do almirantado francez, diz que os

(1) Sirvo-me aqui do termo *guimató*, que dá o príncipe Maximiliano na sua *Voyage au Brésil*, pag. 213, em vez de *guimáú*, que dá Accioly, na sua *Dissert. hist. ethn. e pol.*, publicada na *Rev. do Inst.*, porque penso que isto enganou-se. Baseando-se naquello que cita, diz que *guimáú* é a arruela do belço, quando o contrario diz o mesmo príncipe, que esteve com os Botucudos.

(2) Herrera. *Dec. I*, pag. 23.

(3) Migao, *Dit. d'Ethnographie*, 1853, pag. 233.

índios (Karínys) tinham « os beijos furados, e os buracos guarnecidos de pedras verdes bem polidas e adaptadas ». (1)

João de Lery, (2) também em 1557, viu na provincia do Espirito Santo os Tupynambás usarem, quando meninos, o beijo furado, trazendo pendente do furo um osso polido como marfim, e depois de adultos uma pedra verde, comprida e roliça.

Schmidel igualmente, em 1585, viu o uso do tembetá entre os Guaranyes (3).

Ha outros tembetás de quartzo leitoso ou opaco e de alabastro, que ainda hoje são usados por tribus de Goyaz, Matto Grosso, Piauhy e do rio Tocantins, que também usam os de resinas, como a de Yutahy (*Hymoenea* sp.), porém a nenhum desses se liga virtude ou importancia. Um é uma joia, por assim dizer, o outro um *fetiché*, quasi um idolo.

Castelnau representa um tembetá do Chambioás, do Tocantins, igual a um que possuo da mesma procedencia.

Os Karayás, que são verdadeiros Karaybas, se dividem em Karayás proprios, em Chambioás e Karayahis, usando todos o tembetá, o que nos prova que se mesclaram ou adoptaram esse uso dos Karanyes. Os chefes usam o tembetá grande de pedra, os filhos destes os feitos de conchas, e a tribu, em geral, os de madeira.

Mostrado, como está, que o *tembetá* não é de nephrite, que não tem importancia, que tem fórma differente, acaba-se assim a duvida do seu valor archeologico, e não causará mais impressão sobre o *juízo daquelles que se occuparem do assumpta, o que poderia acarretar erros graves*. Levado um archeologo pelas informações de viajantes que não analysaram a pedra verde, alguns mesmos que não a viram

(1) *Rev. Inst. Hist. e Geogr.* XLIX, 1886, pag. 347.

(2) *Hist. d'un voyage faite en la terre du Brésil, autrement dite Amérique, etc.*, 1578, cap. VIII.

(3) *Hist. véritable d'un voyage*, pag. 15.

e escudado na opi
tífico, como é o M
Sul do Imperio fo
betá e chegar a co
seriam sempre fa
dico, como são as
Tembetás, publica
cional.

Dou aqui uma

Um brasileiro
sua memoria sob
possuidoras de ta
que morressem er
tirem...» e mais
dicção — de possu
Vê-se, que, g
fez as Amazonas,
tiral-os do rosto
nome de *pedra v*
e fez existir no
Brazil.

Não ha um sc
tratando dos costu
todos se referem a

O padre Fernã
sionarios na Bahia
dos índios: « Usa
palmente nas festa
diademas de penna
no beijo de baix
que parecem esme
pridas que lhe o
grandes principaes

(4) *Rev. do Inst. Hist.*

e, escudado na opinião official de um estabelecimento scientifico, como é o Museu Nacional poderiam suppor que no Sul do Imperio fosse usada a nephrite, com o nome de *tembetá* e chegar a conclusões que, por melhor fundamentadas, seriam sempre falsas, tendo por base um facto não verídico, como são as hypotheses do autor do artigo sobre os Tembetás, publicado em 1877 nos *Archivos* do Museu Nacional.

Dou aqui uma prova dessa confusão.

Um brazileiro notavel, o Dr. Gonçalves Dias, diz na sua memoria sobre *As Amazonas*: (1) «Achar-se-hiam possuidoras de taes pedras por tirarem-nas do rosto aos que morressem em combates, a que era costume assistirem...» e mais adiante: «póde daqui originar-se a tradição — de possuidoras das famosas pedras verdes».

Vê-se, que, guiado pelos historiadores, Gonçalves Dias, fez as Amazonas, que usavam os *muyrakytás* ao pescoço, tirar-os do rosto (labios) dos guerreiros. Só guiado pelo nome de *pedra verde*, confundiu a nephrite com o beryllo e fez existir no Amazonas um enfeite que é do sul do Brazil.

Não ha um só autor ou viajante que falle no *tembetá* tratando dos costumes dos gentios do Valle do Amazonas; todos se referem aos do Maranhão para o sul.

O padre Fernão Cardim, superior dos jesuitas e missionarios na Bahia, escreveu em 1584, tratando das joias dos indios: «Usam estes indios ordinariamente, principalmente nas festas que fazem, de collares de buzios, de diademas de pennas e de umas *metaras* (*pedras que mettem no beijo de baixo*) verdes, brancas, azues, muito finas e que parecem esmeraldas, são redondas e algumas tão *compridas* que lhe dão pelos peitos, e ordinario é em os grandes principaes terem um palmo e mais.»

(1) Rev. do Inst. Hist. Braz. 1855, XVIII, pag. 55.

Marcgrafve (1) separa e distingue pelas côres esse enfeite, assim: «Viri labium inferius perforatum habent et foramini immittunt lapidem aliquem aut crystallum seu smaragdum, vel jaspidem magnitudine nucis avellauea; vocant *metara* et si viridis vel cœruleus fuerit *metarobi* nominant.»

Métara, antes, *mbétara* é uma contracção de *Tembé-itá ara*; de *Tembé*, labio inferior, *itá*, pedra, e a verbal *ara*, significando a *pedra que é do labio inferior*, e *metarobi*, antes, *métaroby*, é palavra composta de *metara* e *obij*, azul, verde, a *pedra verde, que é do labio inferior*.

De *Tembetara* fizeram *mbétara* e depois *métara*.

Devo aqui abrir um parenthesis para tratar ainda uma vez da etymologia do nome Muyrakytã. Houve quem se lembrasse de dizer que significava *pedra do chefe do povo* de *mira-ki-itá*, que é um disparate, e posteriormente também traduziram por *pedra de gente*, de *mira* e *itan*, também sem razão, porque *mira itan* diz *concha de gente*.

Estas traducções já as bali em outro trabalho. (2)

Ultimamente appareceu a interpretação, de *conta de pedra*, ou *pedra de fazer contas*, *puêra itá*, tão desarrazoada como as outras. Vejamos. O muyrakytã é um objecto archeologico e data de épocas anteriores á introdução das *contas* no Brazil, objectos estes que os indios não conheciam. Usavam, é verdade, *sementes* e *grãos* furados, alguns muito semelhantes a *contas*, missangas como as sementes de alguns *Cissus*, a que davam o nome de *pojrr*, que os portuguezes fizeram *puêra*.

Este vocabulo, porém, não significa *conta*, foram os portuguezes que deram o nome indigena ás *contas* de vidros, porque as achavam semelhantes ás sementes com as quaes elles faziam collares.

(1) *Hist. rerum nat. Bras*; libr. VIII.

(2) *Ensaio da Sciencia, Antiquidades do Amazonas*, Fasc. III, pag. 70.

Não conhecem
chamar a um obje

Puêra itá sig
ou latamente *pedra*
e não *puêra* só sig
ou o ornamento fe

Dando-se de
applicado pelos po
de *conta* e não o

De *muêra itá*
quando muito diri
rakitãs, ordinari
procuram substitu
madeira, por *poj*
pedra. Os indios
servam pronuncia
crepencia, clara e
itá, e assim todos

Fechando o pa

O padre Ivo d'
nambás do Maranh
pelo appellido de
que traziam *no la*
mento labial, leva
fundiu-a com o Mu
eram dotadas de m
as molestias do bac
se não ligam a tod
de que são feitos o

Que não trata
mas sim do *tembel*
de suas ostentaçõ
comprimento, pelo

(1) Ivo d'Evreux, *Vol*
3478

Não conhecendo os índios as contas, como poderiam chamar a um objecto *pedra de conta* ou *conta de pedra*?

Puêra itá significa *pedras de sementes* ou de *grãos* ou latamente *pedra* para fazerem-se *sementes*, porque *poyr* e não *puêra* só significa *semente*, e *grão duro*, e não *conta* ou o ornamento feito do mesmo grão.

Dando-se de barato que os índios adoptassem o nome applicado pelos portuguezes, o de *conta*, significará *pedra de conta* e não *conta de pedra*.

De *muêra itá* nunca indio algum faria *muyrá kitã*, quando muito diria *muêritã* ou *muêritan*. Como os *muyrakitãs*, ordinarios, se assemelham ás *contas de leite*, procuram substituir os civilisados de hoje o *muyrá*, pão, madeira, por *poyr*, *puêra*, *conta*, e *kitan*, nó, por *itá*, *pedra*. Os índios do Tapayós, que são os que melhor conservam pronuncia verdadeira do *nheengatu*, dizem, sem discrepância, clara e distinctamente *muyrakitã* e não *puêra itá*, e assim todos os que conhecem o amuleto.

Fechando o parenthesis, continuo.

O padre Ivo d'Evreux, tratando dos costumes dos Tupy-nambás do Maranhão, diz que os de Mearim eram conhecidos pelo appellido de *Pedras verdes*, nome tirado dos enfeites que traziam *no labio inferior*. Apezar de ser um ornamento labial, levado pela côr da rocha, o padre Ivo confundiu-a com o *Muyrakylã*, dizendo, «que as pedras verdes eram dotadas de muitas propriedades, especialmente contra as molestias do baço e frouxo de sangue», (1) virtudes que se não ligam a todas as pedras verdes, mas sim á *nephrite*, de que são feitos os amuletos.

Que não trata elle da *nephrite suspensa ao pescoço*, mas sim do *tembetã*, vê-se quando elle diz que: «a maior de suas ostentações era uma destas pedras verdes, de comprimento, pelo menos, de quatro dedos, e bem redonda».

(1) Ivo d'Evreux, *Voyage au Nord du Brésil*, Paris, MDCXV, pag. 57.

O que certifica este trecho: «Outro Tupynambá, já muito velho, trazia uma pedra destas em seu *labio inferior*: era oval e tão larga como o concavo da mão e como a tivesse trazido por muito tempo ahi, sem nunca tiral-a, estava como que encaixilhada no seu queixo, já tendo a carne se dobrado sobre os bordos da pedra e tomado sua propria fórma.»

O chronista frei Antonio Jaboatão, ⁽¹⁾ que escreveu mais tarde, já não falla do *tembetá da pedra verde*, que era do norte, apenas diz, tratando dos Tamoyos: «que usavam *furar o beijo de baixo*, como os Tapuyos e Putyguares, e metter-lhe por dentro um osso com sua cabeça á maneira de prego, de sorte que sahisse uma ponta comprida para a parte de fóra, que tinham por um grande enfeite e o augmentavam nas suas festas com capas e carapuças de pennas de côres.»

Por estas citações vemos o *muyrakytä*, de nephrite, confundido com o *tembetá*, por serem alguns de pedras verdes, posto que de outra rocha e tambem vemos que só os indios da costa do Maranhão para o Sul, usavam esse enfeite. Querem alguns que os Guayanás tambem usassem esse adorno; mas o que é certo é que os indios do Amazonas não tinham *tembetás*, si bem que muitos usassem enfeites de pennas, de dentes e de espinhas nos labios, porém só no labio superior.

João de Laet, ⁽²⁾ já citado, differençou bem os *muyrakytäs* (amuletos) das pedras de beijo (enfeites), a que deu o nome de *oripendulum*; diz elle: «Barbari qui Guianam incolunt, magni illos faciunt et solent *pyramidalis* forma foraminibus indere sub inferiori labio».

O *tembetá* foi e é usado no labio inferior, donde se originou o nome desse adorno, como já dissemos. O labio

⁽¹⁾ *Novo Orbe Serophico Brasílico*. Lisboa 1761, [reimpressão do Inst. Hist. Braz. 1858, I, pag. 27].

⁽²⁾ *Loc. cit.*



Barb. Rod. des. d'ep. net.

upynambá, já muito
seu labio inferior:
o da mão e como a
sem nunca tiral-a,
queixo, já tendo a
pedra e tomado sua

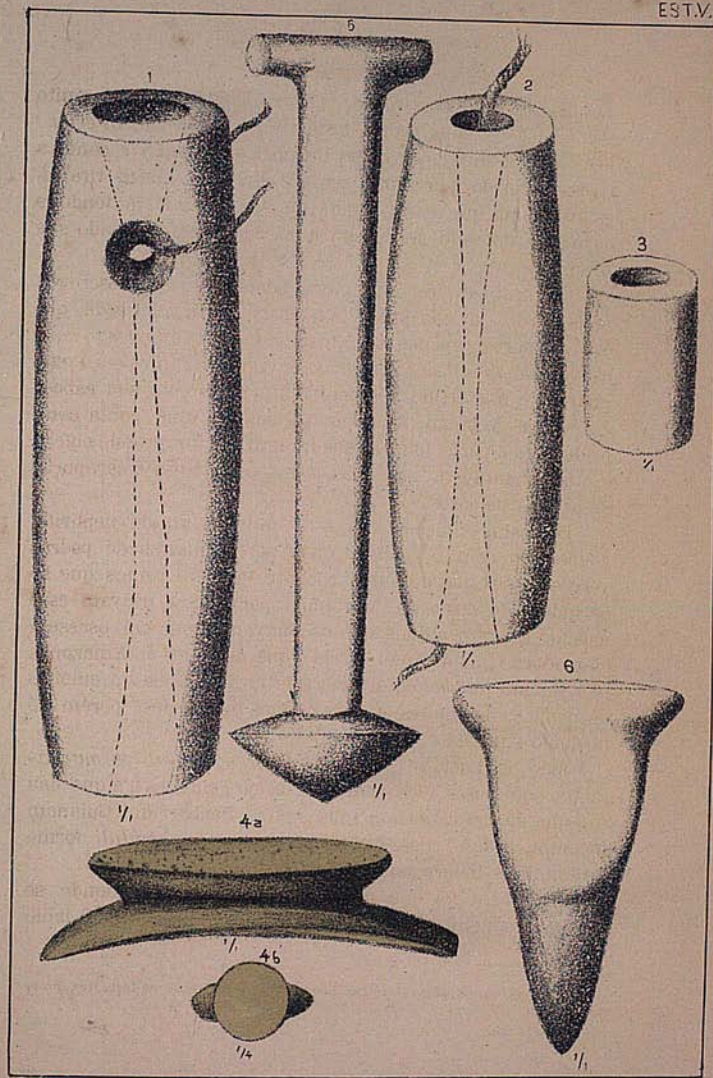
o, (1) que escreveu
da pedra verde, que
dos Tamoyos: «que
os Tapuyos e Puty-
osso com sua cabeça
esse uma ponta com-
por um grande enfeite
m capas e carapuças

rakytá, de nephrite,
m alguns de pedras
mbem vemos que só
a o Sul, usavam esse
ás também usassem
s índios do Amazonas
itos usassem enfeites
os labios, porém só

nçou bem os *myra-*
(enfeites), a que deu
Barbari qui Guianam
nt *pyramidalis* forma

o inferior, donde se
já dissemos. O labio

Impressão do Inst. Hist. Braz.



Barb. Flou. des. d'ap. nat.

IMPRESSA NACIONAL

TEMBÉTÁS E NANACYS

superior tem o nome
aos enfeites dos índios
porque dá logo a idé
terão os seguintes: *mu*
rakuan, ⁽³⁾ *haguerak*.

Finalmente, o tem
homens Karanys, em
usado pelas mulheres
zonas, perpetuando-se
pescoço de alguma m
ser entre os Uaupés,
como distinctivos de

Só fazem excepção

Assim, nas margens
superior do Nilo são ellas
vezes, para poder ad
viforme, arrancam os

Para não alongar
citações autorisadas.

Thevet ⁽⁶⁾ quando
et filles ne sont ains
a leurs oreilles, etc.»
nambás e da *pedra*
ils sont devenus gra
ils agrandissent le tr
verte; ils placent da
et cette pierre est ord
pendre en dehors la

(1) *Myra*, pão, *akuan*, o l

(2) *Tanho*, dente.

(3) *Kang*, osso.

(4) *Ihague*, espinha.

(5) Donhan et Caperton,

(6) *Les singularités de la*

(7) *Hist. d'un pays situé à*

superior tem o nome de *akuan*, pelo que não se poderá dar aos enfeites dos índios amazonenses o nome de *tembetá*, porque dá logo a idéa de labio inferior; a dar-se o nome terão os seguintes: *muyrakuan*, ⁽¹⁾ *tanhakuan*, ⁽²⁾ *kanguerakuan*, ⁽³⁾ *haguerakuan*. ⁽⁴⁾

Finalmente, o *tembetá* é o adorno labial privativo dos homens Karanys, emquanto que o *muyrakytá* foi também usado pelas mulheres, Karaibas, e pelas pretendidas Amazonas, perpetuando-se a tradição até hoje, tanto que só ao pescoço de alguma mulher é que é elle encontrado, a não ser entre os Uaupés, que o conservam, segundo a tradição, como distinctivos de nobreza e de chefia.

Só fazem excepção algumas tribus da Africa.

Assim, nas margens do Niger e em toda a bacia superior do Nilo são ellas as que furam o labio inferior e, ás vezes, para poder admittir o ornato, que é de prata e claviforme, arrancam os dous primeiros incisivos. ⁽⁵⁾

Para não alongar mais este trabalho farei só duas citações autorisadas.

Thevet ⁽⁶⁾ quando trata do *tembetá* diz: « les femmes et filles ne sont ainsi difformes, vrai est qu'elles portent a leurs oreilles, etc. » Han Staden, occupando-se dos Tupy-nambás e da *pedra verde*, assim se exprime: « Quand ils sont devenus grands et en état de porter les armes, ils agrandissent le trou et ils y introduisent une pierre verte; ils placent dans la lèvre le bout le moins large et cette pierre est ordinairement si lourde, qu'elle leur fait pendre en dehors la lèvre inférieure. » ⁽⁷⁾

⁽¹⁾ *Mbyra*, péo, *akuan*, o labio superior.

⁽²⁾ *Tanha*, dento.

⁽³⁾ *Kang*, osso.

⁽⁴⁾ *Thaque*, espinha.

⁽⁵⁾ Denhan et Caperton, *Hist. Univ. des voyages*, vol. XXVII, 446.

⁽⁶⁾ *Les singularités de la France Antarctique*, 1876, pag. 166.

⁽⁷⁾ *Hist. d'un pays situé dans le nouveau monde nommée Amérique*, 1837, pag.

Quando trata das mulheres, o mesmo nos diz: « Les femmes... elles n'ont pas d'autre ornement que des espèces de pendants qu'elles attachent à leurs oreilles. » (1)

Só com o fim de esclarecer toquei neste assumpto, para que bem claro fique que o *tembetá* é feito de *materia prima indigena, é contemporaneo e não se lhe liga virtude alguma*, pelo que é essencialmente brasileiro, e nada tem de *commum com o muyrakytã*.

(1) A mesma obra, pag. 271.

A jade, geral
por muitos autore
recesse delles out
de 1874 para cá,
sentando-se com a
havia precisado, s
definitivamente as

Tomou então l
a chave que abre
povo americano.

O sabio profes
Europeu, como pro
destas linhas app
o estandarte que
a nephrite, se este
Norte, tendo a sua
da humanidade.

A' medida que
que as unicas jaz
no centro d'Asia, r
em 1833, as aguas
um adversario da

esmo nos diz: « Les
ment que des espèces
s oreilles. » (1)
nei neste assumpto,
a é feito de materia
o se lhe liga virtude
azileiro, e nada tem

XI

OS DRS. A. B. MEYER E VIRCHOW E A QUESTÃO DA NEPHRITE

A jade, geralmente fallando, que tinha sido tratada por muitos autores sob diferentes nomes, sem que merecesse delles outro interesse, a não ser o mineralogico, de 1874 para cá, entretanto, entrou em nova phase apresentando-se com a sua verdadeira natureza, que a chimica havia precisado, separando as suas especies e dando-lhes definitivamente as denominações de nephrite, e jadeite.

Tomou então lugar saliente na Archeologia, tornando-se a chave que abre as portas que occultam a origem do povo americano.

O sabio professor Fischer o apresentou no scenario Europeu, como producto do Oriente, quando o obscuro autor destas linhas apparecia em campo aberto, desenrolando o estandarte que guiou a corrente migratoria, que, com a nephrite, se estendeu pelo Amazonas, pela America do Norte, tendo a sua extremidade presa ao solo que foi berço da humanidade.

A' medida que as provas se amontoavam, mostrando que as unicas jazidas de nephrite e de jadeite existem no centro d'Asia, maior vulto tomava a questão; porém, em 1883, as aguas começaram a se turvar e dellas sahio um adversario da idéa, que tantos proselytos tinha, con-

testando a nossa opinião e affirmando, como outros já o haviam pensado, que na Europa e na America tambem devem existir jazidas de ambas as rochas.

Na Europa o unico batalhador era o Conselheiro Dr. Henrique Fischer, Director do Museu Mineralogico de Fribourg, em Baden e como para elle convergissem as palmas e os louros que iam os estudiosos offertando, appareceu o Sr. Dr. A. B. Meyer, Director do Museu Zoologico, Anthropologico e Ethnologico de Dresde, apresentando-se adversario systematico de Fischer.

Si não fôra a questão da nephrite levantada por Fischer, e por mim, o Sr. Meyer talvez não apparecesse, porque até então estava entre os illustres desconhecidos, e ninguem se occupava da nephrite, sob o ponto de vista que me occupa.

Com a sua conferencia de março de 1883, publicada sob o titulo *Die Nephritfrage kein ethnologisches Problem*, appareceu para ser logo batido por Fischer.

Dahi em diante appareceram alguns pequenos escriptos seus, combatendo a origem asiatica da nephrite e da jadeite e assegurando, sem provas, que devem existir jazidas na America, baseado talvez no que disse La Condamine e nas informações dadas a Humboldt.⁽¹⁾

Teima por teimar, porque em trabalhos successivos que desmoram os seus castellos, Fischer, com sua palavra autorisada provou, sempre, que razão alguma tinha o Dr. Meyer. Ultimamente, para produzir effeito de occasião, annunciou que se tinham descoberto jazidas de nephrite em Alaska, na America do Norte, cujas amostras tinha examinado.

(1) Os escriptos que teem sobre a jade são os seguintes:

Konigl. ethnographisches museum zu Dresden. Leipzig. 1882-83; *Einette: Fundort von Nephrit im Asien*, 1883; *Die nephrit frag kein ethnologischer Problem*, 1883; *Der Sannthaler Rohnephritfund*, 1883; *Ein zweiter Rohnephritfund in Steiermark*, 1883; *Das Jabelbill von Gurina i Gallthai (karnthen)*, 1883; *Über die Nephritfrage*, 1883; *Über Nephrit und oehnliches material aus Alaska*, 1884.

Corre a noti
as amostras qu
balhados, e que
Jacobsen, a que
e sim de *amazon*

Na sua *Neph*
que ha jazidas
substancia, si *na*

Depois, quan
especies, em um
atalogo dos Antiq
prova o que diz

As informaçõ
africano, do Mus

Todos os seu
lycados pelo me
mente combatido
e seus sectarios,
falso, apresentand
de existirem jazid

O encontro de
tou um serviço,
prende a corrente
dou aos filhos de

Para que se
sem que nunca fo
que o seu apreço
e que tendo cent
determinou o seu
apreciada na Euro
superstitutions dont

(1) Leia-se o qua di
II pag. 325 e 324 e no H
em outros trabalhos.

(2) *Neue Beobacht*

Corre a noticia, mas depois sabe-se e prova-se que as amostras que lhe serviam de base foram objectos trabalhados, e que as jazidas encontradas pelo Commandante Jacobsen, a que Meyer se referia, não eram de nephrite e sim de *amazonsteine*.

Na sua *Nephritfrage*, de 12 de novembro de 1833, diz que ha jazidas na America, porém sem dizer de que substancia, si *nephrite* si *jadeite*.

Depois, quando trata especialmente de cada uma das especies, em um lugar refere-se á *jadeite*, em outro no *Catálogo dos Antiquarios de Frisa*, á *nephrite*. Com que prova o que diz?

As informações do Dr. Meyer são como as do *talisman* africano, do Museu Botânico, todas falsas.

Todos os seus artigos posteriores foram sempre analysados pelo meu finado amigo Fischer (1) e vantajosamente combatidos, ficando sempre provado que Meyer e seus sectarios, como Arzruni, (2) pisam em terreno falso, apresentando um problema que se não resolverá, o de existirem jazidas de nephrite na America e na Europa.

O encontro dos artefactos de nephrite em Alaska prestou um serviço, veio mostrar mais uma balisa a que se prende a corrente migratoria e confirmar a marcha que dou aos filhos do sol, para as aguas do Amazonas.

Para que se faça ideia da antiguidade da nephrite, sem que nunca fossem achadas as jazidas, basta dizer-se que o seu apreço data de épocas muito anteriores a Christo e que tendo centenares de autores della tratado, nenhum determinou o seu leito geologico, fóra da Asia. Era tão apreciada na Europa que « elle reste longtemps l'objet de superstitions dont il subsiste des traces. Les Germains la

(1) Leia-se o que disse o Dr. Fischer no *No Jahrbuch f. Mineralogie* 1834, Bl. II pag. 325 e 324 e no *Beitrag zur Allgemeinen Zeitung*, de 13 de abril de 1833 e em outros trabalhos.

(2) *Neue Beobachtungen am nephrit. und jadeite* (1833).

portaient en guise d'amulets», como nos diz Zoborowski no seu *Homem prehistorico*.

Os Museus guardam em sua collecções objectos de nephrite e jadeite, principalmente *celts*, todos de procedencia Asiatica, posto que alguns achados na Europa, para onde foram em épocas anti-colombianas.

Depois de 1494 e da descoberta da America, novos contingentes dessa rocha foram levados para a Europa; porém, apesar de todos os esforços, nunca nas duas Americas se encontraram as jazidas. Entretanto, da descoberta do Amazonas, em 1544, da do Mexico, em 1519, para cá, já decorreram quasi 400 annos, e nesse longo estadio os missionarios, as aventureiras *bandeiras* portuguezas e hespanholas cortaram os sertões, destruíram mattas, e captivaram os naturaes, carregaram suas riquezas e principalmente os hespanhóes se empenharam em descobrir as jazidas dos *chalchihuitl* ou das pedras nephriticas, que levavam para Europa, em obras a trocaram por ouro, porque quasi que a seu peso eram lá adquiridos.

Como não acharam? A civilisação tem invadido todos os centros e mesmo aquelles em que dominam os selvagens estão mais ou menos conhecidos, notando-se que os indios trazem sempre o que encontram no seu solo, para permutarem com os brancos, e por elles alguma noticia havia de existir.

Se pela conquista do Mexico se não descobriu, muito menos hoje.

E' inadmissivel querer o Dr. Meyer que se tenham extinguido as jazidas ou os blocs esparços. Por que não se extinguiram as da Asia, exploradas a milhares de annos?

A nuvem de pó que elle levanta tem uma grande utilidade é a de dar mais importancia e valor á questão da nephrite, dando lugar a que se procurem jazidas com afan, sem que nunca appareçam, provando assim que razão tinha Fischer e tenho eu em affirmar que os muy-

rakytās são immo americana é asia

Adiante most lendas, com as t rakytā sahe no no coração da Ta

Depois da de meril, com que de ser importada naturaes a fazer em vez de jade branca, ou das r gião em que ha xicanos, a falsa talismans, do ene gumas tribus do

Já no reinado pouco antes da de da cidade do Mex tepec e Quetzalte meril muito prop Diégo Duran, (1) que haviam, de nã vincias, que tiras ao seu concilio, o sageiros á mão

Depois de lut tributarios do rei

Estes chalchih passaram confun pela analyse chin

(1) *Hist. de las Ind*
Ramirez, Mexico, 1807,

rakytās são importados, e que a origem da civilização americana é asiática.

Adiante mostrarei com provas ethnologicas, com as lendas, com as tradições e com a linguistica que o muy-rakytā sahe no Amazonas d'uma veia cuja arteria pulsa no coração da Tartaria.

Depois da desappareição da jade, na America, e do esmeril, com que a trabalhavam, isto é, depois que deixou de ser importada, tornando-se rara, começaram então os naturaes a fazer os amuletos de amazonstone, no Mexico, em vez de jade verde, de quartzo, para substituir a jade branca, ou das rochas que tinham ao seu alcance, na região em que habitavam. Dahi vieram os *calchihuitls* Mexicanos, a falsa nephrite, os *nanacys* dos Uaupés e os talismans, do endocarpo dos fructos de palmeiras, de algumas tribus do Amazonas e do Orenoco.

Já no reinado de Moctezuma ou Montezuma, isto é, pouco antes da descoberta da America, foi que os esculptores da cidade do Mexico souberam que nas provincias de Tatotepec e Quetzaltepec, havia uma especie de areia ou de esmeril muito proprio para polir a pedra, pelo que, segundo Diego Duran, (1) o rei Montezuma, attendendo ás queixas que haviam, de não consentirem os habitantes daquellas provincias, que tirassem a dita areia, levou as referidas queixas ao seu concilio, o qual determinou que se enviassem mensageiros á mão armada a Tatotepec.

Depois de lutas os habitantes consentiram e se fizeram tributarios do rei e da cidade do Mexico.

Estes chalcihuitls, de falsa nephrite, por muito tempo passaram confundidos com os de jade, e só ultimamente pela analyse chimica se differencaram.

(1) *Hist. de las Indias de la Nueva España*, vol. I. Cap. LVI, pag. 454. Edic. Ramirez, Mexico, 1867.

A rocha mais vulgarmente, então, empregada, foi que denominaram *amazonstone*, (1) porque muitos objectos achados, trabalhados, suppunha-se que sahiam do Rio Amazonas, e eram usados pelas Amazonas, quando nesse grande rio não só não existem jazidas, que me conste, como ainda não vi um só fragmento ou objecto feito dessa rocha, achada em seu valle. O illustre Dr. Meyer, convicto ou não, baseado não sei em que, affirma, comtudo, que jazidas de nephrite devem existir na America e que os objectos levados para a Europa não são oriundos da Asia e sim americanos.

Convém, entretanto, fazer notar que nos dous ultimos seculos, nem um só pedaço de rocha bruta foi achado na America, e os que se encontram, rariissimas vezes, são artefactos mais ou menos bem trabalhados, todos affectando as mesmas fórmas dos asiaticos.

Por que razão, encontrando-se estes, que deveriam ser mais raros, não se encontraram as rochas, nem os blocos ou fragmentos?

A jade é rocha dos terrenos primitivos; encontra-se nos leitos de talchisto, facil é, pois, nelles a sua procura.

A extracção d'essa rocha nos tempos idos seria tão grande que desse consumo, não só ás jazidas como ás suas raizes e até aos mais insignificantes blocos ou fragmentos?

Será rocha de tão facil decomposição, para desaparecer em pouco tempo? Si assim é, porque não desapareceram as da Asia e não se decompuzeram os objectos trabalhados que se encontram uns soterrados e outros expostos ás intemperies?

O tempo só terá o poder de actuar sobre as da America?!...

Como todas as florestas americanas, não estão derrubadas, como a charrua e o arado ainda não sulcaram todas

(1) Uma variedade de orthosia colorida pelo oxido de cobre.

as suas terras, as jazidas.

Admittamos razão se liga ao no Perú, tantas asiatico? Como a provas ethnol por patria o con livro de Josué, « Naquelle temp quinhas de ped d'Israel », Fac t filios Israel.

A propria ne do Muyrakytã, é prendem á Asia Mas, por que m coincidencias lig D'onde vem esse America e os da e preferindo-a p

Por que não torio o muyrak mesmo, em lim a Guatemala, ac afluentes do A factos, que deve prime outra cou rente migratorie

(1) Em 1871 o Pa Sinai, á Galgala e á H incas de pedra, achada 1863, em Tibneh pelo Sa cidaram os Israelitas fo enterradas.

Posto que sejam hi quero crer, comtudo, q sejam as mesmas de que

as suas terras, affirma-se que sob essas florestas existirão as jazidas.

Admittamos, por hypothese, que assim seja; mas por que razão se liga ao *muyrakytã*, pelo menos no Amazonas e no Perú, tantas circumstancias que o prendem ao solo asiatico? Como objecto archeologico, cumpre submettel-o a provas ethnologicas, e essas são unanimes em dar-lhe por patria o continente da terra da pedra, de que trata o livro de *Josué*, quando no versiculo 2, do capitulo V, diz: «Naquelle tempo disse o Senhor a Josué: Faze umas faquinhas de pedra (1) e circuncida segunda vez aos filhos d'Israel», *Fac tibi cultros lapideos et circumcide secundo filios Israel*.

A propria nomenclatura de alguns lugares, da região do *muyrakytã*, é homophonica de lugares e cousas que se prendem á Asia pelas linguas. Dirão: meras coincidências! Mas, por que motivo, em todo o Brazil, não existem essas coincidências ligadas a outra rocha, ou a outro artefacto? D'onde vem essa unidade de predilecção entre os povos da America e os da Asia por essa rocha, ligando-lhe virtudes e preferindo-a para amuleto?

Por que não se tem encontrado no seu immenso territorio o *muyrakytã*, sinão no valle do Amazonas e, isso mesmo, em limitada região, que se prende a Costa Rica, a Guatemala, ao Mexico, a Nova Granada, e ao Perú pelos afluentes do Amazonas, onde a pictographia perpetua factos, que deveriam ser notaveis, e certamente não exprime outra cousa mais do que os marcos de uma corrente migratoria, como já o disse?

(1) Em 1871 o Padre Richard, hydrogeologo, depois da sua viagem ao Monte Sinai, á Galgala e á Palestina, apresentou á *Academia de Sciencias de Paris* algumas facas de pedra, achadas por elle no tumulo de Josué, descoberto anteriormente, em 1863, em Tibneh pelo Sr. Guerin. A versão dos *Scienta* diz que as facas que circuncidaram os Israelitas foram guardadas por Josué e que pela sua morte foram com elle enterradas.

Posto que sejam historicas essas facas, pela authenticidade do achado no tumulo, quero crer, comtudo, que ellas são de *silex lascado* e não de nephrite, pelo que não sejam as mesmas de que se serviu Josué.

Este itinerario, que da California, pelo Mexico, vem ao Amazonas pela America Central, ou pelas Lucayas, Antilhas, Orenoco e Magdalena balisado por objectos de nephrite, que por todo esse trajecto vão se prendendo ethnicamente á Asia, nada exprime?

Procure o illustre Director do Museu de Dresda, conscienciosamente, resolver o problema; prove-nos mineralogica e chimicamente a natureza da nephrite das jazidas, que porventura forem encontradas na America, que, emquanto por esse caminho elle procurar a verdade, eu pela ethnologia reunirei tambem materiaes, que provarão que não sem razão, Fischer e eu, avançamos as nossas opiniões, que já teem muitos sectarios.

Veremos a quem o futuro dará a palma da victoria.

Até á morte de Fischer todos os argumentos que foram apresentados pelo Dr. Meyer foram destruidos valorosamente; hoje poderão estar de pé, porque ninguem lhe tem ido ás mãos, na Europa, porém aqui na terra da *Pedra das Amazonas* fico eu na estacada, reunindo os materiaes que das atalaias me cheguem para provar o contrario.

Note-se agora um facto que não acredita muito o Director do Museu de Dresda. Não obstante existir a opinião de Meyer, desde 1883, quando se reuniu pela sexta vez o *Congresso dos Americanistas*, em 1886, em Turim, a 15 de setembro, no terceiro e quarto dia de sessão, tratou-se da questão da jade ou da nephrite, apresentada pelo Sr. Barão de Baye, que adoptou a opinião do Sr. F. W. Putnan, Conservador do Museu de Peabody, sem que ao menos o nome do Sr. Meyer fosse citado. (1)

O illustrado professor Putnan tinha apresentado uma memoria á *Sociedade historica de Massachussets*, ácerca de varios objectos de jadeite achados em Nicaragua e Costa

(1) Barón de Baye, *Congrés intern. des Americanistes*, 6^{me} Sess. Turin, 1886, pags. 33 et 37.

Rica, sendo de
fez, que esses ar
mesma cor da

É de parecer
á America já f

« N'y a t'il p
primitifs de ces
l'Asie, et qu'un
un peuple parti
Barão de Baye,

A Sociedade
um batalhador e
tada pelo meu fi
e levada a esse
Stradelli.

Está a quest
lado chimico, pr
lado das analyse
grações pre-colo
nenle.

Eu, estudand
teem feito, escud
nas suas subdivi
que levam os an
idos e da raça
pentes da Americ
cendentes das se
tenta o mundo,
sahido do umbigo

Alguns destes
de Alaska, unico
ter sahido do Occ
encontraram os
exhibir-se o Sr.

Rica, sendo de opinião, depois das analyses chimicas que fez, que esses artefactos tem *o mesmo peso especifico e a mesma cor da rocha Asiatica.*

É de parecer tambem, que os objectos foram *levados á America já feitos e por uma emigração Asiatica.*

« N'y a t'il pas lieu de supposer que les possesseurs primitifs de ces instruments en jadeite sont venus de l'Asie, et qu'une partie de Amérique a été habitée par un peuple parti du continent Asiatique ? » Pergunta o Sr. Barão de Baye, repetindo o que diz o Sr. Putnan.

A Sociedade adoptou o seu pensar; pelo que, e mais um batalhador em favor da minha opinião, tão sustentada pelo meu finado amigo Fischer, de saudosa memoria, e levada a esse congresso pelo meu amigo o Sr. Conde Stradelli.

Está a questão neste pé, sendo por todos tratada pelo lado chimico, procurando-se identificar as substancias pelo lado das analyses, e por esse meio provarem-se as emigrações pre-colombianas, do velho para o novo continente.

Eu, estudando os *muyrakytás*, faço o que os outros não teem feito, escudo-me na ethnologia e na archeologia, que nas suas subdivisões apresentam um cortejo imponente, que levam os amuletos do Amazonas, atravez dos tempos idos e da raça votanica pelos filhos do sol e das serpentes da America Central, para os seus progenitores descendentes das serpentes *Kalinaga* e *Ananta*, a qual sustenta o mundo, e de *Ixwaku*, o fundador da raça do sol, sahido do umbigo de *Manu*.

Alguns destes descendentes, são os *Kari-aks*, das costas de Alaska, unico povo hyperboreo que tem a tradição de ter sahido do Occidente, e que habita a região em que se encontraram os amuletos de nephrite que deram lugar a exhibir-se o Sr. Dr. Meyer.

elo Mexico, vem ao
pelas Lucayas, An-
or objectos de ne-
e prendendo ethni-

u de Dresda, cons-
rove-nos mineralo-
ohrite das jazidas,
America, que, em-
a verdade, eu pela
que provarão que
os as nossas opi-

alma da victoria.
mentos que foram
estruidos valorosa-
e ninguem lhe tem
a terra da *Pedra*
minindo os materiaes
ar o contrario.

credita muito o Di-
ante existir a opi-
reunio pela sexta
n 1886, em Turim,
dia de sessão, tra-
e, apresentada pelo
aíção do Sr. F. W.
body, sem que ao
do. (1)

apresentado uma
Nachussets, úcerca
Nicaragua e Costa

* * *

E' sabido que, desde 1813, depois que Humboldt estabeleceu o paralelo entre os costumes precolombianos da America e os da Asia, as vistas dos sabios para a questã da immigraçã asiatica se voltaram e numerosos partidarios sempre teve; porém, depois de 1875, nova phase tomou a questã. Uma prova material appareceu e com ella desde 1872 me bato — o amuleto de nephrite, conhecido no Amazonas por Muyrakitã.

Foi em 1872 que o descobri, e dessa data começou a questã, que, por uma notavel coincidência, na Europa tambem appareceu no mesmo anno, apresentando o Sr. Desor no Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistorica, na VI sessão, em Bruxellas, a noticia de alguns machados de jadeite achados na Belgica.

O Sr. Desor estava convencido que a procedencia dos objectos era oriental e attribuia a sua appareção na Europa a trocas commerciaes, ou para ahi levados por povos primitivos como objectos sagrados.

Sem conhecer a opinão do illustre professor Desor, considerei tambem Muyrakytã um objecto sagrado, e filho de uma immigraçã asiatica.

A opinão do Sr. Desor não passou comtudo do congresso, porém em 1874 appareceu o director do museu mineralogico de Freiburg, o sabio professor Henrique Fischer baseado então em estudos mineralogicos, dando a nephrite que apparecia na Europa como de origem oriental.

Um anno depois appareceu o meu primeiro trabalho sobre o Muyrakytã, do qual me occupava, officialmente, desde 1872.

Em 1878 chegou ao conhecimento do mesmo conselheiro Fischer o meu trabalho e de então até a sua morte, unidos pelo mesmo laço, nos occupámos da nephrite, elle investigando os objectos europeus e eu os brasileiros.

Até 1883 occu
o mesmo profess

Depois dessa
pelo que o campo
campo de luta.
museu de Dresd
qual se reuniram
e que desconhecia
Putnan e o Sr.
nosso lado.

Fischer e eu
era asiatica; Me
na America. Entr
hoje feitas, não
americano.

Estava a qu
1888 reuniu-se en
dos americanistas
mez, appareceu
da nephrite e ap
oriental.

E' um novo
çarei com lealda

Elle chega á
conquistados pela
braçando uma eg
de Virchow; ape
como sou, ousou ap
gresso ahi ficou, n
acceder ao convit
ao humilde escri
dos mortos o val
Fischer.

Entretanto, a
mente abroquelad
não a deixo ficar

Até 1883 occuparam-se unidos a favor desta questão só o mesmo professor Fischer e o obscuro autor destas linhas.

Depois dessa data appareceu, como disse, um adversario, pelo que o campo das investigações se dividiu e tornou-se um campo de luta. Apresentou-se o Dr. Meyer, director do museu de Dresda, combatendo a opinião de Fischer, ao qual se reuniram alguns admiradores da sua *conferencia*, e que desconheciam os nossos trabalhos. Mais tarde o Sr. Putnan e o Sr. Barão de Baye (1886) se collocaram do nosso lado.

Fischer e eu o affirmavamos, com provas, que a rocha era asiatica; Meyer, sem base, garantia que deve existir na America. Entretanto, apesar de todas as pesquisas até hoje feitas, não appareceu uma só jazida no continênte americano.

Estava a questão neste pé, quando em outubro de 1888 reuniu-se em Berlim, pela setima vez, o Congresso dos americanistas. Na sua terceira sessão, a 4 do mesmo mez, appareceu um novo campeão tratando da questão da nephrite e apresentando-se adversario de sua origem oriental.

E' um novo lidador e com elle as minhas armas terçarei com lealdade.

Elle chega á arena coberto de glorias e de triumphos, conquistados pela tempera fina do aço da sua espada, embraçando uma egide em que se lê coroado de louros o nome de Virchow; apesar porém de todas as vantagens, obscuro como sou, ousou apanhar a luva que, atirada ao tapete do congresso ahi ficou, não sendo logo levantada, por não ter podido acceder ao convite que o mesmo congresso gentilmente fez ao humilde escriptor destas linhas, e por estar no campo dos mortos o valente campeão que se chamou Henrique Fischer.

Entretanto, agora, de viseira erguida, cavalheirescamente abroquelado pela verdade, que me fortalece o punho, não a deixo ficar por terra. Se não for atravessado de uma

só vez, terçarei sempre os golpes até o dia do triumpho ou da derrota da causa que defendo.

A mão não me treme, porque um velho campeão, porém ainda bastante forte, cuja fronte resplandece pela aureola das cans do saber, cuja fama corre o mundo civilizado, de longe me anima a sustentar o combate accenando-me com a flammula em que se lê, como talisman, o nome de Quatrefages.

Ainda em Pariz, na 8ª reunião do Congresso dos americanistas de 1890, *um anno depois do de Berlin*, este sabio professor, no discurso de abertura do mesmo congresso, pronunciou esta veridica e bem achada comparação:

«L'Amérique a été peuplée comme par un grand fleuve humain ayant ses sources en Asie, traversant le continent entier du nord au sud et recevant le long de son cours quelques faibles ruisseaux.

«Ce fleuve ressemble aux rivières torrentueuses dont nous avons des exemples en France même. D'ordinaire et parfois, pendant des longs années, leur lit est presque á sec. Vienne quelque orage, et une avalanche liquide descend des montagnes où elles prennent leur source, envahit et ravage la pleine, bouleversant les vielles alluvions, brassant et melangeant les materiaux anciens ou nouveaux et poussant chaque fois plus loin les debris arrachés au passage.» (1)

Não sahiria a campo, se o valente companheiro que a meu lado se batia não fosse colhido pela morte antes dos clarins tocarem victoria; mas, como ao morrer me legasse esse encargo, apresento-me procurando honrar a sua memoria:

Dadas estas explicações, entrarei em assumpto.

Na terceira sessão ordinaria do Congresso dos americanistas, que se reuniu em Berlin no dia 4 de Outubro de 1888, como disse, o Dr. Virchow (2) tratando da questão

¹ *Revue scientifique*, T. XLIV, 1890, pag. 485.

² *Compte-rendu*, 7^{me} sess. 1888, pag. 207.

da procedencia nephrite, que nos *sempre com uma*

Sublinharei a mentarios que vo destaque a sua op

Disse que pe como já o disse, u mente o professor fazendo estudos pela origem asi Sr. Putnan, dos que são tambem d que se encontrão dencia oriental.

Afinal faz ve opposição, negand «resta sans succ preuves effectives neraux».

Estava a ques Traube achou no chensteine (1886), zendo com isso um logo que existindo ahi encontrados o tural.

O proprio Dr. vain dans les Alp une richesse de neph parfaitement sûr e nephrite qui porte ramnassée».

Por aqui se v material para os o nous n'avons auc

da procedencia originaria dos objectos archeologicos de nephrite, que nos ultimos annos tem sido *muito discutida sempre com uma agitação crescente*, começou historiando-a.

Sublinharei as palavras do sabio professor, nos commentarios que vou fazer ao seu discurso, para que bem se destaque a sua opinião.

Disse que pela *primeira vez appareceu essa questão*, como já o disse, *no Congresso de Bruxellas*, e que posteriormente o professor Henrique Fisher tambem della se occupou, fazendo estudos mineralogicos, que o levavão a opinar pela origem asiatica da nephrite, citando tambem o Sr. Putnan, dos Estados-Unidos, e o Sr. Barão de Baye, que são tambem de opinião que os objectos manufacturados que se encontrão na Europa e na America são de procedencia oriental.

Final faz ver que o Sr. Dr. A. B. Meyer, poz-se em opposição, negando a origem asiatica, e garante que esta *«resta sans succès parce qu'on ne pouvait donner des preuves effectives pour l'origine occidentale des dits minéraux»*.

Estava a questão neste pé, quando o geologo allemão Traube achou no monte Zobten (1834) e perto de Reichensteine (1886), na Silesia, duas jazidas de nephrite, fazendo com isso uma revolução, apparente, porque provou-se logo que existindo essas jazidas nunca foram, comtudo, ahi encontrados objectos fabricados, o que era muito natural.

O proprio Dr. Virchow diz: *«tandis qu'on cherche en vain dans les Alpes, où les stations lacustres ont fourni une richesse de nephrite travaillées, on decouvre un gisement parfaitement sûr en Silésie, pays où jamais un object de nephrite qui porte les traces de main d'homme ait été ramassé»*.

Por aqui se vê que essas jazidas não forneceram material para os objectos encontrados, pelo que *«jusqu'ici nous n'avons aucune pièce achevée, ni aucune indica-*

tion que les peuples préhistoriques de l'Allemagne du Nord aient connu ou estimé la néphrite comme substance précieuse.» Pelo que conclue o mesmo sabio que o valor dessa descoberta só tem «*une valeur purement historique.*»

E razão tem o mesmo professor quando assim se expressa, porquanto é sabido que os objectos de pedra, como os *celts* e outros eram fabricados junto ás jazidas e disso ha innumeradas provas na Europa. Os «*ateliers de fabrication ou de taille étaient établis près des carrières fournissant les matériaux utilisés*», como nos diz Mortillet, ⁽¹⁾, adversario do alienigenismo, tanto que «*l'utilisation des roches locales fait que, sur les points où il se trouve une roche favorable, les ateliers se multiplient*».

Si era commum este facto quanto ao *silex*, á obsidiana, á calcedonia, etc., por que razão não fariam os *celts* e os amuletos de *nephrite* junto ás jazidas de *Zobten*?

Até aqui vemos a questão de pé porque essa rocha encontrada por Traube não tem a mesma composição da asiatica, nem tão pouco dos objectos encontrados e razão tenho para dizer que os amuletos dos lagos da Suissa, achados nas palafites da época Robenhausiana são provenientes da Asia e coevos dos americanos.

O Sr. de Baye, depois de mostrar que a *nephrite* e a *jadeite* das sepulturas de Nicaragua e Costa Rica eram identicas ás da Asia, diz: «*Des semblables celts, de petites haches et des instruments faits avec la même roche, ont été extraits des cités lacustres de la Suisse*»; e accrescenta: «*Le courant d'une migration asiatique est reconnue à l'époque de la pierre polie. Cette migration a été le signal d'un progrès reconnu. Les causes qui l'ont provoquée nous échappent presentement. N'a-t-elle pas eu deux courants simultanés, un vers l'Amérique et l'autre*

⁽¹⁾ *Le préhistorique*, pag. 489.

vers l'Europe? commun en Asie rentes la même

Uma prova das lacustres eram da *nephrite*, e renem systema oriental, Saboia, e nos dos

Entre outros habitantes das palafites *douille et portants et des tubes garnis*. Sr. Chantre et Gu... accessorios qui por bastões que os me para chamar sobre

O professor Mortillet *nephrite* nas montanhas sem resultado, e encontrar nos Alpes da Suissa, supportos de *nephrite*, achados por ter grande porte!...

Por que razão os objectos sejam de *nephrite* asiaticas para a Europa?

Esta não é mais a mesma para canaes, tuneis e terras estão sulcadas

⁽¹⁾ *Congr. des Américanistes*

⁽²⁾ *Le préhistorique*, pag. 489.

⁽³⁾ Zaborowaki, *L'homme préhistorique*

vers l'Europe? Ainsi des populations sorties d'un foyer commun en Asie auraient porté dans deux régions différentes la même civilisation.» (1)

Uma prova de que os constructores das habitações lacustres eram da mesma raça dos que na America usavam a nephrite, e rendiam culto aos idolos de seus templos, de systema oriental, está nos achados do lago Bourget, na Saboia, e nos dos da Suissa.

Entre outros objectos dos successores dos primeiros habitantes das palafites notam-se « *des crosses garnies d'une douille et portant un certain nombre d'anneaux mobiles et des tubes garnis aussi d'anneaux mobiles,* » (2) que os Sr. Chantre et Guimet assegurão serem (3) « *identique aux accessoires qui portaient certains idoles budhiques* » e aos bastões que os mendigos do Japão usam e fazem chocalhar para chamar sobre elles a attenção dos que passam.

O professor Meyer procurou com afan as jazidas da nephrite nas montanhas da Carniola e de Styria, mas sem resultado, continuando, todavia, na esperanza de encontrar nos Alpes a materia fornecida para os objectos da Suissa, suppondo até que um *bloc*, meio trabalhado, de nephrite, achado no lago Constança, deve ser indigena, por ter *grande peso e sendo por isso de difficil trans- porte!*...

Por que razão tanto se teima e se quer que esses objectos sejam de origem européa e americana e não asiática, quando a história ahi está mostrando migrações asiáticas para a Europa?

Esta não é moderna, como a America; está cortada por canaes, tuneis, estradas, caminhos de ferro, suas terras estão sulcadas pelo arado, suas entranhas abertas

(1) *Congr. des Americ. de Turin*, 1888, pag. 34.

(2) *Le préhistorique*, pag. 489.

(3) Zaborowski, *L'homme préhistorique*, pag. 155.

para minas e poços, seus edificios historicos têm sido demolidos e porque, ha milhares de annos, não formam descobertas as jazidas da nephrite e da jadeite, quando se acham objectos pequeninos trabalhados pela mão do homem? A America está virgem, dizem, porém a Europa, não.

A nephrite descoberta por Traube é da mesma natureza chimica e microscopica dos objectos achados manufacturados?

Por que razão não de se encontrar só esses objectos muito longe das jazidas, com fórmas asiaticas e espalhados em um só caminho que vai a Yuthian?

Que identidade de fórmas é essa si não se prendem a uma só origem? Os Srs. Mortillet e Arzruni, apezar de partidarios do indigenismo da nephrite na Europa, dizem: « Pas une des variétés europeennes connues ne correspond exactement aux variétés de l'Asie centrale », apezar de variar na Asia tambem a structura da nephrite.

Da jadeite nunca foi achada uma só jazida na Europa e por que razão com os objectos de nephrite se encontram os d'aquella rocha?

E' o proprio Dr. Virchow quem, com toda probabilidade scientifica, nos diz que a rocha que se achou nos montes Grisons, que se suppunha ser jadeite, não é mais do que *Vesuviano*, segundo a analyse do professor Rumm Elsberg.

Assim como ha variedades de nephrite, assim as ha de jadeite quer nos objectos europeus quer asiaticos, e, posto que não concordem os caracteres entre as das duas partes do mundo, isso nada prova, porque serão de jazidas diversas ou da mesma, porém de local diferente. Isso não quer, por conseguinte, dizer que sejam de origem especial europeá. Nas nossas jazidas de granito, de gneiss ou de calcareos ha pedacos tirados da mesma jazida que se não parecem na cor, na structura e na composição, e attestarão jazidas diferentes. Conheço jazidas calcareas das quaes cada extracto tem uma cor e uma composição propria.

O proprio me quando diz: « *d'un centre exportées dans pl* » admite a proceder objectos asiaticos

Diz que são França, na Suíça foram importados trional.

E por que não Hunos a Europa que anteriormente não tinham, tam iguaes aos da America no templo de Mercúrio barbaros?

Quanto me sa França e na Bélgica vem justificar o q tadores da nephrite sul da França, mais justamente a marinha unidos formam a da Europa e ao litoral Supponham-se dou emigrações: um a para o Oriente, ou cidente.

Acompanhem Sahindo de Kachando em certa chega ao Sir Dardanelles o mesmo rio, passava e Caspio (Hyrcania) ir á Polonia; retro

O proprio mestre, comparando as fórmas, nos dá razão, quando diz: « *d'une forme si constante qu'ils font l'impression d'un centre commun de fabrication d'où ont elles été exportées dans plusieurs directions* », e por que motivo não admitta a procedencia, oriental, si essas fórmas são as dos objectos asiaticos e americanos?

Diz que são *communs nas margens do Rheno, da França, na Suissa e na Belgica, mas que certamente não foram importados da Asia pela Russia central ou septentrional.*

E por que não? Pela Russia Central não invadiram os Hunos a Europa? Não são elles ramos da raça (Kara), que anteriormente pela Asia Menor chegou á Belgica? Não tinham, tambem, os Hunos amuletos de nephrite, iguaes aos da America, como ficou provado com os achados no templo de Mercurio Canelo, ao lado das ossadas desses barbaros?

Quanto me satisfaz a declaração de que na Suissa, na França e na Belgica são communs estes achados! Isto vem justificar o que affirmo, isto é, que a invasão dos portadores da nephrite foi pela Italia passando pela Suissa, sul da França, margens do Rheno até a Belgica. Foi essa justamente a marcha que estabeleci, baseado nos élos que unidos formam a cadeia que de Yuthian vai ao centro da Europa e ao littoral portuguez. Anteriormente disse: Supponham-se dous archeologos em Khotan, á pista das emigrações: um acha um fio de nephrite e tomando-o segue para o Oriente, outro dando com outro segue para o Occidente.

Acompanhemos este, que vai levado pelo primeiro fio.

Sahindo de Khotan desce o Amou Daria (Oxus) e achando em certa altura o fio bifurcado, toma o do norte, chega ao Sir Daria (Ixartus), passa em Khokand, desce o mesmo rio, passa pelo norte dos mares de Aral (Oxiano) e Caspio (Hyraciano) e segue o Volga, que atravessa para ir á Polonia; retrocede ao ponto da bifurcação do fio do

sul, vai a Bakará, atravessa o deserto de Karakum, costeia o mar Caspio, passa pelo Caucaso, caminha pelo norte da Asia Menor, chega a Troya, salta os Dardanellos, navega para a ilha de Creta, atira-se para a Grecia, passa para a Italia e toma o caminho do norte, indo dar á Suissa, onde encontra o fio, outra vez, bipartido. Agarra um delles e desce o Rheno até a Belgica; mas, não encontrando a sua continuação, volta, toma o ponto que se dirige para o sul, acompanha o Rhodano, corta o sul da França, transpõe os Pyreneos, por Tolosa entra na Hespanha, passa a Portugal e avistando o Atlantico nelle se atira.

Cahindo nas correntes do braço meridional do Gulph-stream, passa pelas ilhas da Madeira, das Canarias e Cabo Verde, é arrebatado pela corrente equatorial do Norte, que o leva ás Bahamas, toca nas Antilhas, (1) descansa em Porto-Rico, segue para Pensacola, atravessa o golpho do Mexico, desembarca em Tampico e subindo o rio Panuco, percorre o Mexico, e segue para a America Central, já com extremidade do fio toda desfiada por diversos caminhos.

Na Hespanha e em Portugal além da crença tradicional na *conta leiteira* e na *pedra de la hijada*, ambas conhecidas tambem por *pedra nephritica*, foram encontrados esses amuletos da verdadeira nephrite. (2)

Tinha escripto isto, na primeira edição, quando vi a minha opinião confirmada com a leitura da obra de Cartailhac;

(1) Herrera historiador hespanhol, tido por todos como muito verdadeiro, nos diz se era ou não natural e facil a travessia:

« Un vecino de la isla de la Madera, el año de 1484 pidió al rei de Portugal licencia para ir á descubrir cierta tierra, que juraba que veia cada año i siempre de una manera, concordando con las islas de los Açores: i de qui sucedió que en las cartas de marear antiguas se pintaban algunas islas por aquellos mares, especialmente la islas que decian de Antilla. . . i que en tiempo del infante D. Henrique de Portugal con tormenta corrió un navio que habia salido de Portugal, i no paró hasta dar en ella. . . pero que los marineros, temiendo que no los quemasen el navio i los deluviesen se bolvieron a Portugal muy alegres contando de recibir mercedes, etc.»

(2) Cartailhac. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et Portugal*. Paris, 1880 pags. 101, 131.

Na gruta de na margem di achados entre mana, alguns Cartailhac (*Les tugal*, pag. 102 Palmella tambem Hespanha foram xillo (Caceres), (Palencia), em (Cordova), e em

Além dos a tambem algumas inteiramente ide e nos *terramar* (pag. 219).

Por estes e ou tica das provincia pela Velha Cast que por Portugal Setubal, fosse a

E por que m por que outros a e chegar tambem Foram as corre

« Sans aucun influences asiatic ment sentir d'a sont etendues j dans cet occiden plantées.»

Na minha m mostrei que as

(1) Obra citada, p

de Karakum, costeia
minha pelo norte da
Dardanellos, navega
Grecia, passa para a
o dar á Suissa, onde
Agarra um delles e
o encontrando a sua
se dirige para o sul,
França, transpõe os
ha, passa a Portugal
a.

meridional do Gulph-
das Canarias e Cabo
atorial do Norte, que
ns, (1) descansa em
ravessa o golpho do
bindo o rio Panuco,
merica Central, já com
diversos caminhos.
ém da crença tradi-
de la hijada, ambas
ritica, foram encon-
nephrite. (2)

edição, quando vi a
ura da obra de Car-

como muito verdadeiro, nos diz

484 pediu al rei de Portugal li-
que veia cada año i siempre de
i de qui succedió que en las
or aquellos mares, especialmente
infante D. Henrique de Portugal
gal, i no paró hasta dar en ella...
en el navio i los detuviesen en
mercades, etc.»

Espagne et Portugal. Paris, 1886

Na gruta denominada *Casa da Moura*, em Cezareda, na margem direita do Tejo, perto do monte Junto, foram achados entre outros objectos e fragmentos de ossada humana, alguns muyrakytās de nephrite, representados por Cartailhac (*Les âges prehistoriques de l'Espagne et Portugal, pag. 102*) nas grutas *sepulchraes* artificiaes de Palmella tambem foram encontrados) (pag. 131). Na Hespanha foram encontrados em Puerto (Jaem), em Truxillo (Caceres), em Senes (Almeria), em Paredes de Nava (Palencia), em Monteroy (Orense), em Palma del Rio (Cordova), e em Merida (Caceres) (pag. 196).

Além dos achados dos muyrakytās, foram achadas tambem algumas pontas de flecha, de osso, em Setubal, inteiramente identicas ás achadas nas palafites da Suissa, e nos *terramares* de Bellanda na provincia de Mantua (pag. 219).

Por estes e outros achados vê-se que a emigração nephritica das provincias vasconsas, vinda da França, ramificou-se pela Velha Castella, Estremadura, Andaluzia, Granada e que por Portugal chegou á Galiza. Talvez por Palmella e Setubal, fosse a sahida do ramo que veio da America.

E por que não? Si, de Cadix, Colombo veio a Cuba, por que outros antes delle não poderiam sahir de Setubal e chegar tambem ás Antilhas? Elle conhecia esse roteiro? Foram as correntes que o trouxeram á America.

«Sans aucune doute, nos diz Emilio Cartailhac, (1) les influences asiatiques sont évidentes... elles se font vivement sentir d'abord en Troade, puis en Grèce; elles se sont etendues jusqu'aux extrémités de Libérie et peut-être dans cet occident lointain ou elles ont été tardivement supplantées.»

Na minha marcha do muyrakytā, atravez da Europa, mostrei que as palafites são obras dos emigrantes porta-

(1) *Obra citada, pag. 293.*

dores desses amuletos e que, depois de atravessarem a Hespanha, passando pela França, sahiram em Portugal; hoje consolida-se mais a minha opinião vendo o mesmo Sr. Cartailiac descrever e representar pontas de flechas (ns. 292 a 295) achadas nas vizinhanças de Setubal e que figuram nas collecções da Escola Polytechnica de Lisboa, as quaes são de um typo «signalé dans les paléfites de la Suisse, par exemple à Mœringue, dans les terramares de Bellanda, province de Mantoue, ailleurs encore.»

Essa cadeia nephritica tem na Europa tradições que a ella se ligam e que mister é não se desprezar: são as tradições linguisticas. Note-se, como já fiz ver que sempre onde apparecem os amuletos de nephrite, com fórmãs asiaticas, encontrar-se-hão nas proximidades, não *ateliers*, e sim palavras que se prendem a lugares e a homens. Assim Kuro, Kara, Tula, Tule, Tulan, Toulon, Toulouse, Tolosa, Tun, Dun, Don, Dunaus, Danub, Tuna, Tunã, Tuná, Ap, Ab, At, Atl, Paro, Paru, Pari, etc., são palavras e radicaes com os mesmos significados, que só se encontram onde apparece a nephrite, quer na Europa, quer na America, formando sempre uma linha, que marca uma marcha migratoria.

A palavra *kara* nas linguas americanas, asiaticas e em algumas européas tem sempre o significado de: primeiro, vencedor, conquistador, poderoso, sabio, invencivel, etc.; pois bem, entre os Vasconos, que dou como reliquia dos Karas asiaticos, na Europa, tem a mesma significação.

Na lingua vascongada existe tambem o termo *kara* já nos ultimos tempos mudada para *gara*, como no Brazil os castelhanos mudaram *karani* para *garani* e *guarani*. Mas vejamos si este *kara* vasconso ou *gara* tem o mesmo significado que tem na Asia e na America. *Garai* (*karay*, do *karany*) no vasconso é um *appellido* que quer dizer, segundo D. Francisco Aisquibel, no seu Dicionario Basco, ou *Euskuratik Erderara*, — vencedor, «el que vence, victorioso, el que ha conseguido alguna victoria

en cualquier linea de superioridade, assim *Garaitaria*, o campeão invencivel; *Garai* o triumpho, a victoria; o verbo *Garaitu*

Devemos notar que os hespanhóes como chamam *tinaka*.

Entre o *gara* e a *tinaka* ha uma circumstancia que é a seguinte:

Uma das palavras mais vulgarmente usadas pelo dialecto basco é *garai-garria*, que quer dizer victoria vencida ou conquistada.

Além de *gara* ha o termo *resguardo* que quer dizer refugio; devemos tambem notar que *tabria*, como nos castelhanos eram tambem chamados os que se prendem-se a toda a historia do povo e que conduzem os nomes e nomes de nome *kara*. Estes terminios na Europa e na America são a invasão Aryana e a Menor.

Por que negar a existencia do termo *gara* nos diz que: «na America do Norte, *Caracas*, *plusieu*

(1) Libr. III, «C
446 en mal d'enfant, et

en cualquier linea». Sempre gara tem o sentido de superioridade, assim: *Gairakoa* é o superior, o que está de cima. *Garaitaria*, o campeador; *Garait-ez-garria* o insuperavel, o Invencivel; *Garailaria*, o vencedor ou victorioso; *Garaitia*, o triumpho, a victoria, *Garaitea*, a superioridade, donde o verbo *Garaitu* vencer, profligar e sobrepujar.

Devemos notar que a pronuncia do *g* sôa em labios hespanhóes como *k*, tanto que escrevendo *tinaga* pronunciam *tinaka*.

Entre o *gara* euskara, e o *kara* americano ha ainda uma circumstancia que milita a favor da immigração, é a seguinte:

Uma das principaes ilhas Caraibas, a *Marigalante*, vulgarmente conhecida por *Turuqueira*, é a *Karu-karia*, pelo dialecto haitiano, cujo nome é identico ao euskara *garai-garria*, que significa, vencivel, superavel, a que foi vencida ou conquistada.

Além de affinidades na lingua, note-se que sobre o *resguardo* que quasi todas as tribus americanas usam, devemos tambem frisar, era um dos costumes da Cantabria, como nos diz Strabon, (1) assim como que os iberos eram tambem platicephalos artificialmente. A platicephalia prende-se a todos os povos, que estão na linha migratoria do povo que appareceu na Europa e na America, conduzindo os *muyrakyatás*, e que se perpetuaram pelo nome *kara*. Estes povos foram os predecessores dos phenicios na Europa e foram os senhores da Europa antes da invasão Aryana; foi esta que produzio os Carios da Asia Menor.

Por que negar-se identidade, quando o mesmo Sr. Virchow nos diz que: «*nous avons reçu, grâce à M^r. A. Ernst de Caracas, plusieurs objets dont la nature nephritique est*

(1) Libr. III, «*C'étaient les maris qui se mettaient au lit, comme s'ils avaient été en mal d'enfant, et les femmes qui les soignaient.*»

demontrée par l'analyse microscopique et parmi ceci il y a une petite hachete parfaitement analogue aux hachetes des stations lacustres de la Suisse»? (1)

Que notavel coincidência é tambem a da *lame sonante* de Tucuyo, semelhante ás descriptas por Humboldt, da America do Norte, igual aos *Kings chineses*, como affirma o illustre professor?

Não ha nisso um ponto de contacto entre o povo de Venezuela, que usou esses objectos, e os da Europa e da Asia? Por que razão amavam a mesma rocha, empregavam-n'a em amuletos e os faziam de fórmas iguaes, se distanciavam tanto e não tinham parentesco?

Onde estão as jazidas de nephrite em Venezuela?

O sabio professor quer que, havendo na America jazidas de rochas serpentinosas «*les gangues nephritiques ne doivent être loin*»; entretanto, apezar das maiores pesquisas, desde a descoberta da America, feitas por hespanhóes e portuguezes, não a acharam quando nisso se empenhavam, porque então tinha a *pedra de la hijada* ou *nephritica* um alto preço na Europa, devido ás suas pretendidas virtudes medicinaes.

Só encontraram as jazidas de amazonstone e de berillo, das quaes sahio o material para os falsos *muyrakytás* ou *calchihuitls*.

Ainda hoje o *Ottawa Naturalist* (2) affirma, tratando da jade ou nephrite, que «*this is not much known in the country but is very popular in Asia*».... E tratando da Columbia britannica diz: «*but not occurrence of this mineral in situ has yet been observed*».

(1) O Sr. J. Lubbock, no seu *Homem prehistorico*, tratando do emprego da pedra na antiguidade, diz ao fallar dos machados de nephrite: «*les instruments ne sont certainement pas communs, mais ils ne sont pas non plus très rares, car on en a retrouvé dans beaucoup de villages lacustres suisses et dans différentes parties de l'Italie... bien qu'on ne trouve la jade nulle part en Europe*».

(2) Vol. V, 1891, pag. 136.

A commissã
xico, principalm
não a encontro
feitos pelas pri
em 1865 e ver
no Mexico, nem
boldt já havia
quentes dans
n'avons jamais
roche parait rare
de kaches de jade
creuse la terre
jusqu'aux monts

Devemos aq
diz que muitos
maints points d
rique» forçosam
na do Sul sóm
do Amazonas, s
goricamente o
affirmação de u
sessão disse: «
partout, depuis
la vallée du Pi

Os objectos
de pilão, enfeit
diorito, syenito,
porém nunca fo
nephrite para

Dous ou tr
Brazil foram e
soterrados.

(1) Vue des Cor

(2) O finado Dir

A commissão scientifica franceza que explorou o Mexico, principalmente pelo lado geologico e mineralogico, não a encontrou. Corram-se todos os seus trabalhos, feitos pelas primeiras autoridades na sciencia, publicados em 1865 e ver-se-ha que não se encontrou a nephrite no Mexico, nem em Costa Rica ou nas Antilhas. Humboldt já havia dito: «malgré nos courses longues et frequentes dans les Cordillères des deux Amériques nous n'avons jamais pu decouvrir la jade en place, et plus cette roche parait rare, plus on est étonné de la grande quantité de kaches de jade que l'on trouve jusque partout on l'on creuse la terre dans les lieux jadis habités, depuis l'Ohio jusqu'aux montagnes du Chile».(1)

Devemos aqui observar que, quando o illustre professor diz que muitos objectos de nephrite foram «trouvés sur maints points du sud au centre et du nord ouest de l'Amérique» forçosamente referiu-se á America do Norte, porque não do Sul sómente na região norte, limitada pelas aguas do Amazonas, se tem encontrado esses objectos, eu categoricamente o affirmo, sendo por consequente falsa a affirmação de um outro congressista,(2) quando na mesma sessão disse: «y sont fort communs et qu'on les a trouvés partout, depuis la presqu'île d'Alasca jusqu'au delà de la vallée du Plata.

Os objectos que se tem encontrado são machados, mãos de pilão, enseites de beicho e da face e pontas de flecha, de diorito, syenito, quartzo, berillo, crystal e petrosilex, etc., porém nunca foram achados muyrakytás, ou amuletos de nephrite para serem trazidos pendentos ao pescoço.

Dous ou tres machados que appareceram no sul do Brazil foram encontrados em mãos de amadores e não soterrados.

(1) Vue des Cord. II, pags. 147.

(2) O finado Director do museu nacional Ladisláo Netto.

Aquelle que *identifica o tembetá*, ornamento de beijo, com o *myrakytá* é que afirma existir a nephrite, por confundi-la até 1882 com o beryllo.

Desta rocha é que são os objectos que se encontram no Brazil. Existe ainda uma grande jazida della na serra da Viçosa, ramificação da de Ibiapaba, no lugar denominado Buhirú-grande, districto do Tubarão, no Estado do Ceará, onde é conhecida por *mina das pedras verdes*.

O professor H. Fischer já também disse:

«In Süden von Brazilien seien die Beile ganz anders, dort kenne man nichts von jade o dez jadeit, der wie ein Zierrath geformt und zum Anhängen am Halse bestinunt sei. Die Civilisation des Nordens von Brazilien überstieg den Amazonas nicht sie reichte nur bis zu den Quellen des Tapayosfluss.» (1)

A declaração do professor Virchow, de que o machado azteca de Humboldt tem as mesmas «*agglomerations encloses comme les haches suisses*» vem confirmar a minha opinião, contraprovada pelo machado polido, achado em S. Salvador, que dá «*précisément les mêmes resultats analytiques que la hache des Azteques*». O dizer que «*les deux haches americains sont les seules connues, qui se rapprochent du jadeite de l'Europe*», mas que «*différent du type des haches asiatiques*», leva-me, também, a perguntar: se são iguaes, são da mesma jazida; estiveram então os americanos na Suissa em época prehistorica, ou vieram os Europeus á America?

Emquanto espera novos estudos microscopicos, afirma o sabio professor, que os nossos conhecimentos actuaes só podem concordar em um ponto «*qu' y a eu aussi dans le nouveau Continent plusieurs centres de fabrication qui ont, fourni d'objects différents*».

Não posso concordar com esta conclusão, porquanto, para mim, esse estudo microscopico, de que tanto se faz

(1) Arch. fur Anthrop. Bd. XIV. pag. 441.

hoje questão, não porque quantas serão encontradas, ser originadas de trarão ellas, por rece variedades especifico como a

Nas miuhas massas de rocha sendo todas ex

Nas proprias pefifico do 2,9 a 3 e a 3,1.

Na compos

Tendo dem fessor Virchow dos que comba ainda algumas

Na questão não sómente a prenderem aos ricas em differer usos e a mesm como proprieda mundo. Qual c só a nephrite é paizes affectão mente a de l ligam as mesm que também d

A tradição, que habitão os numentos neph porque entre el pois, a razão? distancial-a.

hoje questão, não é mais do que um auxiliar quasi inutil, porque quantas formações se encontrarem na America serão encontradas na Asia; essas variedades não indicam ser originadas de diferentes jazidas. Em qualquer se encontrarão ellas, porque toda a massa não é homogenea e offerece variedades na structure, na côr e mesmo no peso especifico como acontece nas pedreiras de qualquer natureza.

Nas minhas explorações tenho encontrado grandes massas de rochedos, que apresentam amostras diferentes, sendo todas extrahidas da mesma localidade.

Nas proprias variedades asiaticas que tihão o peso especifico do 2,96 já se tem encontrado algumas que vão a 3 e a 3,1.

Na composição chimica tambem differem.

Tendo demonstrado com as proprias phrases do professor Virchow que razão não tem para se collocar ao lado dos que combatem a origem asiatica da nephrite, farei ainda algumas observações, que julgo necessarias.

Na questão da nephrite devemos ter muito em conta não sómente a descoberta das jazidas, mas o facto de se prenderem aos seus objectos prehistoricos, nas duas Americas em diferentes povos entre si desconhecidos, os mesmos usos e a mesma veneração. São sempre amuletos sagrados como propriedades que são as mesmas em todos os povos do mundo. Qual o motivo, pois, de escolherem para amuletos só a nephrite é que devemos averiguar; porque em todos os paizes affectão esses objectos as mesmas fórmas, principalmente a de bacracios, devemos investigar; porque lhes ligam as mesmas virtudes e as mesmas propriedades é o que tambem devemos estudar.

A tradição, as lendas e os costumes de todos os povos, que habitão os lugares em que são encontrados esses monumentos nephriticos devem merecer especial investigação, porque entre elles muitos pontos de contacto existem. Qual, pois, a razão? Póde a rocha ser identica, porém a tradição distancial-a.

O sabio professor Virchow, com a sua autorizada palavra, veio, aparentemente, fazer pender para o lado dos sectarios do indigenismo a concha da balança, mas por um desses movimentos proprios do instrumento emquanto o jogo das alavancas não pára, porque forçosamente no momento de quietude a concha penderá para o lado em que está o verdadeiro peso, que é a nephrite, com o contrapeso das tradições.

As presumpções dos contrarios fazem vacillar o fiel, que indubitavelmente tem de se inclinar para o lado do peso material.

Dizem que se hão de descobrir jazidas na Europa e na America; mas, como por emquanto não estão descobertas e as tradições nada dizem a respeito da origem americana da rocha, até lá considerarei os objectos archeologicos da mencionada rocha como estranhos ao Brazil.

Os idolos que acompanham os talismãs, presos á ophiolatria e á platicephalia, nos conduzem, como veremos, tambem á Asia. Por que motivo na Europa, como na America, nos lugares em que se encontram a nephrite, existe tambem a tradição da ophiolatria e da platicephalia? Em todas as mythologias, principalmente na do sul da Europa, a serpente representa um papel importante, sempre ligando-se a ella as mesmas propriedades que tem na Asia.

O Dr. Phené, (1) nos seus « *Mounds de l'Amérique qui, simulent des formes animales comparés à ceux du même genre trouvés en Europe et en Asie* », diz que « il est evident que les enormes figures qui offrent les mounds de l'Amérique et celles que l'on trouve sculptés en Chine representent une même idée. »

Esses mounds que o autor encontrou na Escossia, no Paiz de Galles, na Bretanha, nos Pyreneos, na Grecia e na

(1) *Compte rendu de la 3^me. Ses. du Congr. des Amer. de Bruxelles. 1879, pag. 86.*

Asia menor são na Algeria: tod

Depois do pr
ticas, ainda out
de Attila, eram
pedra verde.

Os que em
psahlbauten ou
eram platicepha

Em Toulous
nhecida por *dés*
lhante á dos pe
affirma que « du
de pleuples qui

Ezequiel Ur
dado de Grafenc
han encontrado
de los Peruanos,
uno traído del
cráneos son origi
de los Avareos

Investigue-s
se descobre os
que foram ophi
e da Asia.

E' importa
jazidas do cent
hiram os povoa
gundo o meio e
os costumes, q

O resultad
vado que os p
dynastia solar e

(1) *Antig. neo C*

Asia menor são iguaes aos que o Sr. Bourguignat achou na Algeria: todos teem a fórma de *serpente*.

Depois do primeiro estabelecimento das migrações asiaticas, ainda outros da mesma raça, como os guerreiros, de Attila, eram platicephalos e acreditavam nas virtudes da pedra verde.

Os que em épocas quasi mythologicas levantaram os *pfahlbauten* ou palafites e usaram a nephrite forçosamente eram platicephalos.

Em Toulouse ainda hoje ha a deformação craneana conhecida por *déformation Toulousaine*, deformação semelhante á dos povos de *Tulan* na America. O Dr. Topinard affirma que «du Caucase jusqu'en France on suit une trainée de peuples qui la pratiquaient, d'une certaine façon».

Ezequiel Uricoechea tambem nos diz: (1) «En el Condado de Grafenegg en Austria i en otras partes despues, se han encontrado cráneos cuya forma es tan idéntica con la de los Peruanos, que el Señor Tchudi creyó fuese este cráneo uno traído del Peru. Fitzenger con outros dice que estos cráneos son orijinales en Europa i que pertenecen á la raza de los Avareos quienes en 536 habitaban en Panonia.»

Investigue-se o passado dos povos dos lugares em que se descobre os objectos de nephrite na Europa e ver-se-ha que foram ophiolatas e platicephalos, como os da America e da Asia.

E' importante essa investigação, porque se prende ás jazidas do centro de Asia, donde em diferentes seculos sahiram os povoadores das cinco partes do mundo, que, segundo o meio e o clima, modificaram a lingua, as côres e os costumes, que em alguns deformarão o craneo.

O resultado final, de antemão o digo, será ficar provado que os povos que usaram a nephrite eram de uma dynastia solar e lunar, tinham por patriarchas Kuru, tiveram

(1) *Antig. nos Granadinas*, pag. 62.

por berço o planalto do centro da Asia, onde se deu o grande exodo que deixou como brazão no Sul da Europa e na America a platicephalia, consequência da ophiolatría.

Não podia deixar de fazer estas considerações ao discurso do sabio professor, apesar de toda a sua autoridade para que não passasse no Brazil, como um facto julgado, estar perdida a questão da nephrite, como procurou maliciosamente se fazer crer, dizendo officialmente o director do Museo Nacional em um officio dirigido ao Sr. ministro da instrucção publica, em 13 de setembro de 1887 ⁽¹⁾ « as pedras verdes, já hoje sem a *menor importancia* na historia das migrações transoceanicas. »

O congresso, a que se refere o officio, *nada decidiu, nem se manifestou*, apenas o professor Virchow pronunciou o discurso que commentei, mas não o concluiu, dando por terminada a questão : apenas mostrou que :

« *Maintenant recommence l'âge des recherches géologiques qui devront découvrir le gisement naturel jusqu'ici entièrement inconnu des minéraux verts américains.* »

Continúa, pois, o problema, como anteriormente, dependendo do descobrimento das jazidas de nephrite identica á dos objectos prehistoricos, para então ser resolvido.

Para terminar este capitulo, archivo aqui a seguinte noticia, publicada em varios jornaes peruanos e reproduzida pela *Gazeta da Tarde* de 15 de novembro de 1890 :

« Foi encontrada em uma excavação uma moeda de ouro, chinesa, que tem pelo menos 3000 annos. Julga-se que foi allí deixada por alguns navegantes chinezes que foram parar áquella costa 1000 annos antes de Christo e 2500 annos antes da descoberta da America. »

(¹) Publicado no *Jornal do Commercio* de 14 do mesmo mez.

A costa é a
Mansefu, que, ap-
fallam dialectos
camente não se
qualquer chinez

Um uso extr
dades: só dorme
possam ver da c

Para isso, m
dormem em com
e as estrellas. N
a que me refiro.

Asia, onde se deu o
no Sul da Europa
sequencia da ophio-

considerações ao dis-
oda a sua autoridade
no um facto julgado,
como procurou mali-
almente o director do
do ao Sr. ministro da
oro de 1887 (1) « as
importancia na his-

o, *nada decidu, nem*
irchow pronunciou o
concluiu, dando por
que :

les *recherches géolo-*
gement naturel jus-
eraux vertis améri-

nteriormente, depen-
e nephrite identica á
ser resolvido.

ivo aqui a seguinte
peruanos e repro-
15 de novembro de

ção uma moeda de
3000 annos. Julga-se
gigantes chinezes que
antes de Christo e
merica. »

mesmo mez.

A costa é aquella onde estão as povoações de Eten e Mansefu, que, apesar de estarem proximas, seus habitantes fallam dialectos inteiramente diversos, a ponto de reciprocamente não se entenderem, quando, entretanto, entendem qualquer chinez que a ellas chega.

Um uso extranho teem os povos dessas duas localidades: só dormem, principalmente os itanos, em lugar que possam ver da cama o céu descoberto e as estrellas.

Para isso, mesmo os mais ricos e da alta sociedade, dormem em compartimentos abertos, donde avistam a lua e as estrellas. No Perú só teem este costume os habitantes a que me refiro.

IX

OBSERVAÇÕES SOBRE A ARVORE MONOGENICA DOS POVOS QUE TINHAM A TRADIÇÃO DO MUYRAKYTÄ

Les religions de la haute et de la moyenne
Asie se frayèrent de bonne heure un passage
dans les contrées les plus occidentales de cette
partie du monde.

(Creuser, *Religions de l'Antiquité*, 11, pag. 5.)

Quoi qu'il en soit les premiers habitants de
l'Amérique sont sûrement provenus du vieux
monde; et ils ne descendent nullement des
singes américains.

(Heckel, *Histoire de la création*.)

A arvore genealogica que apresento basèa-se no encontro e no uso do muyrakytä de nephrite, isto é, os povos nella mencionados usaram esse amuleto e nas regiões em que habitam os seus descendentes elle tem sido encontrado, o que tem dado lugar a que se affirme, como o Dr. Meyer, que devem existir jazidas desta rocha na Europa e na America.

Ligam-se, sempre, a essa rocha, pelos estudos que fiz, o *sol*, a ophiolatria, a platycephalia, a estoleca, a sarabatana, o uso do veneno e as radicaes *Kur* ou *Kar*, *Par*, *Tun* ou *Ton*, *Tol* ou *Tul*, que, nos dialectos de todos esses povos, teem sempre o mesmo significado, mesmo quando modificados pela phonetica peculiar.

Esta arvore seada na derivação do muyrakytä, produziu mesmo o *Tuna* e o *Tuna*.

Em ambos os caminhos que tomaram as diversas épocas, fraldaram as suas tradições. Partiram da Ásia ocidental e as culturas successivamente da nephrite, os quartzos e os amuletos, apesar de serem de origem e das crenças que os acompanhavam.

Na America, os povos praiaram as suas tradições á barbaria, poré não se separaram entre os seus certos habitos que se conservaram. Posto que a cultura se resuscitou, ás vezes, em forma Mongolica.

A platycephalia, naturalmente a cultura, ao correr dos annos, passou a apparecer a mão artista, com as modificações nos seus mysterios. Tschudi, um feto em uma *huaca*, a mesma disposição. O estudo dos indios de diversas

Esta arvore completa a que apresentei á pag. 18, baseada na derivação do vocabulo sanskritto, *Ap*, que produziu mesmo na alta antiguidade do *muyrakytã* o *Parã* e o *Tuna*.

Em ambas as arvores se vê, pelos galhos, os dous caminhos que tomaram as caravanas das hordas que em diversas épocas, com lingua e costumes mesclados, desfaldaram as suas bandeiras no planalto da Grande Tartaria. Partiram umas para o Oriente, e outras para o Occidente e as caravanas foram nos primeiros tempos successivamente balisando o seu roteiro com marcos, de nephrite, os quaes se perpetuaram com os referidos vocabulos, apezar da multiplicidade das linguas, dos costumes e das crenças que appareceram.

Na America, e principalmente no Brazil, onde se espraíram as ondas invasoras, a civilisação decahiu e voltou á barbaria, porém, além do *muyrakytã* os emigrantes deixaram entre os actuaes indigenas as tradições, o physico e certos habitos que retratam perfeitamente o typo Asiatico.

Posto que a conformação craneana esteja muito modificada e se resinta dos cruzamentos, todavia, por atavismo, ás vezes, apresenta todos os caracteres da raça Mongolica.

A platycephalia muito concorreu para deformar naturalmente a cabeça, porque, por hereditariedade, com o correr dos annos, o que nos primeiros tempos foi artificial passou a apparecer natural, não com o desenvolvimento que a mãe artista conseguia fazer a prole apresentar, mas, com as modificações physiologicas que a natureza sabe, nos seus mysterios, imprimir ás suas obras. Tanto a natureza procura perpetuar a obra humana, que segundo Tschudi, um feto tirado do ventre de uma mumia achada em uma *huaca* de Huichay, a duas leguas de Tarma, tinha a mesma disposição platycephala da mãe.

O estudo comparativo que tenho feito em milhares de indios de diversas tribus, sempre me tem mostrado typos,

de ambos os sexos, que seriam tomados, em qualquer parte, uns por Turcos, outros por Chinezes ou Japonezes.

Os caracteres da raça amarella são bem pronunciados nas tribus Karaybas, apesar dos grandes cruzamentos. Assim as proeminencias das faces, o achatamento do nariz a côr da pelle, o bridamento dos olhos, a dureza do cabello, o rarefeito da barba de pellos hirtos, a excaszez e a dureza dos pellos do bigode, a estatura, a musculatura, o tamanho e a conformação dos pés e mãos, etc., tudo nos mostra um typo Mongolico modificado pelo meio, pelo cruzamento e pelo tempo.

O estudo craneometrico que tenho feito me levou a caracterisar os actuaes selvagens do Brazil em tres grandes raças, que se dividem em ramos, da forma seguinte :

(1ª) Raça KARAIBA ¹

(Valle do Amazonas.)

Char. *Susbrachycephalo, platycephalo, megazema, mesorhino, prognata.*

Indice cephalico 78°—81°.

(2ª) Raça KARINY ²

(Littoral e sul do Brazil.)

Char. *Dolichocephalo, platycephalo, megazema, platyrrhino, prognata.*

Indice cephalico 75°—80°.

(¹) Sabiu da Columbia.

(²) » das Antilhas.

ARVORE MONOGENICA dos povos que teem a tradição do culto das serpentes, do sol e do Muyrakytá

POR

J. Barbosa Rodrigues

	A. C.	A. C.		
EUROPA.	Habitantes das Palaftes (Suissa)	{	Klong-nu. (Norte da China)	{ Finnezés. Finlândia. Magyares. Hungria. Samoyedas. Janissei.
			Thu-ku. (Altal)	{ Osmanlis. Turquia.
			Alanos. (Volga)	{ Vasconsos. Hespanha.
ASIA. TARTARO-CHINEZES (Mongollos de Yuthian)	Constructores dos Mounds, Teo- callis, Chulpas o Huacas. (Alta California, Missouri, Ohio, Mexico e Perú)	{	Nahuatl. (California)	{ Nahuás. (Nova-Granada). Cachinahúas. Brazil. Yaninahúas. Brazil. Huacanahúas. Brazil. Nahuas. Brazil. Uaupés. Brazil.
			Nahuás. (Mexico)	{ Nahuás. (America Central). Itocos. Venezuela. Chichús. Venezuela. Onauás. Brazil e Perú. Tucilevos. Venezuela.
			Mayas. (Yucatana)	{ Karaybas. Lucayas e Antilhas. Galibys. Guaymas. Karaimos. Venezuela. Aroakys. Brazil.
			Mayas. (Mayapan ou Guanahani)	{ Quichos. (Guatemala) Quichos. Equador.
			Tainos (Cuba)	{ Quixos. (Nova-Granada) Quichos. Equador.
			Mowiles. (Florida)	{ Kechuas. (Perú) Kechuas. Perú. Takanás. Bolivia.
			Mayas. (Yucatana)	{ Mayos. (Perú) Marahúas. Brazil. Mayapeuas. Brazil. Mayos. Perú. Mayorunas. Brazil.
			Tainos (Cuba)	{ Tainos. Antilhas.
			Mowiles. (Florida)	{ Chactas. Mississipe. Chichasawos. Mississipe. Natchez. Alabama. Cherochis. Tennessee.
			Mexicanos. Mexico.	{ Mexicanos. Mexico.
AMERICA.	A. C.	{	Chincos. (Piura)	{ Karás. (Equador) Apichiqui. Equador. Pichunci. Equador. Pampahuact. Equador.
			Chimós. (Porto Viejo)	{ Chinchas. Perú.
			Huancas. (Junin)	{ Chancoos. (Perú) Campas. Perú. Coniboo. Perú. Piros. Perú. Chirihuanos. Bolivia.
			Antis. (Bolivia)	{ Chiquitos. Bolivia. Muzoi. Bolivia. Karayás. Brazil.
			Collahuas. (Collasayo)	{ Collas. Perú.
			Aymarás. (Titikeka)	{ Aymarás. Bolivia.
			Piarhuas. (Oquesua)	{ Araucos. (Araucania) Chonos. Chile. Pehuanches. Chile. Araucanos. Araucania.
			Chincos. (Piura)	{ Karás. (Equador) Apichiqui. Equador. Pichunci. Equador. Pampahuact. Equador.
			Chimós. (Porto Viejo)	{ Chinchas. Perú.
			Huancas. (Junin)	{ Chancoos. (Perú) Campas. Perú. Coniboo. Perú. Piros. Perú. Chirihuanos. Bolivia.
Antis. (Bolivia)	{ Chiquitos. Bolivia. Muzoi. Bolivia. Karayás. Brazil.			
Collahuas. (Collasayo)	{ Collas. Perú.			
Aymarás. (Titikeka)	{ Aymarás. Bolivia.			
Piarhuas. (Oquesua)	{ Araucos. (Araucania) Chonos. Chile. Pehuanches. Chile. Araucanos. Araucania.			

Char. *Dolichocephalus*
rhino, prognata.

No Valle de A
eu chamo TUPYNA
de cruzamento de
como a que pelo F
esse nome, existe
puras, nas cabecei
teria fluvial.

Emfim, o muy
da raça mongolica

Todos os nat
que ha entre as du
mente o que diz C
d'hui de distinguer
uns des peuples de

Para completar
gico, que virá mai
por ser assumpto o

Como se vê da
vasões notaveis, de
bas comprovadas p
por caminhos div
em hordas, com
ligadas pelas mesm
penates, que como
Pacífico, outras pel

(²) Sabiu do Perú o d

(3ª) Raça TAPIYA³

(Centro do Brazil)

Char. *Dolichocephalo, scaphocephalo, megasema, leptorhino, prognata.*

Indice cephalico 73°—78°.

No Valle de Amazonas, não fallando das tribus que eu chamo TUPYNAMBARANAS, isto é, daquellas resultantes de cruzamento de Tupynambás com Karaybas ou Tapiyas, como a que pelo Rio Madeira chegou á Ilha que hoje tem esse nome, existem entre os Karaybas algumas Tapiyas, puras, nas cabeceiras de alguns affluentes da gigante arteria fluvial.

Emfim, o muyrakyatá está ligado a typos que são affins da raça mongolica.

Todos os naturalistas têm observado a semelhança que ha entre as duas raças e para isso basta citar sómente o que diz Castelnau : « Il est difficile encore aujourd'hui de distinguer sous le rapport physiologique quelques uns des peuples de l'Asie avec les sauvages de l'Amérique. »

Para completar este trabalho falta o estudo anthropologico, que virá mais tarde, com o dos Karinys ou Guarany's, por ser assumpto de um escripto especial.

Como se vê da arvore monogenica, admitto duas invasões notaveis, da mesma origem, para as tribus Karaybas comprovadas pela nephrite, e que chegaram á America por caminhos diversos, em épocas differentes, divididas em hordas, com linguas já tambem differentes, porém ligadas pelas mesmas crenças, e conduzindo os mesmos penates, que como vagas se succediam umas pelo Oceano Pacifico, outras pelo Atlantico.

(³) Sabiu do Perú e da Bolivia,

Uma das grandes vagas rebentou nas praias da Alta California, e rolando depois até ao Perú desfez-se nas suas encostas, indo a ressaca até ás areias do deserto de Atakama e a outra impellida pela corrente equatorial arrojou-se sobre as Lucayas e Antilhas e despedaçou-se nas illias.

Pode-se objectar que por mar não poderia a emigração chegar ás costas do Perú, porque as correntes quentes que ahi correm do Sul para o Norte, com duas milhas por hora, o impediria. E' exacto isso, porém a corrente de Humboldt não vae além do Cabo Branco, a quatro grãos e meio ao sul do Equador, e de Panamá até ahi está comprehendido todo o littoral da Columbia e da Republica do Equador, até onde mansamente podiam chegar por mar os emigrantes, saltando em Puertoviejo, na antiga audiencia de Quito. E' justamente nessa região que se estabeleceram os Chancas conquistados pelo Inca Roca em Chinchasuya.

Os povos trazidos pela primeira internaram-se, levantaram os Mounds (1) e descendo chegaram successiva e periodicamente ao Mexico e Guatemala onde deixaram os *teocalls*. Os atirados ás illias pela segunda vaga, nellas se estabeleceram uns, com os seus *Chimés*, filhos do sol; passaram á Florida outros, onde esculpturaram os idolos de Pensacola, e atravessaram o Golpho chegando ao Mexico ainda outros, que tiveram de conquistar o paiz aos que já delle se tinham apoderado, pela invasão do Pacifico, e construíram Palenque.

As lutas que se deram, depois de uniões, occasionaram a marcha de um ou mais corpos que foragiram para a America do Sul, onde as vias naturaes, os *parus*, como o Magdalena, a facilitaram, fazendo attingir as

(1) Sahagun diz que os Nahuas elevavam tambem grandes collinas onde enterravam os reis e os nobres, a que chamavam de *Teatl*, isto é, morto deificado, porque diziam que elles não morriam e sim acordavam de um sonho em que viveram.

Estas collinas tinham tambem o nome de *Cak-ha*, quando nellas enterravam o vulgo e sobre as quaes faziam sacrificios.

ayuncas de Cum
do Sol.

A vaga qu
Perú dividiu-s
chulpas, outra
do lago Chuc
fóco dos adora
Com o cor
as ondas que v
modernas enco
caminhavam
espraiava para
Seculos se pass
filhas do mesm
Yulhian; quan
portanto inimí

Desse enco
merosos domir
ché ou kichua,
levantamento
vertentes da m
kurakas. Deixa
com o qual se
pelo novo meic

Então, pel
Pastaza, do Mo
pelas quebrada
Ucayale, do Ya
do Guaporé, M
as correntes m
rios se fixaram
monumentos p
verem ser a t

(1) Rio Madre de

yuncas de Cundinamarca, nas quaes se derramou o culto do Sol.

A vaga que se arrojou sobre os rochedos das costas do Perú dividiu-se: uma parte fixou-se ahi e levantou as *chulpas*, outra montou as cordilheiras e alcançou as *puñas* do lago Chucuito, onde fundou Tiaguanaco, o magnifico ídolo dos adoradores do Sol e ergueu as suas *huacas*.

Com o correr dos annos, dirigindo-se mais para o Sul as ondas que vinham do norte, impellidas por outras mais modernas encontravam-se com as que, então, para alli caminhavam e do choque resultava a divisão, que se espraiava para os lados do Beni e do Amaru-ayu. ⁽¹⁾ Seculos se passaram, por isso, para essas hordas, todas filhas do mesmo Sol e descendentes das mesmas serpentes Yuthian; quando se encontravam eram já desconhecidas e portanto inimigas.

Desse encontro os filhos de Bochicha, como mais numerosos dominavam os de Pachacamac e o elemento quiché ou kichua, rompendo as hostes aymaranas, obrigou o levantamento de bandeiras independentes, que buscaram as vertentes da *montaña* para ahi, livres, viverem com seus *kurakas*. Deixaram as *nevadas* pelo calor das florestas com o qual se aclimaram, modificando, por conseguinte pelo novo meio, o typo e os costumes.

Então, pelas cabeceiras do Guaviare, do Paróuan, do Pastaza, do Morona, do Napo, do Putumayo, assim como pelas quebradas do Hualaga, do Apurimac, do Paró, do Ucayale, do Yavary, do Yuruá, do Purús e do Madeira, do Guaporé, Mamoré, e do Pylcomayu, estabeleceram-se as correntes migratorias dos differentes povos, e nesses rios se fixaram, não ergueudo, talvez, mais ao seu Deus, monumentos por lhes faltar então o material e por preverem ser a todo momento desalojados por novos inva-

(1) Río Madre de Dios.

sores. Se levantaram templos, o que era natural, estes foram destruídos pelo tempo, porque só poderiam tel-os feito de madeira e palha.

As *miracemas* ⁽¹⁾ que se davam do Sul para o Norte, para o Tunguaraguá, operavam-se também pelo Yapurá Guainia, Içana, Uaupés, Yamundá e Orichimina, que desciam do Norte.

Da luta constante formaram-se novas tribus que tomaram novos destinos. Algumas, em vez de descerem para o Sul, tomaram para Leste e, cahindo no Guaviêre, no Melacuyo, no Urá sahiram no Yuyapárò, hoje Orenoco, do qual se apossaram e seguindo o seu curso foram dar às Antilhas, onde encontraram os velhos Tainos. Travou-se a luta e os povos da terra firme, que em ondas desciam, apparecendo no littoral, por elle estenderam as suas conquistas para o Sul. Divididos, com diversos nomes, foram de Maracaybo até ao Amazonas, onde ergueram os *Aterros sepulchraes*, contemporaneos da Necropole de Mirakan-guera. Seus descendentes foram posteriormente denominados Karaybas e Aroakys e pela descoberta do Pará os de Marayó, conhecidos por *Aroans*, tiveram o nome de Nheengalbas, dado pelos Tupynambás, que estavam com os civilisados.

Quando Kari Manco Capac com sua irmã Mama Oello chegaram a Cuzco, já os Kichuas e os Mayas ⁽²⁾ dominavam as suas alturas.

Chamando-os a si, adoptou a sua lingua e obrigatoriamente vulgarisou-a entre os que conquistava, e a qual, já pelo isolamento, já pelo meio e pelo cruzamento se tinha modificado. Para si e para os escolhidos da côrte, que tinha formado, guardou a sua, a que melhor lembraria a

⁽¹⁾ Bando migratorio, de *mirá*, gente, *cema*, sabida.

⁽²⁾ Manco Capac e sua irmã é uma reminiscencia do mytho Mexicano *Ometecuhli*, o sol e *Ometecuhtli* a lua, sua irmã e mulher.

terra de seus
exprimiu o se
estrangeiro.

Um facto
atravessarem
levando ante
tomando-lhes
avanzando par

Nos prim
Norte atiravan
áquem e aler
as suas conqu
vasões hespar
guezas, pelo A
com que aque
do captivoiro,
descessem as
abrigo e libero

Assim, do
os Karipunas,
o Xingú e mu
Rio Yuruá, d
e *Uakanahuá*

Esse novo
quistas Yncasi
tinha de retro
porque encontr
que, descidas
Sul. Os Ayma
com os Nahu
baranas, os q
procuravam r
que, pela dese

⁽¹⁾ De Aymara

terra de seus avós, aquella que tinha o vocabulo *Kari*, que exprimia o seu saber, o seu poder e a sua qualidade de estrangeiro.

Um facto se tem dado até hoje:—As tribus do Norte atravessarem o Amazonas e embrenharem-se para o Sul, levando ante si os que procuram chegar ao grande rio e, tomando-lhes os lugares, fazerem com que retrocedessem, avançando para o centro do Brazil.

Nos primitivos tempos as miracemas da America do Norte atiravam para a do Sul os povos que se reuniram áquem e além dos Andes, vindo depois os Yncas, com as suas conquistas, espalhal-os e, nos nossos dias, as invasões hespanholas, pelo Norte e pelo Oeste e as portuguezas, pelo Amazonas, levando tudo a ferro e fogo, fizeram com que aquelles que não quizeram se sujeitar ás algemas do captivo, que as bandeiras de resgate conduziã, descessem as serras, e entrassem pelas matas, procurando abrigo e liberdade nos sertões do centro do Brazil.

Assim, do Norte atravessavam o Amazonas, os Omauas, os Karipunãs, os Kamayurús e os Auetés, indo estes até o Xingú e muitos outros, como os Nahuás, que subindo o Rio Yuruá, dividiram-se em *Kachinahuás*, *Yaminahuás* e *Uakanahuás*.

Esse novo descimento migratorio, obrigado pelas conquistas Yncasicas, quando se approximava do Amazonas, tinha de retroceder e abandonar os caminhos percorridos, porque encontravam-se com outras hordas mais possantes que, descidas dos affluentes do Norte, demandavam os do Sul. Os Aymarãnas (1) encontravam-se com os Mayos, com os Nahuás, com os Quichos e com os Tupynambarãnas, os quaes vinham tambem corridos do littoral e procuravam refugio nas aguas do Amazonas. Foi assim que, pela descoberta da America, encontrou-se o elemento

(1) De Aymara e rana, Aymarã falsos, cruzados.

linguístico tupynambá estendido pelo Amazonas, por todo o littoral, mesmo pelas Antilhas, Paraguay e Bolivia, e pela mesma fórma entraram os elementos antisanos para o centro do Brazil e os Bogotenses para o valle do Amazonas.

Pela lingua dir-se-hia que todas essas tribus eram Tupys ou Apiabetés, entretanto assim não era, porque genuinas miracemas Tupys desmanteladas já tinham des-cido pelo littoral e se intrincheirado para as bandas do Rio da Prata. No meio das tribus Karaybas e Neengaibas apparecia o fallar do Tupynambá aprisionado, alliado, cruzado ou foragido. Quando elles eram numerosos se aldeia-vam a sós num ponto, no caso contrario, conviviam com seus kariuas n'outros e assim por toda a parte appareciam mesclados, fazendo suppor que todas as tribus eram ver-dadeiramente Tupynambás ou que os Karaybas eram ramos destes. Assim foram parar no alto Xingú os Bakairis e no alto Capim e Pindaré os Tembés, que foram viver entre outras tribus karaybas, que para ahi tambem tinham im-migrado.

Constituiam, é verdade, uma grande nação, mas com-posta de ramos differentes, que foram subjugados de um lado e alliados por outro.

A união que parecia existir era, ás vezes, interrompida pelas guerras que, entre si, havia, mas que foram sempre tomadas por discordias familiares e não por odio de raça, pelo que os povos, que, por assim dizer, circulavam os chamados Tapiyas ou Nheengaibas, que occupavam o centro do Brazil, eram tomados por um só povo oriundo de um só galho e dahi veio dividir-se nos ramos Karaybas, Galiby, Omagua, Tupy, Tupynambá e Guarany.

Entretanto, se pela lingua apparente havia affinidade entre estas divisões, pelas raças se distinguiam algumas. Assim como os que eram Karinys se refugiavam em terras karaybas assim estes se introduziam, por conquistas, nas daquelles, com quem se mesclavam.

Uns cor-
refugiaram-se
centro do Br
nação Tupy,
Pela separaçã
que se torna
desalojarem
Sul os Tupy
tural da Bah
ram para o
correndo os a
Tupynambás
por sua vez s
caminho dos
para o centro
as tribus se s
Tupys tomare
os Karaybas.

O Padre
« No es raro
los hermanos
occupar otro
rada.»

Os Karay
adoptaram o
meio de diale
dificando-o ta

Gonçalves
as tribus do
rior—*Tapuya*

Foi isso qu
a dizermos qu

(¹) *Nac.* do A.

(²) *Obras posth.*

Amazonas, por todo
Paraguay e Bolivia, e
centos antisionanos para
para o valle do Ama-

essas tribus eram
m não era, porque
ladas já tinham des-
para as bandas do
Karaybas e Neengaibas
sionado, aliado, cru-
numerosos se aldeia-
rio, conviviam com
a parte appareciam
as tribus eram ver-
Karaybas eram ramos
ngú os Bakairis e no
e foram viver entre
tambem tinham im-

de nação, mas com-
n subjugados de um

s vezes, interrompida
as que foram sempre
e não por odio de
im dizer, circulavam
s, que occupavam o
um só povo oriundo
nos ramos Karaybas,
Guarany.

nte havia affinidade
istinguiam algumas.
refugiavam em terras
por conquistas, nas

Uns correram para o Sul, outros para o Norte, estes
refugiaram-se no Amazonas e aquelles internaram-se pelo
centro do Brazil, de maneira que, destroçada a numerosa
nação Tupy, por toda a parte appareciam os seus vestigios.
Pela separação os descendentes constituíam novas familias
que se tornaram estranhos e inimigas, a ponto de umas
desalojarem as outras. Assim, na marcha do Norte para o
Sul os Tupynasés, nos diz Gabriel Soares, chegando ao lit-
toral da Bahia, dahi expulsaram os Tapiyas, que corre-
ram para o centro, e tomaram posse de seu terreno; mas,
correndo os annos, appareceu uma nova horda, então, de
Tupynambás que, atravessando o rio S. Francisco, cahiu
por sua vez sobre os Tupinaés, que tomaram o mesmo
caminho dos Tapiyas, obrigando estes a se retirarem mais
para o centro. Assim successivamente em todo o littoral
as tribus se succediam e se dividiam. Foi assim que os
Tupys tomaram diferentes nomes, e se mesclaram com
os Karaybas.

O Padre Armentia, missionario bolivião, (1) nos diz:
« No es raro veer dividir-se la tribu, especialmente cuando
los hermanos rehusam sujeitar-se a el, y entonces van
occupar otro territorio, formando un grupo ó tribu sepa-
rada.»

Os Karaybas, prisioneiros dos grandes centros karinys,
adoptaram o seu fallar, emquanto que estes, cahindo em
meio de dialectos differentes, conservaram o seu, mas mo-
dificando-o tambem.

Gonçalves Dias bem disse: « Assim que — nem todas
as tribus do littoral eram *tupys*, — nem todas as do inte-
rior — *Tapuyas*. » (2)

Foi isso que nos levou, quando tratámos da lingua geral,
a dizermos que abrangia ella quasi toda a America do Sul.

(1) *Nac. do Madre de Deus*, pag. 60.

(2) *Obras posthumas, Brazil e Oceania VI*, pag. 54.

Posteriormente aos Yncas, as conquistas hespanholas atriraram para o Amazonas novos contingentes, como o dos Omauas, e outros, que aterrorisados fugiam espavoridos vindo completar a mescla. Pelo Sul chegaram ao Amazonas, descendo pelo Madeira os Tupynambás, que depois de fugirem á perseguição dos portuguezes em 1541, quando vingavam a morte de Aleixo Garcia, se tinham aldeiado com os Chirihuanos, na Bolivia. Perseguidos depois ahi pelos hespanhóes, desceram e se aldearam na ilha, hoje conhecida por dos Tupynambaranas. Levando os missionarios ao seio destes o tupy, que aprendiam nos collegios do Pará e do Maranhão, fizeram com que tribus karaybas ainda hoje o fallem, e dahi o estropiamento e a vulgarisação da lingua.

Entre os Uaupés, por exemplo, nação composta de muitas tribus com dialectos diversos e de ramos diferentes, hoje mesmo entre si quasi não fallam senão tupy ou nheengatu. Os Mondurukus e os Nahuás, actualmente ligados, apezar de terem dialectos muito diferentes, comtudo entre si só fallam o mesmo Nheengatu, o que se dá tambem entre os Parikys e Aroakys.

Assim se derramaram e se confundiram tribus, vindo a luta pela existencia obrigar ainda mais o fraccionamento das tribus, que fatalmente tiveram de se isolar, para poderem prover á subsistencia.

Não podendo ser agricolas, já pelo receio de desalojamento, já porque as roças denunciariam as vivendas, tornaram-se nomades e a procura da caça os levava para onde esta abundava.

Esta fusão de raças, antropológicamente fallando, tem feito com que distinctos naturalistas, tenham, baseados na lingua, grupado indios que ethnicamente se afastam.

Segundo a tradição e as lendas, era sempre o muy-rakylá o ramo de oliveira, o talismã que mostrava o parentesco e que estabelecia as uniões pacificas e que mostrava quaes eram os filhos do sol enlaçados pelas serções de Votan.

Os factos
Não ha
tiam estabel
Yuruá, Yava
os acampam
pelas floresta
zimadas exis
desertas as
os Nahuás,
kinas.

Semelhan
subiam por
chêros, que s
vasores os ir
até que chega
mais avançar
terra estranh
daquelles por
centenas de l

Foi assim
a dos Makuc

Entre a d
vilisados pre
independencia

Os nomes
comprehen
com usos e c
conciliaveis e
Karinyys.

Sei que
alguns home
feito baseado
scenario dos
que é, não o
que, com sua
ções, poderem

Os factos que se deram outr'ora verificam-se hoje.

Não ha ainda vinte annos que muitas tribus existiam estabelecidas na parte baixa do Madeira, Purús, Yuruá, Yavary, e Rio Branco, mas que foram levantando os acampamentos, subindo as cachoeiras ou internando-se pelas florestas, indo parar á Bolivia, e ao Perú, onde dizimadas existem hoje unidas a tribus extranhas, deixando desertas as plagas que habitaram, como acontece com os Nahuás, que já estão no Yuruá, ligados aos Katukinas.

Semelhante á ondas, umas após outras, annualmente subiam por esses rios turmas de *seringueiros* e de *cauchêros*, que se iam apossando das terras; ante esses invasores os indios fugiam á medida que elles avançavam, até que chegando ás raias do Perú e da Bolivia, não poderam mais avançar, como Brazileiros, e os indios se fixaram em terra estranha, deixando os seus costumes e adoptando os daquelles por quem eram recebidos depois de caminharem centenas de leguas.

Foi assim que a tribu Tikuna tornou-se peruana, e a dos Makuchys e a dos Aroakys ingleza.

Entre a escravidão que lhes offerecem os Karaybas civilizados preferem a barbaria e a morte que lhes dão a independencia.

Os nomes dos povos que apresento são de nações que comprehendem numerosas tribus formadas de cruzamentos com usos e costumes diferentes, algumas inimigas irreconciliaveis e que estão estabelecidas, hoje, em centros Karinys.

Sei que este estudo vai de encontro a opiniões de alguns homens notaveis por seu saber; mas, tendo sido feito baseado em observações proprias, numa parte do scenario dos acontecimentos, incompleto, como reconheço que é, não deixará contudo de chamar a attenção dos que, com suas luzes e maior numero de factos e observações, poderem esclarecer a verdade da questão.

A nephrite, semente asiatica, foi que produziu esta arvore, que confirma o que o Rev. Blas Valera ⁽¹⁾ disse ha trezentos annos baseado na tradição do seu tempo. Diz elle, valendo-me da citação do Ynca Garcillaso de la Vega:

« Cette race d'hommes cruels dénaturée, est partie du MEXIQUE, à ce que l'on tient & a peuplé depuis toutes les Contrées de DARIEN & de PANAMÁ, d'où elle a passé plus avant dans ces grandes montagnes que d'un coté aboutissent à Sainte Marthe, & de l'autre au nouveau Royaume de GRENADE.

Devo, agora, fazer algumas observações sobre os nomes Colhuas ou Collahuas, ⁽²⁾ e Chans ou Chis, que se encontram nas tradições americanas e ligados, ainda hoje, a algumas tribus platycephalas, que se julgam descender do sol e das serpentes.

Em ambas as Americas esses nomes exprimem sol e serpente, não só entre os povos do Mexico e America Central como entre os Andinos.

Assim *Cham, Chi, Chih, Chichi* e *Ci* entre os Nuizkas, os Guahivos, os Karaibas, e em quasi todos os dialectos dos Andes querem dizer sempre a *lux da lux*, a *mãe da lux*, a *creadora, origem das raças e sol*. O mesmo significado tem entre os *Chans, Chamitos* ou *Tais* do Imperio de Burmah. Note-se, tambem, que o nome *Chemin* ou *Chimés*, que os Karaybas dão ao seu deus e aos seus idolos é o mesmo, segundo Deodoro da Sicilia, que davam os *Chamitos* ao deus Pan.

Chi, no Celeste Imperio, ao passo que quer dizer *raça, tribu, familia*, nasalmente pronunciado, *Chin* ou *Tsin*, como no Mantchu, significa *sol*. Em Chinez, *Chi-tsu* é o avô da *raça, o sol*.

⁽¹⁾ Blas Valera escreveu, em latim, uma *Historia do Perú*, cujo manuscrito se perdeu em 1596, salvando-se alguns cadernos, que foram parar em 1600 ás mãos de Garcillaso, por intermedio do jesuita Pedro Maldonado Saavedra.

⁽²⁾ *Colhua, coloa, colhua*, cousa curva, serpentante, tem um sentido mais mysterioso que o de *Cham*.

Desse *chi* e tribus do Mexico e tribus do sol, com o nome de *Chis*.

Vemos, por uma provincia perpetuado na clima dos dou No Chile, do se cobrem de neve, o que isso, que o no e Valdivia não semelhante ad que perpetua

Este *Chi*, que deu nome ou *Thchina* do sol.

E' natural sol se denom familia.

As diverse nomes me *Aruchi* (aru-c sol. *Chi* vem e

No Arabe, o sol, assim co segundo a Vul do *Hammon*, Argel, fazem nas diversas *Chamesce, Ch*

⁽¹⁾ *Biblia sacra* CC.

Desse *chi* originam-se muitos nomes de localidades, e tribus do Mexico, da America Central, patrias dos adoradores do sol, como os Chans ou Colhuas que teem, tambem, o nome de Chichimecas.

Vemos, por exemplo, o nome Chile ser o mesmo de uma provincia do norte da China, que parece ter sido perpetuado na America pela semelhança que existe no clima dos dous paizes, e como recordação da mãe patria. No Chile, do Celeste Imperio, as montanhas, pelo inverno, se cobrem de gelo e os rios se tornam innavegaveis pela neve, o que se dá tambem no Americano. Penso, por isso, que o nome dado ao paiz conquistado por Almagro e Valdivia não se deriva de *Tittle*, nome de um passaro semelhante ao Tordo, como querem, e sim do mesmo Chi, que perpetua o nome dos antepassados.

Este Chi, é o mesmo *Chin*, *Tsin*, ou *Tshin*, Mantchu, que deu nome á *China*, vindo este nome do de *Tsina*, ou *Thchina* dado depois da dynastia de *Tsin*, o filho do sol.

É natural que aquelles que se julgam descender do sol se denominem Chans, Chens ou Chis, como nome de familia.

As diversas maneiras dos povos pronunciarem estes nomes me parece ser uma abreviatura do sanscrito *Aruchi* (aru-chi), luz que se expande, os raios do sol, o sol. Chi vem da radical *Ush*, queimar, fisear, esquentar.

No Arabe, no Assyrio, no Chaldaico, *Chen* e *chi* indicam o sol, assim como o *Cham* ou *Ham* biblico, o filho de Noé, segundo a Vulgata, quer dizer, tambem, *Calidus*, *Calor*,⁽¹⁾ do *Hammon*, hebraico, *ser quente*, que os Arabes, de Argel, fazem *H'ami*, queimar sem chamma. Vem, dahi, nas diversas linguas asiaticas traduzir-se o sol por *Cham*, *Chamesce*, *Chamescho*, *Chanch*, *Schams*, *Schains*, etc.

(1) *Biblia sacra vulgata editionis Sixti V. Pontificis Maximi. etc., Paris, 1882, CC.*

Devo observar que a aspiração forte e especial da palavra Cham, rigorosamente, pelo genio das linguas orientaes dá o *Han*, o *Am*, o *Kam* e o *Cham* como tambem algumas outras linguas dão o som de *Ts*, *sh*, *ch*, e *thch*.

Que povo seria, pois, esse a quem a tradição americana liga a sua origem? Existiria nelle algum ramo daquelle a quem Noé disse:

«*Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis ?*»

Os Chans, do Perú e do Mexico, serão descendentes de algum ramo dos Chananeos que tiveram de fugir ante os Hebreus e que como ondas inundaram outros paizes? Sob o nome de Pelagios sabemos que chegaram á Grecia, mas tambem o *muyrakytã* nos affirma que o povo que o trazia ao pescoço esteve em Troya, em Creta e na Grecia, donde passou para a Italia.

Votan dizia, como já vimos: «je suis serpent, parce que je suis Chivim». Em phenicio *Givim*, quer dizer *serpente*. *Givim* ou *hivim* era descendente de Hetus, filho de Chanaan. A cidade de Tripoli no reinado de Tiron chamava-se *Chivim*.

Humboldt (monuments americains) diz que depois de uma luta prolongada entre duas seitas religiosas, os *Chamanos* emigraram para o Thibet, para a China e para o Japão. Os *Chamanos* eram tartaros.

Não affirmo; apenas apresento algumas coincidencias que ligam o nome Cham á jadeite e á nephrite.

Sabemos que as principaes jazidas de jadeite estão ao norte de Bamá e em Yunnan, entre 25° e 26° de latitude e sabemos, tambem, que no Imperio de Burmah, na provincia de *Aracan* existem os Tais, Chans ou Chamitos.

Estes ainda hoje amam as joias e não dispensam os amuletos, seriam elles os introductores dos amuletos de jadeite dos *Kings*, no paiz dos *Araucus* na Araucania?

O certo é que, quer no Mexico, quer no Perú, a tradição diz que foram uns Chans, filhos do sol e das ser-

pentas, os intrinsecos da nephrite, que Colombo, quando não só os amuletos a tradição do que refere a Escrip-

Devo chamar o nome Taino, os *Chimés* iguaes usando tambem tambem a *Taino*. poz no mundo appareceu sobre considerarem na

Hi na religião expulsos pela in *no cóo*, é a per. os filhos do sol sa quer dizer a reg Nippon. Devo n rilhas e é prova os Tainos encon que não são ma

Na America povo do origem nephrite, os qua teem o mesmo linguagem yerog Champollion.

Devo dizer que encontro en

Vimos que que é uma remi cidade fundada p

(*) Clavigero, *Storia*
3478

rentes, os introductores das pedras verdes, da jadeíte e da nephrite, que até hoje só na Asia existem. Christovão Colombo, quando chegou a Cuba, encontrou entre os Tainos não só os amuletos, Chimés, de jadeíte e nephrite, como a tradição do Cham, biblico, exactamente como nos refere a Escripura. (1).

Devo chamar, tambem, a attenção para o facto de ser o nome Taino, da tribu encontrada por Colombo, que usava os *Chimés* igual ao da tribu que ainda existe em Burmah, usando tambem amuletos de jadeíte. Esse nome se prende tambem a *Tain*, o creador da theogonia Chinez, aquelle que poz no mundo Pançon, e Pançona, o primeiro casal, que appareceu sobre a terra. Dessa descendencia não virá a se considerarem *nobres* os Tainos americanos?

Hi na religião primitiva do Japão, dos Ainos, que foram expulsos pela invasão de Zinmu, a *Grande Deusa que brilha no céu*, é a personificação do sol. Pelo idioma do Nippon os filhos do sol são chamados *Hi-ko* assim, como *Hi-no-moto*, quer dizer a região do sol, isto é, o nome primitivo de Nippon. Devo notar que os Ainos passaram-se para as Kurilhas e é provavel que os descendentes desses Ainos fossem os Tainos encontrados por Colombo, com o uso dos *Chinos*, que não são mais do que os *magatamas*, dos Ainos.

Na America, como na Asia, Cham e Tain indicam um povo do origem solar e que usou amuleto de jadeíte e de nephrite, os quaes sendo pelos Tainos denominados Chimés, teem o mesmo nome que o de Cham, quando escripto em linguagem yeroglyphica. Cham ou K M lê-se *Chmé*, segundo Champollion.

Devo dizer ainda alguma cousa sobre outra analogia que encontro entre Cham e o Chile.

Vimos que em Burmah existe a provincia de Aracan, que é uma reminiscencia da Arach, ou *Araca*, de Ptolomeo, cidade fundada por Nemrod, e filho de *Chus* e neto de Cham,

(1) Clavigero, *Storia del Mexico*, IV. pag. 16.
3478

e não serão os *Araucos* vestígios de vergontees d'alguma semente desses que levaram para as planícies de Sennaar aquelle nome e o uso de talismans e amuletos?

O planalto do centro d'Asia, nos tempos biblicos constitua uma só região cruzada pelos *clans* migratorios que se fixavam aqui e allí, se expatriavam por lutas fratricidas ou pelas que se dão pela existencia e essa dispersão de povos consigo conduzio os amuletos de nephrite de Kashgar e Khotan e os de jadeíte de Bamáh e Yunnan, que hoje surgem do solo americano, onde por seculos estiveram sepultados, para, como balissas, nos guiar illucidando a questão da origem dos povos do Novo Mundo.

Independentemente ou unidos os povos da Mongolia e da Tartaria passando por Burmah, arrostando todas as vicissitudes de uma longa jornada, chegaram á America, como os Kalmouks, que, no reinado de Catharina, em cinco mezes, em numero de 600 mil sahiram da Russia para chegarem á China, depois de fazerem 700 legoas de marcha. (1)

Sobre a origem asiatica dos Chans, não o nega o Dr. Gosse, que estudou os craneos achados por Weddell e Castelnau, porque na sua *Dissertation sur les races du Perou*, (2) criticando Rivero e Tschudi, elle nos diz que os *Chincas*, do Perú, são Asiaticos.

Elles tinham o culto da serpente, como o tiveram no Brazil, entre outros, os Manãos, os Barés, e os Kueuanás.

Assim como os Mesrains chegaram á Elhiopia, por que não chegariam os Chans, como Karaybas, á America? O que admira-se.

« Ab his divis sunt gentes in terra post diluvium? »

(1) Quatrefages, *L'Espèce humaine*, pag. 135-137.

(2) *Mém. de la Societ. d'Anthrop.* I. pag. 160.

vergontes d'alguma
planicies de Sennaar
e amuletos?

tempo biblicos con-
nectans migratorios que
n por lutas fratricidas
essa dispersão de povos
ephrite de Kashgar e
nman, que hoje surgem
estiveram sepultados,
ando a questão da ori-

s povos da Mongolia e
arrostando todas as vi-
chegaram á America,
de Calharina, em cinco
m da Russia para che-
legoas de marcha. (1)
ns, não o nega o Dr.
dos por Weddell e Cas-
on sur les races du
ndi, elle nos diz que os

e, como o tiveram no
arés, e os Kueuanás.
am á Elhiopia, por que
rbas, á America? O que

era post diluvium?»

SEGUNDA PARTE

OS IDOLOS SYMBOLICOS

« So hoje forem archeologicamente e com-
consciencia explorados o rio Yamundá, da foz do
Paratuku para baixo, as terras de alluvião entre
aquelle e o Trombetar, do furo Sapukúá para o
Amazonas; a costa do Pará até Obidos, e as mar-
gens e terras de alluvião que formam o lago de
Villa Franca, até Alter do Chão, no rio Tapajós,
ainda muitos idolos e nymphês, que não ceivos
se devem encontrar, porque é esta a zona que
marca, no centro do Amazonas, a estada de um
povo de uma civilisação pre-Columbianna muito ad-
antada. »

(O autor, *Jornal do Commercio* de 4 de abril de
1883.)

C
A aur
pontou no
artilharia
lombo. Os
apossarem
meira vez,
ventos, des
de seus te
seus idolos
que em ép
parte jazia
dos aterra

Abri
trada para
de um fac
illuminou

Conqui
acabou tru
ciosamente

OS IDOLOS SYMBOLICOS

E OS

MUYRAKYTÁS DE NEPHRITE

A aurora da primeira civilização da America não despontou no dia 12 de outubro de 1492, quando ao troar da artilharia pisou o sólo de Unahani o bravo genovez Colombo. Os brados e as salvas de alegria da tripolação ao apossarem-se da terra, que julgavam ser vista pela primeira vez, foram, com o ribombo do canhão levados pelos ventos, despertar uma população que, aqui e alli, á sombra de seus templos magestosos, cobertos de ouro, ao lado de seus idolos, assistia á decadencia da raça desmembrada, que em épocas muito anteriores ahi chegara, cuja maior parte jazia sepultada então nas *huacas* e nas *iukaçauas* dos *aterros sepulchraes*.

Abrindo, é verdade, o illustre genovez uma nova estrada para uma civilização mais adiantada, foi portador de um facho de devastação que ateou e que mais tarde illuminou o funeral dos americanos.

Conquistando perfidamente a amisade de Ukannkari, acabou trucidando os subditos de Kaonabo, do qual astuciosamente se apoderou e prendeu.

Quando Colombo, levado pelas correntes, aportou á America, como pelas mesmas correntes foi trazido ao Brazil Pedro Alvares Cabral, que ia para Sofala, se pudesse ver o que existia no interior do grande continente ao qual acabava de chegar, veria n'hi a modificação da grandiosa civilisação asiatica em uns pontos, em outros, sua descendencia e em muitos outros a perfeita barbaria, pelo embrutecimento de povos que foragidos se isolaram, acossados pelas lutas e pelas conquistas, cujos costumes o tempo e o meio haviam já transformado, modificando com elles tambem a linguagem primitiva e o character. Estes descendentes daquelles que elevaram templos aos seus deuses, já não fallavam a linguagem do berço de seus avós; não se cobriam de joias e de tecidos; andavam nus e miseraveis, tendo esquecido até os principios de sabedoria. Seus deuses mesmo eram outros, apenas uma tradição e um resto de veneração pela religião de seus maiores os acompanhavam.

A idolatria era conservada e a fé nos amuletos e nos Zemés persistia. Aquelles que unidos conservavam as grandezas dos primeiros que levantaram sumptuosos monumentos, estavam no apogeu de uma civilisação propria, mas tambem de crenças modificadas. Não eram mais as do berço primitivo, porém outras que ainda a elle se prendiam só pelos idolos e amuletos e pela descendencia do sol e das serpentes.

O facho da nova civilisação, fncado nos areiaes das praías das Antilhas pelo corajoso navegante, apenas serviu para, sacudido, exterminar o resto da raça e dos costumes civilisados que existiam. Este facho empunhado por Cortez, por Pizarro, Almagro e outros espalhando a luz das verdades eternas, deixava após si um rastro de sangue, as chammas, o captiveiro, a morte e a desolação.

Destruiu cidades, derrocou templos, quebrou idolos, sepultou maravilhas, dispersou povos, desenlaçou familias, emfim anniquilou tudo.

A gana
os restos d
e Nova Gra

Os con
os denom
lhes deram
cobardemen
de barbaria
truiam tud
e nos seus
capa religio
penetrable
i el poco a
mostraron,
nuestros oj

Isto co
reproché a
ticulier de
reduire les

Si resp
guardados,
descriptos,
existissem,
guinidade

Desde
e já tarde
dispersos,
a historia

Tarde,
com afan,
dos iconocl
rença e a
fizeram os

(1) Hist. d

A ganancia e a avidez do ouro fizeram desaparecer os restos de civilisação que no Mexico, Guatemala, Perú e Nova Granada ainda se ostentavam pujantes.

Os conquistadores, esses novos *karaiuds*, como hem os denominaram os indigenas, calumniando, estes não lhes deram senão instinctos de animaes, manietando-os cobardemente. Os civilisadores para encobrir os seus actos de barbaria e de instinctos selvagens que praticavam, destruíam tudo quanto para o futuro pudesse compromettel-os e nos seus escriptos sempre vinha a mentira envolta na capa religiosa para justificar a perversidade. «Un velo impenetrable nos dejaron la ignorancia, la avidez de riquezas i el poco amor de la humanidad que los conquistadores mostraron, i con los cuales sus nombres se enegrece a nuestros ojos», nos diz Uricoechea.

Isto confirma o que disse Belloc: ⁽¹⁾ «On a beaucoup reproché aux Espagnols en general, et à Colomb en particulier de s'être ainsi servis des chiens pour combattre et reduire les sauvages.»

Si respeitadas fossem as propriedades, si os archivos guardados, si os costumes, o caracter, a indole fielmente descriptos, enfim, si os documentos daquella época hoje existissem, duvida alguma talvez houvesse sobre a consanguinidade das raças asiatica e americana.

Desde o seculo XV até hoje tudo tem sido destruido, e já tarde acordam alguns manicacos, querendo nos restos dispersos, incompletos, decifrar os enigmas que apresenta a historia do Novo-Mundo.

Tarde, todavia, ainda muito não é, si, trabalhando com afan, puderem os americanistas ganhar a vanguarda dos iconoclastas que ainda existem neste seculo. A indifferença e a ignorancia do vulgo fazem o que a ferro e fogo fizeram os conquistadores passados, mas o trabalho, a pa-

(1) *Hist. d'Amer. et d'Océanie*, Paris, 1846, pag. 10.

ciencia e o estudo vencerão e a luz se fará ainda sobre a vida dos filhos do sol e das serpentes, esses platycephalos que ainda hoje pelos restos de seus monumentos se impoem ao espirito dos que exploram as suas antiguidades.

Que nos resta hoje para estudar o passado da vida dos primeiros habitantes deste immenso continente ?

Só o grande livro que tem os seus caracteres exparsos sob as camadas da terra e no fundo das florestas e a tradição adulterada, conservada ainda em alguns lugares e alguns termos, reliquias de linguas estranhas. Só o archeologo, o ethnographo e o linguista, sem idéas preconcebidas, podem, unidos, esposando um fim commum, marchando de mãos dadas á chimica, com reagentes e microscopios, fazer com que das trevas saiam a luz e a verdade.

São as rochas, as mumias, e os dialectos, são os monumentos, a terra cota, os craneos, os costumes, os usos, as lendas, a tradição e as radicaes que, estudados á luz da sciencia moderna, podem resuscitar o cadaver do povo antecolombiano.

Nestas preciosas reliquias que a cada passo o archeologo descobre, mas que o vulgo destróe, o que mais póde fornecer provas positivas e palpaveis, sobre as quaes a sciencia póde exercer o seu poder são os monumentos de pedra, sempre que a elles se ligarem circumstancias ethnicas, que a tradição indicar. Esta escripta, posto que adulterada, propositalmente, pelos conquistadores e por alguns missionarios, póde ser reconstituída pela linguagem fallada, que, modificada tambem pelo tempo, pelo meio e pelos anonymos narradores, todavia serve para o espirito analytico, perscrutador, comparativo e consciencioso poder rasgar o véo que vela o desconhecido.

Estudando-se a historia mythologica e antiga da Asia, meditando-se sobre o *Genesis*, ouvindo-se a tradição e comparando-se tudo, desapaixonadamente, o que se encontra em ruinas na America, ou o que se descobre sepultado pelas terras, ou conservado de geração em geração pelos

povos, com vagens da se prezam c

A Asia, da humanidade della tamber ramos que Si em alguma em outras h mais se mes quistas e pe tambem emi.

Foram d ou nella se e daí o m tancia e o g que levavam grupos, tudo linguas, de na Europa o estabelecere menores era mais puros guagem.

Apezar, de costumes, ligados gram lá concorreu emquanto qu

Devemos Europa lingu perderam as

O que nã torios, a mira tambem foi como ambos

povos, com religioso respeito, vê-se que a origem dos selvagens da America é a mesma daquelles que na Europa se prezam de ser de uma origem differente.

A Asia, pondo-se mesmo de parte a Biblia, foi o berço da humanidade. Foi della que partiram os Aryanos, mas della tambem partirão outros povos, que esgalhados deram ramos que se estenderam pelas cinco partes do mundo. Si em algumas épocas emigraram grupos de um só sangue, em outras houve levas de cruzamentos com sangue que mais se mesclava pelas uniões amigaveis, ou pelas conquistas e pelo dominio. Os Çoudras, do codigo de Manou, tambem emigraram.

Foram desses grupos cruzados que chegaram á America ou nella se cruzaram com outros anteriormente emigrados e dahi o mixto de costumes e de lingua. A grande distancia e o grande espaço para estabelecimento, o tempo que levavam a chegar e a se encontrarem os differentes grupos, tudo originava modificações de costumes e de linguas, de épocas diversas, na America, emquanto que na Europa os grupos tinham um pequeno espaço para se estabelecerem e menor o tempo para os encontros, porque menores eram as distancias a vencer: dahi conservarem-se mais puros os costumes, avançarem a civilisação e a linguaagem.

Apezar, porém, disso, se vê na Europa uma infinidade de costumes, de dialectos; estes, entretanto, quasi todos ligados grammaticalmente ao grupo de flexão, porque para lá concorreu mais fortemente o elemento aryano posterior emquanto que para a America o agglutinativo.

Devemos entretanto tambem notar que na propria Europa linguas de flexão pelo embrutecimento das raças perderam as declinações, diz uma autoridade européa.

O que não resta duvida é que um dos grupos migratorios, a miracema dos *Karas* que se introduziu na America, tambem foi parar á Europa, deixando lá as *palaftes*, e, como ambos partissem do mesmo ponto e tivessem as

mesmas crenças, conduziram consigo o sagrado talisman ou o amuleto de nephrite, conhecido no Brazil por *Muyrahytā* e no Mexico por *Calchihuitl*, que hoje firmam as balisas e marcam as suas pégadas.

Particularisando o estudo, não devo me estender genericamente, pelo que só me occuparei aqui dos monumentos que incontestavelmente provam que as tribus que habitam o norte da America do Sul e principalmente o valle do Amazonas, são quasi todas tribus Karaybas. Já tenho feito ver que assim denomino não só os povos vulgarmente, hoje, por esse nome conhecidos, porém todos os que teem a tradição da palavra Kara, nas diferentes linguas e que a empregam no mesmo sentido e com o mesmo significado, pelo que estendo esse nome até a povos europeus, porque os julgo oriundos da mesma semente que produzia a arvore que, da Tartaria, se esgalhou sahindo um tronco da terra de Yuthian, o que usou a nephrite como amuleto.

Os documentos que incontestavelmente provam a origem asiatica dos povos amazonenses são esses talismãs ou *muyrakytūs* e os idolos, não fallando dos monumentos lithicos e graphicos que Humboldt, Brasseur de Bourbourg e outros descrevem relativamente á America do Norte.

Si bem que sejam feitos de rochas diferentes, uma asiatica e outra americana, comtudo são coevos. Os que trouxeram ou herdaram a nephrite usavam tambem a steatite e eram idolatras.

De nephrite traziam o amuleto pendente ao pescoço, este os ligava á mãe patria, e de steatite faziam os idolos que não puderam transportar e os ligava á terra adoptivo, por onde conduziam atados ás suas embarcações ou guardavam nos templos provisórios que faziam ou nos que a natureza lhes offerecia.

Ainda hoje os Aruanos da Bolivia: « cada diós tiene su yanacona ó sacerdote: que siempre lo cuida; e quando vá de viage, lo lleva en su alforge, » como nos diz Armentia á pag. 64 da sua *Navigacion del Madre de Dios*.

Era nas
sombrias, nas
os occultavam
dados em alg
européa.»

O padre I
tener y guarda
que asi fuesen
tendido que
cialos, y tam
los idolos. »

Esses ido
mixtos. Os no
como ainda h
lisação, eram
animaes feroz
Arrebatados
tempo o anim
dencia julgav
considerado o
tribu.

Tornava-s
tarde um ver
era invocado

Dahi vei
as especies
ctores.

O totem,
e da Americ
de la contrée
rations, est
clan », send
minio sobre

(¹) Escollos r

Era nas grutas, nas cavernas, nas lapas, em casas sombrias, nas *casas lobregas*, como nos diz Sahagun, que os occultavam para prival-os de olhares profanos, guardados em algumas tribus por vestaes, como na mythologia européa.»

O padre Francisco Ximenes diz: (1) «Acostumbraban tener y guardar los idolos en lugares muy escondidos, por que así fuesen tenidos en reverencia por que tenian entendido que de verlos muitas veces sucedia no reverenciales, y tambien por que unos à otros pueblos se hurtaban los idolos.»

Esses idolos eram anthropomorphos, zoomorphos e mixtos. Os nomes com que então os homens se distinguiam, como ainda hoje entre as tribus fóra do contacto da civilisação, eram tirados dos seres da natureza, sobretudo de animaes ferozes. Assim um era tigre, outro jacaré, etc. Arrebatados pela morte da sociedade humana, com o tempo o animal identificava-se com o morto e a descendencia julgava-se filha daquelles animaes, e o seu espirito considerado omnipotente e omnipresente pairava sobre a tribu.

Tornava-se pela tradição o tigre um heroe e mais tarde um verdadeiro deus protector. Então o espirito deste era invocado e representado.

Dahi veio o Totelismo e o Nagualismo de todas as especies dos reinos da natureza e espiritos protectores.

O *totem*, diz Gerard de Rialle, nos seus *Povos da Africa e da America*, é: « ordinairement emprunté à la faune de la contrée et qui se transmit de générations em générations, est à proprement parler le fétiche particulier au clan », sendo uns mais fortes, pelo que podiam ter dominio sobre os mais fracos.

(1) Escollos a las historias del origen de los indios, Vienna, 1857, pag. 180.

« Autant qu' on peut juger l'animal, soit comme symbole divin, soit comme object direct d'adoration, joue un grand rôle dans leurs solemnités, » nos diz Reville. (1)

Quando um espirito protector era dominado por outro, este transformava-se para o perseguido em espirito máo. As aguas e seus habitantes, as terras, as florestas com seus fructos, tudo em particular tinha um espirito protector, além dos dos homens, de que originavam os seus semelhantes, isto é, tinha uma *mã*i (cy) um ser imaginario que velava pela descendencia.

« Abridaban la creencia, parecida à la de algunas de las antiguas escuelas filosoficas, de que todos los objectos terrestres tenian su arquetipo ó idéa, su *madre*, como lo expresaban enfaticamente, que consideraban sagrada, por que era en cierto modo, su essencia espiritual », como nos diz Prescott. (2)

Entre os animaes symbolisavam o maior poder a mãi da serpente, a do tigre e a do jacaré.

A primeira, a mais poderosa, era a mãi da natureza e do genero humano, por isso symbolisava tambem a fecundidade, o gozo, a luxuria e a vigilancia; o segundo symbolo era o da força e da astucia e o terceiro o da voracidade e do dominio.

Da serpente nasceu a ophiolatria, que produzia a platycephalia, que forma a longa cadeia que prende ethnicamente diversos povos da America e da Europa aos da Asia, povos estes que tem na sua miracema a passagem balisada pelos marcos de talismans de nephrite, que se encontram hoje soterrados e pelo termo *Kara*, que se encontra, como reliquia da lingua primitiva ou divina, no dizer dos Incas em diversas linguas cultas.

(1) *Les Rel. du Mex.* 1885, pag. 249.

(2) *Hist. de la conq. del Perú.* Madrid, 1847, I, pag. 404.

Os talismans para a America geração em geração symbolisava a terra tinha magico e os idolos era mão na terra a serpentina, que como a petrificação de suas variedades começo de dec

Esse apreço ainda hoje conhecido por se afasta pela

Essa rocha fiação da carne se fazem as gizes denomina

Na Florida nada e no Per do que prova nos tres ultimos templos aos se de idolos.

A idolatria platycephalia, « dia-se até o li

(1) Mr. Huot, n « substance compacte, blanc-rougâtre, le ro Vauquelin, de silica, composition que nos d pelo Sr. Draneuc, com a potassa, que em dim

imal, soit comme symbole
adoration, joue un grand
liz Reville. (1)

era dominado por outro,
seguido em espirito máo.
terras, as florestas com
tinha um espirito pro-
que originavam os seus
mã (cy) um ser imagi-
cia.

cida à la de algunas de
de que todos los objectos
dèa, su madre, como lo
consideraban sagrada, por
cia espiritual», como nos

m o maior poder a mã da

era a mã da natureza e
mbolisava tambem a fe-
gilancia; o segundo sym-
o terceiro o da voracidade

cia, que produzia a platy-
cia que prende ethnica-
e da Europa aos da Asia,
tema a passagem balisada
hrite, que se encontram
, que se encontra, como
vina, no dizer dos Incas

Os talismans foram trazidos pelos emigrantes da Asia para a America ao pescoço, e passaram de paes a filhos, de geração em geração, sendo sempre feitos da pedra que symbolisava a essencia divina, e a cõr da natureza e que tinha magico poder e virtudes sobrenaturaes — a nephrite; e os idolos eram esculpturados na rocha que tinham á mão na terra adoptiva, porém de preferencia a steatite ou serpentina, que, como o pagodito asiatico, é considerada como a petrificação da carne humana, por apresentar uma de suas variedades a cõr roseo-azulada da carne crua em começo de decomposição e pelas listras que offerece, que muito se assemelham ás fibras da mesma carne.

Esse apreço era reminiscencia asiatica, porque a rocha ainda hoje apreciada na China, é o silicato de alumina, conhecido por *pagodito* (1) e tambem a steatite, do qual se afasta pela ausencia da magnesia.

Essa rocha pela sua cõr é a que symbolisa a petrificação da carne humana e é della que, por isso, ainda se fazem as grotescas figuras dos pagodes, que os francezes denominam *magots*.

Na Florida, no Mexico, em Guatemala, em Nova Granada e no Perú os povos eram idolatras, isto está mais do que provado, e foram nesses paizes, principalmente nos tres ultimos, onde a civilisação ergueu sumptuosos templos aos seus deuses e onde existiram maior numero de idolos.

A idolatria ligada aos amuletos de pedra verde e á platycephalia, «*pratiquée dans un but de distinction*», estendia-se até o littoral do norte de Venezuela. Assim os

(1) Mr. Huot, no seu *Manuel complet de minéralogie*, diz que o pagodito é uma «*substance compacte, d'un éclat gras, douce au toucher dont les couleurs sont le blanc-rougâtre, le rouge chair, le grisâtre et le verdâtre.*» Compõe-se, segundo Vauquelin, de silica, alumina, potassa, cal, oxido de ferro e agua, que é a mesma composição que nos dá Damour para as rochas dos idolos do Amazonas, descriptos pelo Sr. Dreneuc, constituindo as rochas destes uma variedade em que falta a cal e a potassa, que em diminuta quantidade apresenta a steatite asiatica.

Karakas, note-se, nome generico dado ás tribus anti-colombianas, que habitavam os valles de Caracas e de Aragua, tinham a deformação antero-posterior muito exagerada, pela pressão artificial, sendo certo que *la pression n'exerçait son action que sur le front*. Usavam amuletos de pedra verde «*et parmi les images des animaux qui se portaient suspendues, celles de grenouille sont les plus communes*» e tinham tambem «*deux variétés d'idoles, à têtes déformés et à têtes normales*». Infelizmente prendendo-se estes indios aos Karaybas que desceram ao Amazonas, o Sr. Marcam ⁽¹⁾, que nos auxiliou com estas citações, não nos diz si os haviam do mesmo genero dos que nos occupam.

As emigrações constantes, o tempo que medeava entre uma e outra, as conquistas, as lutas e os cruzamentos modificaram os ritos, as fórmãs dos symbolos e dahi nasceram as differenças entre Votan, Quetzalcohuatl, Bóchicha, Viracocha, Bokan e Pahy çumé e as que existem entre as suas numerosas deidades. Por isso os idolos tambem affectavam fórmãs diversas, como differentes iam se tornando os typos humanos e a habilidade do artista que movia o cinzel nas suas mãos.

Como vimos na primeira parte, uma das emigrações asiaticas que vieram para a America pelo Occidente, — a de Quetzalcohuatl, — percorreu as Antilhas, esteve na Florida e por Panuco foi ao lago Cocibolca ou Nicaragua. Um ramo desta emigração ou descendente della se estabeleceu nas ilhas de Zapatero, de Ometepec, de Pensacola e de Cocobolo, esculpturou ahí monolithos zoomorphos e antroporphos e mixtos que se denominam *Teobats*. Nestes nota-se que sempre animaes superiores, pela sua força, como o tigre e o jacaré, dominam o homem, procurando devoral-o pelas costas, talvez para não serem encarados pelas victimas. Affirmam os in-

(¹) *Ethnographie pré-Colombienne de Venezuela*, Paris, 1889.

dios da regi
jacaré não s
este os enc
Pensacola e
gilima da d

O que é
o da Americ
neidade de
simples fort

Reville

« On à p
l'Amérique
forment ens
lien historie
Nouveau M

Si o me
o represent
crença na e
sua idolatri
mesma rock
circumstanc
tencia e po
esta objecçã
não foi enco
pentina, pri
idolos, de m

Por cor
para a Asia
e justament
mostram te
isto é, do O

A idolat
zonas até a

(¹) *Les Re*

o dado ás tribus anti-
valles de Caracas e de
ero-posterior muito exa-
do certo que *la pression*
front. Usavam *amuletos*
ages des animaux qui se
renouille sont les plus
eux variétés d'idoles, à
tes». Infelizmente pren-
s que desceram ao Ama-
nos auxiliou com estas
n do mesmo genero dos

empo que medeava entre
lutas e os cruzamentos
s dos symbolos e dahi
tan, Quetzalcohuatl, Bo-
çumé e as que existem
es. Por isso os idolos
as, como diferentes iam
a habilidade do artista
os.

uma das emigrações asia-
lo Occidente, — a de Que-
s, esteve na Florida e por
aragua. Um ramo desta
se estabeleceu nas ilhas
cola e de Cocobolo, escul-
e antropomorphos e mixtos
nola-se que sempre ani-
mo o tigre e o jacaré, do-
oral-o pelas costas, talvez
victimas. Affirmam os in-

dios da região Amazonense do Muyrakytã que a onça e o jacaré não se animam, nunca, a atacar o homem sempre que este os encare, e não teriam essa crença, tambem, os de Pensacola e Zapatero? Não será esta, no Brazil, filha legítima da de Nicaragua?

O que é exacto, entretanto, é que entre os dous povos, o da America do Norte e o da do Sul, havia uma homogeneidade de idéas e de representação das mesmas. Será simples fortuita coincidência ou estes descendiam daquelles?

Reville nos diz:

« On à pu voir que toutes ces religions du Mexique, de l'Amérique Centrale, ou Bogotá, de Quito et du Perou, *forment ensemble une même famille*, malgré l'absence de lien historique entre les deux continents qui constituent le Nouveau Monde. » (1)

Si o mesmo pensamento havia, si pelas mesmas fórmas o representavam, tambem havia identificação da mesma crença na escolha da materia para figurar o symbolo de sua idolatria; ambos os povos escolheram de preferencia a mesma rocha, entre outras. Poderão dizer que pela simples circumstancia de ser de facil escultura, pela sua consistencia e por facilmente aceitar o polimento, mas cortarei esta objecção declarando que na região do Amazonas ainda não foi encontrada nem a steatite verdadeira, nem a serpentina, principalmente na região em que se deparam os idolos, de mistura com os amuletos de nephrite.

Por consequinte, si esta nos leva os seus portadores para a Asia, aquella nol-os leva para a America do Norte e justamente para a região dos Nahuas, que os documentos mostram terem sahido de Tulã, do *logar onde o sol nasce*, isto é, do Oriente, o berço do genero humano.

A idolatria acompanhou sempre a gentildade do Amazonas até a sua descoberta e foi só depois da introduccção do

Christianismo que ella das suas margens desapareceu, occultando-se para o centro, onde ainda hoje perdura entre as tribus que se escondem no seio das suas florestas.

Quando digo idolatras, o digo com razão, porque distinguo-os de fetichistas.

As figuras que os indios fazem symbolisam o espirito em que elles acreditam e nunca que nellas se occulta o mesmo espirito. O fetiche pôde não ter fórmãs animaes; um objecto qualquer o é. A pedra, o pão, a penna, o fructo, tudo pôde ser tomado como fetiche, isto é, ter um poder magico, mas nunca como idolo. E' verdade que logo que houver a representação do homem ou do animal, facilmente do fetichismo se passa á idolatria, mas sempre poder-se-ha distinguir o fetiche do idolo. Quando o individuo julga que o poder magico é inherente á materia, será um fetiche, mas quando elle sabe que só representa a fórmula do objecto da sua adoração, é um idolo.

Nos idolos amazonenses, por exemplo, dá-se o que acontece no Christianismo. Assim como, quando nos achamos em perigo accendemos uma vela á imagem de um santo qualquer ou na extrema hora mettemos na mão do moribundo o Crucifixo, sabemos que essa sagrada figura não é mais do que a imagem que chamará á memoria do ente que se desprende da vida Aquelle que queremos esteja então no seu pensamento para sua salvação.

Si o christão por isso é idolatra, fetichista será o indio.

Este, quando á proa de sua embarcação atava o seu idolo para ser feliz a pesca ou abater os contrarios, não fazia mais do que fazemos nós quando embarcamos e accendemos uma vela á Senhora de Nazareth ou dos Navegantes, ou, quando nas batalhas, os castelhanos gritavam por S. Iago.

Tanto não acreditam, no Amazonas, nem acreditavam que na propria imagem residisse o espirito que invocavam, que não lhe tributavam culto e não lhe faziam offrendas, apenas em logar apropriado guardavam as suas imagens, para dellas se servirem quando havia mister.

Quando i
que represen
minar outro
dominando o
si o ataque e
na crença de
dominando o

Em geral
subjuar, an
forte para del
invocam o au

Dahi vinh
guerra, a pe
dade, etc.

Uns tinha
Todos omnip
independentes
especie de fru
peixes, etc.

O poder s
della originava
cy, a fecundac
todos os pode
unia as forças
vimento e as

Os idolos
zoomorphos
invocado mai
do artista que
desejava cons

Havia tan
humanas, ma
desapparecera
fragmento.

Os idolos-
tratarel: são

Quando iam ao encontro do inimigo levavam a figura que representasse um espirito poderoso que pudesse dominar outro e escolhiam, por exemplo, o tigre ou o jacaré dominando o homem, ou o espirito protector do inimigo, si o ataque era em terra, ou sobre as aguas de um rio, na crença de que estando o symbolo de um parente forte dominando o dos contrarios, estes perderiam a partida.

Em geral nesses idolos é sempre o pensamento prender, subjugar, aniquilar um espirito protector por outro mais forte para deixar os protegidos daquelle á mercê dos que invocam o auxilio deste.

Dahi vinham os diferentes idolos que symbolisavam a guerra, a pesca, a caça, os fructos, o amor, a fecundidade, etc.

Uns tinham o dominio das aguas e outros o da terra. Todos omnipresentes se subdividiam e tinham poderes independentes, assim velavam pelas florestas, por cada especie de fructos, de quadrupedes, de aves, de reptis, de peixes, etc.

O poder supremo, todavia, estava na serpente, porque della originava-se o espirito da humanidade, era a verdadeira *cy*, a fecundadora de todas as cousas, a creadora e mãe de todos os poderes, união dos principios activo e passivo, que unia as forças masculas produzidas pela materia em movimento e as forças afeminadas á materia inerte e plastica.

Os idolos anti-colombianos amazonenses são de pedra, zoomorphos ou mixtos, e figuram o espirito do animal invocado mais ou menos perfeito ou ornado pela phantasia do artista que procurava na figura representar o que elle desejava conseguir.

Havia tambem os de terra-cota vasiformes com caras humanas, mas esses pela fragilidade e pela acção do tempo desapareceram e só, raras vezes, apparece um ou outro fragmento.

Os idolos-vasos são ainda hoje usados e adiante delles tratarei: são aquelles que o Bispo de Chiapas, D. Nunes

de la Vega, em 1691, descobriu na *Casa Lobrega de Votan*, onde se guardavam os *calchihuitls*, amuletos de nephrite.

Ainda hoje os Karayás e os Araunas, do Madre de Dios e os Kachararys, do Rio Purus, que tem a tradição do Muyrakytã, os conservam em uso.

Os idolos de pedra amazonenses são, como os da America do Norte, simples ou compostos, isto é, representam uma só figura ou duas.

São sempre de steatite ou em suas variedades artisticamente esculpturados, perfeitamente polidos, mostrando em tudo um gráo de civilisação bastante adiantada.

Estes são os idolos, que em relação á America, pôde-se dizer prehistoricos, porque os actuaes em geral são de madeira e grosseiramente lavrada e esculpturada.

Tendo-lhes faltado a materia prima sagrada, fazem hoje de pão e como tambem pela natureza do meio não podem levantar templos duradouros, os fazem de madeira e palha em vez de pedra.

A proposito da materia de que são feitos os idolos, a steatite, a rocha sagrada, levanta-se uma questão.

E' essa rocha da região em que se encontram os idolos? Seriam esculpturados no paiz ou no estrangeiro?

Com toda a lealdade scientifica declaro que, propositalmente, tendo percorrido todo o valle amazonico, explorado os seus afluentes principaes, subido as suas cachoeiras e montanhas, em parte alguma encontrei a steatite em jazidas ou mesmo vestigios della.

A região do Muyrakytã, que é a dos idolos, e que comprehende os rios Tapayós, Trombetas, Yamundá, foi por mim explorada, desde as costas do Amazonas até acima das cachoeiras, porém em nenhuma parte encontrei essa rocha. O que se encontra é o quartzo, o diorito, o grés de varias qualidades, o silex vermelho, o calcareo, o schisto, e argilas compactas.

Nenhum viajante, naturalista ou geologo que tem percorrido o Amazonas, ainda não deu noticias dessa rocha,

pelo que
exista no s
tantes da s
para ir a
rocha. Ess
parece ma
norte, trou
que fosse er
para mode
deassem. A
montanhas
os seus ido
dificada pel

A pref
steatite era
xico. N'este
seus amule
de Schooler
ferida porq
da carne e
longinquo
o plano pic
da conqui
seur de Bor

Si filiaçã
duas Ameri
idéas e o ap
da nephrite
phrite aos
mesmas par

(1) Conheço
que faz-se panel
aproxima mais o

(2) Lib. II

(3) Hist. of

pelo que penso que foi ella importada. Quando mesmo exista no sul do paiz, não é para admittir-se que os habitantes da sua margem norte atravessassem o grande rio para ir a Matto Grosso, Minas (1) ou Goyaz buscar a rocha. Esse trabalho de dupla viagem é inadmissivel e parece mais natural que a emigração, que desceu do norte, trouxesse comsigo os idolos ou mesmo a rocha e que fosse então esculpturada no logar da residencia, tomando para modelos de suas divindades os animaes que os rodeassem. Assim como tiveram tempo para gravarem nas montanhas as inscripções, o tiveram tambem para fazer os seus idolos, representando a crença dos avoengos, modificada pelo meio em que viviam.

A preferencia que os povos Amazonenses davam á steatite era a mesma que a dos Estados Unidos e do Mexico. N'estes a empregavam de preferencia na confecção de seus amuletos, como poder-se-ha ver na esplendida obra de Schoolcraft. A steatite arroxeadada e cinzenta era preferida porque symbolisava, como vimos, a petrificação da carne e dos ossos de seus antepassados, que vieram de longinhas terras e por mar, como bem exprime e nos diz o plano pictographico de Boturini, que se vê na *Historia da conquista do Mexico* (2) que Schoolcraft (3) e Bras-seur de Bourbourg reproduziram.

Si filiação, parentesco não existe entre os povos das duas Americas, por que razão existe a comunidade de idéas e o apreço da mesma rocha, apreço que é igual ao da nephrite? Por que razão se prendem os amuletos de nephrite aos idolos, a ponto de só serem encontrados nas mesmas paragens?

(1) Conheço uma steatite, um talco compacto, conhecido por pedra sabão, com que faz-se panellas e outros objectos, muito differente da steatite dos idolos, que se approxima mais da serpentina e do pagodito.

(2) Libr. III, pag. 61.

(3) *Hist. of the Indian Tribes. Part. I. tab. I, II.*

E' fóra de duvida que a idolatria amazonense acompanhou os ophiolatrias, filhos do sol, quando deixaram a *brilhante região da aurora* pela terra das palmeiras.

Entre os Karanys (1) do sul não foram encontrados ídolos, si os houvesse com certeza Montoya, na sua *Conquista espiritual do Paraguay* o diria.

Essa marcha migratoria indicada pelos amuletos, confirmada pelas inscripções, é tambem certificada pelos ídolos de steatite. A grande *etape* que houve na região do rio Trombetas deu logar a que ahí sejam mais communs esses monumentos archeologicos.

Esses amuletos, já o disse, ficaram marcando o caminho da migração porque não só muitos eram perdidos durante a viagem, como principalmente porque ficavam sob a terra ao pescoço do portador, para ser feliz na peregrinação de além tumulo. Diz Schoolcraft: «Articles which had served the purpose of amuletes in life were deposited in the tomb—for the indian futurity is not a place of res; and the hunter soul, in its uneasy wanderings, still had occasion for the protection power of the charm. Hence, in opening ancient graves and tumuli, it is found that the amulets to which the deceased was attached in life were deposited with the body.» (2)

Reunindo-se em torno desses dous preciosos monumentos diversas circumstancias que a tradição perpetúa, que lhes dá uma origem estranha, sendo excessivamente raros e não se tendo encontrado sinão em uma determinada região, sobra-me razão para ainda uma vez delles me occupar.

Desde que pela primeira vez me veio ás mãos o *muy-rakylá* nunca mais, ha um quarto de seculo, deixei de me

(1) *Karanys* e não *Guaranis*, deve-se dizer, porque esta última palavra é produzida pelo costume hespanhol de pronunciar *gua* por *ka*.

(2) *Hist. and statist inform. pag. 8, Patr., pag. 17.*

occupar destes
do Amazona
me elucidas
merecia o as
com que ho
até então des
depois de m
do assumpto
que apparece
meu juizo.

Procurar
objectos de
industria primi
que resistem

Destas pe
o menos qu
escriptores q

Assim P
na *Viagem*

Brazil não t
pinambás nã
cellos, na su
mou que «os
esta parte, n
teem templo,
lei alguma»,
se exprimiu:

«Nam t
vivem desord
peso, nem m
pera si que h

Frei Vice
escripta em

«Nenhun
nhuma lei g
e a quem ob

occupar desta preciosa reliquia, procurando por todo o Valle do Amazonas e nos paizes limitrophes beber informações que me elucidassem a questão. Dei toda a importancia que merecia o assumpto e consegui despertar o interesse fazendo com que houvesse a procura e mesmo quem da questão, até então desconhecida no Brazil, se occupasse, e folgo hoje, depois de muitos estudos, poder mais convictamente tratar do assumpto, porque esse interesse que despertei fez com que apparecessem novas provas, que vieram confirmar o meu juizo.

Procurando o myrakytã, procurava a ceramica e os objectos de pedra, porque via que só estes fructos da industria primitiva me podiam esclarecer, por serem os unicos que resistem á acção dos seculos.

Destas pesquisas surgiu o primeiro idolo brasileiro, que, o menos que fez com a sua appareição, foi desmentir os escriptores que trataram das cousas dos nossos indios.

Assim Pigafetta, que foi companheiro de Magalhães, na *Viagem á roda do mundo*, disse que os indios do Brazil não tinham culto algum; Lery affirmou que os tupinambás não tinham religião alguma e Simão de Vasconcellos, na sua *Noticia curiosa das cousas do Brasil* affirmou que «os indios do Brazil, de tempos immemoriaes a esta parte, não adoram expressamente Deus algum, nem tem templo, nem sacerdote, nem sacrificio, nem fé, nem lei alguma», repetindo o que disse Pero Gandavo que assim se exprimiu:

«Nam tem Fé, nem Ley, nem Rey: e desta maneira vivem desordenadamente sem terê alem disto conta nem peso, nem medida. Nam adoram a causa algu'a, nem tépera si que ha depois da morte gloria para os hõs.»

Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brazil*, escripta em 1627, tambem disse:

«Nenhuma fé tem, nem adoram a algum Deus; nenhuma lei guardam, ou preceitos, nem tem rei que lha dê e a quem obedecam...»

Referem-se todos ao Brazil costeiro, aos Karanys e Tupis que não são Karaybas, entretanto a opinião do Rev. padre Daniel justifica perfeitamente a do padre Acuña, o companheiro do capitão Pedro Teixeira, que viu idolos de pedra, no Amazonas, em 1636 entre os Omauas e outros que, si depois desapareceram foi pela razão dada pelo mesmo padre João Daniel, (¹) quando diz, tratando das missões dos padres jesuitas hespanhoes, em 1657 e carmelitas portuguezes, em 1695, que elles *queimavam os idolos de pão e quebravam os de pedra, lançando-os depois ao rio, desejando afundar com ellas, (pedras) por uma vez a sua cegueira e cega idolatria.*

O mesmo fizeram os padres em Nicaragua, que assim destruíram quasi todos os idolos de Ometepec, como nos diz Squier (²) « There were formely many idols ressembling those of Zapatero, but they have been burried or broken up ».

O padre Acuña disse no seu *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*, escripto em 1639 e publicado em 1641 :

« Adoran idolos que fabrican con sus manos, attribuyndo a unos el poder sobre las aguas, y asi les ponen un pescado en la mano; a otros por valedores en sus batallas. Dizen que estos Dioses baixaron del cielo para companarlos y hacerlos bien; no usan de alguna cerimonia para adorarlos, mas antes los tienen olvidados en un rincón para hasta el tiempo que los han menester; y asi quando han de ir a la guerra, llevan en la prôa de las canoas el idolo en quien tienen puestas las esperanças de la victoria, y quando salen a hacer sus pesquerias echan mano de aquel, a quien tienen entregado el dominio de las aguas; pero ni un ni otros fien tanto, que no reconozcan puede aver otro mayor. »

(¹) *Maximo thesouro descoberto no rio das Amazonas. Rev. do Inst. Hist. do Braz.*, II. pag. 1481.

(²) *Nicaragua*, pag. 510.

O padre
zonas, rapid
dlos que enc
explicações,
era natural,
disse que era

Não duv
sobretudo os
não, pela c
Amazonas a
serem feitos
importado, c
outros povo
outros.

Ainda h
zonas object
tribu, de ma
de distancia
assim que o
do Perú. Na
teriam os p
dos quaes
idolos estive
herança rece
kytās nas m
como legado

O capitã
o padre Acu
Saavedra y
1639 a « *Rel
zonas, hoy
gem do dito
« Todos são*

(¹) *Marcos
riba del Río de la*

O padre Acuña, passando aguas abaixo, pelo Amazonas, rapidamente, não conhecendo os dialectos dos indios que encontrava, e por isso não podendo ter largas explicações, vendo entre elles os idolos, acreditou, como era natural, que fossem feitos pelos proprios e por isso disse que eram fabricados por « *sus manos* ».

Não duvido que houvessem alguns idolos indigenas, sobretudo os de madeira, porém os de pedra creio que não, pela difficuldade de encontrarem nas margens do Amazonas a materia prima propria para tal fim. Facil era serem feitos pelos proprios indios, porém com material importado, que lhes viria ás mãos pelo commercio com outros povos, que tambem commerciassem ainda com outros.

Ainda hoje apparecem nas mãos dos indios do Amazonas objectos de Venezuela e Guyana, que de tribu em tribu, de mão em mão, chegam a centenaes de leguas de distancia ás mãos de povos que se não conhecem. E' assim que os Makuchys usam o veneno Uirary, dos Tikunas do Perú. Não descem hoje do Mexico, porque para isso teriam os portadores de atravessar centros civilizados, dos quaes fogem. Entretanto, creio antes que esses idolos estivessem nas mãos dos selvagens de então, por herança recebidos, como ainda hoje se encontram muyra-kytās nas mãos dos tapuyos, que os conservam, recebidos como legados, que teem vindo de geração em geração.

O capitão Pedro Teixeira, com quem desceu de Quito o padre Acuña, tambem viu idolos, tanto que D. Martin Saavedra y Gusman, que escreveu em 23 de junho de 1639 a « *Relacion e Descubrimiento del Rio de las Amazonas, hoy S. Francisco del Quito* », descrevendo a viagem do dito capitão, para Quito, assim se exprime: (1) « Todos são idolatras que adoran dioses falsos; no tienen

(1) Marcos Jimenez de la España, *Viage del capitán Pedro Teixeira, aguas arriba del Rio de las Amazonas*. Madrid 1889, pag. 85.

ritos ni cerimonia para veneralos, ni templos de sus idolos, ni sacerdotes.»

Como vimos não houve tempo para saber si tinham templos e sacerdotes. Estes, como até hoje, sempre se occultam dos civilisados.

Encontrando o primeiro idolo visto na região do Muy-rakytã e vendo o grão adiantado que a sua escultura apresentava, esse facto trouxe-me a duvida si não seria antes um idolo peruano.

Depois de investigações cheguei á convicção que não era da patria dos Incas e sim companheiro dos amuletos de nephrite.

Remettendo algumas photographias e uma cópia modelada em gesso sobre o natural pelo habil escultor brasileiro Almeida Reis, ao amigo e sabio Dr. Henrique Giglioli, este tratando do mesmo em uma sessão extraordinaria da Sociedade Real de Anthropologia e Ethnologia de Florença, em 18, na augusta presença de S. M. o Imperador do Brazil, disse o seguinte: (1)

«Il signor Rodrigues è alitrimenti giustificato nel credere che l'idolo da lui illustrato *não fosse peruviano*; ho avuto sott'occhio centinaia di idoli del Perú, e non vidi mai nulla di simile fra essi. Ma debbo però far notare la singolare semiglianza che passa fra idolo amazzonico e certe sculture rinvenute nel Messico, in Nicaragua e specialmente sulla isola Zapatero e Pensacola, che sono rozze figure umane scolpite in pietra e sormontate da effigie di animali carnivori in atto di divorare loro la testa, precisamente como fa il jaguar alla testuggine (molto anthropoideo) nell'idolo brasileiro. Ultimamenti nello sfogliare la stupenda opera de Bancroft (*The native races of the Pacific states of North America*), ritrovai al principio del quarto

(1) Arch. per l'Anthrop. e l'Ethnol. VII fasc. I. *Lo studio del ethnologia al Brazil*, pag. 4.

volume le
caraguesi.
tanza del
più ad Ori
civilitá ch
Mundo del

Tendo
do estudo
cultivel de
elementos
o primeiro
vinham, co
questão.

Tendo,
minha opi
uma vez,
á questão
questão qu

Este tr
e vem com
teem aquel
servação, t
e o alienig

Guiado
logo busca
bliotheas,
ao idolo q

Duplic
felizmente,
os pude obt
região, não
mal entend
trangeiro,
de uma ca
sobre o pr
portancia c

volume le figure di alcuni di quegli idoli degli antichi Nicaraguesi. Questo aumenta anzichè diminuire l'importanza del la scoperta del signor Rodrigues, portanto assai più ad Oriente di quanto si sapeva, le tracie di quelle civiltá che illuminarono le costa occidentali de Nuovo Mundo del Mexico al Chile.»

Tendo sido eu o primeiro a me occupar, no Brazil, do estudo da nephrite, considerando uma prova indiscutivel de uma emigração asiatica e procurando outros elementos que me confirmassem a minha crença, fui o primeiro tambem a me occupar dos idolos, porque vinham, como poderoso elemento, para o esclarecimento da questão.

Tendo, hoje, outras provas que me veem justificar a minha opinião, não posso deixar de me occupar, ainda uma vez, do assumpto, porque está ligado completamente á questão da origem das raças encontradas no Brazil, questão que me tem occupado o espirito por muitos annos.

Este trabalho é um complemento ao que já publiquei e vem com provas novas para mostrar que razão não tem aquelles que, no Brazil, sem estudos especiaes de observação, teem-se apresentado combatendo a minha idéa e o alienigenismo.

Guiado pelas observações do professor Giglioli, mandei logo buscar a obra de Bancroft, que não havia nas bibliothecas, e vi que razão tinha em ter dado importancia ao idolo que eu obtivera.

Duplicatei o meu empenho em obter outros, mas infelizmente, apezar da minha residencia no Amazonas, não os pude obter, porque os que depois appareceram na mesma região, não me foram communicados, antes, por um egoismo mal entendido foram occultamente remetidos para o estrangeiro, que os estudou isoladamente e não como élos de uma cadeia, posto que baseando-se na minha opinião sobre o primeiro, sem comtudo conhecer a grande importancia de estar ligado á nephrite.

Felizmente appareceu á luz o estudo feito sobre elles pelo Sr. P. de Lisle du Dreneuc⁽¹⁾ e baseado nas suas descripções e nas bem feitas figuras que o acompanham, posso fazer o meu, que é o assumpto do seguinte capitulo.

Os differentes idolos que dentro destes vinte annos tem sido encontrados, todos sahiram de uma só região, o solo que encobre o muyrakytā, isto é, da região comprehendida entre o rio Yamundá e o rio Tapayós, antigo campo das aventuras das pretendidas Amazonas, que a historia nos apresenta como as portadoras das pedras verdes, com que presentavam, na serra do Yacy-uaruá, aos amantes preferidos.

As reliquias desta tribu idolatra ainda hoje trazem o distinctivo da sua genealogia pendente ao pescoço e habitam as terras do rio Uaupés, festejando, com dabukuryrs, annualmente a memoria do avô de sua raça, Izi, o filho do sol e das serpentes, que são conhecidos hoje por Yurupari.

Conservam, contudo, a tradição de seus avós, que os missionarios não conseguiram destruir como fizeram aos seus idolos.

Destruídos estes, quizeram acabar com as festas tradicionais, mas não o conseguiram.

O tradicionalismo perdura, principalmente no Rio Uaupés, de onde os missionarios foram pelos indios expulsos.

Occupar-me-hei, aqui, em apresentar todos os idolos amazonenses até hoje conhecidos, baseando o meu estudo não só em tres cujos originaes estiveram em minhas mãos, como nos descriptos e illustrados pelo Sr. Dreneuc.

O distincto conservador do museu ethnographico de Nantes modestamente disse que o seu fim era « seulement de faire connaitre les découvertes que nous avons cons-

(1) *Nouvelles découvertes d'idôles de l'Amazonas*. Paris, 1889, com estampas.

fatées et
pour contr
ancien de

Em bo
justamente
Commerci
1891 dous
Francisco
dos quaes
bem o es

O Sr.
vue de ces
lointaine a
tues de l'a
á pag. 20,

« Pour
jects simil
cial de ce
localité et
Faune Br
bien au E

O illus
radas, o e
de anima
que os idol
e penso c
exprimir.

ções. Si r
Quanto
neuc, que
prime: «
du moins
trouvées a

Bem e
mente se
tenho feito

tatées et d'offrir à nos confrères brésiliens ces objects pour contribuer à éclairer des points les plus étranges d'art ancien de cette contrée. »

Em boa hora chegou-me, pois, o seu opusculo, porque justamente nessa occasião haviam apparecido no *Jornal do Commercio* de 18 de novembro de 1890 e 6 de março de 1891 dous artigos escriptos pelo amigo o Sr. Dr. Manoel Francisco Machado, sobre dous novos idolos achados, um dos quaes teve a bondade de communicar-me, para que eu bem o estudasse.

O Sr. Dreneuc que disse, com razão, á pag. 18 : « la vue de ces étranges sculptures on y retrouve une analogie lointaine avec le caractère sombre et dur de certains statues de *l'antiquité asiatique* », conclue, comtudo sem razão á pag. 20, com o seguinte :

« Pour nous, en effect, ces découvertes reiterées d'objects similaires dans les mêmes parages, le caractère spécial de ces idoles, *l'emploi de pierres appartenant à la localité et les représentations d'animaux empruntés à la Faune Brésilienne* nous donnent la conviction que c'est bien au Brésil qu'ont été sculptées ces fetiches. »

O illustrado Sr. Dreneuc diz que as descobertas reiteradas, o emprego de pedras da localidade e a representação de animaes da fauna brazileira o levam á convicção de que os idolos foram esculpturados na localidade; não o creio e penso que não tem, mesmo, motivos para assim se exprimir. E' uma conclusão baseada em falsas informações. Si não, vejamos :

Quanto ás reiteradas descobertas, é o proprio Sr. Dreneuc, quem nos diz o contrario, quando assim se exprime : « ces statuètes sont de la plus *excessive rareté*, du moins jusqu'à ce jour on n'en connait que trois trouvées au Brésil. »

Bem andou em consignar este facto, porque, si ultimamente se tem encontrado, é devido isso ao empenho que tenho feito, ha quasi 25 annos, encommendando a todos

a sua procura, cujos achados, infelizmente não me chegaram ás mãos, porque os que os achavam guardavam-os, certos de que tinham grande valor commercial. E' bom consignar que muitos objectos me foram dados, sobre os quaes possuo cartas, e quando tinha de recebê-los, os portadores me diziam que não tinham recebido do doador ou o proprio, muitas vezes, presenteava a outrem por imposições em que a politica e o interesse não eram estranhos.

achados, infelizmente não me che-
os que os achavam guardavam-os,
nde valor commercial. E' bom consi-
os me foram dados, sobre os quaes
o tinha de recebê-los, os portadores
am recebido do doador ou o proprio,
va a outrem por imposições em que
não eram estranhos.



IDOLO AMAZONICO
OU DA CAÇA

Este i
dous pod
fraco.

A inte
homem os
a mãe, o c
rel-os e li

Já vin
mismo, at
filha de u
do que ou
grande esp
a cobra gr

Como
os rios, os
que reside
o Tatu aç

Quand
o dei com
não tinha
tivo, com



I

IDOLO AMAZONICO OU DE CAÇA

(Estampa VI.)

Este idolo, representado por duas figuras, symbolisa dous poderes, um como mais forte subjugando o mais fraco.

A intenção do esculptor idolatra foi pôr á mercê do homem os individuos protegidos pelo forte, porque estando a mãe, o espirito protector, dominada, não poderia socorrer-os e livral-os dos perigos.

Já vimos que a theogonia indigena, especie de totemismo, até hoje considera cada especie vegetal ou animal filha de um espirito protector, sendo uns mais poderosos do que outros, porém sujeitos a uma mãe commum Cy, o grande espirito creador, que é symbolisado por *mboia açu*, a cobra grande, dos tapuyos.

Como no reino vegetal e animal as especies mineraes, os rios, os lagos e os igarapés tem tambem os seus espiritos que residem no centro da terra e no fundo das aguas, e dahi o *Tatu açu*, a *Uyara*, o *Pirá yawara* e o *Kurupira*, etc.

Quando pela primeira vez noticiei o idolo em questão, o dei como *idolo da pesca* das tartarugas, porque não só não tinha encontrado outros idolos para estudo comparativo, como porque meus estudos a respeito não tinham

sido aprofundados. A estada de mais sete annos nas plagas amazonenses, sempre em contacto com indios e tapuyos de diferentes castas, a leitura de quasi tudo quanto se tem escripto sobre o assumpto, em relação á America, á Asia e ao Egypto, alargaram consideravelmente o horizonte de meus estudos e de meus conhecimentos, não só pela leitura, como pela observação e indagações constantes, pelo que aqui modifico a opinião então emittida. Naquelle época não me escapou a observação, que registrei, de que o casco do chelonio dominado pela onça ou pelo tigre era antes de uma tartaruga terrestre do que o de uma fluvial, tanto que disse: « um carnicheiro procurando devorar um chelonio. » Com effeito, a fórma do casco (carapace), a do peito (plastron) que indica ser o individuo macho, a conformação dos pés e de sua posição, tudo nos representa perfeitamente um jaboty, verdadeiro *Testudo*. Apesar dessa observação, o dei como idolo da pesca, porém hoje, modificando a opinião, o dou como idolo da caça, porém da caça especial dos jabotys, porque mais tarde, naturalmente, outro idolo apparecerá em que o tigre subjugará outro animal.

Quanto ao dizer o Sr. Dreneuc que existe a rocha na localidade, naturalmente foi mal informado.

As estatuetas tem sido encontradas na mesma região do Muyrakytá e essa região eu conheço bem, porque toda foi por mim explorada, desde as margens do Amazonas até as regiões encachoeiradas de seus afluentes, correndo os seus valles e as suas montanhas, sem que encontrasse uma só jazida, ou um só bloc, quer de nephrite, quer de esteatite, rochas que os mais velhos habitantes do logar garantem jamais ter sido encontradas.

A representação da fauna também não autorisa a conclusão, porquanto os animaes que os idolos representam, tigre, peixe, cobra e tartaruga, são conhecidos e representados em muitos hyeroglyphos, idolos, amuletos, inscripções, etc. da Asia, do Egypto e da America do Norte.

A se
antiguida
gura na
seja a su
do pagan
não estan
não só bra
que todos
que dand
fantasia,
desta nat
isolados,
mesmo e

Destru
conclusão
um gran

Forne
que muita
chegando
da maneir
ções desc
entre mã

Passo
os idolos
considera

Poder
caça em g
mais astu
força, pel
astucia. N
respeito n
e transpla

No ca
o mais po
pirito do
como sen

A serpente é commum e venerada desde a mais alta antiguidade entre povos do velho mundo; a tartaruga figura na theogonia Vedica e Tolteca; o tigre, quando não seja a substituição natural do leão, figura na mythologia do paganismo da patria dos prophetas, e quanto aos peixes, não estando elles perfeitamente caracterisados, poderão ser não só brazileiros, como asiaticos, mexicanos, etc., além de que todos os animaes figurados estão revestidos de fórmias que dando a conhecel-os são, comtudo, ornamentados pela fantasia, que é commum em todas as peças archeologicas desta natureza, em todos os paizes do mundo, quer sejam isolados, quer representados em baixo ou alto relevo e mesmo em pintura.

Destruídas as causas que levaram o Sr. Dreneuc a uma conclusão menos exacta, devo confessar que, para mim, foi um grande subsidio o seu trabalho.

Forneceu-me boas figuras, completadas por descripções que muita luz derramaram sobre o meu estudo, posto que chegando eu a conclusão inteiramente differente. Divirjo da maneira de interpretar as figuras, mas pelas informações descriptivas, estudo os objectos como si os tivesse entre mãos.

Passo, pois, a apresentar por ordem chronologica todos os idolos achados até hoje, fazendo as descripções e as considerações que a proposito me seja dado fazer.

Poderia soccorrer-me de um facto para dal-o como de caça em geral, o de ser considerado esse chelonio como o mais astucioso de todos os animaes e poder vencel-os pela força, pelo vôo, pela carreira, etc., sempre, porém, pela astucia. Não o faço, porque as lendas que existem a esse respeito não são mais do que as lendas do cyclo da raposa, e transplantadas para o paiz e aqui acclimadas.

No caso presente o espirito protector do tigre, que como o mais poderoso dos espiritos das florestas domina o espirito do jaboty, é representado por um individuo macho, como sendo sempre o sexo forte. Distingue-se o sexo dos

chelonios, á primeira vista, pela fórma concava do sternum ou peito, circumstancia esta que não escapou ao artista, que não a deu por acaso, porque seria menos trabalhoso fazer o peito liso ou semi-convexo, indicando então o sexo feminino. A depressão foi proposital, porque a idéa foi dominar o forte, porque assim os fracos se renderiam.

Dada esta explicação para justificar a mudança que fiz no fim a que se destinava o idolo, passarei a historiar a maneira pela qual o obtive.

Tendo chegado a meu conhecimento que ha mais de 50 annos, quando se cavou o solo da costa do Parú para se plantar o cacaoal que hoje existe, se tinham encontrado entre fragmentos de louça de barro alguns muyrakytãs e figuras de pedras, envidei todos os meus esforços em ver si encontrava alguma. Por felicidade soube, na cidade de Obidos, que o finado vigario, o padre protonotario apostolico Antonio Sanches de Brito, teve uma figura que lhe servia de ornato de mesa, mas que desaparecera.

Dirigi então minhas pesquisas para essa figura, e pude saber que existia enterrada no quintal da casa onde o mesmo vigario morou e o actual mora. Encarregado um famulo da casa de o procurar, trouxe-me a agradável nova de que o encontrara, mas que não me trazia por temer cahir no desgredo do vigario. Encarregando então ao meu amigo o Dr. Casimiro Godinho Borges de Assis, hoje fallecido, de o obter do mesmo vigario, este trouxe o precioso achado, que das mesas passou para as mãos das crianças e destas para a terra. Era conhecido entre as crianças de então por *diabo*.

Qual não foi o meu contentamento reconhecendo nelle um idolo, e tendo depois informações da sua procedencia.

Procurando diversas pessoas contemporaneas do finado padre Sanches de Brito, todas affirmaram-me ser da costa do Parú; apenas uma me disse que pensava ter sido encontrada no lago Uaikurapá. Recorri á fonte mais pura: dirigi-me ao *Paraná-miry de cima*, a casa de uma irmã do

referido vi
e de um v
do Parú
Estava par

Depois

O conj

tume de an

Compõ

devorar un

e de comp

Assent

com as ge

que suspen

e pela parte

da maxilla

O jabot

pendicular

fórmam e

chelonios.

algum out

fantasia gu

desprezou o

fantasia gu

ainda orno

enfeitada d

plana na p

lando-se pa

Este te

levantados

superior un

maxillar su

fica encobe

fórma de un

O pescoço e

losas, de qu

cabeça a fó

referido vigário, que com o mesmo sempre morou e della e de um velho famulo soube ter sido encontrada na costa do Parú por um individuo que a offerrecera ao vigário. Estava para mim feita a luz.

Depois do historico só me resta descrevel-o.

O conjunto do idolo é uma allegoria, baseada em costume de animaes e na crença da *mãe* dos mesmos.

Compõe-se de duas figuras, um *carniceiro* procurando devorar um *chelonio*. Tem de altura 0^m,158, de largura 0^m,9 e de comprimento 0^m,15, comprehendidas ambas as figuras.

Assentada sobre um jaboty (testudo), uma onça (*felis*) com as garras das mãos segura um enfeite de fantasia, que suspenso pela lingua passa por cima da cabeça do jaboty e pela parte posterior do pescoço, onde se encostam os dentes da maxilla inferior da onça.

O jaboty (testudo) tem um longo pescoço erguido perpendicularmente terminando em uma cabeça, que pelas fórmulas e posição afasta-se inteiramente das de todos os chelonios. Procurando achar analogia entre esta e as de algum outro animal, não encontrei, o que faz-me crer que a fantasia guiou a mão do artista, que na figura da onça não desprezou caracteres que a tornam bem conhecida. Tanto a fantasia guiou o artista, que, além do enfeite que mencionei, ainda ornou o pescoço do mesmo jaboty com uma colleira enfeitada de uma grega. A fórmula da cabeça é alongada, plana na parte inferior e semi-convexa na superior, afilando-se para o focinho.

Este tem lateralmente saliencias que indicam beiços levantados pela pressão interna de dentes, e pela parte superior uma linha elevada que, passando pelo meio do maxillar superior, vae terminar na allura do frontal, que fica encoberto pela lingua da onça. Os olhos affectam a fórmula de um semi-circulo, com a parte convexa para cima. O pescoço e a cabeça do chelonio apresentam fórmulas angulosas, de que se resentem tambem os da onça. Tendo a cabeça a fórmula semiglobulosa dos carniceiros do genero

felis, tem comtudo as maxillas longas e tão abertas que entre ellas forma-se um angulo recto. Si afasta-se no comprimento a maxilla, a fórma, porém, dos dentes caninos e mollares caracteriza o carniceiro.

Tão exacto foi o artista ali que até deixou na maxilla superior o logar vasio onde se implanta o canino inferior. Um descuido teve, comtudo, nos incisivos, marcando só quatro em vez de seis. A fórma das narinas, a posição das orelhas, a collocação dos olhos e mesmo a fórma do pescoço se approximam dos do terrível habitante das selvas. A posição do corpo e das extremidades, angulosamente trabalhadas, aproxima-se das dos quadrumanos, tendo, porém, as mãos iguaes ás dos carniceiros, com as suas cinco garras. O aspecto geral é o de uma onça, *yauareté* dos indigenas. A cauda, infelizmente partida, pela porção que existe, mostra ter sido levantada.

Apezar da incorrecção do desenho, e da phantasia do artista, vê-se que era habil e observador da natureza. Os costumes que tem os carniceiros do genero *felis*, de vir, annualmente, no mez de setembro, época em que estão ao cío, devorar os jabotys e as tartarugas, levou o artista a escolhel-o para o symbolo do deus de suas pescarias, procurando a *mãe* da onça como mais poderosa para subjugar a dos jabotys, que da caça são os mais productivos, por lhes fornecer não só a carne, como os ovos, a gordura e o casco, que então até para ferramenta servia.

Que era um idolo da caça, não só denotam as fórmas, como confirmam dous furos feitos na parte posterior obliquamente a sahir na inferior, para por elles passarem-se cordas afim de ser ligado á prôa da montaria (canôa). Tem estes furos de diametro 0^m,015. O que admira é a perfeição que existe em todo o trabalho feito em um só pedaço de serpentina.

Este idolo representa perfeitamente o dualismo da escola de Nicaragua e vê-se que o espirito que presidiu o pensamento do esculptor dos idolos das ilhas de Zapatero,

de Pensa
mesmo o
se encon

A pr
se attrib
á sombra

Esse
xico, tan
que dá
Humbold
senta nas
do prime
jacaré q
hyeroglip
o saurio

Entre
comtudo
a do tam
e não a
sento. (A

Quar
primeiro,
guinte, d
que não
semelhan
proprio c
Central er
(²) «WH
merely m
gods il is
adorned s

(¹) Tom

(²) The

longas e tão abertas que
recto. Si afasta-se no com-
ém, dos dentes caninos e

ue até deixou na maxilla
mplanta o canino inferior.
os incisivos, marcando só
na das narinas, a posição
lhos e mesmo a fórma do
errível habitante das selvas.
idades, angulosamente tra-
quadrumanos, tendo, porém,
s, com as suas cinco garras.
a, *yauareté* dos indigenas.
pela porção que existe,

desenho, e da phantasia
e observador da natureza.
eiros do genero *felis*, de vir,
oro, época em que estão ao
rtarugas, levou o artista a
eus de suas pescarias, pro-
ais poderosa para subjugar
os mais productivos, por
omo os ovos, a gordura e o
menta servia.

não só denotam as fórmas,
itos na parte posterior obli-
para por elles passarem-se
da montaria (canôa). Teem
O que admira é a perfeição
feito em um só pedaço de

perfeitamente o dualismo da
e o espirito que presidiu o
bolos das ilhas de Zapatero,

de Pensacola, de Ometepec e do pueblo de Subtiava foi o
mesmo que dirigiu o cinzel do artista que esculpiu os que
se encontram no Amazonas.

A primeira concepção de uma dualidade no homem,
se attribue a varias causas, á sombra do corpo, ao éco da voz,
á sombra n'agua, aos sonhos, etc.

Esse dualismo Nicaraguense ligava-se tambem ao Me-
xico, tanto que no manuscrito relativamente moderno, e
que dá a genealogia dos principes de Azcapozalco e que
Humboldt depositou na Real Bibliotheca de Berlim e repre-
senta nas suas eruditas *Vistas das Cordilheiras* (1) o nome
do primeiro progenitor é representado por uma especie de
jacaré que tem em suas fauces uma cabeça humana. Esse
hyeroglypho representa, como em Nicaragua e no Amazonas,
o saurio de pé.

Entre os do lago Nicaragua e os do Amazonas notam-se
comtudo duas circumstancias que parece distancial-os,
a do tamanho e a de ser a victima uma figura humana
e não a de um animal, como se vê nas figuras que apre-
sento. (*Estampa XIII.*)

Quanto ao tamanho, facil é dar-se a razão desse facto:
primeiro, eram feitos para serem transportados; por conse-
quinte, deviam ser portateis: eram usados por emigrantes
que não ergueram, na terra que adoptaram, monolithos
semelhantes aos que deixaram, por lhes faltar o material
proprio ou tempo; segundo, porque mesmo na America
Central eram usados os pequenos, como nos diz Bancroft:
(2) «Whether these were a particular class of deities or
merely miniatures images of the already described greater
gods it is hard to say. Similar small idols are said to have
adorned streets cross-roads fountains.»

(1) *Tomb. I. tab. IV.*

(2) *The notices races of the Pacific states III, pag. 419.*

Quanto a serem as victimas dos idolos nicaraguenses só o homem, isso não podemos affirmar porque, segundo Squier, os idolos foram quasi todos destruidos pelos padres e só escaparam aquelles em que a figura humana é representada. Mas quem affirmará que não existiam os inteiramente zoomorphos? Elles, que figuravam a onça, a cobra, o jacaré, o sapo, o porco do matto, etc., como no Amazonas é representado debaixo do mesmo ponto de vista e com os mesmos attributos, não teriam idolos semelhantes aos que se encontram no solo brasileiro?

Outro ponto existe que os afasta: os furos que uns teem e outros não. Esses mesmos furos, que só servem para prendel-os e tel-os de pé nas prôas das canôas quando os conduzem, poderão servir para se duvidar que o de que trato seja idolo de caça, porque nas florestas não se precisa de canôas. Parecendo á primeira vista razoavel esta ponderação, não o é, porque si uns são furados, outros não o são, pelo simples motivo de serem transportados e tambem porque a caça na região do Amazonas, posto que feita na floresta para ella se chegar tem sempre o caçador de servir-se de embarcação para subir ou descer os igarapés, atravessar os lagos e os proprios igapós das florestas. Os proprios indios selvagens teem as *ubás* ou *kuriaras*.

Para mim, como tenho affirmado, esses idolos foram trazidos pelos portadores dos *muyrakytás*, que eram da mesma raça dos povos mexicanos.

Os Nicaraguenses eram Nequiras ou Astecas, porque o local que occupavam formava uma das provincias destes.

A idéa de representar um animal dominando o homem, ou outro animal, não é uma dessas *communis* á infancia de todos os povos. Sempre o homem, si não houvesse uma crença, se representaria dominando o animal, a não ser como disse o leão de La Fontaine:

Avec plus de raison nous aurions le dessus
Si mes confrères savaient peindre.

dos idolos nicaraguenses
 affirmar porque, segundo
 os destruidos pelos padres
 figura humana é represen-
 to existiam os inteiramente
 n a onça, a cobra, o jacaré,
 como no Amazonas é re-
 ponto de vista e com os
 dolos semelhantes aos que

afasta: os furos que uns
 os furos, que só servem
 s prôas das canôas quando
 para se duvidar que o de
 rque nas florestas não se
 á primeira vista razoavel
 si uns são furados, outros
 o de serem transportados
 região do Amazonas, posto
 se chegar tem sempre o
 ação para subir ou descer
 s e os proprios igapós das
 lvagens teem as *ubás* ou

rmado, esses idolos foram
 muyrakytás, que eram da
 nos.

equiras ou Astecas, porque
 uma das provincias destes.
 animal dominando o homem,
 dessas communs á infancia
 homem, si não houvesse uma
 mando o animal, a não ser
 aine:

s aurions le dessus
 t peindre.

Uma crença commum, uma idéa filha da mesma re-
 ligião prendia forçosamente os dous povos, posto que
 muito sêparados por largas distancias, porque a fantasia,
 e o estylo são communs a ambos. Assim é que a facha
 ou coleira do pescoço do jaboty é igual á facha da testa
 de um dos idolos de Zapatero.

II

IDOLOS DE PESCA

(Estampa VII.)

Depois das duvidas sobre a nacionalidade do primeiro idolo, appareceu seis annos depois um outro que, como contraprova, veio justificar a minha opinião.

Esse outro foi achado no porto da cidade de Obidos por Domingos José da Motta, que o offereceu ao Sr. Verissimo de Mattos, que sobre elle deu uma noticia circumstanciada.

E' uma figura pisciforme, sem a qualidade do primeiro e por isso parecendo afastar-se dos congeneres da America do Norte. Digo parecendo porque não ha razão para assim pensar-se. Filia-se inteiramente a elles. Os das ilhas Cocibolca não eram todos duplos, havia-os tambem simples e representando exactamente animaes, como um da ilha de Zapatero, que Bancroft figura sob o numero 1-2 á pag. 40 do quarto volume da sua admiravel obra *The native races*.

Este idolo é para mim o espirito do peixe mais voraz das aguas do Amazonas, do peixe que, si bem que saboroso e por isso muito procurado, é comtudo mão, porque chega a atacar o homem quando n'agua e a saltar muitas

PESCA

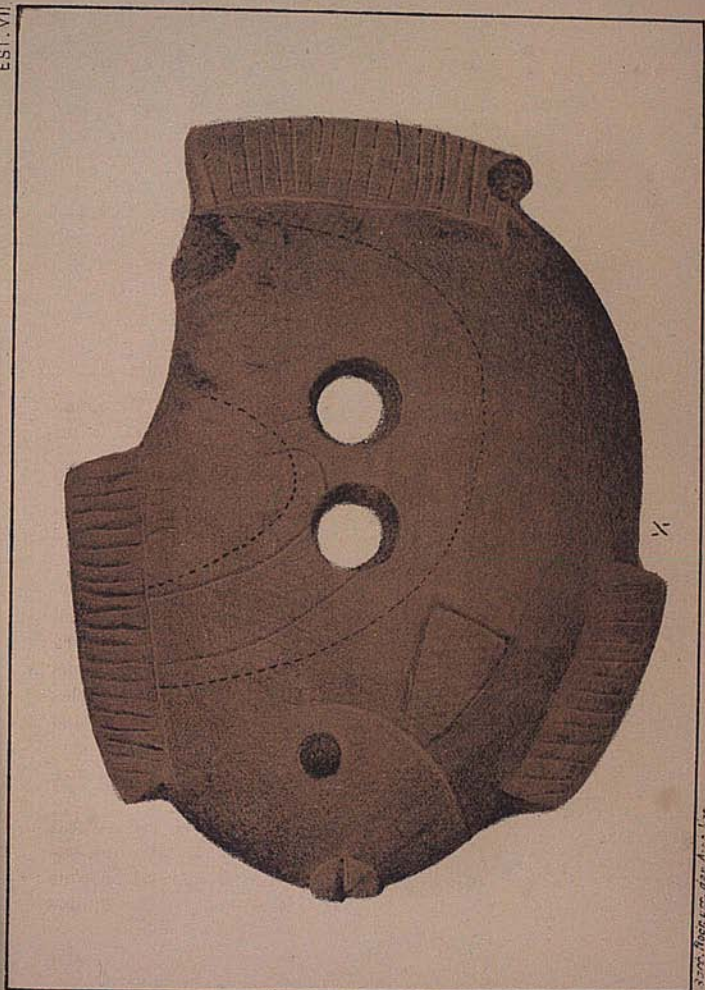
n.)

nacionalidade do primeiro
pois um outro que, como
nha opinião.
orto da cidade de Obidos
ne o offereceu ao Sr. Veris-
deu uma noticia circum-

em a qualidade do primeiro
dos congeneres da Ame-
porque não ha razão para
mente a elles. Os das ilhas
havia-os tambem simples
nimaes, como um da ilha
sob o numero 1-2 á pag.
admiraavel obra *The native*

espírito do peixe mais voraz
peixe que, si bem que sa-
do, é comtudo máo, porque
o n'agua e a saltar muitas

EST. VII



IMP. FACERNA

IDOLO DA PESCA

vezes fóra do se
ranha, Serrasal

« This fish, c
aded as the al
shark in the se
razor edged, ve
voracity seems
fish, such as g
pieces out of the
than an Englis
called Blood-fis
human beings
sise ».

Castelnau t

« Pour eux
le combat con
rencontre d'un
de chaque jou
le remarquer

Mais parle
traits se contr
regard. C'est
dre dans le d

E' um id
piranhas, que
da montaria
queno, o ma
peita os ma
como anda,
deixando lim

(1) Pirã d

(2) Wander

(3) Para nã
às pag. VI e VII

vezes fóra do seu elemento para apanhar a presa, a *piranha*, *Serrasalmus pirayá*: (1)

« This fish, diz Waterton, (2) sis quite as much dreaded as the alligator or cayman in the rivers, or the shark in the sea. Indeed, its teeth, sharply pointed and razor edged, very much resemble those of the shark. Its voracity seems to know no bounds. It will attack other fish, such as gillbacker, lowlow, paraima, etc. bite large pieces out of their fins and tails. Even when scarcely larger than an English gudgeon, the Perai, which is sometimes called Blood-fish of the Orinoco, can make fatal attacks on human beings, its number compensating for its small sise ».

Castelnau tambem diz:

« Pour eux (os indios) la chasse au tigre est un jeu, le combat contre un alligator un possetemps ordinaire, le rencontre d'un boa ou d'un serpent à sonnettes une affaire de chaque jour et l'habitude les a conduit, à braver, sans le remarquer à peine des périls de toute nature.

Mais parlez leur de la piranha, et vous verrez tous les traits se contracter et un veritable terreur s'emparer de leur regard. C'est que la piranha, c'est l'animal le plus à craindre dans le desert. » (3)

E' um idolo da pesca, *piráicy*, dos tapuyos, a mãi das piranhas, que naturalmente foi o escolhido para da prôa da montaria proteger a pesca, por ser, si bem que pequeno, o mais ousado, o mais voraz, aquelle que não respeita os maiores peixes, porque reunido em cardume, como anda, devora em poucos minutos qualquer animal, deixando limpo o esqueleto.

(1) Pirãí do karani, de pir e ãi, o corta-pello.

(2) *Wandering in South Amer.* pag. 454.

(3) Para não alongar este trabalho com citações lêa-se o que disse o Dr. Martius, ás pag. VI e VII do prefacio dos *Selecta genera et species piscium* do Dr. Spix.

A presença delle na prôa da montaria faria fugir ante si os outros peixes, como é vulgar, que fatalmente cahiram na *chiripana* do pescador idolatra.

Si digo que o idolo em questão representa uma piranha, é não só por ser natural que escolhessem um peixe voraz para dominar os outros, como tambem porque o artista soube representar bem a sua fórma e por esta circumstancia o tenho como esculpturado no Brazil, porém em rocha estranha.

O Sr. José Verissimo, noticiando-o, disse:

«E' um peixe do genero *mezonauta*, um *acará*, de uma argillite (schisto argiloso) vermelha e dura, abundante nas cercanias de Obidos, de 0^m,135 de comprimento e 0^m,103 de maior altura e uma espessura maxima de 0^m,02.»

Mais de um engano offerece este periodo, pelas fórmas, principalmente da cabeça e da bocca, pelo tamanho, e disposição das guelras e nadadeiras, o peixe representa uma piranha: a espessura que lhe dá uma conformação convexa é antes a da piranha, porque o *acará* é chato e tem a cauda mais alongada e adelgada.

Este é o primeiro engano, sendo o segundo o dizer que a rocha é argillite, quando é steatite. D'ahi derivou-se o terceiro engano, quando diz que essa rocha é abundante nas cercanias de Obidos.

As rochas da serra da Escama, que ali fica proximo á cidade, onde descobri innumeradas inscripções que copiei e noticiei e que podiam dar material para o idolo, são de grés ferruginoso grosseiro.

Confirma a minha opinião a de um amigo, geologo notavel, que levei a essa serra e que commigo percorreu tambem o rio Trombetas. Diz elle: «A few days after our return, in company with our friend Dr. Barbosa Rodrigues, the government botanist from Rio de Janeiro, who at the time was making collections on the Amazon, we visited the isolated hill called Serra da Escama, which

lies cl
writing
good
distan
open g
river,
of coa
picted

Qu
o mes
grete
posits
valley
bedded
which
rock at
tish qu
a gent

O
Çapuku

O
das sua
rochoso

En
dos id
da loca

Des
Sr. Jos
estudac

«O
feitissin

(1)
London

(2) a

(3) 5

a montaria faria fugir ante
ulgar, que fatalmente ca-
or idolatra.

estão representa uma pi-
que escolhessem um peixe
como tambem porque o
sua fórma e por esta cir-
pturado no Brazil, porém

ando-o, disse:

ezonauta, um acará, de
vermelha e dura, abun-
de 0^m.135 de comprimento
na espessura maxima de

este periodo, pelas fórmas,
occa, pelo tamanho, e dis-
s, o peixe representa uma
uma conformação convexa
o acará é chato e tem a
da.

endo o segundo o dizer que
eatite. D'ahi derivou-se o
e essa rocha é abundante

na, que ahi fica proximo
ras inscrições que copiei
erial para o idolo, são de

a de um amigo, geologo
e que commigo percorreu
elle: «A few days after
our friend Dr. Barbosa
anist from Rio de Janeiro,
ollections on the Amazon,
d Serra da Escama, which

lies close to the town, in order to view the indian picture-
writing on some rocks upon its summit. Following a
good cart-road until it terminated at a quarry, some
distance on the hill's southern side, we struck off up an
open grassy slope to ist dear trop, 300 feet above the
river, where amongst a few scatered trees lay large *blocks*
of coarse ferruginous sandstone, upon which were de-
picted numerous inscriptions of scroll-work.» (1)

Quanto á natureza geologica do rio Trombetas, diz
o mesmo geologo: (2) «The chiff sections upon the
greater porlion of the Trombetas disclose the usual de-
posits of red clay and sand, saen everywhere in the Amazon
valley; whilehigh up river near the fall, horisontally
bedded *black shale* is met with succeeded by *sandstone*,
which in appearance greatly ressembles that of Ereré. The
rock at the falls itself is composed of *thin bedded whi-
tish quartzose sandstone*, dipping in a S. S. E. direction at
a gentle angle.»

O Trombetas liga-se ao rio Yamundá pelo furo do
Çapukú, que vae tambem ao lago do mesmo nome.

O Yamundá foi percorrido tambem por mim até acima
das suas numerosas cachoeiras, que são os unicos pontos
rochosos e em parte alguma achei a steatite.

Entretanto essa é a famosa região dos muyrakylás e
dos idolos, que apresentam-se feitos de rocha que não é
da localidade.

Desfeitos estes enganos, transcrevo a descripção do
Sr. José Verissimo, apezar de ter depois examinado e
estudado o idolo em questão. (3)

«O trabalho artistico desta peça é, relativamente, per-
feitissimo, e, como o da encontrada pelo Sr. Barbosa

(1) Charles Brown. *Fifteen thousand miles on the Amazon and its tributaries*.
London — 1878, pag. 217.

(2) Obr. cit., pag. 237.

(3) *Revista Amazonica* I, pag. 26.

Rodrigues, revela no artista um singular talento de observação, e no povo cujo era adiantado o estado de civilisação. Nem um dos caracteres do peixe foi olvidado. Os operculos das branchias desenham-se perfeita e regularmente, as natatorias dorsaes, ventraes e caudaes são muito bem indicadas por traços perpendiculares abertos com um instrumento qualquer de ponta aguçada e forte, nas saliencias que o artista de proposito deixou, para indicar aquellas partes; a bocca fende-se proporcionalmente; os beiços estão bem definidos, e as natatorias peitoraes pegadas, como a sahir de sob os operculos das guelras, revelam o mesmo cuidado de exactidão por parte do artista, que cavou circularmente os olhos, cortados a meio pela linha imaginaria que se tirasse do fim da abertura dos operculos à extremidade da bocca. As pupillas fingiu-as elle com uma materia (resina vegetal?) preta vidrenta que a pessoa a quem devo este importante exemplar destruiu, com curiosidade de ver o que seria, segundo confessou-me. Entretanto no do lado esquerdo ainda ha uma pequenina porção da tal massa. Tambem está destruida á faca, e pelo mesmo individuo, a parte extrema da natatoria dorsal e do dorso junto á cauda.

O peixe, como era natural, apresenta o mesmo aspecto de qualquer lado que se o considere, sendo que tem o direito mais achatado do que o esquerdo, em virtude, certamente, de ser aquelle sobre que esteve, quem sabe por quantos annos, sinão seculos? deitado. Olhado perfectamente de frente, não menos bem acabado se mostra, observando-se então quanto é regular o desenho da bocca e o traçado dos operculos branchiaes.

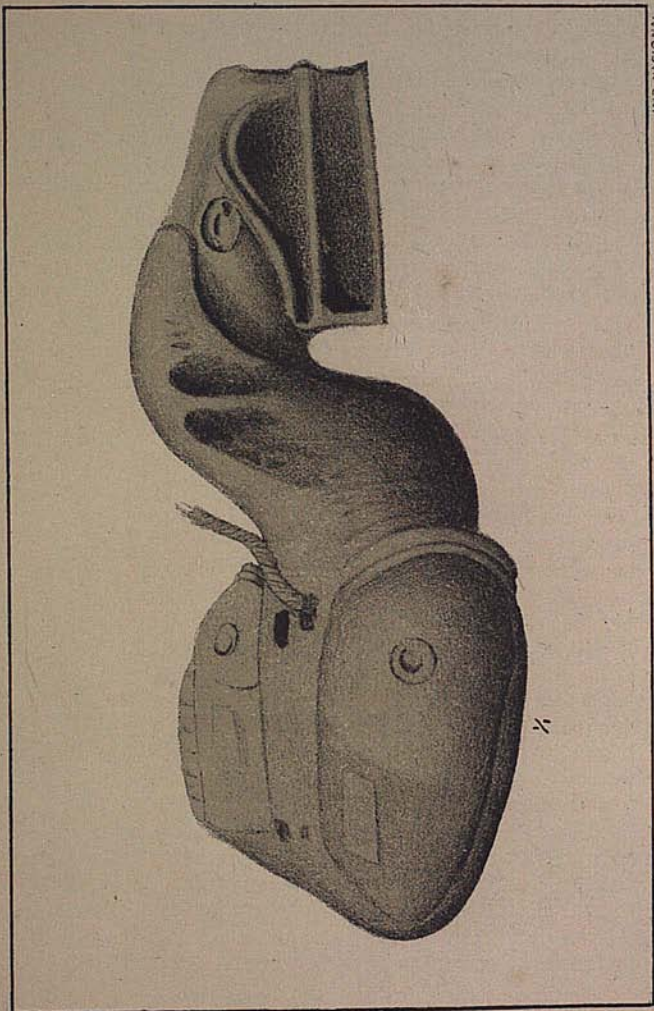
Ha, entretantó, nelle alguns traços fantasistas que não sei absolutamente explicar, nem pertencem ao animal do qual é copia, e tanto mais difficeis de comprehender que não guardam a mesma harmonia ou symetria das outras partes. Assim os do lado esquerdo descem parallelamente e em curva do centro das natatorias dorsaes,

um singular talento de obser-
vado o estado de civilização.
Neste foi olvidado. Os operculos
perfeita e regularmente, as
caudaes são muito bem in-
culares abertos com um in-
guçada e forte, nas saliencias
fixou, para indicar aquellas
proporcionalmente; os beiços
torias peitoraes pegadas, como
as guelras, revelam o mesmo
e do artista, que cavou cir-
a meio pela linha imaginaria
tura dos operculos á extre-
as fingiu-as elle com uma
ta vidrenta que a pessoa a
templar destruiu, com curio-
ndo confessou-me. Entretanto
a uma pequenina porção da
ruída á faca, e pelo mesmo
a natatoria dorsal e do dorso

, apresenta o mesmo aspecto
considere, sendo que tem o
o esquerdo, em virtude, cer-
que esteve, quem sabe por
s? deitado. Olhado perfeita-
s bem acabado se mostra,
e regular o desenho da bocca
anchiaes.

guns traços fantasistas que
r, nem pertencem ao animal
mais difficeis de comprehender
harmonia ou symetria das
ndo esquerdo descem paralle-
ntro das natatorias dorsaes,

EST. VIII.



IMP. NACIONAL

IDOLO DA PESCA

começando em
inclinando-se
formar um J
a largura 0m,0
porém, cortad
o é em dous l
laremos mais

Os do lado
figuram como
maior e outra
occupa (a se
superior do p
natação dora
cauda de outr
medida não pe

Adiante a
Thereza, o q
foram os dou
com um diam
isso, porque
achado pelo S
eu tinha a ve
fetiche dos pe

Destes id
na mesma reg
porém ignora
foram remett

Pela orde
esculpido em

Posto qu
de dous peix
peixes são da
dicar que são

Barr. Rodr. e Sá

começando em cima com uma separação de 0^m,18 e inclinando-se para a direita, onde vão acabar depois de formar um J com o appendice voltado para a direita, com a largura 0^m,003. As duas linhas que formam este J são, porém, cortadas em partes, principalmente a inferior, que o é em dous lugares, pelos buracos circulares de que falaremos mais adiante.

Os do lado esquerdo (V. na Est. as linhas pontuadas) figuram como as metades de duas ellipses, sendo uma maior e outra menor dentro desta. O eixo da segunda que occupa (a semiellipse) exactamente o centro da parte superior do peixe não pôde ser maior de 0^m,32 e o da natatoria dorsal de um lado e dos limites do dorso com a cauda de outro, até quasi a barriga do peixe, deve ter (a medida não pôde ser absolutamente exacta) 0^m,85. »

Adiante accrescenta: « Quando recebi da ilha Maria Thereza, o que mais impressionou a minha attenção foram os dous furos circulares que tem abertos no centro, com um diametro de 0^m,010. Com effeito havia razão para isso, porque taes furos fazem no similar perfeito do outro achado pelo Sr. Barbosa Rodrigues e indicavam que o que eu tinha a ventura de descobrir era, como aquelle, um fetiche das pescarias. »

Destes idolos pisciformes, segundo me informaram, na mesma região, foram encontrados mais dous ou tres, porém ignoro qual o destino que tiveram, apenas sei que foram remettidos para o Rio de Janeiro.

(Estampa VIII.)

Pela ordem dos achados, este é o segundo, também esculpido em steatite de um bello cinzento-azulado.

Posto que o grupo forme uma trindade, composta de dous peixes e uma tartaruga, vê-se comtudo que os peixes são da mesma especie e ahí estão duplos, para indicar que são dos de cardume, não formando pois o idolo



IDOLO DA PESCA

mais do que um conjunto de duas especies, isto é, dous espiritos, sendo um victimado, como se deprehe de da *expressão sinistra*, como bem diz o Sr. Dreneuc, que se nota na cabeça do chelonio, que indica medo e dôr. Sempre o dualismo mexicano.

O professor Dreneuc, tratando delles assim se exprime: (1) « Le poisson figuré dans l'étude de Mr. José Verissimo est absolument semblable comme execution aux deux poissons de notre tortue.

« Cette ressemblance est aussi frappante que si la même main d'artiste avait sculpté ceux deux objects. Il y a affinité indéniable. »

A composição do grupo vem justificar o que disse sobre o genero do peixe que representa o segundo idolo do qual acabei de tratar. Para mim o casco da tartaruga formado pelos peixes quer indicar que o chelonio acha-se preso por um cardume de piranhas que o devora, a piranha *chidaua*, branca, dos lagos.

E' o unico peixe que poderia atacar e offender uma tartaruga, que é sabido que só por peixes pequenos poderá ser devorada, porque para livrar-se dos grandes tem a summa vantagem de recolher as patas e a cabeça dentro do casco, que assim ficam salvas das dentadas dos grandes. Que peixes pequenos existem que sejam vorazes e ousados para atacar uma tartaruga? Nenhum, a não ser as diversas piranhas (1) que atacam em todas as posições, podendo entrar pelas aberturas do casco para devoral-a.

A piranha é o *cauré* das aguas.

Este pequenino e atrevido rapace, fendendo os ares, atira-se ás maiores aves, agarra-se a ellas em logar que não possa ser offendido, geralmente sob as azas, e começa

(1) Obr. cit., pag. 14.

(1) Entre outras e especies ha no Amazonas os *Serrasalmus piraya*, *gibbus*, *rhombeus*, *humeralis*, *nigricans*, *aureus*, todos conhecidos por piranha, sendo a mais perigosa a primeira, que foi tambem classificada por *Pygocentrus piraya*.

de duas especies, isto é, dous
nado, como se deprehe de da
bem diz o Sr. Dreneuc, que
onio, que indica medo e dôr.
no.

atando delles assim se exprime:
s l'étude de Mr. José Verissimo
le comme execution aux deux
est aussi frappante que si la
sculpté ceux deux objects. Il y

o vem justificar o que disse
ue representa o segundo idolo
Para mim o casco da tartaruga
indicar que o chelonio acha-se
piranhas que o devora, a piranha

poderia atacar e offender uma
só por peixes pequenos poderá
a livrar-se dos grandes tem a
er as patas e a cabeça dentro
alvas das dentadas dos grandes.
n que sejam vorazes e ousados
ga? Nenhum, a não ser as
atacam em todas as posições,
ras do casco para devoral-a.
s aguas.

ido rapace, fendendo os ares,
garra-se a ellas em logar que
almente sob as azas, e começa

azonas os *Serrasalmus piraya*, *gibbus*, *rhombus*
conhecidos por piranha, sendo a mais perici-
cada por *Pygocentrus piraya*.

a devoral-as mesmo no vôo, até que exhaustas ou mortas
cáiam, para servir-lhe de pasto.

Uma tartaruga ferida em poucos momentos é des-
truida pelas piranhas.

Si bem que o professor Sauvage, do Museu de Paris,
consultado pelo Sr. Dreneuc, acredite serem os peixes
que formam os cascos da tartaruga representantes dos
cichlas ou *crenichlas* da familia das *chrochideas*; com-
tudo, conhecendo eu a fauna amazonense e os habitos
de seus representantes, inclino-me a crêr que esses peixes
são *serrasalmus* e não *cichlas*.

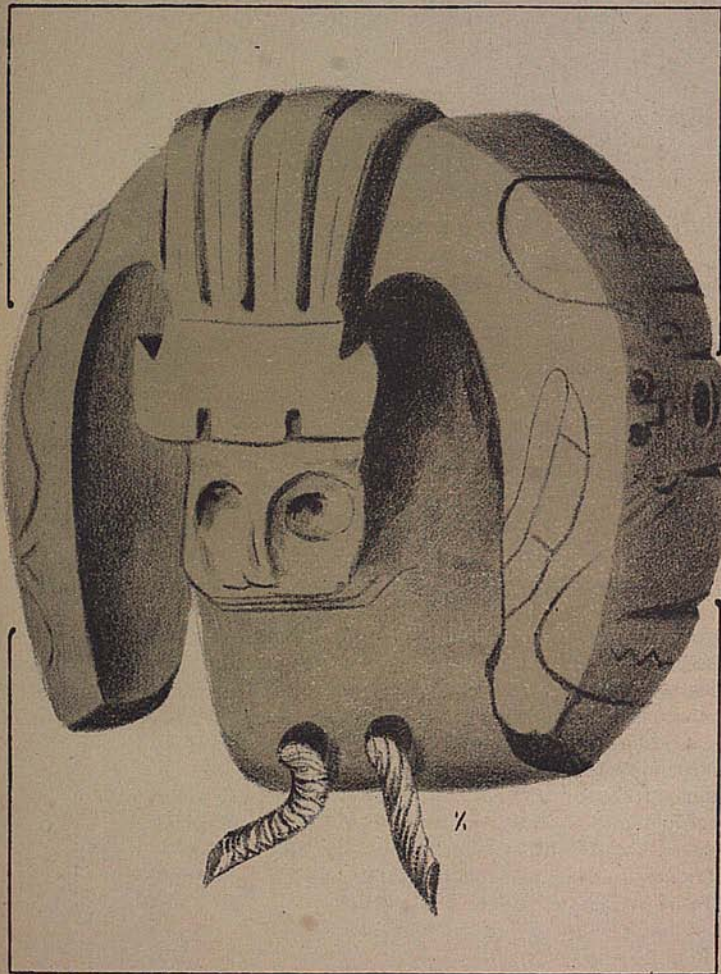
Estas, posto que vorazes, são inoffensivas e mui dis-
tinctas pelas suas fórmulas e tamanho; são os saborosos *tuku-
narés*, divididos em varias especies, como as *cichlas mono-
culos*, *temencis*, *multifasciata lacustris conibos*, etc. (1)

Não tendo tido em minhas mãos o original que foi
achado em uma das margens do lago Çapukuá, e re-
mettido para Nantes pelo Revd. padre Cullere, limito-me
á descripção do mesmo Sr. Dreneuc:

« Le genie de la pêche est symbolisé dans la tortue,
dont l'existence mystérieuse au fond des eaux ne se trahit
que par les débris des poissons et les poumons ensan-
glantés qui surnagent après ses victuailles clandestines. Par
une ingénieuse disposition le corps de la forme de deux
poissons tournés sur le côté, de façon que la ligne dorsale
dessine le bord anguleux de la carapace, tandis que les
nageoires et les caudales servaient à représenter les pieds
de l'animal. On voit aisément qu'en rapprochant ventre à
ventre deux poissons, on obtient une forme ovale sculifor-
me, qui rappelle tout à fait celle d'un Chélonien: C'était
du reste une coutume, observée dans les statuettes de ce
genre de figurer tout à la fois l'être qui personnifie la
chasse ou la pêche, et les animaux qui sont ses victimes.

(1) Os indios distinguem-os pelos nomes de *Tukunaré pitanga*, *uaçu*, *pinima*, etc.

EST. IX



Barb. Madr. cap. de Dreneue.

IDOLO PROTECTOR

O qu
que pare
maior lu
os propr
para a A

Este
achado e
para o m
vigario e

Com
cripção
bascadas
feitas est

Escr

« De
centre u
Les mach
d'un vol
lets. Les
phérique
et resine

« Un
le front,

III

IDOLO PROTECTOR

(Estampa IX.)

O quarto idolo que se achou é o mais phantastico e o que parece mais enygmatico, porém o que, quanto a mim, maior luz derrama sobre a questão em que são testemunhas os proprios idolos e os myrakytās, a emigração asiatica para a America.

Este idolo, como os antecedentes, é de steatite, foi achado em uma das margens do rio Trombetas e remettido para o museu de Nantes pelo mesmo Sr. padre Cullerre, vigario de Obidos.

Como não o visse, apenas transcreverei aqui a descripção do professor Dreneuc, fazendo observações proprias, bascadas no estudo do mesmo professor e nas suas bem feitas estampas.

Escreve o professor Dreneuc :

« De forme demi circulaire, cette pierre représente au contre une tête sculptée haut relief une arcature cintrée. Les machoires sont taillées carrément et rapellent la forme d'un volume dont la reliure dépasse la tranche des feuillets. Les yeux sont représentés par deux cavités hémisphériques, remplis dans le principe par une substance dure et resinouse dont il reste quelques traces.

« Une plaque relevée en pointe à chaque bout couvre le front ; elle est surmontée de quatre bandes qui tournent



le bord de la pierre et viennent se réunir sur la partie opposée. Cet ornement rapelle certains diadèmes des statues assyriennes.

« Les côtés extérieurs du cintre qui encadre la tête, et forme une saillie de 15 millimètres, sont décorés symétriquement d'un dessin bizarre : une figure humaine, avec de longues oreilles ornées de pendants, en occupe le centre.

« Les bras se replient comme deux serpents ; ils sont fendus et dentelés à leur extrémité de façon à figurer les pattes d'un crabe. La bouche ouverte, les yeux arrondis et rapprochés, donnent à ces figures une expression d'effroi ou de douleur.

« La base de la pierre se prolongue au-delà du cintre en une sorte d'amortissement réparé par deux échancrures ; dans cette plaque sont forés les deux trous de suspension. Ils ont le même écartement que dans les autres idoles de pêche et leur diamètre est de 15 millimètres. Notons qu'ils sont placés de façon à ce que la pierre, si on la suspendait, devait présenter la figure centrale renversée. La face opposée est plate, avec un léger relief seulement sur les bords. Un dessin qui affecte la forme d'une serpente en occupe le centre ; ses enroulements se tendent au sommet de la pierre et viennent se perdre dans ornements latéraux. La largeur de l'objet est de 15 centimètres, sa hauteur de 13 centimètres et son épaisseur de 55 millimètres. Elle est en roche d'un aspect marmorien, d'un ton gris ocreux avec des veines rouges. »

Vimos o que pensa o Sr. Dreneuc, agora que seja tambem permittido estudar a peça archeologica e consideral-a como naturalmente ella me impressiona.

Nas minhas mãos encarando-a, se me apresenta como verdadeiro *Qabowil*, o idolo Quiché, filho da mythologia do Oriente, eivado de reminiscencias da *Deusa Mãe*, *Senhora do Céu*, a Isis, ahi representada pela serpente, a *mãe da criação*, que amamentou Baccho, Apollo e Apis, o *sol da antiguidade pagã*, avô da raça americana.

O id
radura, c
cabeça d
elle, enr
sentado
duas fig
e por br
Amb
dôr e pa
A fô
licas, cla
que não
que reve
é da pat
Em r
ferradura
lisa algu
Indaguen
Em r
vemos na
gura ma
E' a fórn
golpo de
e do Yuc
lares, ter
apresenta
ou a de
Esta
Mr. Aubi
tambem d
em caract
Referê
nador, o

O idolo, como o encaro, representa uma perfeita ferradura, ou um sistro, tendo no centro da parte curva uma cabeça de serpente coroada, cujo pescoço dobra-se sobre elle, enroscando-se o corpo na parte inferior, sendo representado este apenas por linhas. Nos lados do sistro veem-se duas figuras humanas gravadas, representadas por caras e por braços curvados.

Ambas, de bocca aberta, apresentam uma expressão de dôr e parecem oppressas por um grande peso.

A fôrma do idolo, que reúne as tres figuras symbolicas, claro me explica a sua origem e mais me convence que não estou em erro, quando affirmo que a civilisação, que revelam os monumentos archeologicos do Amazonas é da patria dos reis Magos.

Em primeiro logar me occuparei da sua fôrma, a de ferradura. Seria ella um fructo da phantasia ou symbolisa alguma cousa? E' fôra de duvida que symbolisa. Indaguemos.

Em multos symbolos que representam mythos Nahuas, vemos na sua esculptura e na sua pictographia essa figura mais ou menos modificada, mais ou menos ornada. E' a fôrma symbolica da linha que contorna o littoral do golpho do Mexico, a terminar nas peninsulas da Florida e do Yucatan. Abstrahindo-se das duas curvas peninsulares, teramos uma ferradura, e se não abstrahirmos apresentará tambem essa linha a fôrma de um colchete ou a de um sistro.

Esta figura na pictographia Asteca significa, segundo Mr. Aubin, ⁽¹⁾ *volta, curva, torsão*, mas symbolisa a forma tambem de colchete ou ferradura, e só quando se apresenta em caracter celestial é adornada de plumas altas.

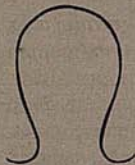
Referindo-me ao idolo, vejo nelle o *Gucumatz*, o dominador, o creador, ou a *serpente adornada de plumas*,

(1) *Mém. sur la peint. didactique et l'écrit. figurative des anciens méxicains*, pag. 58.

symbolisado no objecto de que me occupo, pela cabeça da serpente tambem coberta por um capacete de plumas, tendo lateralmente, nas figuras humanas, os espiritos de *Xmucané* o avô da raça, o conservador e *Xpiyacoc*, a avô da raça, a protectora, ambos os que por excellencia *dão encantos, adivinhão, o pae e a mãe do sol*, avós das raças que habitão as duas Americas, filhas deste e das serpentes.

Para mim deverá ser um *idolo sagrado*, aquelle que protegia os homens, o que lhes promettia a *volta* á terra que haviam deixado, porque dominados os espiritos pelo que tem o poder supremo, presa ficaria a sua raça á patria primitiva pelo pensamento, o que lhes faria não esquecer-a para a ella voltar.

Essa curva symbolica era, pois, um *porte-bonheur* e como tal foi tambem o contorno linear do golpho do Mexico, como bem observa Brasseur de Bourbourg. ⁽¹⁾ Essa forma, enlaça, com effeito, varios mythos das cercanias desse golpho que atravessaram, depois de deixar a patria mãe, para adoptarem a terra banhada pelas aguas que essa linha fecha.



No centro dessa mesma curva, si traçarmos quatro linhas symbolicamente dispostas, teremos uma cara de aspecto feminino.

(1) *Quatre lettres sur le Mexique*, pag. 267.

o, pela cabeça da
e de plumas, tendo
piritos de *Xmucané*
oc, a avó da raça,
cia *dão encantos*,
das raças que ha-
das serpentes.

rado, aquelle que
tia a volta á terra
os espiritos pelo
sua raça á patria
faria não esque-

n *porte-bonheur* e
o golpho do Mexico,
g. (1) Essa forma,
s cercanias desse
ixar a patria mãe,
guas que essa linha

traçarmos quatro
os uma cara de as-



Si aperfeiçoarmos a curva, completando os cabellos, teremos a *calantica*, a cabelleira symbolica da cabeça de Isis, (1) que atravessou a Asia e foi ao Egypto como *mãe do céu e deusa mãe*.



Na America a *creadora*, a *secundadora*, a *dominadora* é symbolisada igualmente por essa *serpente poderosa*.

As figuras da joven Isis, alimentando o filho, são representadas tendo na cabeça um sistro, em forma tambem de colchete ou ferradura, e, só quando se apresenta em caracter celestial é adornada de altas plumas.

Como curva symbolica e como *porte-bonheur* foi nos tempos primitivos da Asia ao Egypto, á Grecia e á Roma e chegou mesmo até nossos dias representada ainda na ferradura do cavallo, que apanhada nas ruas traz a felicidade para aquelle que as apanha.

(1) Os symbols de Isis são: a serpente, a flor do lotus, o sistro, etc.

Os ourives hodiernos ainda hoje fazem esse *porte-bonheur* em alfinetes, medalhas, berloques, etc. E' até publico que o grande politico allemão, o principe de Bismark, sobre a sua mesa de trabalho, no seu gabinete e na sua sala principal, guardava ferraduras velhas e servidas, das que os animaes deixão cahir pelas ruas.

Vemos, portanto, no idolo amazonense a superstição asiatica, ligada pelos mexicanos á forma do golpho do Mexico e á do sistro, que nos prova que os habitantes dos lagos do rio Trombetas tinham as mesmas crenças dos do lago Nicaragua.

Esse idolo, amarrado á prôa das suas embarcações, não *pendentes*, como diz Dreuneuc, porém erguidos, a apresentar naturalmente a figura da serpente, deverá proteger os portadores contra os inimigos, levando estes sempre de vencida, afim de poderem voltar a Tulã, a terra onde o sol nasce, e onde sepultados jaziam os avós da raça.

Bem diz o Sr. Dreuneuc, chegando todavia a uma conclusão diversa da minha: « De ces observations on peut inférer qu'il a existé dans la région du bas Amazone tout au moins, une race relativement avancée en civilisation.

On ne crée pas des emblèmes sacrés aussi compliqués que ceux dont nous avons parlé, et surtout on ne les exécute pas avec une telle puissance d'art hiératique sans un réel développement. Il faut des castes, une aristocratie, toute une organisation sociale pour expliquer de telles conceptions symboliques. »

Essa raça é a que ainda hoje existe decadente e na barbaria, e o que me leva a assim exprimir-me são os proprios idolos e os *muyrakytäs*, esses irmãos siamezes, unicos documentos palpaveis que temos, que a meus olhos se transformam como se os visse pelo espelho magico de *Tetzcatlipoca*, do *mytho pahua*.

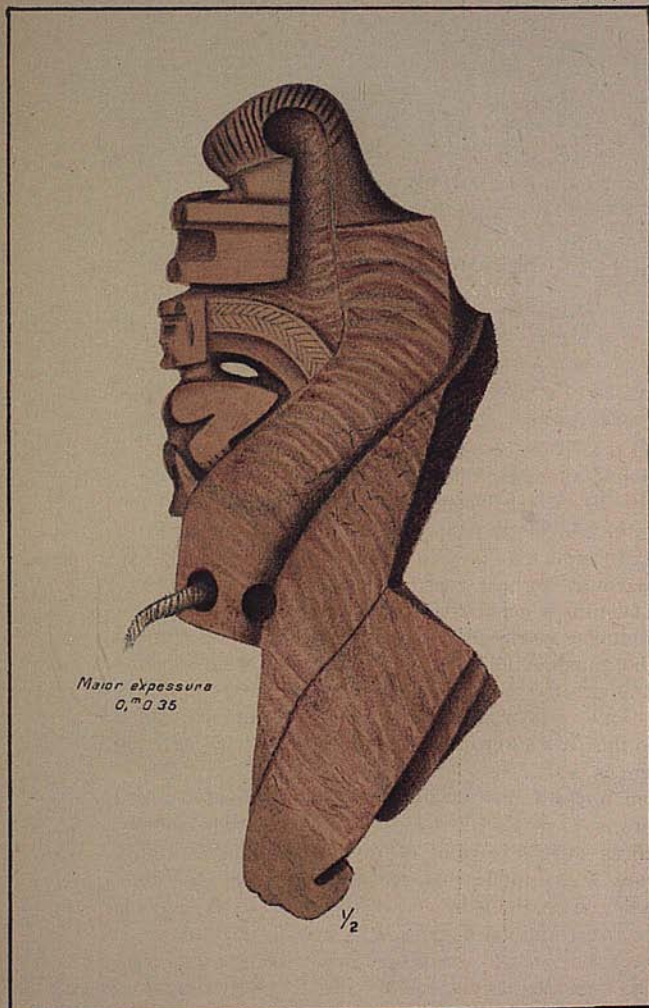
fazem esse *porte-bo-*
tes, etc. E' até pu-
principe de Bismark,
abinete e na sua sala
servidas, das que os

se a superstição asia-
o golpho do Mexico
antes dos lagos do rio
os do lago Nicaragua.
as embarcações, não
n erguidos, a apre-
nte, deverá proteger
vando estes sempre
Tulã, a terra onde
os avós da raça.

ndo todavia a uma
observations on peut
u bas Amazone tout
ncée en civilisation.
rés aussi compliqués
out on ne les exécute
atique sans un réel
e aristocratie, toute
quer de telles con-

iste decadente e na
expressir-me são os
s irmãos siamezes,
os, que a meus olhos
o espelho magico de

EST. X.



Maior espessura
0, m 0,35

$\frac{1}{2}$

Barb. Rocr. des. dep. nat

IMP. NACIONAL

IDOLO DE FECUNDIDADE

u ma
lisac

os m
a tr

idolo
carn
do v
panh
secu
nhar
cons

a na
as c
os sy
por
asiat
D
que

V

IDOLO DA FECUNDIDADE

(Estampa X.)

Ao cair-me nas mãos este idolo, rasgou-se, para mim, u ma grande parte do véo que encobre o mysterio da civilisação ante-colombiana do Amazonas.

Veio elle, acareado com os outros, esclarecer aquillo que os muyrakytás me tinham dito e me referiram as lendas e a tradição oral.

Falando as rochas transformadas em amuletos e em idolos, falaram a *nephrite*, a pedra divina, e a *steatite*, a carne humana petrificada, como representantes das crenças do velho mundo e unisonas, declararam que foram as companheiras e protectoras daquelles valentes *Karas*, que muitos seculos antes de Christo se espalharam pelo mundo, caminhando uns para a Europa e outros para a America, levando comsigo os seus deuses e talismãs.

Com o correr dos seculos, com os cruzamentos, com a natureza de meios differentes em que se estabeleceram, as crenças se modificaram, os mythos se multiplicaram e os symbolos se complicaram, conservando todavia os traços, por assim dizer, de familia que os prende á mythologia asiatica, que originou a egypcia, a grega e a romana.

Neste idolo se vê a *cobra grande*, da crença hodierna, que tem symbolos no firmamento e na terra, que figuram

nas suas lendas astronomicas e zoologicas, a mãe fecundadora da humanidade, a Maya, Hindu, a Isis, da antiguidade que amamentou Horus, Apollo e o Touro Apis; a que no Amazonas deu fecundidade ás mulheres virgens, das quaes uma foi mãe de Izi ou Bokan, o avô da raça do Uaupés, pelo que vejo neste idolo o espirito poderoso da fecundação.

Em todos os tempos do paganismo, a serpente representou um symbolo religioso, ligado ás orgias e á luxuria. Desde o paganismo asiatico até o grego e o romano, o seu papel foi orgiaco. De Isis, Osiris, Ceres, Vesta, pelas bacchantes e pela Dea phallus, até Eva, a orgiaca biblica, se encontra a serpente symbolisando o povo. Na America, *Cohuatl* (1) está ligada ás scenas de prostituição e aos phallus.

Antes de descrever o idolo como o interprete, devo transcrever o que sobre elle escreveu o Dr. Manoel Francisco Machado, pelo *Jornal do Commercio*, em 11 de novembro de 1890.

«E', diz o referido Dr. Machado, um idolo amazonico encontrado, cerca dedous annos, á margem do lago Jacupá, entre o lago Sapukuá e o rio Trombetas, no sitio denominado Boa-Vista de Sant'Anna, da propriedade de Vallerio de Sant'Anna, logar esse que immerge nas grandes cheias. (2)

«Figura o idolo *um peixe, tendo na boca uma mulher* tomada pelas costas, na posição de quem acha-se acocorada, apoiando-se sobre as pernas, encaxadas a meio e sobre as mãos arrimadas á *mandibula inferior do peixe*.

A pedra é polida, dura, pesada e fria; a còr é roseada, sendo em certos logares mais pronunciada que em outros,

(1) *Cohua*, cobra *oatl*, cobra d'agua; *yboia* dos tapuyas.

(2) Não fazia nota alguma, aqui, se não fosse obrigado para um esclarecimento que se refere á localidade do achado. Tive noticia deste idolo quando em viagem do Amazonas para o Rio de Janeiro em maio de 1890. Foi meu companheiro de viagem o cearense Antonio Domingos de Araujo, morador no rio Trombetas, o qual, em conversa commigo, sabendo que eu procurava objectos archeologicos e me interessava por todas as figuras de pedra, nessa occasião descreveu-me o idolo em questão, que possuia e lho servia de peso para papeis da sua casa commercial. Afirmou-me ter sido achado nas terras pretas da margem esquerda do lago Yuquery-morim em agosto de 1889, junto a dous grandes machados de pedra; seguia esse senhor para Gurupá.

onde ás vezes é mais escura e ás vezes mais clara; tem as ondulações do marmore, as quaes em algumas partes mais expressivas se tornam, fazendo sobresahir o polido da pedra.

A parte da peça artistica, que figura o ente que o peixe abocca, representâ evidentemente uma mulher e se verifica pelos seios, longos cabellos, que, enfeixados e desprendidos, vão sendo tragados e, principalmente, pelo delta traçado em sulcos, que são tosca, mas claramente suggestivos.

O artista burilou-os, peixe e mulher, em bloco inteiro que, infelizmente, ficou reduzido a quatro pedaços, tres dos quaes (as extremidades e o centro correspondente á parte inferior) acham-se em seu poder, faltando apenas a parte superior do centro, na extensão de 0,12^m a começar da extremidade superior da columna vertebral.

Mede o todo de comprimento 0,28 e em sua maior largura 0,09. A figura de mulher em sua maior extensão mede 0,069.

Tem os orificios caracteristicos nos seus congeneres denominados — idolos de pesca — Abaixo desses orificios, que são dous, ha na pedra um desbaste em todo o resto della, na extensão de 0,08, sendo na parte superior o golpe dado irregularmente; parece destinado a ser por ahi adaptado a um ponto fixo.

Ha em todo elle a notar-se: primeiro, que sulcos que desenham o orgão sexual *não parecendo do mesmo artista e só posteriormente accrescentados*; segundo, *um buraco ao lado direito da cabeça do peixe no lugar onde devêra achar-se um dos olhos*, mas sem o correspondente ao lado opposto, o que torna sobremodo singular; e, a não ser um defeito da pedra que o artista apenas aproveitou, dando-lhe o feitio de uma orbita, pôde mui bem guiar o erudito no descobrimento da idéa que o todo representa.

Acerca de tão curiosa peça, depois de cuidadosamente examinada, o meu illustre amigo o Rvdm. padre Augusto João Maria Cullerre, vigario da parochia de Obidos, a meu

pedido, exprimio-se elle em carta que me dirigio, nos seguintes termos :

« V. me pede o meu parecer acerca do precioso achado encontrado nas terras visinhas do lago Sapukuá. Depois de ter vacillado um pouco, não possuindo dados solidos e guiado só pelo instincto archeologico, atrevi-me a explicar a esphinge. Communico a V. as minhas impressões como se estivesse conversando confidencialmente. Não imponho as minhas idéas *ex cathedra*, desculpará a minha franqueza, que é filha da minha boa vontade, e nada mais.

« O grupo singular que V. tem a fortuna de possuir, me parece ser da mesma escola que os dous idolos de pesca que mandei ao Sr. P. de Lisle du Dreneuc, conservador do muséo archeologico de Nantes, cuja descripção foi publicada por elle em 1889 e que communiquei a V.

« A esculptura que V. possui representa uma mulher nua, assentada e acocorada com uma especie de *tiára asiatica*. *Um enorme peixe que julgo ser um bôto*, lhe serve de encosto e parece protegê-la.

« O monstro não tem attitudo de quem quer devorar a presa, ao contrario, o focinho recurvado tem alguma cousa que inculca respeito. O ar de quietude magestosa da mulher coroada, a sua singular posição, sua nudez, as tranças do cabello e os braços rudimentarios, adherindo de cada lado do ventre do animal, tudo me leva a pensar que o peixe é *uma allegoria* representando o lago, dominio da mãe do *muyrakytã*, ou mãe-d'agua dos indigenas.

« Não me dou como infallivel; minha affirmacão não passa de uma simples conjectura filha da intuição, e nada mais. Penso que a mulher assentada representa *Chalchihuitls*, mãe do *Muyrakytã* do Mexico, deusa dos lagos e dos rios, o *Kurumú* dos Caraibas ou *Karaibas*, a *Mamá Yacú* dos peruanos. Emfim, a vista dos dois buracos destinados pelo esculptor a fixar figura na prôa de uma embarcação, me parece ser um idolo de pesca. O que me eva a pensar assim é a semelhança, que existe entre essa

esculptura curiosa e os idolos da pesca achados nas mesmas paragens, outr'ora habitadas pelas Ikamiabas. As feições severas do rosto, as linhas bruscas da esculptura, tudo indica a mesma escola e a mesma destinação. A pedra em que está esculpida a figura differe da dos outros idolos: foi tallada em um pedaço de grés côr de rosa. Affirmar que a obra é de um artista auhtoctono não é possível; entretanto, pode-se suppor que o esculptor trouxe consigo ou recebeu noções da arte de gente vinda do Mexico ou da America Central ou do Perú e que por falta de quartzo ou de *Amazonstone*, empregou o grés, pedra commum nas margens do Trombetas e seus affluentes. Considerando com attenção o feitio *sui-generis* e o numero dos idolos de pesca achados quasi no mesmo logar, se pode julgar que o Sapucua e regiões vizinhas foram habitadas por uma população relativamente civilisada. O estado selvagem não produz esculpturas semelhantes.

« A que onda emigratoria pertencia a tribu, em que seculo veio?

« E' provavel que os Karaiabas, esses Phenicios da America do Sul, não foram extranhos á vinda della para o Amazonas.

« O Sapucua é ameno, piscoso, os campos povoados de caças, a terra fertil, o Trombetas, a proximidade, tudo leva a pensar que os emigrados, acossados, se fixaram nessa paragem, visto acharem ali recursos abundantes, para supprirem as necessidades da vida. O erudito Dr. J. Barbosa Rodrigues, fallando de um idolo de pesca achado no districto de Obidos, disse: «E' fóra de duvida que os esculptores idolatras de Pensacola e de Nicaragua foram os mestres do esculptor brasileiro. Não temos bases para garantir que o dito idolo fosse esculpturado no proprio Amazonas, ou algures; apenas podemos affirmar que foi achado soterrado no mesmo logar do Muyrakitã do lago Kurumú, deus das aguas. »

« Só me resta, Sr. doutor, repetir o que escreveu o sabio archeologo brasileiro, a esperar que novas desco-

bertas venham dar algum valor ás minhas fracas asserções, confirmando-as.

« Julgo ter respondido ás perguntas que V. me fez, peço-lhe que desculpe a fraqueza dos argumentos deste seu venerador — Padre *Augusto João Maria Cullerre*, vigário de Obidos — Baixo-Amazonas, Obidos, 14 de outubro de 1890. »

Por este artigo ficará o leitor conhecendo opiniões do Dr. Machado e do Rev. Padre Cullerre, dos quaes me affasto inteiramente, depois de ter bem estudado a estatuetta que photographiei e tirei uma aquarella de tamanho natural.

Sinto dizel-o; porém, nada do que ambos dizem se vê no referido idolo; e muito desculpavel é isso, porque ambos, posto que muito illustrados, não teem a pratica precisa de estudos archeologicos, nem o habito de observação indispensavel, para criteriosamente julgar esse monumento.

Posto que muito phantasiado, comtudo, não ha ninguem que possa ver na figura total do idolo, nos seus relevos, nas suas linhas, forma alguma que indique peixe por qualquer lado que seja encarado, a não ser um *Ophichilus* de Dumeril.

Se bem que o todo seja achatado e as linhas quebradas e não curvas, excepto na figura da mulher, e pescoço da serpente, comtudo vê-se claramente uma figura humana do sexo feminino, que, de cocoras, com os braços encolhidos, empurrando com os cotovellos e as mãos voltadas, forcejando para melhor repellir o baixo-ventre de um ophidio gigante, que de bote armado, com o pescoço incurvo, tem a cabeça horizontalmente sobre a da mulher, que de olhos arregalados e a bocca aberta, com os labios distendidos, parece gritar, transida de medo e de horror. Esta tem a cabeça coberta por um véo que toma a testa e os lados como os que cobrem as cabeças das figuras da Isis egypciaca e apresenta de cada lado como que duas tranças de cabello, mas que julgo ser antes duas plumas, pela sua posição e forma.

Tem
bem fig

A s
tem qu
um pes
repres
rada e

O i
do centr
idéa rep
o que fa

O c
vulto h
uma ca
as mãos
ser a de

Par
por isso
hombros
vessam

idolo er
ás emb
sulco qu
posterior
quando
para a

A p
cópula
O r
vontade

se sujeit
conserva
a morda
Não
como a
mostra

minhas fracas asser-

tantas que V. me fez,
s argumentos deste seu
ria Cullerre, vigario de
4 de outubro de 1890. »
onhecendo opiniões do
erre, dos quaes me af-
estudado a estatueta
a de tamanho natural.
ue ambos dizem se vê
pavel é isso, porque
s, não teem a pratica
em o habito de obser-
mente julgar esse mo-

, comtudo, não ha
tal do idolo, nos seus
ma que indique peixe
a não ser um *Ophi-*

e as linhas quebradas
mulher, e pescoço da
uma figura humana
com os braços enco-
s e as mãos voltadas,
baixo-ventre de um
o, com o pescoço in-
e sobre a da mulher,
aberta, com os labios
de medo e de horror.
véo que toma a testa
abeças das figuras da
lado como que duas
er antes duas plumas,

Tem os seios arredondados e erectos, e a parte pudenda bem figurada por meio de linhas.

A serpente, cujo corpo é todo phantastico e que nada tem que se assemelhe ao de um ophidio, acaba, todavia, em um pescoço com escamas e em uma cabeça bem figurada, representando bem o de uma serpente de bocca escancarada e olhos abertos distendidamente.

O idolo está incompleto, faltando um grande pedaço do centro para o lado posterior, mas que nada influe na idéa representada, nem desfigura o animal representado, o que falta o completaria apresentando a cauda.

O conjuncto todo do idolo parece antes representar um vulto humano, com pescoço e cabeça de cobra, envolto em uma capa de mangas, que de braços cahidos segura com as mãos a figura da mulher em uma posição, que parece ser a de quem pratica o acto que reproduz a especie.

Parece, com effeito, que isso o artista quíz indicar e por isso figurou dous longos braços, com os respectivos hombros. Os braços teem dous furos paralelos, que atravessam a estatueta de lado a lado, mostrando estes que o idolo era usado como todos os anteriores para ser preso ás embarcações por meio de cordoalha. Assim é que o sulco que forma a linha que contorna os braços, pelo lado posterior, tem tambem por fim prender a corda para que, quando amarrado não escapasse e deixasse a figura pender para a frente, em vez de conservá-la de pé.

A posição das duas figuras é critica e symbolisa uma cópula contra a natureza.

O monstro parece ter agarrado a mulher contra a vontade desta e consummar um acto a que ella não quer se sujeitar, emquanto elle a ameaça para que se entregue, conservando sobre a sua cabeça as fauces abertas promptas a mordel-a.

Não só a expressão do rosto indica estar ella horrorizada, como a posição dos braços, voltados para traz claramente mostra que repelle o monstro empurrando-o com terror,

VI

IDOLO DOS COMBATES

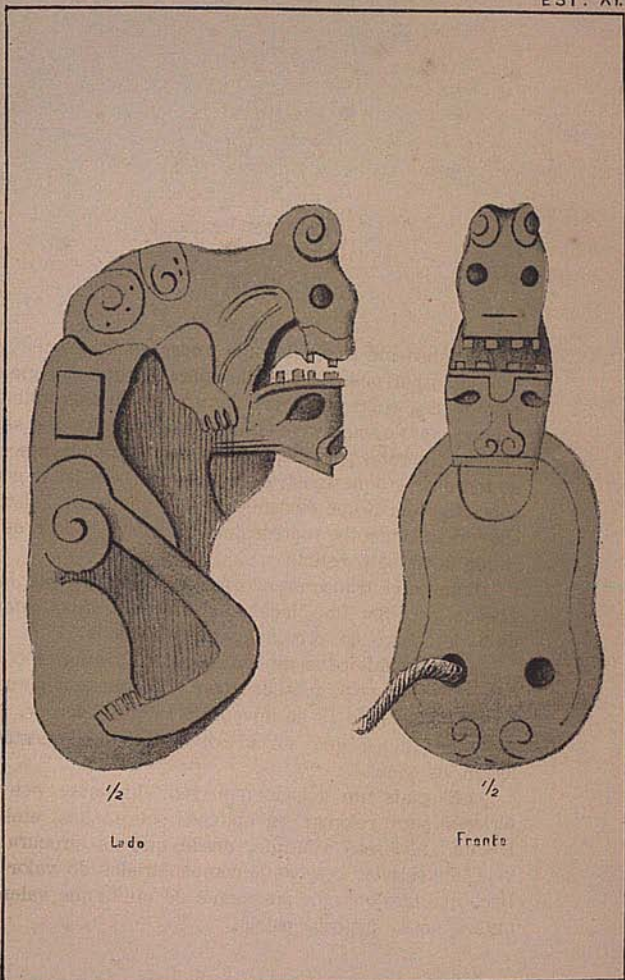
(Estampa XI.)

Penalisa-me bastante não poder expender-me sobre este idolo por observação feita sobre o proprio original, ou pelo menos sobre uma boa figura ou photographia. Desenho ligeiro e sem arte e algumas informações me servem de base; porém, para bem guiar-me, detalhada descripção se me offerece que mostra ser exacta e bem feita, por que concorda com o que os delineamentos indicam. Felizmente esses delineamentos representam o idolo de lado e de face, o que favorece o estudo.

Começarei transcrevendo parte do artigo, que foi publicado pelo Sr. Dr. Machado, no *Jornal do Commercio* de 6 de março do corrente, a respeito d'elle.

« Venho fallar-lhe de um novo idolo amazonico. E o faço animado pela gentileza com que em seu acreditado jornal (edição de 18 de novembro ultimo) deu V. S. ao prelo as linhas que sobre o assumpto em questão lhe foram ás mãos.

« E' mais um achado que vem juntar-se aos anteriores para reforçar as opiniões sobre elles emitidas. E conto não será o ultimo, desde que na procura delles vejo interessadas pessoas já compenetradas do valor scientifico que taes objectos possuem e do muito que valem perante a nossa historia patria.



Rurb. Buen 207

IM. NACIONAL

IDOLO DOS COMBATES

ATES

der expender-me sobre
re o proprio original, ou
a ou photographia. De-
informações me servem
ne, detalhada descripção
cta e bem feita, por que
los indicam. Felizmente
idolo de lado e de face,

do artigo, que foi pu-
Jornal do Commercio
peito delle.

o idolo amazonico. E o
que em seu acreditado
(ultimo) deu V. S. ao
punto em questão lhe

m juntar-se aos ante-
sobre elles emittidas.
que na procura delles
metradas do valor scien-
o muito que valem per-

« Ha, entretanto, sobre este assumpto um ponto que convém averiguar, por me parecer de grande alcance.

« Esse ponto versa sobre saber-se se da materia prima de que são feitos taes idolos existem jazidas na região onde teem elles sido encontrados. A'cerca da *pedra verde das amazonas*, destinada, a par dos idolos, a resolver o problema, que a ella se prende, com bons fundamentos tem-se affirmado não existir.

« Mas nada se diz quanto á dos idolos, e nenhuma affirmacão póde fazer-se em absoluto, porquanto os que se conhecem não são todos lavrados na mesma qualidade de pedra. E assim é natural que sobre cada um se emitta, a esse respeito, opinião singular. Para isso não nos achamos habilitados; mas não nos descuidaremos de tomar as informações necessarias para, em tempo, prestarmos nesse particular o nosso concurso aos entendidos.

« Do novo idolo não possuo senão uns simples delineamentos acompanhados da descripção que se segue, feita pelo meu distincto amigo, Rev. padre Augusto Cullerre, que, com o seu amor á sciencia tanto tem concorrido para animar a acquisição de semelhantes objectos, a que, antes de ir a Obidos o erudito Dr. Barbosa Rodrigues, nenhum valor se ligava naquellas paragens. Isto devemos dizel-o em abono á verdade.

« Assim se exprime aquelle virtuoso sacerdote;

« Descobrio-se mais um idolo de pesca nas terras do Trombetas.

« Como aceitou com benevolencia as minhas idéas ácerca da — Mama-Yacú, — apresso-me em communicar-lhe o que penso sobre o novo achado.

« O referido idolo me foi confiado e, depois de o ter examinado, reconheci um grupo tosco esculpurado em um bloco de serpentina ou diorite, se não me engano, pedra muito apreciada e empregada pelos Toltecas.

« O artista pertence á escola dos esculptores, que já nos forneceram alguns specimens de sua arte, soterrados

nas terras do Sapukuá. O novo achado, porém, denota decadência ou mão pouco habil.

« O grupo em questão representa um homem *ajoe-lhado*, tendo ás costas um felino de queixos abertos, parecendo, á primeira vista, prestes a devoral-o. Digo — parecendo — porque as mandibulas da fera descancão sobre o craneo do homem que desaparece um pouco na concavidade formada pelo queixo inferior e o pescoço do tigre.

« Nos idolos que possuímos, a féra, na mesma attitude, tem a cabeça do chelonio enterrado nas fauces, e a posição dos dentes mostra a intenção do esculptor de representar uma onça tragando uma tartaruga.

« O idolo em questão é macisso e pesado: tem 20 centímetros de altura, 6 de largura e 8 de espessura.

« A cabeça do homem é fantastica, olhos bem rasgados, *em amendoas*, orbitas vasias, pouco fundas, nada de nariz, as narinas, representadas por duas enormes volutas, dão ao rosto um aspecto de Icono da India, a bocca não apresenta labios, nem dentes, queixo inferior. Dous braços mal collocados e disformes apparecem em alto relevo de cada lado e terminam por [mãos mal imitadas. A estatua apresenta nas largas costas varios desenhos assaz regulares, e, na parte inferior, distinguem-se bem os pés do paciente mal esculpturados. Na região do ventre existem dous buracos, cuja collocação indica que o idolo era suspenso de cabeça para baixo, como se dava com a cabeça que enviei ao Sr. P. de Lisle.

« O tigre arremata o grupo.

« O artista procurou imitar as manchas do pello do felino com varias volutas, arabescos e buraquinhos. As duas orelhas estão bem em relevo, duas volutas as adornam.

« Dous grandes olhos redondos e vasios dão vida á face.

« O esculptor foi mais feliz em representar o animal de que o seu semelhante.

rádo
um

acha

nica

cand

prov

Pen

Sr.

do m

Am

o Dr

o

uma

conf

ligac

braç

S

ao h

cada

prop

I

mesm

pelas

Banc

o

o

pelas

ragu

o

outro

tegid

pelo

anim

377

chado, porém, denota de-

enta um homem *ajoe-*
de queixos abertos, pa-
a devoral-o. Digo — pa-
la fera descenção sobre
cece um pouco na con-
inferior e o pesçoço do

féra, na mesma attitude,
to nas fauces, e a posição
sculptor de representar

isso e pesado: tem 20
a e 8 de espessura.

astica, olhos bem ras-
as, pouco fundas, nada
s por duas enormes vo-
Icono da India, a bocca
queixo inferior. Dous
apparecem em alto re-
(mãos mal imitadas. A
s varios desenhos assaz
stinguem-se bem os pés
região do ventre existem
ca que o idolo era sus-
se dava com a cabeça

as manchas do pello
abescos e buraquinhos.
elevo, duas volutas as

vasios dão vida á face.
a representar o animal

« Resta sempre saber se o referido idolo foi esculpu-
rado na mesma região em que foi encontrado, ou se por
um artista brasileiro ou estrangeiro.

« Tudo indica a mesma escola dos esculptores dos idolos
achados até hoje nas mesmas paragens.

« A semelhança que offerecem as esculpturas amaz-
nicas com as de Pensacola e lago de Nicaragua, identifi-
cando o pensamento de dois povos muito distantes, vem
provar, como diz o Dr. Barbosa Rodrigues, que o povo de
Pensacola veio ao Amazonas, conforme também pensa o
Sr. de Lisle de Dreneuc, sabio archeologo e conservador
do museu de Nantes, o qual em seu opusculo sobre — Idolos
Amazonicos — mostra-se nesse particular de acordo com
o Dr. Barbosa Rodrigues, o que bastante me alegrou. »

O dualismo deste idolo é daquelles que se fundem em
uma só individualidade, isto é, em que a mão do artista
confundio em um só corpo duas figuras tão intimamente
ligadas, que bem se não pode dizer quaes os membros,
braços e pernas, que a cada uma pertence.

São dispostos de tal forma que podem pertencer, tanto
ao homem como ao animal, mas de maneira que, encarado
cada um de per si, se apresentam como se os tivessem
propios.

E' da cathogoria daquelles do pueblo de Subtiava e
mesmo de alguns de Zapatero como se pode verificar
pelas figuras do quarto volume da magistral obra de
Bancroft.

Que representa esse grupo ?

Que significam esses animaes atacando o homem
pelas costas, como se veem sempre nos idolos de Nica-
ragua e nos do Amazonas ?

Comprehende-se o espirito de um animal dominando
outro para lhe tirar a força e o poder sobre os seus pro-
tegidos, mas como devemos encarar o dominio do homem
pelo porco selvagem, pelo jacaré, pelo tigre e outros
animaes ?

Na symbolica estatueta de que me occupo, vê-se claramente um felino, prendendo um homem, que tem a cara representada, como na terra cota se representam, em geral as caras humanas, porém com a mandibula inferior descaçando sobre a cabeça do paciente como também se vê não só no primeiro idolo que descobri, como no idolo da fecundidade e em alguns da America Central. Se uns monstros tem as cabeças das victimas entre as suas fauces, outros apenas as tem debaixo do queixo; todos, porém, com as duas garras seguram o corpo humano, ou do animal, vendo-se sempre que os algozes do homem são os animaes ferozes e nunca os inoffensivos.

De maneira que são sempre os soberanos das florestas e dos rios, que dominam quer o homem quer os outros animaes. Natural é isso, quando o homem é apanhado de surpresa e desarmado, porém sempre os vence, quando com elles procura lutar.

A não ser alguma religião particular, sepultada nas trevas do passado, que não podemos hoje conhecer, creio que essas figuras não são mais do que idolos, representando figuras votivas, para exprimir a fé que tinham os zoolatras nos seus deuses, antes seus avoengos, julgando que com ellas a deidade invocada, orgulhando-se de se ver assim representada, dominaria também os inimigos daquelles que acreditavam no seu poder.

Assim o zoolatra que consigo levava a imagem do homem preso pelo tigre, tinha de bom agouro que os seus contrarios sahiriam vencidos nas lutas e nas guerras porque o *toten*, o genio poderoso do carniceiro da sua raça e devoção os abateria.

Sabemos quanto influe, nos mesmos povos civilizados, a presença ou o canto de certos animaes, que são tomados por agoureiros; e porque razão o homem, no seio da barbaria, não teria o credo no poder sobrenatural dos animaes?

Os presagios bons ou máos, trazidos pelos gafanhotos verdes, borboletas pretas ou brancas, pela apparição de

um beija-flor, pelo canto de um passaro, não representam bem a influencia que sobre o homem teria a vista de uma imagem dominada por certo animal. Se pessoas civilizadas e instruidas se acabrunham vendo uma borboleta preta, ouvindo o canto da coruja ou o uivo de um cão á horas mortas, não se impressionaria tambem o barbaro vendo em uma luta apparecer a sua figura dominada por um animal, que para elle é agoureiro ou de máo presagio e isso não seria bastante para acobardal-o, abatel-o tornando assim o portador do idolo vencedor e mais crente de que o facto acônteceu pela influencia do proprio idolo?

Não é uma simples conjectura minha e sim verdadeira crença indigena. Querendo autorisar o meu dizer, recorro a uma fonte insuspeita, a Pero de Magalhães Gandavo, (1) o primeiro que escreveu sobre as cousas do Brazil. Tratando elle das guerras dos naturaes, assim se expressa: «Como tambem por *seguirê muitos agouros*, e por qualquer cousa que se lhes *antolha* ser bastante a retirillos de seu intento, e tam inconstantes e pusilânicos sam n'esta parte que muitas vezes cõ partirem de suas terras muy determinados e desejosos de exercitarem sua crueldade, se acontêce encôtrar huã certa ave, ou qualquer outra cousa semelhãte que elles tenham por ruim pronostico, nã vã mais adiãte cõ sua determinaçã e d'ali cõsultã tornar-se outravez sem aver alga da cõpanhia que seja cõtra este parecer.»

Para mim, o idolo de que me occupo, symbolisa o supposto poder espirital de um animal de ordem superior e de instinctos ferozes, actuando sobre a imaginação do povo ignorante e credulo, que, convencido da sua superioridade, o invocava na certeza de que aquillo que representava se tornaria uma realidade. Assim como o amuleto

(1) Hist. da Provincia de São Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil. 1576 na Revist. do Inst. Hist. Geogr. Bras. Tom. XXI pag. 418.

que trazia ao pescoço o preservava de certos males; assim o idolo o tornaria vencedor e d'ahi vem, quanto a mim, o idolo representar o Deus dos combates.

Crentes de que a mãe de certos animaes podia dominar outras, crentes tambem ficavam que ellas sujeitariam tambem o homeni. Assim como ainda, nos nossos dias, ha quem acredite na *mãe d'agua*. (Oyara) na *mãe do fogo*, (Talacy) na *mãe do ouro*, (Itayubacy) podem favorecer os mortaes e offerecer-lhes riquezas de seus palacios e a mãe do fogo pôde fazer-lhes todas as especies de mal, assim os primitivos habitantes da America tinham confiança nos deuses da sua mythologia zoologica.

Na crendice dos tapuyos amazonenses não ha ainda quem jure existir e acredite no poder do *Pirayaura* (boto); do *Kurupira*, (genio das florestas), do *Yurupari* (pesadelo); do *Anhanga* (o veado feiticeiro), do *Maty-taperé* etc. etc.

Quem são estes entes senão restos das divindades do Olympo, das primeiras epochas, hoje sem idolos, e sem culto?

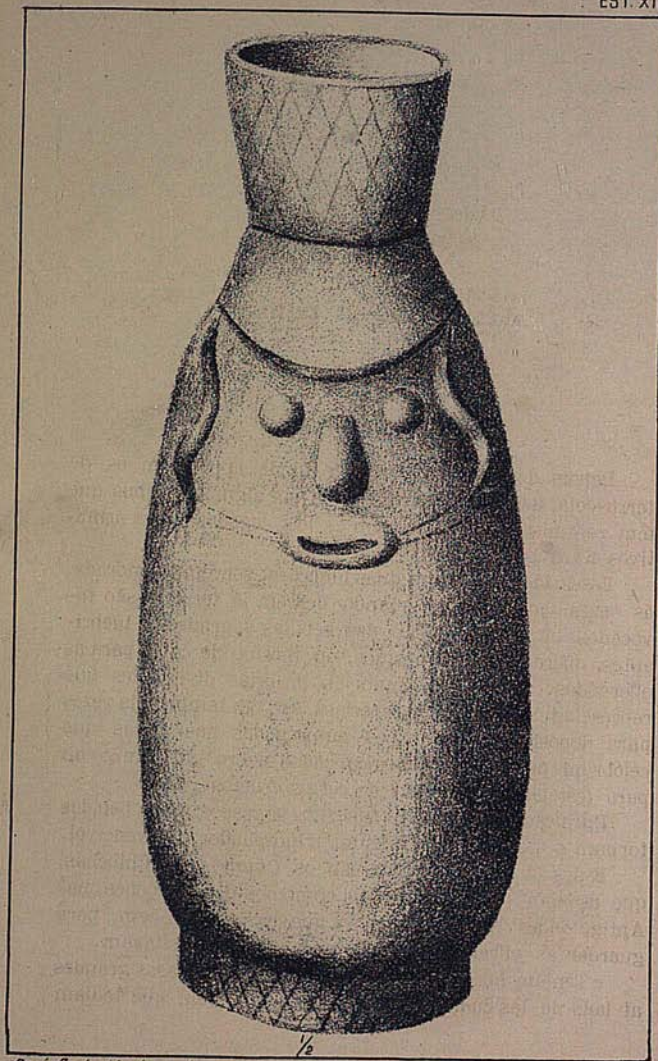
O espirito das batalhas e dos combates, atado á proa das embarcações, levado na vanguarda dos Karas, tinha o poder de fazer fugir as hostes inimigas que encontrasse ou de entregal-as vencidas.

les, assim
a mim, o

a dominar
sujetarlam
ssos dias,
de do fogo,
vorecer os
os e a mãe
l, assim os
fiança nos

o ha ainda
ra (boto),
ari (pesa-
aty-laperé

indades do
sem culto?
ado á prôa
aras, tinha
encontrasse



Benb. Rodr. des. dep. net

IMR NACIONAL

VASO-IDOLO

Depois
terra-cota,
tem remin
tivos Karay

Esses i
ás vezes, c
vogados, ou
antes, offer
offerendas.
representar
para depos
celebram p
para festej

Purifica
tornam o

Esses
que usava
Antiguidad
guardar as

« Tenia
al lado de

VII

KÁMOGY, O IDOLO DA EMBRIAGUEZ

(Estampa XII.)

Depois dos idolos de steatite, ainda apparecem os de terra-cota, usados em nossos dias por algumas tribus que tem reminiscencias e seguem as leis legadas pelos primitivos Karaybas.

Esses idolos exercem duas funcções: servem de morada, ás vezes, aos espiritos quando descem á terra e são invocados, ou para deposito das bebidas sagradas e inebriantes, offerecidas aos mesmos, ou mesmo de cofre para as offerendas. Guardados, como as proprias divindades que representam, em templos especiaes, servem tambem ás vezes para depositar as vinhaças empregadas nas festas que celebram pelos triumphos alcançados sobre um inimigo ou para festejar a appareição de certos fructos.

Purificadas, assim, nos depositos sagrados, essas bebidas tornam o homem são, valente, triumphador e invencivel.

Esses idolos ou *Tunjos* são os *Chunsos*, das Chibchás, que usavam as pedras verdes, como nos diz Uricochéa, nas Antiguidades Neo-Granadinas e que serviam, tambem, para guardar as offrendas que em ouro nelles depositavam.

« Teniam ademas sus adoratorios en unas casas grandes al lado de las cuales habitaban los jeques i em que teniam

figuras de barro com un agujero en la parte superior para recibir las offrendas que se hacian.» (1)

Sobre estes idolos repito o que já disse.

Ainda hoje os *Kanaranas* ou *Kachararys* do Alto Akeri, no rio Purús têm os seus idolos, em uma grande casa de palha, completamente immersa em trevas, de fórma circular, que serve de templo, edificada no centro de uma praça completamente limpa, a ponto de não crescer nem uma só graminea, onde só chegam os homens, sendo expressamente prohibido, ás mulheres, a não só entrarem no templo como transitarem pelo espaço limpo.

Esses idolos são de varios tamanhos, e de argilla invernizada. Tem a fórma de um longo vaso rematado por uma cara, em relevo sobre a cabeça da qual assenta o gargallo que fórma uma corôa ou capacete.

Attribuem vida a esses idolos, tanto que se lhes fazem offrendas de comidas e bebidas e até, ás vezes, ficam doentes (Haçuby), pelo que são retirados das filas em que estão dispostos, junto ás paredes do templo, para serem conduzidos para a floresta até ficarem sãos.

Os Karayós ou Guarayós, dos hespanhóes, seguem as mesmas crenças. O Sr. Coronel Labre diz: «Esta tribu se mudara para aqui de Huatichaputhsua, em cujo templo conservavam guardados muitos idolos e enfeites de plumas de passaros... e vasilhame de louça grosseira: vi entre a louça vasos com caras humanas em relevo.»

Descrevendo o templo dos Guarayós, assim se expressa:

«A casa que serve de igreja, tem fórma elipsoide, prendendo-se as goteiras do sólo, cujas madeiras e palhas da cobertura, colão-se a terra, e em sua parte interna, unindo a cobertura, levanta-se em toda a circumferencia, uma pequena muralha de barro até á altura de 0^m,45 tocando a pequena muralha lateral serve para evitar a en-

(1) Uricoechea. *Gramática de la lengua Chibchá*, pag. XXII.

trada das agu
immundos no

Esta é tan
rarys, differen

Devo accre
Manuripe, nas
usam os mesm
minam *Babat*

«Sus tem
rachas. En la
y en la otra

Ligados p
do Rio Negro
dado mirar l
moririam ô el
como nos diz

Além de
Eduzis, subal
rianos do Rio
Babá, o dos t
yamá, o do j
morte, todos

O mesmo
Araunas do E

«Depois e
por graça do
templo, onde
e pedra, poré
quaes esbocei
bem feitas e
teem different

(1) *Itinerario*

(2) Chamo a
o mesmo *Zen*, grão,
que caracteriza o

trada das aguas pluviaes e vedar o ingresso de animaes immundos no recinto do templo. »

Esta é tambem a construcção do templo dos Kachararys, differençando-se na fórma, que é circular.

Devo accrescentar que os Araunas, que vivem no rio Manuripe, nas immediações do Rio Madre de Deus, tambem usam os mesmos idolos, em templos especiaes que denominam *Babatsut* (casa de Deus).

« Sus templos son una casa quadrada, con dos guarachas. En la una de las cuales están los Dioses ó Idolos, y en la otra los apparatus del baile. »

Ligados pela tradição de Bokan ou Izi, dos Uaupés do Rio Negro, (1) como estes: « á las mujeres está vedado mirar los idolos y objectos de culto: creen que moririan ó el menos quedariam ciegas si los mirassen, » como nos diz o Rvd. padre Armentia, na obra já citada.

Além de *Baba Buada* (o Deus creador) teremos os *Eduzis*, subalternos, como *Yatimara* ou *Izeti* (Izi dos Tarianos do Rio Negro) o deus do tempo; *Mará*, o do sol; *Babá*, o dos tigres; *Ageve*, o da saude; *Kuati*, o do fogo; *yamá*, o do jakaré; *Zia* (2) do milho, *Kapuari*, o da morte, todos com os seus *Yanaconas* ou sacerdotes.

O mesmo Sr. Labre, na obra citada, tratando dos Araunas do Rio Purús, tambem diz:

« Depois de muitos pedidos e empenhos pude alcançar, por graça do cacique (Tata), que elle me levasse ao templo, onde mostrou-me os idolos, que eram de madeira e pedra, porém sem fórma humana; os de madeira (dos quaes esbocei alguns desenhos) eram figuras geometricas, bem feitas e perfeitamente polidas as peças; as de pedra teem differentes tamanhos e fórmas, e são bem polidas,

(1) *Itinerario de exploração do Amazonas, Belém, 1887, pag. 26.*

(2) Chamo a attenção do leitor para este nome *Zia*, o milho, que parece ser o mesmo *Zea*, grão, trigo, dos gregos, que passou a ser o genero *Zea* de Linneu, que characterisa o milho, *Zea mais*.

ora pretas e ora de côres; são mais preferidas as de côr preta ou escuras; estas duas classes de imagens se dividem em duas ordens principaes: na primeira ordem estão as de madeira, e na segunda estão as de pedra; estas duas ordens se subdividem por séries, invocações, graça ou beneficio, que invocam ou esperam se operem naturalmente em favor dos crentes; da primeira ordem, na primeira série, contam-se muitos deuses protectores dos homens e ha diversas invocações, segundo sua fórmula; da primeira ordem emanam as séries dos deuses da agricultura, protectores da semente das plantas, dos fructos, da sua maturidade e da colheita; na mesma ordem está a série dos animaes e da caça, e assim por diante, etc.

Na segunda ordem, na primeira série, estão os deuses que velam sobre os metéoros, na segunda seguem-se os das aguas, chuvas, rios e lagos; na terceira os dos peixes e animaes marinhos, e assim por diante uma série infinita.

Dentro do templo, por traz dos idolos consagrados ao culto, estão os guardas (saryvyço) dos deuses em numero de oito, enfileirados de pé; são varapáus enfeitados do comprimento de 1,80^m, a 2^m.

Não vendem e nem dão os objectos, idolos ou figuras consagradas ao culto.»

O idolo de que trato é cylindrico, adelgado para a parte superior, que fórmula a cabeça, sobre a qual descansa um vaso, obconico-truncado, que ao passo queorna a cabeça como se fôra uma corôa, indica tambem um vaso que a figura carrega. Este vaso é ornado de um desenho, por pintura, de linhas obliquas que se cruzam, formando losangos. A cara occupa o terço superior do bojo e tem as orelhas muito alongadas e sigmoides, so olhos, nariz e os lados em relevo. A expressão da cara é boa e indica serenidade.

Das commissuras dos labios sahem, por pintura, duas linhas semi-parallelas que vão aos lobulos das orelhas.

Toda a pe
rodilha, e é or
que descansa s

Mede o idc

Altura

»

»

Diame

»

»

Espes

Feita esta r
a origem do u

Não só na p
tenho procura

são Karaybas,
chegaram a A

desde os primi

tenho feito ver

que se ligava
e agora mos

não me tenho
Vejam os:

linguistico pro

krito, nos diz

on doit l' ir

des vases-ido

avait regné á

lieux que les

lement Chan

lasgique ou r

primitifs de

toujours en l

(¹) Les races

Toda a peça descansa em um anel, que simula uma rodilha, e é ornado de um desenho semelhante ao do vaso que descansa sobre a cabeça da figura.

Mede o idolo:

Altura total	0m,6
» do vaso	0m,23
» do anel	0m,022
Diametro do vaso	0m,083
» do bojo	0m,13
» do anel	0m,090
Espessura	0m,009

Feita esta rápida descrição, permita-se-me que indague a origem do uso dos actuaes *vasos-idolos*.

Não só na primeira parte, deste, como em outros escriptos tenho procurado provar que as racas das tribus amazonenses são Karaybas, isto é, que têm uma origem asiatica e que chegaram a America do Sul vindas do Norte, conservando desde os primitivos tempos a palavra *Kara* como distinctivo; tenho feito ver que essa raca era *platycephala* e *ophiolatra* que se ligava a Cham americano e ao Cham do oriente e agora mostrarei, com um objecto ethnographico que não me tenho mal baseado para isso afirmar.

Vejamos: Fidel Lopes, depois de um profundo estudo linguistico procurando ligar a lingua dos Incas ao Sanskritto, nos diz: (1) « Aux Pélasges, adorateurs de Cabires on doit l' introduction, dans l'Italie et dans la Grèce, des *vases-idoles en argile*. De temps immémorial, ce culte avoit régné à *Samothrace* et dans la Phrygie: c'est de ces lieux que les colonies pélasgiques qui se nommaient également *Chanes*: au témoignage de Strabon, une tribu pélasgique ou nom de *Chanes* comptait parmi les peuples primitifs de l'Italie. Elle venait de l'Etrurie, en furent toujours en honneur le culte et l'usage des vases et des

(1) *Les races aryennes du Péron*, Paris 1871, pag. 251.

urnes en argile cuite... Ces noms et ces traditions, au Pérou, et parmi les nations rivairaines de la méditerranée ont rapport au culte des vases d'argile.»

Vemos pois, na Europa, pelo caminho balisado pela nephrite dos muyrakylās, que indica a marcha dos Karas, o uso dos vasos-idolos e vamos encontrar na America, entre indios selvagens, no mesmo caminho dos invasores que traziam a nephrite, vasos semelhantes.

Assim na Europa e na America encontramos vasos-idolos, filhos da mesma theogonia e ligados á nephrite e aos Karas.

Será coincidência? Não serão provas convincentes? Isolados pouco provariam, mas reunidos ás muitas circumstancias archeologicas, ethenographicas e linguisticas que á elles e á nephrite se prendem, nada valem?

Vimos o uso dos vasos-idolos na Asia e Europa, agora vejamo-l-o na America ante-Colombiana.

Na *casa lobrega*, segundo Sahagun, com os amuletos, calchihuitls, de nephrite, tambem se guardavam os *idolos-vasos, de terra cota, de grandes dimensões, que estavam, com figuras symbolicas*, em uma *casa especial* em que se guardavam figuras de pedra verde e macissas. Esses vasos eram tidos por divindades com diferentes invocações, sendo os principaes os que se ligavam ao vinho ou ás *bebidas inebriantes*.

Delles nos falla Gomara, Torquemada, Clavigero e outros.

Motolinia⁽¹⁾ por exemplo, nos diz: «Otros tenían figuras de hombres; tenían estos en la cabeza un mortero en lugar de mitra: y allí les echaban vino por ser el dios del vino.»

Mendieta⁽²⁾ tambem perpetuou que: «Otros con un mortero en la cabeza, y este parece que era el dios del vino y así le echaban vino en aquel como mortero.»

(1) *Hist. Indios*, in *Izcalbacota*, Coll. de Docc. I. pag. 33.

(2) *Hist. Ecles.*, pag. 88.

Leon y Gam
que se hazia de di
en el mez nombra
proprio... » e cita
erat dicatum *vin*
terdi tamen et
Tepuztecatl nunc

O Revd. Brass
buveurs et les ivre
plusieurs divinité

Uiricoechea (1)
« *Nencatocoa* e
tambien el dios

Bancroft base
antigos nos⁽³⁾ af
carried on the h
vas ceremonious

Vemos, pois
povos primitivos
em casas especiaes
vasos, em fórma
bidas inebriantes
existem com as
templos e destina

Note-se que to
o vaso da cabeç
fica *gral*, que é
em questão tem
que tratam Mon

Si os Muyrak
vieram depois os

(1) *Das piedras. II*

(2) *Ant. Neo Gran*

(3) *Hist. nac. etc.*

Leon y Gama (1) também refere que : « el sacrificio que se hazia de dia, al idolo Centzentotchtin Dios *del vino*, en el mez nombrado Hueipachtli, ó tepeithuitl en su *templo proprio*... » e cita Melchior Hernandez que disse : *Templum erat dicatum vino deo, in cujus honoreu tres captivos interdum tamen et nonnoctu jugulabant, quorum primum Tepuztecatl nuncupabant.* »

O Revd. Brasseur de Bourbourg accrescenta que : « Les buveurs et les ivrognes avient cependant, parmi les Azteques plusieurs divinités particulières. »

Uiricoechea (2) também diz que os Chibchas tinham « *Nencatocoa* que presidia a *la borracheras*, sendo *tambien el dios de la torpeza.* »

Bancroft baseado nos estudos de todos os historiadores antigos nos (3) afirma que os idolos eram « a kind of *vessel carried on the head of the idol, into which vessel wine was ceremoniously poured.* »

Vemos, pois que no Mexico e na America Central, os povos primitivos tiveram vasos-idolos que eram *guardados em casas especiaes*, que tinham *figuras humanas carregando vasos*, em forma de *graes* nos quaes se guardavam *bebidas inebriantes*, e vemos que no Amazonas ainda hoje existem com as mesmas formas, guardados também em templos e destinados ao mesmo fim.

Note-se que todos os escriptores hespanhões denominam o vaso da cabeça de *mortero*, que em portuguez significa *gral*, que é justamente a forma do vaso que o idolo em questão tem na cabeça, pelo que presumo ser dos de que tratam Montolinia e Mendieta.

Si os Muyrakytās, só por si, me esclareciam a questão, vieram depois os idolos ainda mais me convencer que as

(1) *Das piedras*. II. pag. 35.

(2) *Ant. Nvo Granadinas*, pag. 16.

(3) *Hist. noc. etc.* III. pag. 493.

tribus que percorrem as florestas do norte do Brazil, sahiram da Nahuath depois de terem atravessado o velho continente.

São fructos de sementes de uma arvore que tem a raiz principal presa ao solo de Yuthian, a terra da jade.

Esses vasos são vulgarmente conhecidos pelos que fallam a lingua vernacula por *Kāmucys*, mas vulgarmente pelos civilisados são conhecidos por *Kamucys*.

Sob este nome existem confundidos vasos com destino e formas diversas. Uns globulosos, outros cylindricos, os primeiros para guardar agua (†) e os segundos para vinhaças.

Os globulosos de gargalo estreito é que são os verdadeiros *kamucys*, que se derivam de *kamby*, ou *kamby*, agua de mama, leite e *hi*, o que serve. De forma mais ou menos de mama veio o nome indigena.

Os cylindricos são os *kāmucys*, que se derivam de *kāmi*, vinho, e *cy*, a mãe, o deus do vinho.

Uns eram domesticos e usuaes e os outros os sagrados, que se guardavam occultos nos templos.

Os vasos das festas, os do *kachiry*, do *tarubá*, são igaçauas, algumas de mais de um metro de diametro, como vi entre os Tikunas. Os *kamucys* são lisos, ou pintados, como em geral as igaçauas, entretanto que os *kāmucy* são ornados de figuras em relevo e por pintura.

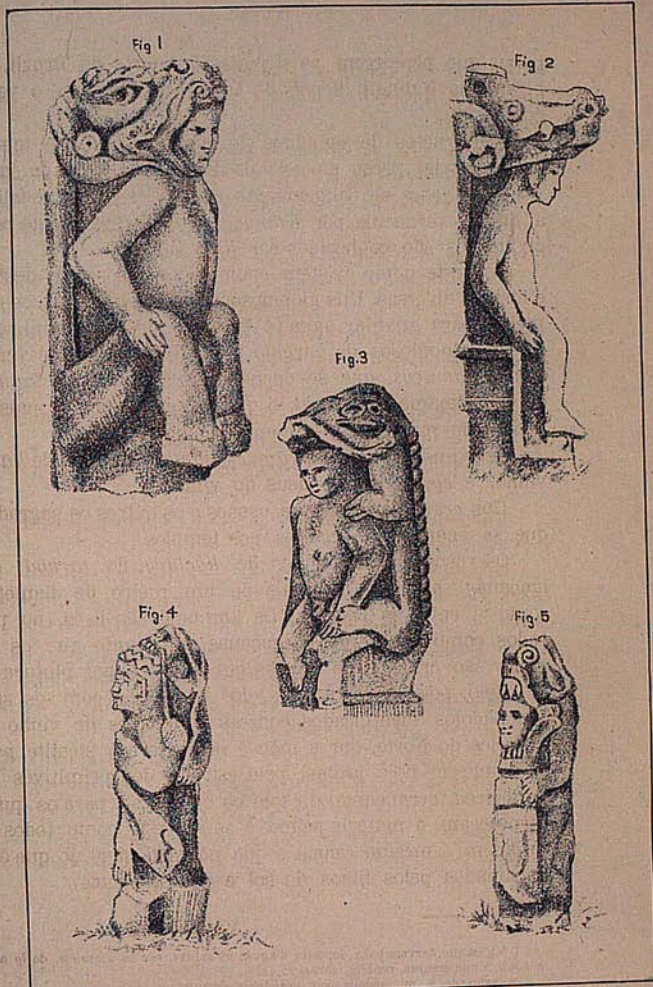
Veio, pois, a terra cota do Amazonas com os seus vasos-idolos identificados com as divindades do vinho da America do Norte, dar a mão á nephrite e á steatite para caminharem hoje juntas, pela estrada dos primitivos caminheiros, arrancando do solo os artefactos, para os quaes forneceram a materia prima e mostrando como todos se prendem á mesma cadeia e que não são mais do que élos espalhados pelos filhos do sol e das serpentes.

(†) Os que servem para deposito d'agua, as talhas, são as *igaçauas*, do *ig agu* o *haua*, a que guarda, contém, conserva, etc.

A aspirada *h*, foi mudada pela pronuncia portugueza para *e*.



Barb. Radn. cap.



Barb. Rodr. cop. de Bancroft

IMP. NACIONAL

IDOLOS DE ZAPATERO

do Brazil, sa-
ssado o velho

re que tem a
terra da jade.
elos que fallam
garmente pelos

os com destino
ndricos, os pri-
para vinhaças.
e são os verda-
y, ou *kambu*,
forma mais ou

riyam de *kāmi*,

os os sagrados,

o *tarubá*, são
o de diametro,
lisos, ou pin-
to que os *kā-*
por pintura.

e com os seus
s do vinho da
á stealite para
primitivos ca-
, para os quaes
como todos se
mais do que élos
ntes.

igocaus, do *ly* aguu

a e.

...viam os idolos (te
como documentos g
sempre unidos, com
veio um rito como
provar que deviam t
ainda são nelles g
feitas de pedra, por
em palhoças bem t
Emfim, termino
poutra juger par l
theses imaginées p
civilisations du No

Appareceram o
vieram os idolos (te
como documentos g
sempre unidos, com
veio um rito como
provar que deviam t
ainda são nelles g
feitas de pedra, por
em palhoças bem t
Emfim, termino
poutra juger par l
theses imaginées p
civilisations du No

Appareceram os Muyrakytās (calchihuitls), depois vieram os idolos (teobbats) e finalmente, os vasos idolos, como documentos garantir que no Brazil elles andaram sempre unidos, como no Mexico. Andam hoje dispersos, mas veio um rito como adiante veremos e que ainda perdura, provar que deviam ter existido os templos, porque os ultimos ainda são nelles guardados, não em casas sumptuosas feitas de pedra, por não terem á mão essa materia, porém em palhoças bem feitas e asseíadas.

Emfim, termino este, dizendo com Charancey: « L'on pourra juger par lá, du peu de fondement de ces hypotheses imaginées pour soutenir l'origine autochthone des civilisations du Nouveau Monde. »

CÔRES DOS MUYPRAKYTÁS

As cores dos muyraykytás Amazonenses, que possuo e tenho examinado correspondem ás marcadas nas duas estampas chromolithographicas, que se acham na obra do Professor Fischer, intitulada *Nephrit und jaedite*, assim:

Est. I — fig. 1 — corresponde á côr das velas azues da fig. 7 da Est. I. ⁽¹⁾	Z.
Est. I — fig. 2 — corresponde á côr da fig. 4 da Est. I.	T.
Est. I — fig. 3 — assemelha-se á côr da fig. I.	T.
Est. I — fig. 4 — é da côr da fig. 9 da Est. I.	Am.
Est. I — fig. 5 — é da côr da fig. 10 da I. .	Am.
Est. I — fig. 6 — é da côr da fig. 9 da II. .	Am.
Est. I — fig. 7 — é da côr da fig. 12 da Est. I.	Am.
Est. I — fig. 8 — é da côr da parte verde da fig. 7 da I.	Z.
Est. I — fig. 9 — é da côr da fig. 15 da II. .	NZ.
Est. I — fig. 10 — é da côr da fig. 10 da I. .	Am.
Est. I — fig. 12 — é da côr da fig. 20 da II. .	I.
Est. I — fig. 13 — é da côr da fig. 14 da II. .	NZ.

⁽¹⁾ A letra T. quer dizer que a amostra do Fischer foi achada no Turkestan; A. nas Antilhas; Am. na America em localidade desconhecida; Z. em Zurich; I. em localidade incerta; NZ. na Nova Zelandia.

- Est. II — fig. 1 — é da côr da fig. 1 da I. . . T.
 Est. II — fig. 2 — é da côr da fig. 1 da I. . . T.
 Est. II — fig. 3 — é da côr da fig. 10 da I. . . Am.
 Est. II — fig. 3 — é da côr da fig. 19. da II. . . A.
 Est. II — fig. 4 — é da côr da fig. 11 da I. . . Am.
 Est. II — fig. 5 — é da côr da fig. 10 da I. . . Am.
 Est. III — fig. 1 — é da côr da fig. 9 da I. . . Am.
 Est. III — fig. 2 — é da côr da fig. 10 da I. . . Am.
 Est. III — fig. 3 — é da côr da fig. 9 da I. . . Am.
 Est. III — fig. 4 — é da côr da fig. 2 da I. . . T.
 Est. figs. 5 e 6 — é da côr da fig. 9 da I. . . Am.
 Est. III — fig. 8 — é da côr da fig. 4 da I. . . T.
 Est. III — fig. 9 — é da côr da fig. 16 da II. . . T.
 Est. III — fig. 10 — é da côr da fig. 7 da I. . . Z.

EXPLICAÇÃO

FIG. 1 — M
Paru, Provinci
lado e em c p
perfeitamente
furo, por onde
ao pescoço. I
para o centro,
lados. Tem c
cor, á das veis
Nephrit und

Pertence a
ceza D. Isabe
1875.

FIG. 2 —
frente e em b
escuro, e é pe
fôrma esta co
plamente fura
os furos fica
se fôra um b

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS DOS MUYRAKYTÁS

ESTAMPA I

FIG. 1 — Muyrakytã de nephrite achado na costa do Paru, Provincia do Pará. Vê-se em *a* de frente, em *b* de lado e em *c* pelo dorso. E' de um bello verde-azulado, perfeitamente polido, trespassado na parte inferior por um furo, por onde passava-se o fio para ser trazido suspenso ao pescoço. De ambos os lados os furos estreitam-se para o centro, mostrando ter sido perfurado por ambos os lados. Tem o peso especifico de 2.97 e corresponde, na cor, á das veias da fig. 7 da *Est. I* da obra do Dr. Fischer *Nephrit und Jadeite*.

Pertence este exemplar á collecção de S. A. a Princesa D. Isabel, a quem tive a honra de offerecer em 1875.

FIG. 2 — Este exemplar, zoomorpho, é visto em *a* pela frente e em *b* pelo dorso. Tem uma côr verde-azeitona-escuro, e é perfeitamente polido. Representa um bacracio, fórma esta commum na Asia e em Nova Granada. E' duplamente furado, de maneira que passado o fio por ambos os furos fica o amuleto pendente e unido ao pescoço, como se fôra um *bentinho*.

Encontrei-o no Lago Yacy-uarú, no Rio Yamundá. Tem o peso específico de 3,05 Jadeíte. (1)

FIG. 3 — Representa um terço, mais ou menos, de um muyrakytã de nephrite, de um verde esbranquiçado, que representa também um bacracio. Vê-se uma das pernas, mas não se pôde distinguir nem a posição dos olhos nem a dos furos. E' perfeitamente polido e o encontrei na Tauakjera das Amazonas, na Costa do Parú. Tem o peso específico de 2,98 e a dureza de 6,5.

FIG. 4 — Muyrakytã de nephrite, cuja fôrma é, antes de phantasia, do que zoomorpho. E' de um verde amarelado, bem polido, semi-transparente, não tendo a rocha nem um só defeito. Encontrado no Lago Kurumu, no Rio Trombetas. Peso específico 2,96.

FIG. 5 — Representa um peixe de nephrite. E' verde amarelado, bem polido e tendo por olhos os furos de o trazer suspenso. Foi encontrado na Colonia de Obidos, pouco abaixo da foz do Rio Trombetas. Peso específico 2,97.

FIG. 6 — E' uma conta de nephrite verde-sujo, perfurada, sendo os furos feitos de ambos os lados a se encontrarem no centro, pelo que ahí é um pouco mais estreito. Achado no Lago Verde, de Alter do Chão, no Rio Tapajós. Peso específico 2,97.

FIG. 7 — Cylindro de nephrite verde-amarelado. Tem a fôrma mais commum da Asia e de Costa Rica. Perfurado por ambos os lados. A rocha é pura e perfeitamente polida. Achado no Amazonas, proximo a Obidos. Peso específico 2,96.

FIG. 8 — Fragmento de um muyrakytã verde-amarelado sujo, perfeitamente polido. Achado na Costa do Parú. Peso específico 3,15. Dureza 6,3. Jadeíte.

FIG. 9. — E' um muyrakytã de nephrite de um verde escuro, perfurado por ambos os lados a encontrarem-se

(1) Devo aqui observar que, o não indicar-se o possuidor do objecto, fica sub-entendido que pertence á collecção do auctor.

os furos no ce-
especifico de 2

FIG. 10 —
drangular, per-
tambem na Co

FIG. 11 —
na Tauakuera
leitoso, perfeita
ração feita de
moderno do q
depois de aca
rocha da Asia
paiz, por ser
por falta da
Os desta roch
que o que aqu
o duplo do dia
Tenho visto a
Bella da Imp
Trombetas. Es
hoje usamos
chefes.

FIG. 1 —
inferior partid
parte, se vê
sinuosidades
sinuosidades
de frente, em
E' verde
a dous cones
foi encontrado
no Rio Trom

os furos no centro. E' da Costa do Parú e tem o peso especifico de 2,97.

FIG. 10 — Muyrakytã de nephrite, de uma fórma quadrangular, perfeitamente polido de um verde-maçã, achado tambem na Costa do Paru. Peso especifico 2,97.

FIG. 11 — Entre os muyrakytãs de nephrite, achados na Tauakuera das Amazonas, encontrei este. E' de quartzo leitoso, perfeitamente opaco e bem polido, com a perfuração feita de ambos os lados. Incontestavelmente é mais moderno do que os de jade e parece provar que foi feito depois de acabado o contacto com os que traziam a rocha da Asia. Foi feito com a rocha que encontraram na paiz, por ser semelhante á jade branca, e necessariamente por falta da rocha primitiva lançaram mão do quartzo. Os desta rocha que tenho visto são maiores e menores do que o que aqui represento, tendo alguns, posto que curtos, o duplo do diametro. Os de quartzo são sempre cylindricos. Tenho visto alguns encontrados em Parentins, antiga Villa Bella da Imperatriz, no Rio Urubu, e nos Rios Negro e Trombetas. Estes muyrakytãs são semelhantes aos que ainda hoje usam os Uaupés, como signal de nobres, mas não de chefes.

ESTAMPA II

FIG. 1 — E' um muyrakytã de nephrite, com a parte inferior partida, porém depois polida, pelo que, ainda nessa parte, se vê um pouco a fractura, assim como algumas sinuosidades como se fossem roídas por insectos. Essas sinuosidades são cheias de oxido de ferro. Em *a* é visto de frente, em *b* pela base e em *c* de lado.

E' verde maçã, bem polido, com o furo semelhante a dous cones que se encontram pelo apice. Este exemplar foi encontrado pelo Dr. Miranda Chermont, no Lago Capukuá, no Rio Trombetas. Tem o peso especifico de 2,96.

FIG. 2 — Este bello exemplar é de nephrite de um verde claro, apresentando a rocha muita pureza e muito brilho pelo bom polimento que recebeu; infelizmente tem a parte superior quebrada; porém, mostra ter o mesmo desenho do que o que foi levado para Munich pelo Dr. Martius. Foi encontrado na mesma localidade do que representa a figura acima e me foi offerecido pelo mesmo amigo.

FIG. 3 — E' um dos *muyrakytās*, cuja fórma é a mais vulgar. E' um cylindro um pouco adelgado para os lados, mais perfurado de um lado. Tem uma côr verde azeitona, com pequenas veias de oxido de cobre. Em *a* é representado de lado e em *b* pela base. Foi tambem achado nas proximidades do Rio Trombetas. Tem o peso especifico de 2,97.

FIG. 4 — Representa um *muyrakytā* de nephrite verde côr de maçã, tendo alguns pontos e linhas avermelhados por oxido de ferro. E' perfeitamente polido. Afasta-se este exemplar de todos os que tenho visto por não ser perfurado, e ter de um só lado um dente, que servia para reter o fio que o amarrava para ser suspenso ao pescoço. Foi achado em Obidos. Tem o peso especifico de 2,93. As figs. *a* e *b* representam-o visto de frente e de lado, as *c* e *d* os côrtes horisontal e transversal.

FIG. 5 — Não conheço a côr deste *muyrakytā*, por não o ter visto, mas sei que foi levado do Amazonas pelo Dr. José Paranaçuá, que o offereceu para a collecção da sua irmã, a Exma. Sra. D. Amanda Doria. Está representado á pag. 529, do volume VI dos *Archivos do Museu Nacional*, porém invertido. Tem o peso especifico de 2,97. Tendo sido este exemplar offerecido pelo Sr. Lourenço Valente do Couto, julgo que foi achado nas proximidades de Obidos ou do Rio Trombetas.

Na mesma pagina da mesma obra, vem representado um outro *muyrakytā*,* cylindrico e sem ser perfurado, pertencente a S. A. o Principe D. Pedro. Não indica a côr, mas diz que é de nephrite com o peso especifico de 2,98.

FIG. 6 — verde esbranco encontrado na localidade do peso especifico de 2,98. Foi encontrado em Paranaçuá, re

FIG. 7 — *kytā* de um verde muito claro, feita de uma rocha muito dura. As letras *a* e *b* representam as costas. Foi encontrado em Paranaçuá, re

FIG. 8 — *kytā* de um verde muito claro, feito de uma rocha muito dura. Foi encontrado em Paranaçuá, re

E' de um verde muito claro, com manchas de ferro. Foi encontrado em Paranaçuá, re

FIG. 1 — *kytā* de um verde muito claro, encontrado na localidade do peso especifico de 2,98. Foi encontrado em Paranaçuá, re

Tive-o e polido, perfurado e tinha

FIG. 6—Affecta a fórma de uma cunha e é de um verde esbranquiçado com uma mancha quasi preta. Foi encontrado no Lago Çapukuá. Perfeitamente polido. Tem o peso especifico de 2,98. Pertence ao Dr. Americo Vitruvio Gonçalves Campos, do Pará.

FIG. 7—Representa um, não menos bello, muyrakytã de um verde cõr de maçã, perfeitamente polido e de uma rocha pura, sem apresentar a menor fractura ou defeito. As letras *a*, *b*, *c* mostram-o de frente, de lado e de costas. Foi encontrado em Obidos, e pertence ao Dr. José Paranaguá, residente na Cõrte. Tem o peso especifico de 2,99.

FIG. 8—Representa um cylindro, mais ou menos adelgado para as extremidades, perfeitamente polido, perfurado, sendo o furo feito de ambos os lados.

E' de uma cõr branca esverdeada, que corresponde ás manchas da fig. 19 da est. II. da *Nephrite und jadeite*, de Fischer. Este muyrakytã pertence ao Sr. Barão de Sólímões e foi achado na Costa do Paru. Peso especifico 2,96.

ESTAMPA III

FIG. 1—E' o maior, o mais bello e o mais perfeito muyrakytã do Amazonas que tenho visto. Sobre este raro exemplar dei uma noticia circunstanciada no *Jornal do Amazonas*, de 19 de julho de 1886, que infelizmente aqui não posso reproduzir por a ter perdido e não poder arranjar, de mão, o referido *Jornal*. Este bello especimen, achado em Obidos, esteve mais de 60 annos, com uma velha tapuya, que a muito custo fez d'elle presente ao finado D. Antonio de Macedo Costa, quando Bispo do Pará.

Tive-o em meu poder, e o estudei. Era perfeitamente polido, perfeito, de uma cõr de azeitona-claro, bem perfurado e tinha o peso especifico, se bem me recordo, de 2,98.

Consta-me que o Sr. Bispo dera este bello monumento a um amigo e hoje ignoro o seu paradeiro.

FIG. 2—Este muyrakytã foi do fallecido Arcebispo da Bahia D. Antonio de Macedo Costa, que o obteve em uma das suas viagens no Amazonas, quando Bispo do Pará. Ignoro a localidade certa em que foi encontrado, mas é do districto de Obidos. Não tem defeito algum, é perfeitamente polido, tem no dorso dous furos que se ligam a dous outros lateraes, sendo os quatro feitos de fóra para dentro a se encontrarem os quatro. Os dous do dorso são ligados por um sulco, onde passa o cordão.

E' de uma côr verde azulada, com pequenas manchas esbranquiçadas, e affecta a fórma de um machado alongado.

Tem o peso especifico de 2.96.

Pertence hoje á viuva do fallecido Conselheiro Monteiro Caminhoá.

A sua côr é quasi identica á da *fig. 11 da Est. I.* da obra de Fischer, já citada.

ESTAMPA IV

FIG. 1—Muyrakytã de nephrite, com a fórma de cunha, de um verde amarello e bem polido. E' propriedade do Sr. Derby, Director da Commissão Geologica de S. Paulo. Foi do fallecido professor Hart e presumo ser de Alter do Chão. Tem o peso especifico de 2.96.

FIG. 2—Representa, mais ou menos, o unico muyrakytã que possui o Director do Museu Nacional, e o primeiro que vio, em 1882, que foi comprado no mercado de Belém do Pará. Vem representado nos Archivos do Museu, estampa 7, figs. 9 e 10. A figura que apresento foi tirada rapidamente durante a exposição anthropologica. Nesta exposição figuraram sómente este exemplar e o do Sr. Derby, além dos meus. Tem o peso especifico de 2.96.

FIG. 3—
fessor Fischer
foi levado pel
pecifico 2,942.

FIG. 4—
de Berlim; é
formação que
pecifico 2,970

FIG. 5—
que existe na
amarellado e
gundo me ir
o trabalho, p

FIG. 6—
chinez, que
Rio de Janei
rellado e mu
deu o seu pe

FIG. 7 a
Chão. E' per
melhante a
onde servem

FIG. 7 b

FIG. 8—
xicanos. Ac
fessor Fisch
disse, antes
eram esculp
mostra a m
agua sobre

(1) Nephrite

(2) Op. cit.

(3) Ueber
Amazonienh. selb

FIG. 3 — Muyrakytã de nephrite, que segundo o professor Fischer (1) existe no Museu de Munich para onde foi levado pelo Dr. Martiús. Achado em Obidos. Peso específico 2,942.

FIG. 4 — Muyrakytã de nephrite, que existe no Museu de Berlim; é de uma cor verde amarelado. A única informação que ha é que foi encontrado no Brazil. Peso específico 2,97 (2).

FIG. 5 — Muyrakytã de nephrite, proveniente do Chile, que existe no museu do Rio de Janeiro. E' de um verde-amarelado e bem polido. Tem o peso específico de 2,96 segundo me informou o Sr. Derby, que a meu pedido fez o trabalho, porém nos *Archivos* vem com o peso de 2,97.

FIG. 6 — E' um instrumento, semelhante ao *King*, chinês, que ha mais de trinta annos existe no museu do Rio de Janeiro, proveniente do Chile. E' de um verde-amarelado e muito bem polido. Segundo o Sr. Derby, que me deu o seu peso, tem 2,96, porém segundo os *Archivos* 2,97.

FIG. 7 a — Muyrakytã de nephrite achado em Alter do Chão. E' perfeitamente solido e de um verde azeitona. Semelhante a estes encontram-se em Cajamarca, no Perú, onde servem para fusos. Tem o peso específico de 2,97.

FIG. 7 b — Córte longitudinal da metade do mesmo.

FIG. 8 — Estes muyrakytãs são calchihuitls, e mexicanos. Aqui os apresento, como os apresentou o professor Fischer (3) para provar que razão tinha eu quando disse, antes que outros o dissessem, que os muyrakytãs eram esculpturados por meio d'agua, areia e páo. Em *a* mostra a maneira de lascar a jade; em *b* vê-se lançar a agua sobre a esculptura; em *c* representa o momento de

(1) *Nephrite und jadeite*, pag. 45, fig. 60.

(2) *Op. cit.*, pag. 38, fig. 50 e *Arch. für Anthrop.* B d. XII, Pl. I, fig. 14.

(3) *Über die Kerkunst der sogenannten Amazonsteine, sowie über das febelhafte Amazonswolk selbst.* *Arch. für Anthrop.* Bd. XII, pages. 7 a 27. Tab I figs. 10-19.

fazer descer a areia pelo pontalete e em *d* a maneira e a posição de fazer-se a perfuração e os ornatos circulares. São quatro *muyrakytās* distintos, mas cada um representa o processo pelo qual foi feito. Tendo sido, como me disseram, uma idéa arrojada a que apresentei sobre o fabrico dos *muyrakytās*, contudo vieram posteriormente estes pro-varem que eu tinha razão.

FIG. 9 — Bello *muyrakytā*, de jadeite? achado em Parintins. E' de um branco azulado, venoso-mosqueado de mais escuro. Tem o peso específico de 3,1, na côr concorda com a da fig. 19. Taf. II da obra de Fischer *Nephrite und jadeite*.

ESTAMPA V

TEMBETÁS E NANACYS

Para que hem se distinga o *Muyrakytā* do *Tembetá*, o amuleto de ornato, aqui apresento tres fórmulas de *tembetás*, sendo o primeiro o mais antigo e que originou o hatoque dos Botocudos e o ullimo o mais moderno e que ainda é usado.

FIG. 1 — Grande amuleto de quartzo opaco, usado pelos indios Tarianos. Estes amuletos são de varios tamanhos e usados por todos os homens da tribu como distinctivo de nobreza, mas não indicam poderio nem signal de chefe quando só tem o furo transversal. Usa o povo, além dos grandes, também outros pequenos, em geral, de 2 a 3 centímetros de comprimento, furados longitudinalmente e iguaes aos que se encontram com os seus congenes de nephrite. Os furos transversaes são feitos por ambos os lados.

FIG. 2 — Representa um verdadeiro *nanacy* ou *tuj-chaitá*, a pedra de chefe, que é sempre furada longitudinalmente. E' esta pedra, também de quartzo, ás vezes ro-

sado, a que i
usam. Pela p
sallos. A per

FIG. 3 —
do Rio Uaupé
indios.

FIG. 4 —
Amazonstone
para o sul.
ou menos ob
no labio infer
desfigurando

FIG. 5 —
do Baixo Ar
ainda em us

FIG. 6 —
dela Arraioz
Provincia do

sado, a que indica o alto poder e são estas que os chefes usam. Pela posição do furo distingue-se o chefe dos vassallos. A perfuração é sempre feita por ambos os lados.

FIG. 3 — *Nanacy* de quartzo leitoso, usado pelos indios do Rio Uaupés. E' o commum e usado por quasi todos os indios.

FIG. 4 — *Tembetá*, de pedra verde, de beryllo ou de Amazonstone, usado, outr'ora, pelos gentios do Maranhão para o sul. A parte interior é circular e a exterior mais ou menos oblonga. A collocação deste enfeite era na face e no labio inferior e occasionava uma grande dilatação deste desfigurando o individuo.

FIG. 5 — *Tembetá* de alabastro dos indios Chambioás, do Baixo Araguay e do Tocantins. E' o mais moderno e ainda em uso.

FIG. 6 — *Tembetá* de quartzo achado na antiga aldeia Arraiozes, no Rio Longá, affluente do Parahyba, na Provincia do Piahy.

do *Tembetá*,
órmas de tem-
que originou
moderno e que

co, usado pelos
rios tamanhos
mo distinctivo
signal de chefe
povo, além dos
de 2 a 3 centi-
mente e iguaes
es de nephrite.
os lados.

nanacy ou *tuj-*
rada longitudi-
o, ás vezes ro-

The first part of the book is devoted to a general history of the
 country, and to a description of the various parts of it. The
 author has been very diligent in his researches, and has
 collected a great number of facts and observations, which
 he has here presented in a clear and concise manner. The
 second part of the book contains a description of the
 government, and of the laws and customs of the country. The
 author has also given a very particular account of the
 religion, and of the manners and customs of the people. The
 third part of the book is a history of the wars which
 have been waged in the country, and of the various
 revolutions which have taken place. The author has
 been very diligent in his researches, and has collected
 a great number of facts and observations, which he has
 here presented in a clear and concise manner.

ONDE SE LÊ	LEIA-SE	PÁGS.	LINHAS
Des	De	146	27
anneux	anneaux	147	11
jadete	jadete,	148	26
a	á	149	22
Portugal	Portugal,	150	20
da America	para a America	151	24
a Cuba	á Cuba	151	22
Esses mounds	Esses mounds,	158	31
KARAIBA	KARAYBA	164	15
passados,	passados;	183	33
18	1877	200	18
o	os	236	18
um membrum	—um membro		

Além destas faltas passaram outras, como *platicephalis*, *karaiiba*, *myrakitã*, *tupy* por *platycephalia*, *karayba*, *myrakytã*, *tupi*, além de faltas de pontuação. O leitor benigno, facilmente corrigirá.



ERRATA

ONDE SE LÊ	LÊIA-SE	PÁGS.	LINHAS
se	si	VI	14
secretamente	ciamento	VIII	6
se	si	VIII	32 e 34
assimilam-se e dão-me	se assimilam e me dão	IX	7
corro-se	se correm	X	25
preciderent	præcederent	XVII	16
Hamaelaosit	Hamaellset	XVII	32
separadas	separados	XXII	16
se	si	XXIII	17
Voutan	Volan	1	8
asiaticas	asiaticas	49	33
platicephalia	platycephalia	52	19 e 35
Cota, camisa	Cota, casa, camisa	55	31
Stel	Atel	69	16
accescentaram	acrescentaram	74	13
tuba	taba	83	12
tithophonos	lithophonos	91	21
muyrahilās	muyrakytās	129	12 e 17
Karaybas	Karaybas	131	8
Nilo	Nilo,	131	15
outro	outro,	135	10
americanas.	americanas	138	32
mas	mas,	139	3
e	e	141	11
passou comtudo	passou, comtudo,	142	22
longas	longues	144	19
Fisher	Fischer	145	9